



# LÁGRIMAS NA CHUVA

ROSA  
MONTERO

DA MESMA AUTORA DE  
*A LOUCA DA CASA*

**LÁGRIMAS  
NA CHUVA**

**ROSA**  
**MONTERO**

**LÁGRIMAS  
NA CHUVA**

*Tradução*  
Celina Portocarrero



EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA

Copyright © Rosa Monteiro, 2011

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M786L Montero, Rosa, 1951-

Lágrimas na chuva / Rosa Montero ; tradução Celina Portocarrero. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2014. 23 cm.

Tradução de: Lágrimas en la lluvia  
ISBN 9788520932667

1. Romance espanhol. I. Portocarrero, Celina. II. Título.

13-05543

CDD: 863  
CDU: 821.134.2-3

## SUMÁRIO

Parte - 1
Parte - 2
Parte - 3
Parte - 4
Parte - 5
Parte - 6
Parte - 7
Parte - 8
Parte - 9
Parte - 10
Parte - 11
Parte - 12
Parte - 13
Parte - 14
Parte - 15
Parte - 16
Parte - 17
Parte - 18
Parte - 19
Parte - 20
Parte - 21
Parte - 22
Parte - 23
Parte - 24
Parte - 25
Parte - 26
Parte - 27
Parte - 28
Parte - 29

Parte - 30

Parte - 31

Parte - 32

Parte - 33

Parte - 34

Parte - 35

Parte - 36

Parte - 37

Parte - 38

Parte - 39

*Em memória de Pablo Lizcano*

*Non ignoravi me mortalem genuisse.*

[Sempre soube que sou mortal.]

MARCO TÚLIO CÍCERO,  
filósofo romano.

*Agg'ié nagné 'eggins anyg g nein'yié.*

[O que faço é o que me ensina o que estou buscando.]

SULAGNÉS,  
artista plástico do planeta Gnio.

Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo dos céus:

tempo para nascer, e tempo para morrer;  
tempo para plantar, e tempo para arrancar o que foi plantado;  
tempo para matar, e tempo para sarar;  
tempo para demolir, e tempo para construir;  
tempo para chorar, e tempo para rir;  
tempo para gemer, e tempo para dançar;  
tempo para atirar pedras, e tempo para ajuntá-las;  
tempo para dar abraços, e tempo para apartar-se;  
tempo para procurar, e tempo para perder;  
tempo para guardar, e tempo para jogar fora;  
tempo para rasgar, e tempo para costurar;  
tempo para calar, e tempo para falar;  
tempo para amar, e tempo para odiar;  
tempo para a guerra, e tempo para a paz

Eclesiastes 3,1-8.



## BRUNA ACORDOU SOBRESSALTADA E LEMBROU QUE IRIA MORRER.

Mas não agora.

Uma pontada de dor atravessou-lhe as têmporas. O apartamento estava escuro, e do outro lado da vidraça caía a tarde. Contemplou atordoada a conhecida paisagem urbana — torres, terraços e centenas de janelas sobre as quais as sombras esmaeciam, enquanto sentia fisgadas em sua cabeça. Levou alguns instantes para perceber que as pancadas não estavam apenas dentro de seu crânio. Alguém socava a porta. O relógio marcava 19h21. Respirou fundo e levantou-se com um grunhido. Sentada à beira da cama, com as roupas retorcidas e os pés descalços no chão, esperou alguns segundos para que aquela massa líquida em que se convertera seu cérebro parasse de chapinhar e se estabilizasse na vertical. Quatro anos, três meses e 29 dias, calculou mentalmente com rapidez: nem a ressaca a impedia de repetir sua maníaca rotina. Se havia algo que a deprimia mais do que se embriagar, era fazer isso durante o dia. À noite, o álcool parecia menos nocivo, menos indigno, mas começar a beber ao meio-dia era patético.

As batidas continuavam, desordenadas, furiosas. Bruna crispou-se: mais do que uma visita inesperada, parecia um assalto. “Casa, ver porta”, sussurrou, e na tela principal surgiu a cara do invasor. Da invasora. Levou alguns instantes para reconhecer os traços disformes e alterados, mas aquele cabelo medonho pintado de laranja berrante era inconfundível. Era uma de suas vizinhas, uma replicante que vivia na ala Leste do edifício. Só havia trocado alguns cumprimentos com ela nos últimos meses, mas não sabia nem seu nome: Bruna não gostava muito de se relacionar com outros reps. Na verdade, não se dava com ninguém. *Para com isso, sua maldita*, gemeu por dentro, atormentada pelo barulho. Foi aquele estrondo insuportável que fez com que se levantasse e fosse abrir.

— O que é? — resmungou.

A vizinha parou com o punho no ar e deu um pulo, sobressaltada com a súbita aparição. Ficou de perfil, como se estivesse a ponto de sair correndo, e, com seu

olho esquerdo, olhou para Bruna de modo temeroso. Um olho turvo e amarelado, fendido pela chamativa pupila vertical dos reps.

— Você é Bruna Husky...

Não parecia uma pergunta, mas de qualquer maneira respondeu.

— Sou.

— Tenho que falar com você sobre uma coisa muito importante...

Bruna olhou-a de cima a baixo. Tinha o cabelo emaranhado, as bochechas escuras, a roupa suja e amarrotada, como se tivesse dormido vestida. Por sinal, fora exatamente isso que Bruna fizera.

— É assunto profissional?

A pergunta pareceu desconcertar por um momento a mulher, que logo se recompôs e assentiu, com um meio sorriso de perfil.

— É. É isso. Profissional.

Havia algo inquietante, algo que não combinava com aquela rep desalinhada e trêmula. Bruna pensou em dizer-lhe para voltar outro dia, mas a ressaca a estava matando, e concluiu que rejeitar uma pessoa tão ansiosa seria muito mais difícil e cansativo do que ouvi-la. Por isso, deu um passo para trás e deixou-a passar.

— Entre!

A androide obedeceu. Caminhava com pulinhos nervosos, como se o chão queimasse. Bruna fechou a porta e se dirigiu à cozinha. Estava desidratada e precisava urgentemente beber algo.

— Tenho água purificada. Você quer um...?

Não terminou a frase, pois de algum modo pressentiu o que aconteceria. Quando fez menção de voltar-se para a vizinha, já era tarde: uma corda estava presa a seu pescoço e começou a estrangulá-la. Levou as mãos à garganta, onde a corda mais apertava, mas a mulher fazia cada vez mais força, com uma energia surpreendente. Mortalmente unidas uma à outra, agressora e agredida bailaram pela sala uma frenética dança de violência, batendo-se nas paredes e derrubando cadeiras, enquanto o laço se estreitava e o ar acabava. Num de seus gestos desesperados, Bruna conseguiu fincar o cotovelo numa região sensível de sua inimiga, que afrouxou por um instante a corda. No momento seguinte, a mulher estava no chão, e Bruna se deixara cair sobre ela para imobilizá-la. No entanto, não foi tarefa fácil para ela, mesmo sendo uma replicante de combate e, portanto, maior e mais atlética que a maioria. A vizinha parecia ter uma força desumana, um vigor desesperado e sanguinário.

— Quieta! — gritou Bruna, enfurecida.

Para sua surpresa, a mulher obedeceu e parou de se retorcer, como se esperasse que alguém lhe dissesse o que deveria fazer.

Encararam-se por alguns segundos, ofegantes.

— Por que fez isso comigo? — perguntou Bruna.

— Por que fez isso comigo? — balbuciou a androide.

Seus olhos felinos tinham uma expressão alucinada e febril.

— O que você tomou? Está drogada?

— Vocês me drogaram, vocês me envenenaram — gemeu a mulher. E começou a chorar, desconsolada.

— Nós? Quem somos nós?

— Vocês, os tecno-humanos, os reps. Vocês me sequestraram, me infectaram, implantaram em mim suas sujeiras para me transformar num de vocês. Por que fizeram isso? Que mal eu fiz?

Seus gemidos haviam aumentado, e agora gritava como uma possessa. “Claro que os vizinhos vão se queixar de novo”, pensou Bruna, sem paciência. Fechou a cara.

— A troco de quê essas besteiras? Você está louca ou se faz de louca? Você também é uma replicante. Olhe-se no espelho. Olhe-se nos olhos! Você é tão tecno-humana quanto eu. E acaba de tentar me estrangular.

A mulher começou a tremer violentamente e parecia ter um ataque de pânico.

— Não me machuque! Por favor, não me machuque! Socorro! Por favor!

Seu evidente terror era insuportável. Bruna afrouxou um pouco a pressão.

— Calma, não vou fazer nada. Está vendo? Estou soltando. Se você ficar calma e quietinha, eu solto.

Libertou a mulher pouco a pouco, com a mesma cautela com que libertaria uma serpente, e logo recuou, fora do alcance de suas mãos. Ofegante, a androide se arrastou meio metro até apoiar as costas na parede. Embora parecesse um pouco mais calma, Bruna lamentou não estar com a pequena pistola de plasma. Guardava-a atrás do forno, e, para pegá-la, precisaria tirar os olhos da mulher por alguns instantes. Era uma estupidez guardar tão bem uma arma que depois não teria como usar. Encarou a intrusa, que ofegava ansiosa em seu canto.

— O que você tomou? Você está um trapo.

— Sou humana. Sou humana e tenho um filho!

— Sei. Vou chamar a polícia para prendê-la. Você tentou me matar.

— Sou humana.

— Você é um maldito perigo, isso sim.

A androide contemplou Bruna com uma firmeza sombria. Um olhar feroz e desafiador.

— Vocês não vão conseguir me confundir. Não vão conseguir me enganar. Eu os descobri. Isso é o que faço com seus asquerosos implantes.

Após dizer essas palavras, torceu um pouco a cabeça, enfiou os dedos veloz e violentamente no globo ocular, e, com um ruído fraco e úmido, um arquejo sufocado, uns fios de sangue, arrancou o próprio olho. Um momento de angustiante e petrificada loucura. Logo Bruna recobrou o movimento e se debruçou sobre a mulher, que padecia de convulsões.

— Pelo grande Morlay! O que você fez, desgraçada? Malditas sejam todas as espécies! Emergência! Casa, ligue para a emergência!

Estava tão perturbada que o computador não reconheceu sua voz. Precisou respirar fundo, fazer um esforço e tentar de novo.

— Casa, ligue para a emergência! Ligue de uma vez, droga!

Era uma conexão de alta velocidade, só de áudio. Ouviu-se a voz de um homem.

— Emergência.

— Uma mulher acaba de... perder um olho.

— Número do seguro, por favor.

Bruna levantou as mangas do vestido da vizinha e descobriu dois punhos ossudos e nus: não havia um celular de pulso. Revirou os bolsos em busca da placa de identidade; procurou também no pescoço, para ver se ela usava o chip de identificação pendurado num cordão, como muitos deles. Não encontrou nada.

— Não sei, não podemos deixar isso para depois? O olho está no chão, foi arrancado.

— Muito triste, mas se não estiver com o seguro em dia, não poderemos fazer nada.

O homem cortou a ligação. Bruna sentiu a ira crescendo dentro de si, um espasmo de cólera que conhecia muito bem e que funcionava com a precisão de um mecanismo automático; em algum lugar oculto de seu cérebro abriam-se as comportas do ódio, e as veias se inundavam daquele veneno espesso. “Você está tão cheia de fúria que acaba sendo fria como gelo”, disse um dia o velho Yiannis. E era verdade: quanto mais enraivecida estava, mais controlada parecia, mais calma e impassível, mais vazia de emoções além daquele ódio seco e puro que se condensava em seu peito como uma pesada pedra negra.

— Casa, ligue para o Samaritanos — articulou.

— Samaritanos a seu serviço — respondeu de imediato uma voz robótica melodiosa. — Por favor, desculpe-nos a demora, somos a única associação civil que oferece serviços de saúde à população carente de seguros. Se deseja colaborar economicamente com nosso projeto, diga *doações*. Se for uma urgência médica, por favor, espere.

A mulher gemia baixinho entre os braços de Bruna; o olho permanecia no chão, redondo e muito maior do que se poderia imaginar, uma bola engordurada com um grande penacho de filamentos descorados, como uma medusa morta ou um pólopo marinho arrancado de sua rocha e levado até a praia pela maré.

— Samaritanos a seu serviço. Por favor, desculpe-nos a demora, somos...

Bruna tinha visto coisas piores em seus anos de tropa. Muito piores. Mesmo assim, o gesto inesperado e feroz da vizinha tinha sido especialmente perturbador. A dor e a desordem irrompiam em sua casa no meio da tarde.

— ...diga *doações*. Se for uma urgência médica, por favor, espere.

Era sempre assim: esperar e esperar. O Samaritanos não dava conta dos pedidos dos associados e estava sempre fora do ar. Talvez a mulher tivesse um plano de saúde, mas continuava inconsciente ou desfalecida; de qualquer maneira, não reagia aos chamados de Bruna. De certa forma, era melhor assim, porque seu desfalecimento a protegia do horror do ato cometido. Talvez por isso não recobrasse os sentidos. Bruna tinha visto muitas vezes no Exército desmaios como forma de fuga. A noite caía, e o apartamento estava quase às escuras, iluminado apenas pelo brilho da cidade e pelos faróis dos veículos aéreos.

— Casa, luzes.

As lâmpadas se acenderam, obedientes, apagando a paisagem urbana do outro lado da janela e iluminando o globo ocular caído no chão. Bruna desviou o olhar dos despojos, e seus olhos depararam com o rosto da mulher e a órbita vazia. Um buraco tenebroso. Buscando algo melhor para contemplar, fitou a tela principal. Havia tirado o som, mas, no noticiário, viu Myriam Chi, a líder do MRR. Parecia estar num comício e discursar num palanque, com sua eloquência habitual. Bruna não gostava de Myriam nem do seu Movimento Radical Replicante; desconfiava de todos os grupos políticos, e em especial daquela autocomplacência vitimizante, daquela mitificação histérica da identidade rep. Quanto a Myriam, conhecia bem pessoas como ela, seres enterrados em suas emoções como os escaravinhos no esterco, viciados num sentimentalismo dos mais exacerbados e mentirosos.

— Samaritanos, fale.

Finalmente.

— Houve um acidente no bairro Cinco, avenida Dardanelos, apartamento 2.334. Uma mulher perdeu um olho. Arrancou-o, o globo ocular está no chão.

— Idade da vítima?

— Trinta anos.

Todos os reps tinham em torno de trinta anos. Mais precisamente, entre 25 e 35.

— Humana ou tecno-humana?

— Essa pergunta é inconstitucional, e você sabe muito bem disso.

Houve um pequeno silêncio do outro lado da conexão. De qualquer maneira, pensou Bruna irritada, se delatara com aquela resposta.

— Iremos o mais depressa possível — disse o homem. — Obrigado por ter chamado o Samaritanos.

Todo mundo sabia que davam prioridade aos humanos, é claro. Não era uma prática legal, mas era o habitual. E o pior, pensou Bruna, é que fazia algum sentido. Quando um serviço médico estava sobrecarregado, talvez fosse sensato dar preferência àqueles com uma expectativa de vida muito maior. Aos que não fossem condenados à morte prematura, como os reps. O que era mais proveitoso: salvar uma vida humana que ainda poderia viver cinquenta anos, ou uma tecno-humana a quem talvez só restassem alguns meses? Uma mistura de frieza e raiva subiu-lhe à boca. Olhou o rosto incompleto da vizinha e sentiu uma profunda ira. “Imbecil, imbecil, por que você fez isso? E por que veio fazer na minha casa?” Bruna ignorava os motivos da mulher, a razão de seu estranho comportamento. Devia estar drogada, ou talvez doente. Mas não havia dúvidas de que aquela pobre louca se odiava, isso estava claro, e o ódio era uma emoção que Bruna conseguia entender. Nada melhor do que o ódio frio para neutralizar a queimação da angústia.

**Arquivo Central dos Estados Unidos da Terra**  
**Versão modificável**

ACESSO ALTAMENTE RESTRITO  
APENAS EDITORES AUTORIZADOS

Madri, 14 de janeiro de 2109, 09h43  
Bom dia, Yiannis

SE VOCÊ NÃO É YIANNIS LIBEROPOULOS,  
ARQUIVISTA CENTRAL FT711, PARE IMEDIATAMENTE  
DE LER ESTAS PÁGINAS

ACESSO ALTAMENTE RESTRITO  
APENAS EDITORES AUTORIZADOS

O ACESSO NÃO AUTORIZADO A ESTAS INFORMAÇÕES  
É CRIME E PODE SER PUNIDO COM ATÉ VINTE ANOS  
DE RECLUSÃO

*Tecno-humanos*

Marcadores: história, conflitos sociais, guerra rep, Pacto da Lua, discriminação,  
biotecnologia, movimentos civis, supremacia  
#376244

Artigo em edição

Em meados do século XXI, os projetos de exploração geológica de **Marte** e de duas luas de **Saturno**, **Titã** e **Encélado**, impulsionaram a criação de um androide capaz de resistir às duras condições ambientais das colônias mineiras.

Em 2053, a empresa brasileira de bioengenharia **Vitae** desenvolveu um organismo a partir de células-tronco, maturado em laboratório de forma acelerada e praticamente idêntico ao ser humano, que chegou ao mercado com o nome de **Homolab**, mas que logo ficou conhecido como *replicante*, termo tomado de um antigo filme futurista muito popular no século XX.

Os replicantes tiveram sucesso imediato. Foram usados não apenas nas explorações do espaço, mas também nas da Terra e nas granjas marinhas abissais. Começaram a ser feitas versões especializadas e, por volta de 2057, já havia quatro linhas distintas de androides: mineração, cálculo, combate e prazer (a última especialidade foi proibida anos depois). Àquela altura, não se concebia que os homolabs tivessem qualquer controle sobre suas próprias vidas — na verdade, eram trabalhadores escravos carentes de direitos. Essa situação abusiva revelou-se cada vez mais inviável e acabou explodindo em 2060, quando foi enviado a Encélado um pelotão de replicantes de combate para reprimir uma revolta dos mineiros, também androides. Os soldados uniram-se aos rebeldes e assassinaram todos os humanos da colônia. A insurreição generalizou-se rapidamente, dando lugar à chamada **guerra rep**. Embora os androides estivessem em clara desvantagem numérica, sua resistência, força e inteligência eram superiores à média humana. Durante os 16 meses de duração da guerra, lamentaram-se muitas baixas, tanto de humanos quanto de tecno-humanos. Por sorte, em ~~setembro~~ outubro de 2061 assumiu a liderança dos rebeldes **Gabriel Morlay**, o grande filósofo e reformador social androide, que propôs uma trégua para negociar a paz com países produtores de replicantes. As difíceis conversações estiveram inúmeras vezes prestes a naufragar; entre os humanos, havia uma facção radical que rechaçava qualquer concessão e defendia o prolongamento da guerra até que os replicantes comessem a morrer, visto que naquela época só viviam em torno de cinco anos. Havia também, entretanto, humanos que condenavam os usos escravagistas e acatavam a justiça das reivindicações dos rebeldes; conhecidos depreciativamente pelos adversários como *chuparreps*, esses cidadãos partidários dos androides chegaram a ser muito ativos em suas campanhas a favor das negociações.

Isso, somado ao fato de que os rebeldes haviam assumido o controle de diversas cadeias de produção e estavam fabricando mais androides, acabou resultando na assinatura do **Pacto da Lua**, de fevereiro de 2062, um acordo de paz em troca da concessão de uma série de direitos aos sublevados. No entanto, o líder androide Gabriel Morlay não pôde firmar o tratado que havia sido sua



grande obra, pois poucos dias antes cumpriu seu ciclo vital e faleceu, ~~encerrando assim sua fugaz existência de borboleta humana.~~

A partir de então, os replicantes foram progressivamente conquistando direitos civis. Tais avanços não foram isentos de problemas; os primeiros anos após a **Unificação** foram especialmente conflituosos, e houve sérios distúrbios em diversas cidades da Terra (Dublin, Chicago, Nairóbi), com violentos enfrentamentos entre os movimentos pró-reps **antissegregacionistas** e os grupos de **supremacistas** humanos. Por fim, a **Constituição de 2098**, a primeira Carta Magna dos **Estados Unidos da Terra**, atualmente em vigor, reconheceu aos tecno-humanos os mesmos direitos que os dos humanos.

Foi também na referida Constituição que se empregou pela primeira vez o vocábulo *tecno-humano*, visto que a palavra *replicante* está carregada de conotações insultantes e ofensivas. Hoje, *tecno-humano* (ou, coloquialmente, *tecno*) é o único termo oficial e aceito, embora neste artigo se tenha usado também a expressão *replicante* por motivos de clareza histórica.

Por outro lado, há grupos de ativistas tecnos, como o **Movimento Radical Replicante** (MRR), que reivindicam a antiga denominação como bandeira de sua própria identidade: “Ser rep é um orgulho, prefiro ser rep a ser humana, ou mesmo tecno-humana” (Myriam Chi, líder do MRR).

A existência e a integração dos tecno-humanos criaram um intenso debate ético e social que está longe de ser esclarecido. Alguns alegam que, visto que em sua origem a criação de replicantes como mão de obra escrava foi um ato errôneo e imoral, eles deveriam deixar de ser fabricados. Essa possibilidade é rechaçada pelos tecnos, que a consideram genocida: “O que já existiu uma vez não pode voltar ao limbo da inexistência. O que se inventa não se pode desinventar. O que aprendemos não se pode deixar de saber. Somos uma nova espécie e, como todos os seres vivos, ansiamos por continuar a viver” (Gabriel Morlay). Atualmente, as cadeias de produção de andróides (hoje chamadas *usinas de gestação*) são dirigidas meio a meio por tecnos e humanos. Um andróide demora 14 meses para nascer, mas já nasce com uma idade física e psíquica que equivale aos 25 anos de um humano. Apesar dos avanços tecnológicos, eles ainda vivem pouco: por volta dos 35 anos, a divisão celular de seus tecidos se acelera de forma dramática e sofre uma espécie de processo cancerígeno massivo (conhecido como TTT, **Tumor Total Tecno**), para o qual ainda não se encontrou cura e que leva à morte em poucas semanas.

Resultam também conflitantes as regulamentações especiais tecno-humanas, sobretudo as referentes à memória e ao período de trabalho civil. Um comitê

paritário de humanos e tecnos decide quantos androides serão criados a cada ano e com que especificações: cálculo, combate, exploração, mineração, administração e construção. Como a gestação desses indivíduos é economicamente muito dispendiosa, foi acordado que todo tecno-humano servirá à empresa que o fabricou durante um período máximo de dois anos e num emprego condizente à especialidade para a qual foi construído. Após isso, será dispensado e receberá uma moderada quantia em dinheiro (o **auxílio-instalação**) para ajudá-lo a começar a própria vida. Por fim, em todo androide é implantado um jogo completo de memória com suficiente apoio documental real (fotos, holografias e gravações de seu passado imaginário, velhos brinquedos de sua suposta infância etc.), já que diversas investigações científicas demonstraram que a convivência e a integração social entre humanos e tecno-humano são muito melhores se estes tiverem um passado, bem como que os androides são mais estáveis quando providos de recordações.

A **Lei de Memória Artificial** de 2101, atualmente em vigor, regula de forma exhaustiva esse delicado assunto. As memórias são únicas e diferentes, mas todas possuem uma versão mais ou menos similar da **Cena da Revelação**, popularmente conhecida como *o baile dos fantasmas*; trata-se de uma recordação implantada, supostamente ocorrida por volta dos 14 anos, quando os pais dos androides lhes comunicam que são um tecno-humano ~~e eles têm de encarar a realidade~~ ~~essa fase, normalmente, é de uma explosão de neurônios e de certa rejeição a si próprio~~. Uma vez instalada a memória no androide, não há como modificá-la. A lei proíbe e persegue qualquer manipulação posterior, assim como o tráfico ilegal de memórias, o que não impede, porém, que esse mercado negro exista e seja um comércio clandestino bastante lucrativo. A normativa vigente da vida tecno foi contestada por diversos setores, e tanto o MRR quanto diferentes grupos supremacistas apresentaram nesses tempos vários recursos contra a lei. Na última década, criaram-se inúmeras cátedras universitárias de estudos tecno-humanos (como a da Complutense de Madri), que buscam responder aos múltiplos questionamentos éticos e sociais planteados por essa nova espécie.

HOUVE UMA ÉPOCA EM QUE AS RELAÇÕES SEXUAIS ENTRE HUMANOS e reps eram proibidas. Agora são apenas malvistas, exceto quando se trata do antigo e venerável comércio da prostituição, sem dúvida. Pablo Nopal sorriu com acidez e contemplou as costas nuas da garota guerreira. Uma curva perfeita nos quadris. Sentando-se na cama, como acabava de fazer, Nopal podia também ver um de seus diminutos peitos, que subia e descia com suavidade, ao compasso da respiração tranquila. Por mais adormecida que parecesse — e de fato estava —, bastaria que ele lhe tocasse a cintura com um dedo para que a mulher desse um pulo descomunal e, quem sabe, lhe acertasse um belo golpe. Nopal tinha dormido com várias reps de combate e conhecia bem seus costumes e seus inquietantes reflexos defensivos. Melhor não as beijar no pescoço no meio da noite.

Na verdade, o melhor que se podia fazer no meio da noite, depois de copular com uma garota daquelas, era ir embora.

O homem deslizou para fora da cama, recolheu suas roupas espalhadas pelo chão e começou a se vestir.

Mal-humorado.

Aquela hora da madrugada o deprimia: suja, desbotada, com a noite morrendo e o novo dia ainda sem despontar. Aquela hora tão nua em que não havia como disfarçar a incoerência do mundo.

Pablo Nopal era rico e infeliz. A desgraça fazia parte de sua estrutura, como as cartilagens são parte dos ossos. A desgraça era a cartilagem de sua mente. Era algo de que não conseguia se desprender.

Como dizia um antigo escritor que Pablo admirava, a felicidade sempre era parecida, mas a infelicidade era diferente em cada pessoa. A desgraça de Nopal manifestava-se numa clara incapacidade de viver. Detestava a vida. Por isso, entre outras coisas, gostava dos andróides: todos eram tão ansiosos, tão desesperados para continuar vivendo. De certo modo, invejava-os.

O que sustentara Nopal nos últimos anos, a única coisa que realmente lhe aquecia o coração, era sua busca. Tocou o celular, abriu na tela a lista de

androides e riscou a garota guerreira de volumosos cabelos crespos com quem acabara de fazer amor. Evidentemente, não era ela a tecno-humana que procurava. Olhou para seu perfil achatado quase com afeto. Gostara de ganhar sua confiança, mas agora esperava não precisar vê-la nunca mais. Como era comum nele, voltava a triunfar a misantropia.

**A VANTAGEM DE LIDAR COM MORTOS REPS**, pensou Bruna ao entrar no Instituto Médico-Legal, era não precisar aguentar parentes chorosos: pais arrasados de dor, filhos atordoados pela brusca orfandade, cônjuges, irmãos e toda a ralé familiar soluçante. Os andróides eram seres solitários, ilhas habitadas por um só náufrago em meio a um heterogêneo mar de gente. Ou pelo menos eram assim quase todos os reps, embora houvesse alguns que faziam questão de se acreditar plenamente humanos e estabelecessem relações sentimentais estáveis apesar da vida curta. Alguns adotavam crianças, sempre criaturas doentes ou com algum problema, porque o curto prazo de validade dos replicantes os impedia de reunir os pontos necessários para uma adoção normal. Quanto à sua própria história, na verdade tinha sido um erro. Nem Merlin nem ela queriam se prender, mas acabaram emocionalmente envolvidos. Até que a inevitável desolação surgiu. Quatro anos, três meses e 27 dias.

Eram três da manhã e o lugar estava deserto e espectral, oculto numa penumbra azulada. Escolheu aquela hora inconveniente para ver se encontrava Gandara, legista veterano, que trabalhava no turno da noite e era um velho conhecido que lhe devia favores. Mas, quando entrou no consultório anexo à sala de dissecação número 1, encontrou um homem jovem que contemplava sem pestanejar um holograma pornográfico. Ao se dar conta de sua chegada, o sujeito apagou a cena com um gesto brusco e virou-se para ela.

— O que você está fazendo aqui?

Bruna percebeu a hesitação, o sobressalto, o súbito medo no olhar. Estava acostumada a impressionar com sua presença, não só pelo fato de ser uma tecno alta e atlética, mas sobretudo pelo crânio raspado e pela tatuagem, uma fina linha negra que percorria verticalmente o corpo todo, que descia pela frente e pela metade da sobrancelha, pela pálpebra e pela face do lado esquerdo; depois, por pescoço, peito, barriga, perna esquerda, um dedo do pé, sola, calcanhar; e subia outra vez pela mesma perna, mas por trás, nádega, cintura, ombro e nuca, para terminar cruzando a curva nua do crânio até se fundir com a linha descendente e completar o círculo. Como é natural, quando estava vestida não se podia ver que

o traço se fechava sobre si mesmo, mas Bruna já comprovava que a linha, que parecia lhe cortar um terço da cabeça e desaparecia roupa abaixo, produzia um inegável impacto nos humanos, além de delatar sua condição de rep combatente: na milícia, quase todos tinham elaboradas tatuagens.

— Gandara não está?

— Está de férias.

O homem pareceu relaxar um pouco ao ver que Bruna conhecia o legista titular. Era um jovem baixo, gordo, e tinha um daqueles rostos em série da cirurgia plástica barata, um modelo escolhido por catálogo, o típico presente de formatura de pais de renda modesta. De uma hora para outra, ficaram na moda os concertos faciais, e havia várias pessoas praticamente com a mesma fisionomia.

— Bem, então falarei com você. Estou interessada num dos cadáveres. Cata Caim. É uma tecno-humana que não tem um olho. Morreu ontem.

— Ah, sei. Fiz a autópsia há algumas horas. Era sua parente?

Bruna encarou-o por meio segundo, imperturbável. Um rep parente de outro rep. O fulano era um idiota.

— Não — respondeu.

— Pois então, se não é da família e não traz ordem do juiz, não pode vê-la.

— Não preciso vê-la. Só queria que você me dissesse qual foi o resultado da autópsia.

O homem esboçou uma máscara de exagerado escândalo em sua cara de plástico.

— Muito menos isso! É informação altamente confidencial. Além do mais, se não é da família, como conseguiu entrar aqui?

Bruna respirou fundo e fez um esforço para assumir uma expressão amistosa e tranquilizadora, a expressão mais amistosa e tranquilizadora possível, levando-se em conta a cabeça raspada, as pupilas felinas, o traço de tinta cortando o rosto. Não achou prudente contar que o velho Gandara lhe tinha dado um passe permanente para o instituto, mas apanhou sua licença profissional de detetive particular e entregou-a ao sujeito.

— Olha, aquela mulher era minha vizinha e minha cliente. Tinha me contratado para protegê-la, porque suspeitava de que alguém quisesse matá-la — improvisou na hora. — Não posso dizer mais nada, entende, é assunto de sigilo profissional. Fui eu quem avisou o Samaritanos; ela estava comigo quando arrancou o olho. Se você tiver aí o relatório policial, verá meu nome, Husky. Caim perdeu a razão, e receio que tenha se intoxicado com alguma coisa. Quero

dizer, receio que a tenham envenenado. Preciso saber o quanto antes. Sabe, eu não devia estar contando isso, mas talvez haja mais pessoas intoxicadas. Talvez ainda tenhamos tempo de salvá-las. Não estou nem pedindo que você entre em detalhes. Você me diz a conclusão final, e pronto. Ou me deixa ver o relatório por um segundo. Ninguém vai saber.

O médico moveu negativamente a cabeça, com pomposa lentidão. Via-se que desfrutava de seu pequeno poder de atrapalhar.

— Não posso fazer isso. Peça uma autorização ao juiz.

— Demoraria demais. Você vai se arriscar a ser responsável pela possível morte de outras pessoas?

— Não posso fazer isso.

Bruna franziu a testa, pensativa. Depois revirou a mochila e tirou duas notas de cem reais.

— Claro que estou disposta a compensar o incômodo.

— Quem você acha que sou? Não preciso do seu dinheiro.

— Pega. Vai cair bem para consertar esse nariz quebrado.

O homem tocou o apêndice nasal num ato reflexo.

Apalpou com amoroso cuidado as narinas siliconadas, o cavalete perfilado com cartilagem plástica. Pelo seu rosto desfilaram emoções em nítida sucessão, como nuvens atravessando um céu ventoso: primeiro o alívio ao comprovar que seu nariz sintético continuava intacto, depois a lenta e angustiante compreensão do significado da frase. Os olhos se arredondaram de inquietação.

— Isso é uma ameaça?

Bruna se inclinou para a frente, apoiou as mãos na mesa, aproximou a cabeça do rosto do homem até quase roçar-lhe a testa e sorriu.

— Claro que não.

O legista engoliu em seco e pensou por uns instantes. Depois se virou para a tela e balbuciou:

— Abrir relatórios finais, abrir Caim.

O computador obedeceu, e a tela começou a se encher de imagens sucessivas da rep morta, um pobre corpo nu e estripado nas diversas fases da dissecação. Por último, a faca laser cortou o crânio como quem divide em dois uma laranja, e uma pinça robótica sondou com delicadeza a massa cinzenta, que estava rosada demais. Era o cérebro mais avermelhado que Bruna já tinha visto — e já vira alguns. A pinça emergiu da engordurada massa neuronal com uma pequena presa agarrada à ponta: era um disco minúsculo, de cor azul. Uma memória artificial, pensou Bruna com um calafrio, e com certeza não era o implante

original. Da tela, a voz do legista recitava os resultados. “Visto que o sujeito tecno-humano tinha 3/28 anos e ainda estava longe do TTT, podemos descartar que o falecimento seja natural. Por outro lado, o implante de memória encontrado carece de número de registro e sem dúvida é oriundo do mercado negro. Este legista trabalha com a hipótese de que tal implante esteja adulterado e tenha causado os edemas e as hemorragias cerebrais, provocando um quadro de desestabilidade emocional, delírios, convulsões, perda de consciência, paralisia e, por fim, morte do sujeito por colapso das funções neuronais. Enviouse o implante ao laboratório de bioengenharia da polícia judicial a fim de que seja analisado.”

Pobre Caim. Pareceu-lhe ver novamente a vizinha arrancando o olho com aquele som fraco e medonho, como de trapos rasgados. Pareceu-lhe ouvir outra vez suas palavras alucinadas e sentir sua angústia. Quando chegaram os Samaritanos, já estava rígida, por isso não estranhou que quatro horas depois a chamassem para lhe comunicar que tinha morrido. No intervalo, Bruna foi à administração do prédio e entrou no andar da mulher junto com um dos porteiros. Assim soube que se chamava Cata Caim, que era funcionária administrativa, que aquela casa tinha sido seu primeiro domicílio depois do auxílio-instalação, que só tinha três anos rep — ou 28 virtuais, jovem demais para morrer. Segundo o contrato de aluguel, morava havia 11 meses no apartamento, mas o lugar parecia vazio e impessoal, como se ninguém o tivesse habitado. De fato, não se via nenhuma das pequenas recordações artificiais sempre tão comuns, a habitual foto dos pais, o holograma da infância, a velinha suja de um velho bolo, o pôster eletrônico com as dedicatórias dos amigos da universidade, o anel com que os adolescentes costumavam presentear um ao outro ao perder a virgindade. Não havia replicante que não guardasse essa coleção de bugigangas; mesmo conhecendo sua falsidade, os objetos continuavam a manter uma espécie de magia e a oferecer consolo e companhia. Assim como os paraplégicos sonhavam andar quando usavam óculos virtuais, os reps sonhavam ter raízes quando contemplavam as peças artificialmente envelhecidas de seus acessórios — mesmo sabendo a verdade, eram felizes. Ou menos infelizes. A própria Bruna, tão avessa às efusões emocionais, não tinha sido capaz de se desprender de todas as suas recordações pré-fabricadas. Destruíra as fotos de família e o holograma da festa de sua avó (fazia 101 anos, morreu pouco depois; quer dizer, supostamente morreu), mas não conseguiu jogar fora a coleira do cachorro da sua infância, *Zarco*, gravada com o nome do animal, nem uma foto de quando



era pequena, por volta dos cinco anos, já perfeitamente reconhecível, com os olhos tão cansados e tristes quanto agora.

Entretanto, Caim não tinha um único objeto pessoal em casa. A que terrível grau de desespero e desolação devia ter chegado! Imaginou-a percorrendo a noite com ansiedade de dependente química, explorando os recantos mais obscuros da cidade em busca de alívio, de uma lembrança na qual pudesse acreditar, de recordações que lhe permitissem descansar por algum tempo. Bruna achava que podia entendê-la, porque ela mesma se sentira muitas vezes daquele jeito; também saíra algumas vezes de casa como se fugisse; saíra para consumir a noite em busca de algo impossível de encontrar. Em mais de uma madrugada se sentira tentada a aplicar no nariz um tiro de memória, um golpe de vida artificial. Não o tinha feito e se alegrava por isso. Cata Caim destruía o cérebro com uma dose de lembranças fictícias. Talvez tivesse chegado à cidade uma leva de implantes adulterados; já acontecera outras vezes, embora nunca de forma tão letal. Se isso de fato ocorrera, haveria mais mortes de reps nos próximos dias. Mas isso não era problema seu. Tudo o que queria era saber o que acontecera com sua vizinha, e isso estava resolvido. Voltou a olhar para o jovem legista. Podia ver que estava suado e muito envergonhado, provavelmente devido ao conflito emocional de precisar obedecer a alguém por medo, algo que costumava provocar, sobretudo nos machos jovens, um curto-circuito de ira reprimida e humilhação, um coquetel hormonal de testosterona e adrenalina. Agora se odiava por ter sido covarde, e isso faria com que não a denunciasse. Além do mais, o que poderia denunciar? Ela não tinha feito nada. Bruna empurrou as duas notas de cem sobre a mesa e sorriu.

— Muito obrigada, você foi muito amável. Era tudo o que eu queria saber. Dê lembranças minhas a Gandara.

No rosto rubro do médico, os implantes estéticos de silicone se destacavam num tom embranquecido.

Bruna quase sentiu uma pontada de compaixão, um princípio de debilidade logo superado. Nunca lhe teria quebrado o nariz, claro, nunca lhe tocaria um único fio de cabelo, mas disso o pobre coitado não sabia. Era uma das poucas vantagens de ser diferente: era desprezada, mas também temida.

**TRÊS DIAS DEPOIS MORREU OUTRO REPLICANTE**, em circunstâncias semelhantes, com o agravante de que nessa ocasião assassinou antes dois tecnos. A agressão ocorreu num vagão aéreo, de modo que o incidente foi gravado pelas câmeras de segurança da companhia de transportes. Bruna viu o vídeo no noticiário: era um androide de exploração, de corpo pequeno e ossudo, mas dominou com facilidade duas pessoas mais corpulentas do que ele. O agressor estava sentado na parte de trás do trem; de repente, levantou-se, dirigiu-se a passos rápidos para as primeiras filas e, agarrando um rep pelos cabelos, puxou-lhe a cabeça para trás, enquanto com a outra mão o degolava rapidamente. Como a arma utilizada tinha uma lâmina tão fina e estreita que a tornava quase invisível, o efeito era desconcertante, mais incompreensível do que violento — jorrava um jato de sangue, mas ninguém sabia o motivo. O corpo da vítima continuava erguido no assento, e os vizinhos ainda não tinham terminado de abrir a boca para gritar quando o assassino abordou da mesma forma uma mulher que estava do outro lado do corredor e também lhe cortou a garganta. Depois disso, o pequeno tecno cravou o punhal nos próprios olhos e desmoronou. Toda a cena durou menos de um minuto; foi uma matança assombrosamente rápida, uma carnificina espetacular, com muito sangue em pouquíssimo tempo. Bruna pensou: “É muito difícil cortar uma garganta com aquela velocidade e aquela destreza; a carne é dura, os músculos se tencionam, o corpo se retrai na defensiva, a traqueia é um obstáculo tenaz.” Mesmo assim, os pescoços estavam quase seccionados, as cabeças pendiam grotescamente caídas para trás mostrando o riso obsceno do grande talho; aquilo não era fácil nem com um bisturi de cirurgião, talvez com uma faca laser, mas parecia uma lâmina normal. Pensou também: “A mim não poderia ter agarrado pelos cabelos.” Por isso muitos replicantes de combate raspavam a cabeça: para não dar vantagens ao inimigo. A diferença era que, ao contrário dos outros, ela continuava a raspá-lo mesmo depois de se retirar da milícia. Afinal, tinha um trabalho de risco.

Um trabalho, além disso, pouco rentável. Havia quase duas semanas que Bruna terminara sua tarefa anterior e não tinha reservas suficientes. Os EUT

enfrentavam uma perpétua crise econômica desde a unificação, mas nos últimos tempos parecia haver uma crise dentro da crise, e todos os negócios estavam muito parados. Precisava encontrar com urgência algum cliente, por isso resolveu sair e fazer o que chamava de “uma ronda investigativa”: dar umas voltas e tentar falar com seus contatos habituais, ver o que havia por aqui e ali, e se alguém estava interessado em seus serviços. Olhou o relógio: 23h10. Podia ir até a birosca de Oli Oliar e aproveitar para comer alguma coisa. Apesar do frenesi de sangue e chacina que acabara de ver, estava faminta. Ou talvez estivesse faminta exatamente por isso. Nada abria tanto o apetite quanto o espetáculo da morte alheia. Quatro anos, três meses e 24 dias.

Era o mês de fevereiro, o mais fresco do curto e suave inverno, e fazia uma noite perfeita para caminhar. Usando em alguns trechos as esteiras rolantes, Bruna levou vinte minutos para chegar ao bar de Oli. Era um lugar pequeno e retangular, ocupado em sua quase totalidade por um grande balcão que, por sua vez, estava quase inteiramente ocupado pelo corpanzil de Oli; por suas carnes corpulentas e sua igualmente desmedida hospitalidade. Oli nunca fechava a cara para ninguém, fosse um tecno, um *bicho* ou um mutante. Por isso sua freguesia era variada.

— Olá, Husky, o que te traz aqui?

— A fome, Oli. Me dá uma cerveja e um desses tira-gostos de algas e pinhões que você faz tão bem.

A mulher sorriu diante do cumprimento e começou a preparar o pedido. Seus movimentos eram sempre incrivelmente lentos, mas de alguma forma inexplicável ela dava conta de atender sozinha e com eficiência a todos. Era uma sala pequena, dez tamboretas ao longo do balcão e outros oito em frente, junto a uma pequena prateleira de apoio que percorria a parede; mas o lugar dava certo, e nas horas de maior movimento se espremiavam lá dentro uns trinta fregueses. Agora, entretanto, estava meio vazio. Bruna olhou em volta; só havia uma pessoa que já tinha visto por ali outras vezes. Estava sentada na outra ponta do balcão e era uma mulher-anúncio da Texaco-Repsol. Usava um horrendo uniforme com cores corporativas, coroadado por um gorrinho ridículo, e as telas do peito e das costas reproduziam num *loop* infinito as malditas mensagens publicitárias da empresa. Em geral, não era permitido aos seres-anúncio entrar nos bares, porque perturbavam, mas Oliar tinha um coração tão grande quanto seus peitos colossais e deixava que ficassem no fundo, desde que baixassem o máximo possível o volume da publicidade. Mas isso não era o bastante, infelizmente, porque as telas não podiam ser silenciadas nem desligadas. Era preciso ser um pobre desgraçado e ter

tirado muita má sorte na vida para acabar caindo num emprego daqueles: os seres-anúncio só podiam tirar a roupa durante nove horas por dia; no resto do tempo tinham de estar em locais públicos, o que significava que, como não eram admitidos nos estabelecimentos, passavam os dias vagando pelas ruas como almas penadas, com os lemas publicitários martelando seus ouvidos sem cessar. Por essa tortura só lhes davam umas cem gaias, embora, nesse caso, com a Texaco-Repsol, a mulher com certeza também tivesse ar gratuito. Isso era importante, porque a cada dia menos pessoas conseguiam pagar por um ar respirável, sendo obrigadas a se mudar para alguma das zonas contaminadas do planeta. Na verdade, muitos matariam para conseguir aquela porcaria de trabalho. Bruna se lembrou de sua magra conta bancária e se virou para a dona do bar.

— O que há de novo por aqui?

— Nada. Fora as mortes dos reps.

Outra coisa que Bruna gostava na gorda Oli era que não vivia cheia de eufemismos escrupulosos. Sempre chamava os reps de reps, e era muito mais amigável e respeitosa do que os que não paravam de falar em tecno-humanos.

— E o que dizem disso, Oli? Do sujeito do trem. Por que você acha que ele fez o que fez?

— Dizem que tinha entrado numa. Uma droga. Dalamina, talvez. Ou uma memória artificial.

— Semana passada houve um caso parecido, lembra? A tecno que arrancou o olho. E sei que tinha um implante de memória.

A mulher pôs o tira-gosto diante de Bruna; depois se inclinou para a frente, esparramando seus generosos seios sobre o balcão, e baixou a voz.

— As pessoas estão com medo. Ouvi dizer que pode haver muitos mortos.

— O que há? Chegou uma remessa de *memas* adulteradas?

— Não sei. Mas dizem que isso está só começando.

Bruna sentiu um calafrio. Era um tema desagradável, um assunto que, em especial, a deixava inquieta. E não só porque não tinha conseguido tirar da cabeça o incidente perturbador com sua vizinha, mas também porque sempre detestara tudo o que tivesse a ver com a memória. Falar de memória com um rep era como mencionar alguma coisa obscura e suja, algo indizível que, quando exposto à luz, era quase pornográfico.

— Você sabe quem está passando o material defeituoso? — perguntou, intrigada, mesmo a contragosto.

Oli deu de ombros.

— Não faço a menor ideia, Husky. Está interessada? Talvez possa perguntar por aí...

Bruna refletiu por um instante. Não tinha nenhum cliente que lhe pagasse as faturas e não poderia perder tempo investigando um assunto que não lhe traria qualquer benefício.

— Não, na verdade não me interessa nem um pouco.

— Então, coma o tira-gosto. Está esfriando.

Era verdade. Estava bom, com as algas bem fritas, crocantes e nada oleosas. Merlin adorava os tira-gostos de algas com pinhões. O rosto do rep, deformado pela doença, flutuou por um instante em sua memória, e Bruna sentiu que seu estômago se retorcia. Respirou fundo, tentando desfazer o nó em suas entranhas e empurrar de novo para o abismo a lembrança de Merlin. Se ao menos conseguisse recordá-lo apenas sadio e feliz, e não sempre tomado de dor... Deu uma mordida furiosa no canapé e voltou a seus problemas de trabalho. Decidiu abrir o jogo.

— Oli, estou sem trabalho — murmurou com a boca cheia. — Você sabe de alguma coisa que me serviria?

— Tipo o quê?

— Você já sabe... alguém que queira encontrar alguma coisa... ou alguém. Ou o contrário, alguém que não queira ser encontrado... Ou alguém que queira saber algo... ou queira que eu investigue alguém. Ou alguém que queira reunir provas contra alguém... ou queira saber se há provas contra ele...

Oli tinha interrompido suas lentas e majestosas tarefas atrás do balcão e olhava fixamente para Bruna com seu rosto escuro e imperturbável.

— Se esse é seu trabalho, é uma bela de uma confusão.

Bruna sorriu de lado. Não sorria com muita frequência, mas achava graça na gorda Oli.

— Confusão ou não, se você me conseguir um cliente, ganha uma comissão.

— Salve, Bruna, trago exatamente um trabalho para você. E não precisa me pagar nada.

A androide se virou e encarou o recém-chegado. Era Yiannis. Como quase sempre acontecia diante dele, teve uma sensação contraditória. Yiannis era o único amigo de Bruna, e esse peso emocional era às vezes um pouco asfixiante.

— Oi, Yiannis, como vai?

— Velho e cansado.

Falava sério e parecia mesmo. Velho como antes, velho como sempre, velho como os autorretratos de Rembrandt velho que Yiannis lhe ensinara a admirar nas

maravilhosas holografias do Museu de Arte. Havia pouca gente que, como Yiannis, prescindia por completo dos diversos tratamentos oferecidos pelo mercado contra a velhice, desde a cirurgia plástica ou biônica aos raios gama ou à terapia celular. Alguns se negavam a se tratar por puro imobilismo, porque eram uns retrógrados recalcitrantes, nostálgicos de um luminoso passado que jamais existiu. Mas a maioria dos que não recorriam a essas terapias o fazia por não poder custeá-las. Em geral, as pessoas preferiam fazer um tratamento a pagar por um ar limpo; ter rugas se convertera num sinal evidente de pobreza extrema. O caso de Yiannis, entretanto, era um pouco diferente. Não era pobre nem reacionário, embora se revelasse um tanto antiquado e fosse um anacrônico cavaleiro do século XXI. Se não se valia da terapia rejuvenescedora, era sobretudo por uma questão de estética; não gostava dos estragos da velhice, mas lhe pareciam ainda mais feios os consertos artificiais, e Bruna o compreendia muito bem. O que não teria dado para poder envelhecer!

— Você disse que tem uma coisa para mim?

— Talvez. Mas não sei se está merecendo.

Bruna franziu a testa e olhou-o, confusa.

— Não sei do você está falando.

— Você não tem nada para me contar?

A rep sentiu de imediato um mau humor, uma irritação. Yiannis sempre fazia a mesma coisa, interrogava-a e cutucava-a, queria saber tudo a seu respeito. Parecia seu pai. Aquele pai inexistente que um assassino inexistente matou quando ela tinha nove anos. Nove anos também inexistentes. Olhou para o amigo: tinha um rosto suave, de traços imprecisos. Quando jovem, fora bastante bonito; Bruna tinha visto imagens dele, mas de uma beleza sem exageros, de olhos, nariz e boca pequenos. O tempo caíra sobre ele como se alguém lhe houvesse derretido o rosto, e o cabelo branco, a pele pálida e os olhos cinzentos fundiam-se numa monocromia descolorida. “Pobre velho”, pensou Bruna, percebendo que sua impaciência se desvanecia. De qualquer maneira, não lhe diria nada.

— Nada de especial, que eu me lembre.

— Sei. E se esqueceu de Cata Caim?

Bruna gelou.

— Como você sabe? Não contei a ninguém.

E, enquanto falava, pensou: “Mas repassei meus dados ao Samaritanos, e falei com a polícia e com o zelador do prédio, e tive de me identificar para entrar no Instituto Médico-Legal, e vivemos numa maldita sociedade de informação centralizada e instantânea.” Começou a suar.

— Não me diga que saiu nos noticiários ou nas telas públicas...

Yiannis retorceu a boca. Era, Bruna sabia, seu jeito de sorrir.

— Não, não. Eu soube por alguém que precisava de minha ajuda. Uma pessoa que me pediu para falar com você. Tem um trabalho a oferecer. Veja o cartão.

Yiannis tocou no computador móvel que trazia no pulso, e o celular de Bruna apitou recebendo a mensagem. A androide olhou a pequena tela: Myriam Chi, a líder do MRR, esperava-a às dez horas da manhã seguinte em seu gabinete.

A **CORAGEM É UM HÁBITO DA ALMA**, dizia Cícero. Yiannis se agarrara à frase de seu autor favorito como quem se segura num galho seco quando está a ponto de cair num abismo. Há anos tentava desenvolver e manter tal hábito, e de alguma forma a rotina da coragem endurecera dentro dele, formando uma espécie de esqueleto alternativo que conseguia mantê-lo de pé.

Quarenta e nove anos tinham se passado. Quase meio século desde a morte do pequeno Edu, e ele ainda carregava as cicatrizes. O tempo, é claro, fora amortecendo, ou melhor, embotando a insuportável intensidade de sua dor. Era natural, teria sido impossível viver constantemente dentro daquele paroxismo de sofrimento; Yiannis compreendia e se perdoava. Perdoava-se por continuar a respirar, a desfrutar a comida, a música, um bom livro, enquanto seu menino se convertia em pó debaixo da terra. Ademais, sentia que, de algum modo, uma parte dele continuava de luto. Era como se o desaparecimento de Edu tivesse aberto um buraco em seu coração, de maneira que desde então ele só vivia as coisas pela metade. Nunca podia se concentrar de todo na realidade porque, no fundo, a dor matraqueava incessantemente, como um daqueles zumbidos enlouquecedores ouvidos por alguns surdos. Algo se quebrara em definitivo, e isso parecia normal para Yiannis. Parecia-lhe justo e necessário, porque não teria conseguido suportar que sua vida continuasse igual depois da morte do filho.

Com os anos, porém, algo terrível acontecera, algo que Yiannis não imaginou que pudesse acontecer. Em primeiro lugar, o rosto do menino foi-se desvanecendo em sua memória: de tanto usar aquela lembrança, havia-a desgastado. Agora só conseguia visualizar Edu pelas fotos e pelos filmes que conservava dele; todas as demais imagens tinham se apagado de sua memória como quem apaga um quadro-negro. Mas o pior era que em algum momento daquele meio século transcorrido se rompera o fio interno que o ligava àquele pai que tinha sido. Quando o velho Yiannis recordava agora o Yiannis de vinte anos, brincando e rindo com seu menino, era como se rememorasse algum conhecido da época remota de sua juventude, um amigo talvez muito próximo, mas sem dúvida distinto e com quem havia muito tempo já não convivia. Observava tudo



aquilo de fora, o gozo da paternidade e o horror da morte desnecessária, a lenta agonia da criança de dois anos, a doença estúpida que não pôde ser curada por causa das carências impostas pela guerra rep. Uma história muito triste, é verdade, tão trágica que às vezes seus olhos se umedeciam ao recordá-la, mas uma história que já não conseguia sentir como sua, e sim como um drama do qual talvez um dia tivesse sido testemunha, ou como um conto que alguém lhe tivesse narrado.

Aquela distância era o mais devastador, o mais insuportável. Aquela distância interior era a segunda e definitiva morte de seu filho. Se ele não era capaz de manter viva a lembrança de seu pequeno Edu, quem mais poderia fazê-lo?

Como era frágil, como era mentirosa e infiel a memória dos humanos! Yiannis sabia que, aos 49 anos transcorridos, todas e cada uma das células de seu corpo haviam se renovado. Já não restava um único vestígio orgânico original do Yiannis que um dia havia sido, nada além daquele sopro acelular e atemporal que era sua memória, aquele fio incorpóreo que ia tecendo sua identidade. Mas se esse fio também se rompia, se não era capaz de recordar com plena continuidade, o que diferenciava seu passado de um sonho? Deixar de recordar destruía o mundo.

Como sempre sentiu essa vertiginosa desconfiança em relação à memória, decidiu converter-se em arquivista profissional. Por isso, de vez em quando, tentava se lembrar, internamente, do Edu de verdade. Fechava os olhos e, com um esforço enorme, procurava reconstruir alguma cena distante. Voltar a visualizar a velha casa, o contorno dos móveis, a exata densidade da penumbra; sentir o calor da tarde, a quietude do ar colado à sua pele; escutar o silêncio apenas rompido por uma respiração tranquila e sutil; sentir o aroma tão suave e tão carnal, aquele cheiro gostoso de animal pequeno; e depois, somente depois, ver o menino dormindo em seu berço; e nem o menino por inteiro, mas talvez reconstruir em toda a sua pureza e veracidade aquela mãozinha ainda gorda, ainda suave e de bebê, aquela mão perfeita, de dedos enroscados, abandonada ao descanso e ignorante de seu absoluto desamparo. Com sorte, chegando a esse ponto, a recordação vinha do passado como um raio e atravessava Yiannis, revelando toda a crueldade do sofrimento e fazendo o velho chorar. Chorar de dor, mas também de gratidão, porque de algum modo e por um instante conseguira não só recordar Edu, mas voltar a sentir que um dia esteve vivo.

**Arquivo Central dos Estados Unidos da Terra**  
**Versão modificável**

ACESSO ALTAMENTE RESTRITO  
APENAS EDITORES AUTORIZADOS

Madri, 19 de janeiro de 2109, 13h10

Boa tarde, Yiannis

SE VOCÊ NÃO É YIANNIS LIBEROPOULOS,  
ARQUIVISTA CENTRAL FT711, PARE IMEDIATAMENTE  
DE LER ESTAS PÁGINAS

ACESSO ALTAMENTE RESTRITO  
APENAS EDITORES AUTORIZADOS

O ACESSO NÃO AUTORIZADO A ESTAS INFORMAÇÕES  
É CRIME E PODE SER PUNIDO COM ATÉ VINTE ANOS  
DE RECLUSÃO

*Teletransporte*

Marcadores: história da ciência, distúrbio TT, a Febre do Cosmos, Guerras Robóticas, Dia Um, os Outros, Paz Humana, Acordos Globais de Cassiopeia, sencientes

#422222

Artigo em edição

A teleportação ou teletransporte (TT) é um dos mais antigos sonhos do ser humano. Embora o teletransporte quântico venha sendo tentado desde o século XX, o primeiro experimento significativo teve lugar em 2006, quando o professor

**Eugene Polzik**, do Instituto Niels Bohr da Universidade de Copenhague, conseguiu teletransportar um objeto diminuto, mas macroscópico, a uma distância de meio metro, utilizando a luz como veículo transmissor da informação do objeto. Entretanto, foi apenas a partir de 2067, com a descoberta das insuspeitas qualidades de potenciação luminosa do **astato**, um elemento extremamente raro na Terra, mas relativamente abundante nas minas de Titânio, que o teletransporte deu um grande passo. Em 2073, com ajuda da chamada **luz densa**, capaz de conduzir cem mil vezes mais informação e de forma cem mil vezes mais estável que a **luz laser**, a professora **Darling Oumou Koité** foi teletransportada ou teteada, como também se diz na atualidade, de Bamako (Mali) ao satélite saturnal Encélado. Foi a primeira vez que se teteou um humano pelo espaço exterior. A partir de então, desencadeou-se em todos os países da Terra um autêntico furor de exploração e conquista do universo. Visto que o teletransporte anulava as distâncias e passou a não mais haver diferença entre percorrer um quilômetro ou um milhão de quilômetros, as potências terrícolas lançaram-se numa corrida para colonizar planetas remotos e explorar seus recursos. Foi a chamada **Febre do Cosmos**, e se converteu numa das principais causas do desencadeamento das **Guerras Robóticas**, que arrasaram a Terra de 2079 a 2090.

O teletransporte sempre teve elevados custos econômicos, razão pela qual só eram teteadas equipes de exploração de duas ou três pessoas. Como apenas se dispunha de informação mais ou menos confiável de poucas centenas de planetas que poderiam ser colonizáveis, não era raro que os enviados de diversos países coincidissem num objetivo, fosse por acaso ou graças à espionagem, com consequências frequentemente violentas. Inúmeros exploradores tombaram em combate ou foram assassinados, e os repetidos incidentes diplomáticos foram elevando a tensão mundial. À medida que os destinos mais conhecidos eram tomados ou se convertiam em territórios de acirrada disputa, as potências começaram a se arriscar mais em mandar seus exploradores para lugares mais distantes e ignorados, o que aumentou a já elevada mortalidade dos teletransportados. Em 2080, último ano da Febre do Cosmos, 98% dos exploradores da Terra acabou morrendo (cerca de 8.200 indivíduos, quase todos tecno-humanos), a maioria desaparecida em trânsito, ~~talvez desintegrada por erro no obscuro espaço intergaláctico, talvez volatilizada no ato ao ser teteada para um planeta inesperadamente cáustico.~~

Nessa ocasião, já havia se tornado público algo que os cientistas e os governos souberam desde os primórdios do uso dessa tecnologia: que o teletransporte é um processo atômicamente imperfeito e pode ter seriíssimos efeitos colaterais. É

uma consequência do **princípio de incerteza de Heisenberg**, segundo o qual uma parte da realidade não pode ser medida e está sujeita a alterações infinitesimais, porém essenciais. Isso significa que todo organismo teletransportado sofre alguma alteração microscópica: o sujeito que se reconstrói no destino não é o mesmo que o sujeito de origem. Em geral, essas mutações são mínimas, subatômicas e insignificantes; mas algumas vezes as mudanças são importantes e perigosas: um olho que se desloca na órbita, um pulmão defeituoso, mãos sem dedos ou até crânios sem cérebro. Esse efeito destrutivo do teletransporte é denominado **distúrbio TT**, embora os indivíduos portadores de deformações visíveis sejam conhecidos coloquialmente como **mutantes**. Por outro lado, comprovou-se que se teletransportar em diversas ocasiões acaba produzindo, de forma inevitável, danos orgânicos. A possibilidade de sofrer um distúrbio TT grave aumenta vertiginosamente com o uso, chegando a cem por cento a partir do décimo primeiro teletransporte. Hoje em dia, somos regidos pelos **Acordos Globais de Cassiopeia** (2096), que proíbem que seres vivos (humanos, tecno-humanos, **Outros** e animais) se teletransportem mais de seis vezes ao longo de sua existência.

Os riscos dos trânsitos, a morte e o desaparecimento maciço dos exploradores, o elevado custo econômico e o começo das Guerras Robóticas acabaram com a Febre do Cosmos e com o entusiasmo pelo teletransporte. A partir de 2081, tal forma de transporte passou a ser usada somente para manter a exploração do longínquo planeta **Potosí**, único corpo celeste encontrado durante a Febre do Cosmos cujos recursos se revelaram suficientemente rentáveis para desenvolver uma indústria mineradora fora do sistema solar. Nos primeiros anos, a propriedade de Potosí era dividida entre a União Europeia, a China e a Federação Americana. Desde a Unificação, pertence aos Estados Unidos da Terra, embora as minas mais produtivas tenham sido vendidas ao **Reino de Labari** e ao **Estado Democrático do Cosmos**.

Em Potosí ocorreu o primeiro encontro documentado entre os seres humanos da Terra e os Outros, ou ETs, seres extraterrestres. Em 3 de maio de 2090, data desde então chamada **Dia Um**, uma nave alienígena aterrissou no setor chinês da colônia mineradora. Eram exploradores **gneses**, um povo oriundo do planeta **Gnio**, próximo a Potosí; ambos orbitam a mesma estrela, **Fomalhaut**. Sua nave era muito rápida e tecnicamente muito avançada, ainda que seu método de deslocamento fosse convencional e viajassem a velocidades muito inferiores à da luz. Desconheciam o teletransporte material, mas haviam desenvolvido uma

técnica de comunicação ultrassônica com apoio de feixes luminosos que alcançava distâncias fabulosas em tempo recorde. Graças a essas mensagens ou **telegneses**, os gneses haviam estabelecido contato não visual com outras remotas civilizações extraterrestres: os **omaás** e os **balabis**. Os humanos não estavam mais sozinhos no universo.

O impacto de tão fundamental descoberta foi absoluto. Três dias mais tarde, firmava-se a **Paz Humana**, que acabou com as **Guerras Robóticas**. Embora o acordo tenha sido sem dúvida impulsionado pelo temor que os extraterrestres infundiram aos habitantes de nosso planeta (~~o próprio nome Paz Humana parece querer ressaltar a unidade da espécie contra os alienígenas~~), em poucos anos foi se desenvolvendo um sentimento positivo de coletividade que, em 2098, culminou com o processo de Unificação e a criação dos Estados Unidos da Terra. Em paralelo, estabeleceram-se contatos com as três civilizações ETs, e sem dúvida a existência do teletransporte foi o dado substancial que permitiu um verdadeiro intercâmbio político e cultural entre os quatro mundos: pela primeira vez, todos puderam se encontrar fisicamente. Houve estudos, informes, formação intensiva de tradutores, negociações, pré-acordos, envio de emissários por TT, miríades de telegneses sulcando as galáxias e uma frenética atividade diplomática através do universo.

Logo ficou claro que as quatro espécies não competiam entre si de modo algum e que não representariam perigo umas para as outras: a distância entre os planetas de origem era muito grande, e o teletransporte, igualmente prejudicial a todos. A grandeza do cosmos pareceu de algum modo fomentar a grandeza humana, e as conversas avançaram em rápida harmonia, até culminar nos Acordos Globais de Cassiopeia de 2096, primeiro tratado interestelar da história. Os acordos regulam o uso e os direitos autorais das tecnologias (~~por exemplo, compramos telegneses e de nós são comprados teletransportes, mas tanto a propriedade intelectual quanto os direitos de exploração são exclusivos da civilização que desenvolveu a invenção~~), o intercâmbio mercantil, o tipo de divisa, o uso do teletransporte, as condições migratórias etc. Diante da necessidade de cunhar um termo que definisse os mais novos companheiros do universo e nos identificasse com eles, foi aceita a expressão **seres sencientes**, proveniente da tradição budista. Os sencientes (**g'naym**, em língua gnês; **laluala**, em balabi; **amoa**, em omaanês) são um novo escalão na taxonomia dos seres vivos. Se o ser humano pertencia até agora ao reino *Animalia*, ao filo *Chordata*, à classe *Mammalia*, à ordem *Primates*, à família *Hominidae*, ao gênero *Homo* e à espécie *Homo sapiens*, a partir dos acordos acrescentou-se nova categoria: a

linha *Senciente*, situada entre a classe e a ordem, porque, curiosamente, todos os extraterrestres parecem ser mamíferos e possuir algum tipo de pelo.

Embora o teletransporte tenha permitido que as quatro civilizações intercambiassem embaixadores, não é muito comum ver um alienígena em pessoa na Terra. As delegações diplomáticas são compostas de três mil indivíduos cada, espalhados pelas cidades mais importantes dos EUT; a isso se devem somar uns dez mil omaás, que se tetearam à Terra fugindo de uma guerra religiosa em seu mundo. No total, portanto, há menos de vinte mil alienígenas em nosso planeta, um número ínfimo diante dos quatro bilhões de terrícolas. Ainda assim, sua aparência peculiar é sobejamente conhecida graças às imagens dos noticiários. O nome oficial dos extraterrestres é **os Outros**, ~~mas eles são em geral conhecidos como *bichos*.~~

— ENCONTREI ISTO NA MINHA MESA HÁ DOIS DIAS — disse Myriam Chi.

Inclinou-se para a frente e entregou a Bruna uma pequena bola holográfica. A rep colocou-a sobre a palma da mão e apertou o botão. De imediato, formou-se em sua mão uma imagem tridimensional da líder do MRR. Não tinha mais de dez centímetros de altura, mas mostrava com nitidez uma Myriam de corpo inteiro, sorrindo e acenando. Logo surgiu do nada uma mão minúscula armada com um punhal, e a lâmina, enorme por comparação, rasgou de cima a baixo o ventre da rep e tirou com habilidade os intestinos, usando a ponta da arma como torniquete. As tripas se esparramaram, e o holograma se apagou. Era tudo, e era o bastante.

— Que merda! — murmurou Bruna, sem querer.

Sentira o impacto da cena no estômago, mas um milésimo de segundo depois conseguiu recuperar o controle. Voltou a apertar o botão e agora observou melhor.

— Você está sorrindo o tempo todo. Deve ser uma imagem dos noticiários, ou de...

— É o final de uma palestra do ano passado. Nós a holografamos por inteiro e é vendida em nossa tenda de recordações. Os simpatizantes a compram. É uma forma de angariar fundos para o movimento.

— Ou seja, qualquer um pode consegui-la.

— Temos muitos simpatizantes, e esse holograma é uma de nossas peças mais vendidas.

Bruna percebeu um timbre peculiar nas palavras de Myriam, um toque de ironia, e levantou os olhos. A mulher devolveu-lhe um olhar impenetrável. A cabeleira castanha comprida e ondulada, o traje bem-cortado, o rosto maquiado. Para líder de um movimento radical, o aspecto era curiosamente convencional. Voltou a acionar a bola. A imagem superposta da estripação parecia real, não virtual. Possivelmente era de um animal em algum matadouro.

— De fato, é uma montagem bastante grosseira, Chi. Eu diria que é trabalho doméstico. Mas o resultado é bem eficaz, porque toda essa inesperada e

medonha carnificina impede que se preste atenção aos defeitos. Posso ficar com ele?

— Claro.

— Devolverei depois que analisar.

— Como você pode entender, não o quero para nada. Mas, pensando bem, suponho que seja uma prova que se deva conservar.

“Ah”, pensou Bruna, “agora te peguei”. Myriam tinha acompanhado a frase de um pequeno suspiro, e sua atitude firme e algo prepotente de líder mundial que está acima dessas pequenezas tinha se quebrado um pouco, mostrando um vislumbre de medo. Era nítido que estava assustada, e com razão. Husky recordou vagamente alguns incidentes anteriores, manifestantes violentos em seus comícios e até uns supremacistas que tentaram lhe dar um tiro... ou jogar uma bomba? Ao chegar à sede do MRR, precisara passar por vários controles, inclusive um escaneamento de corpo inteiro.

— E você diz que, além de você, só há duas outras pessoas autorizadas a entrar neste gabinete?

— É isso. Meu ajudante e a chefe da segurança. E nenhum dos dois abriu a porta. No registro da atividade da fechadura não consta entrada alguma desde que saí daqui, na noite anterior, até minha volta na manhã seguinte. E quando saí a bola holográfica não estava na minha mesa.

— O que significa que alguém manipulou esse registro... Talvez alguém de dentro. A chefe da segurança?

— Impossível.

— Você se surpreenderia ao conhecer as infinitas possibilidades do impossível.

Myriam pigarreou.

— É minha companheira. Vivemos juntas há três anos. Eu a conheço. E nós nos gostamos.

Bruna teve uma visão fugaz de Myriam como objeto amoroso. Aquela fria autoconfiança pontilhada pela fragilidade do medo. Aquela ativismo arrebatado e impertinente unido a seu aspecto tradicional. Mas tinha inclusive as unhas pintadas à moda antiga! Tanta contradição aumentava seu atrativo. Por um instante, Bruna pensou que era capaz de entender a chefe da segurança. Achar Myriam atraente a deixou de mau humor.

— E o que me diz do seu ajudante? Também gosta dele o suficiente para isentá-lo de culpa? — perguntou com desnecessária grosseria.

Myriam Chi não se intimidou.



— Ele também está fora de qualquer suspeita. Trabalhamos juntos há muitos anos. Não se equivoque, Husky. Não perca tempo buscando onde não deve. Repito que isso está relacionado ao tráfico de memórias adulteradas, tenho certeza. É isso o que deve investigar e por isso escolhi exatamente você: porque viu uma das vítimas.

Ela já tinha sido bem clara, logo de entrada, em tom imperativo. A líder do MRR lhe explicara que, antes de Cata Caim, quatro outros reps já haviam sido mortos em condições similares. E que, quando ela se interessou pelo assunto e foi falar com os amigos e os companheiros das vítimas, começou a receber pressões estranhas: telefonemas anônimos e não rastreáveis que a aconselhavam a esquecer tudo, mensagens no computador com um tom crescente de ameaça e, por último, a bola holográfica, mais intimidadora pelo fato de ter aparecido em seu gabinete do que pelo conteúdo truculento. Bruna não estava acostumada a ter seus clientes lhe dizendo o que deveria fazer, muito pelo contrário. As pessoas contratavam um detetive particular quando estavam perdidas. Quando se sentiam ameaçadas, mas não tinham certeza de qual era o perigo, ou quando precisavam demonstrar uma suspeita obscura, tão obscura que não sabiam por onde começar a procurar. Os clientes de um detetive particular sempre estavam mergulhados em confusão, porque de outra maneira teriam recorrido à polícia ou aos juízes; e, por experiência própria, Bruna sabia que, quanto mais confuso estivesse quem o contratava, melhor funcionaria a relação profissional, porque mais liberdade deixava o cliente ao investigador e mais lhe agradeceria qualquer pequeno detalhe encontrado. Na realidade, um detetive particular era um granjeador de certezas.

— Por que você não foi à polícia?

Chi sorriu com ironia.

— À polícia humana, você quer dizer? Quer que eu vá perguntar a eles por que há alguém por aí matando reps? Acha que vão se interessar?

— Também há agentes tecno-humanos.

— Ah, sei. Quatro pobres imbecis servindo de álibis. Vamos, Husky, você sabe que somos totalmente discriminados. Somos uma espécie subsidiária e cidadãos de terceira classe.

Bruna realmente sabia, mas acreditava que a discriminação contra os reps se englobava numa discriminação maior: a dos poderosos contra os iludidos. Como aquela pobre humana do bar de Oli, a mulher-anúncio da Texaco-Repsol. O mundo era essencialmente injusto. Talvez os reps precisassem suportar condições piores, mas por alguma razão a detetive detestava se sentir parte de um coletivo

de vítimas. Preferia pensar que a injustiça era democrática e disparava seus formidáveis golpes contra todo mundo.

— Além do mais, não confio na polícia, porque é provável que o inimigo tenha pessoas infiltradas lá. Estou convencida de que por trás desse assunto das memórias adulteradas há alguma coisa muito maior. Alguma coisa política.

“Ora”, pensou Bruna com irritação, “com certeza ela vai dizer agora que há um conluio. Estamos entrando na zona paranoica típica de todos esses movimentos radicais”.

— Alguma coisa que pode até ser uma conspiração.

— Bem, Chi, permita-me duvidar. De modo geral, não sou nada partidária das teorias conspiratórias — exclamou Bruna, sem poder evitar.

— Entendo sua posição, mas os conluios existem. Veja as recentes revelações sobre o assassinato do presidente John Kennedy. Enfim se soube o que aconteceu.

— E a esta altura, um século e meio depois do homicídio, ninguém se interessou pela verdade. Não digo que não existam conspirações; digo que há muito menos do que se imagina, e que na verdade são amadorismos improvisados, e não perfeitas estruturas maquiavélicas. As pessoas acreditam em conspirações porque é uma forma de acreditar que, no fundo, o horror tem uma ordem e um sentido, embora seja um sentido perverso. Não suportamos o caos, mas o certo é que a vida é puro contrassenso. Puro som e fúria.

Myriam olhou-a com alguma surpresa.

— Shakespeare... Citação muito culta para alguém como você.

— E como eu sou?

— Uma detetive. Uma rep de combate. Uma mulher com a cabeça raspada e uma tatuagem que lhe divide o rosto.

— Sei. Pois a mim também surpreende que uma líder política reconheça as palavras de Shakespeare. Eu imaginava que as ativistas como você dedicassem a vida à causa, não a ler e a pintar as unhas.

Myriam deu um sorriso torto e abaixou a cabeça por um instante, pensativa: quando a levantou, seu rosto voltava a mostrar aquela inesperada fragilidade que a detetive imaginava ter vislumbrado momentos antes.

— Por que você não gosta de mim, Husky?

A detetive se mexeu, incomodada, na cadeira. Na verdade, arrependia-se de ter falado tanto. Não sabia por que se comportava daquela forma tão incomum. Discutir o caos da vida com um cliente? Devia estar perdendo o juízo.

— Não é isso. Digamos que a vitimização me cansa.

“E fiz de novo!”, assombrou-se Bruna. Continuava polemizando com Chi de maneira incontrolável.

— Você considera vitimização o fato de, por exemplo, denunciar que os laboratórios não estudam a cura do TTT? Tenho dados: apenas 0,2 por cento do pressuposto de pesquisa médica é investido na busca de um medicamento para o Tumor Total Tecno, embora nós reps sejamos 15 por cento da população e morramos todos do mesmo mal.

“Quatro anos, três meses e 23 dias”, pensou Bruna sem poder evitar. Como também não pôde evitar o impulso fatal de continuar a discutir.

— Considero vitimização acreditar que o universo inteiro está confabulando contra alguém, como se alguém fosse o centro de tudo. O sentimento de superioridade é um defeito que costuma acompanhar a vitimização, como se alguém tivesse algum mérito por ser como quis o acaso.

— O acaso e a engenharia genética dos humanos, no nosso caso — sussurrou Myriam.

As duas mulheres permaneceram caladas, e os segundos se passaram com constrangedora lentidão.

— Conheço você, Bruna — disse por fim a líder do MRR, com voz suave. Tão suave que o repentino uso do nome próprio pareceu necessário e natural. — Conheço gente como você. Você está tão cheia de raiva e de pesar que não consegue expressar em palavras o que sente. Se admitir a dor, tem medo de acabar sendo apenas uma vítima; e, se admitir a fúria, tem medo de acabar sendo um carrasco. A questão é que você detesta ser um rep, mas não quer reconhecer.

— Não me diga!

— Por isso você fica tão impaciente e intrigada comigo — continuou Myriam, impassível. — Porque represento tudo o que você teme. Essa natureza rep que você odeia. Relaxe: na verdade, trata-se de um problema muito comum. Veja os da Plataforma Trans... Você sabe o que é, a associação que engloba todos os que querem ser o que não são: mulheres que querem ser homens, homens que querem ser mulheres, humanos que querem ser reps, reps que querem ser humanos, negros que querem ser brancos, brancos que querem ser negros... Por enquanto parece não haver *bichos* que queiram ser terrícolas e vice-versa, mas vamos chegar lá; ainda temos pouco tempo de contato com os alienígenas. Acho que tanto os humanos quanto os reps somos criaturas doentes; sempre nos parece que nossa realidade é insuficiente. Por isso consumimos drogas e nos implantamos memórias artificiais: queremos

escapar da clausura de nossas vidas. Mas garanto que a única maneira de solucionar o conflito é aprender a se aceitar e a encontrar seu próprio lugar no mundo. E isso é o que fazemos no MRR. Por isso nosso movimento é importante, pois...

A contragosto, Bruna tinha acompanhado com alguma atenção as palavras de Chi, mas, quando a mulher mencionou o MRR, uma borbulha de irrefreável e libertador sarcasmo subiu à boca da detetive.

— Eloquente discurso, Chi. Um comício estupendo. Você deveria holografá-lo e vendê-lo na sua lojinha de lembranças. Mas o que acha de voltar ao nosso assunto?

Myriam sorriu. Um pequeno trejeito contraído e frio.

— Claro, Husky. Não sei no que eu estava pensando. Esqueci que acabei de contratá-la e que você cobra por hora. Meu ajudante lhe dará a documentação que reunimos sobre os casos anteriores e cuidará do assunto dos seus honorários. Pode pedir que ele acrescente algumas gaias pelo tempo que você gastou ouvindo o comício.

Bruna sentiu a ferroadada da pequena humilhação. Era como ter sido esbofeteada. E, de certa forma, com razão.

— Desculpe-me se antes pareci grosseira, Chi, mas...

Myriam a ignorou e continuou a falar. Ou melhor, a ordenar.

— Só mais uma coisa: quero que você vá falar com Pablo Nopal.

— Com quem?

— Com Nopal. O memorista. Você não sabe quem é? Pois deveria. Para azar dele, é bastante conhecido.

O nome de Pablo Nopal despertou, de fato, vagas ressonâncias na cabeça da detetive. Não era um que tinha sido acusado de assassinato?

— Ele teve problemas com a justiça, certo?

— Isso mesmo.

— Não lembro direito. Não gosto de memoristas.

— Azar o seu, porque me parece que neste caso você vai precisar falar com vários. Vá ver Nopal agora mesmo. Pode ser que ele saiba quem redigiu as memórias adulteradas. Veja o que descobre. Essa é a primeira tarefa, depois venha falar comigo. Quero que você relate tudo apenas a mim. É tudo por enquanto, Bruna Husky. Espero ter notícias em breve.

— Um momento, não falamos da sua segurança. Acho que você deveria modificar seus hábitos e tomar algumas medidas suplementares. Talvez devêssemos...

— Não é a primeira vez que me ameaçam de morte, e sei muito bem como me defender. Além disso, disponho de uma excelente chefe de segurança, como já disse. E agora, se não se importa, tenho uma manhã muito complicada.

Bruna se pôs de pé e apertou a mão da mulher. Uma mão de consistência dura e áspera, apesar das unhas pintadas num delicado tom de azul-claro. Na parede, atrás da cadeira de Myriam, havia um retrato emoldurado do inevitável Gabriel Morlay, o mítico reformador rep. Como parecia jovem! Jovem demais para sua fama. Chi, em compensação, mostrava pequenas rugas nas comissuras da boca e certa falta de frescor geral. Deveria já estar perto do TTT, embora continuasse a ser uma mulher bonita. O encanto de Myriam voltou a atingir Bruna como uma lufada de ar. A detetive se sentiu insatisfeita e incomodada. Suspeitava de que se comportara como uma idiota. Expulsou da cabeça aquele pensamento constrangedor e tentou se concentrar no novo trabalho. Pensou que precisava falar com aquela chefe de segurança tão excelente. O fato de ser a companheira amorosa de Myriam Chi não só não a isentava de culpa, como a convertia em suspeita. Estava estatisticamente comprovado que dinheiro e amor eram as principais causas dos crimes violentos.

**DEPOIS DO ENCONTRO COM CHI**, a detetive voltou para casa no trem aéreo e, antes de subir, passou no supermercado da esquina e comprou alguns suprimentos e um novo cartão de água purificada. Nas temporadas sem trabalho, a androide nunca encontrava tempo para atender às necessidades do dia a dia, apesar de supostamente dispor de todo o tempo do mundo. A despensa se esvaziava, as prateleiras se cobriam de camadas de poeira, e os lençóis se eternizavam na cama até adquirir um cheiro quase sólido. Entretanto, quando recebia uma incumbência, Bruna precisava pôr o ambiente em ordem para poder se sentir tranquila. Ter a mente a postos era um requisito essencial em sua profissão, pois o bom detetive não era o que melhor investigava, mas o que melhor pensava. Por essa razão, depois de guardar as compras na cozinha e inserir o cartão de água no contador, Bruna dedicou algumas horas a limpar e organizar a casa, lavar a roupa suja e jogar fora as garrafas vazias que se alinhavam como pinos de boliche junto à porta.

Depois, serviu-se de um copo de vinho branco, sentou-se diante da tela principal e, por alguns minutos, desfrutou a preciosa tranquilidade de seu apartamento. Começou a pensar no novo caso e na maneira de abordá-lo. Os primeiros movimentos de uma investigação eram importantes; se você se engana, pode às vezes acabar perdendo muito tempo e somando confusão ao que já está confuso. Pegou o tablet, porque tomar notas manualmente parecia ajudá-la a raciocinar, e começou a anotar as ideias que lhe passavam pela cabeça. Embora não se tratasse de uma lista de prioridades, uma picuinha rebelde a fez deixar para mais tarde o memorista, desobedecendo às palavras da líder rep, que lhe ordenara começar por ele. Mas escreveu no tablet: “Por que Chi interessada em Nopal?” Depois, foi acrescentando outras observações: “Holograma”, “Ameças a Chi”, “Registro bloqueio: MRR”, “Traficantes”, “Documentar quatro casos anteriores”, “Vítimas, acaso ou escolha?” Após alguma hesitação, acrescentou: “Pablo Nopal.” Disse a si mesma que colocá-lo em oitavo lugar já era desobediência suficiente à imposição de Myriam.

Abriu a bola holográfica e tirou o chip. Colocou-o no computador e começou a esmiuçar a imagem com um programa de análises. Era o mesmo programa usado pela polícia, uma poderosa ferramenta que na mesma hora refez o fragmento inicial de Myriam e mostrou as credenciais da imagem — sem dúvida correspondiam ao MRR. Quanto ao anexo truculento, o sistema não conseguiu encontrar na rede a sequência original, de modo que a reconstruiu de maneira hipotética. Era a evisceração de um porco talvez proveniente de um matadouro legal, pois o animal parecia executado segundo o método regulamentar de anestesia e eletropunção. As credenciais tinham sido cuidadosamente apagadas, assim como qualquer rastro eletrônico, o que fazia com que o lugar fosse praticamente impossível de localizar. Embora o número de matadouros tivesse diminuído muito, em parte pela crescente sensibilidade animalista e em parte porque, para reduzir as emissões de CO<sub>2</sub>, o governo obrigasse a compra de uma licença caríssima para comer carne, ainda restavam centenas deles em funcionamento por todo o planeta. Além disso, a gravação poderia ter sido feita em qualquer momento dos três últimos anos, que era, segundo o programa, a idade máxima do suporte. Quanto ao chip em si e à bola holográfica, eram produtos básicos e totalmente vulgares, os mesmos que um estudante poderia comprar na lojinha da esquina para preparar um holograma como dever de casa. Seria muito difícil extrair algo útil de tudo aquilo. Mesmo assim, ela iniciou uma exaustiva análise da sequência do porco e deixou-a trabalhando em segundo plano. Colocou no chef-express uma bandeja individual de croquetes de carne e, num minuto, tudo estava cozido. Tirou a tampa, serviu-se de outro copo de vinho e voltou para a frente da tela principal para comer direto da embalagem.

— Procure Pablo Nopal — disse em voz alta.

Apareceram diversas possibilidades, e Bruna tocou uma, lambuzando um pouco a tela com a gordura da comida. No mesmo instante, viu-se a imagem do homem, uma foto tridimensional da cabeça, em tamanho real, no lado direito da tela, e diversas filmagens em movimento do lado esquerdo. Moreno, magro, nariz afilado e comprido, lábios finos, grandes olhos negros. Um tipo atraente. Trinta e cinco anos. A idade do TTT, se fosse um rep. Mas não era. Nopal, dizia a ficha, era dramaturgo e romancista, além de memorista. E gozava de alguma celebridade, não só pelos seus livros, bastante apreciados, mas também por alguns escândalos que tinha nas costas. Sete anos antes, fora acusado do assassinato de seu tio, um velho aristocrata milionário de quem era, por acaso, o único herdeiro. Chegou a permanecer alguns meses em prisão preventiva, mas no fim houve um

mal-explicado imbróglio sobre contaminação de amostras e Nopal acabou absolvido por falta de provas. No entanto, sua reputação ficou manchada, e muitos continuaram a acreditar em sua culpa. Como consequência, o governo deixou, desde então, de lhe encomendar memórias, de modo que o homem não voltara a executar aquele trabalho.

“Pelo menos oficialmente”, disse Bruna para si mesma, porque as memórias do mercado negro também precisavam de um memorista que as escrevesse. Três anos depois de sua absolvição, Nopal se viu de novo implicado numa morte violenta, dessa vez a de seu secretário particular. Ele fora o último a ver a vítima com vida e ficou por algum tempo na mira da polícia, embora nunca tenha sido processado. Como é natural, todos aqueles incidentes obscuros aumentaram as vendas de seus livros. Nada melhor do que uma má reputação para alguém se tornar famoso no mundo das letras.

Bruna observou com atenção o rosto de Nopal. Era atraente, mas inquietante. Um sorriso fácil, mas irônico demais, duro demais. Olhos de expressão indecifrável. Publicara três romances, o primeiro poucos meses antes da morte do tio. Intitulava-se *Os violentos*, e sua aparição foi celebrada como um pequeno acontecimento cultural. Bruna inseriu sua senha e seu número de crédito, pagou cinco gaias pelo livro e baixou o texto no tablet. Tencionava dar apenas uma olhada, mas começou a ler e não conseguiu parar. Era um romance curto e inquietante, a história de um garoto que vivia numa zona de Ar Zero. Bruna, durante a milícia, estivera num desses setores hipercontaminados e marginais, e foi obrigada a reconhecer que o autor sabia transmitir a desesperada e venenosa atmosfera do maldito buraco. O caso era que o garoto ficava amigo de uma adolescente recém-chegada, filha de uma juíza. Os magistrados, como os médicos, os policiais e outros profissionais socialmente necessários, eram destinados aos setores de ar sujo recebendo o dobro e por um período máximo de um ano, para evitar repercussões na saúde; e ainda assim, Bruna sabia, muitos se negavam a ir. A novela narrava a relação dos jovens durante aqueles 12 meses; no final, na noite antes da partida da juíza e de sua família, os dois matavam a mãe da menina a marteladas.

A cena era brutal, mas o romance estava escrito de forma tão convincente, tão verossímil e angustiante, que Bruna sentiu uma clara cumplicidade com os assassinos e desejou que escapassem da justiça. Mas isso não aconteceu, o que tornou o final da história deprimente.

Bruna desligou o tablet, entorpecida por passar várias horas na mesma posição e com uma rara sensação de desconsolo. Havia algo naquele maldito



romance que parecia escrito só para ela. Algo estranhamente próximo, reconhecível. Algo que beirava o insuportável. Quatro anos, três meses e 23 dias.

Levantou-se num pulo e andou, febril, de um lado para o outro. O apartamento não tinha mais do que dois ambientes — a sala-cozinha e o quarto —, e nenhum dos dois cômodos era muito grande, de modo que a cada dois passos esbarrava em algo e precisava voltar.

Olhou pela janela: a cidade brilhava e zumbia na escuridão. Aproximou-se do grande tabuleiro de quebra-cabeça: havia mais de dois meses que o montava e ainda existia um buraco central de quase cem peças. Era um dos mais difíceis que já fizera: tratava-se de uma imagem do universo, e havia um imenso negrume e poucos corpos celestes pelos quais se orientar. Olhou por alguns instantes as bordas dentadas do espaço vazio e manuseou as peças soltas, tentando encontrar alguma que se encaixasse. A ordem escondida dentro do caos. Em geral, quando resolvia quebra-cabeças, ficava mais perto da serenidade do que em qualquer outro momento de sua vida convulsionada, mas agora não conseguia se concentrar, e acabou desistindo sem ter conseguido colocar uma única peça no lugar. A culpa era de Nopal, pensou, e daquele asqueroso romance do qual se sentira tão próxima; os fodidos memoristas eram todos igualmente perversos, igualmente repugnantes. Então, e como tantas outras vezes em que o desassossego explodia em seu corpo, Bruna resolveu correr: o cansaço físico era o melhor tranquilizante. Vestiu umas velhas calças de ginástica, calçou os tênis e abandonou o apartamento. Quando pisou na rua, era meia-noite em ponto.

Saiu em disparada em direção ao parque, no começo tão descontrolada e tão depressa que logo ficou sem fôlego. Reduziu o passo e tentou manter um ritmo equilibrado, respirar bem, acomodar o corpo. Foi aos poucos entrando naquela cadência relaxante e hipnótica das boas corridas, os pés quase sem peso tocando o chão no compasso das batidas do coração. Por cima de sua cabeça, as telas públicas derramavam as estúpidas mensagens habituais, gracinhas juvenis, cliques musicais, imagens privadas das últimas férias de alguém ou notícias cobertas por jornalistas aficionados. Numa tela, viu a explosão de um Ins na Gran Via, por sorte não causando mais mortes além da sua. Menos mal que por enquanto os Terroristas Instantâneos fossem tão incompetentes e tão lerdos que quase nunca conseguiam provocar muito dano, pensou a androide; mas quando aqueles insanos antissistema aprendessem a se organizar e a fabricar direito suas bombas caseiras, os Ins se converteriam num pesadelo — toda semana algum deles se imolava em Madri, e não se sabia muito bem o motivo. Bruna entrou no parque pela porta da esquina e cruzou o recinto em diagonal. Não era um parque

vegetal, e sim um pulmão. A rep gostava de correr entre as fileiras de árvores artificiais porque era mais fácil respirar: elas absorviam muito mais anidrido carbônico do que as árvores dos parques tradicionais, e a elevada concentração de oxigênio era nitida. Yiannis lhe contara que, décadas atrás, as árvores artificiais eram construídas de modo a imitar parcialmente as verdadeiras, mas há muito tempo haviam sido abandonadas aquelas formas miméticas, e um desenho mais eficiente fora adotado. A androide conhecia pelo menos meia dúzia de modelos de árvores, mas as daquele parque-pulmão, propriedade da Texaco-Repsol, eram como enormes pendões de uma finíssima rede metálica quase transparente, tiras flutuantes de um metro de largura e talvez dez de altura, que se mexiam com o vento e produziam pequenos chiados de cigarra. Cruzar o parque era como atravessar as barbatanas de uma imensa baleia.

Quando saiu do outro lado, Bruna se surpreendeu ao virar à direita, ao invés de ir para a esquerda e voltar para casa pela avenida da Rainha Vitória, como planejara. Trotou durante um minuto sem saber muito bem aonde ia, até compreender que se dirigia para os Novos Ministérios, um dos buracos marginais da cidade, uma zona de prostituição e venda de drogas — talvez pudesse encontrar ali algum traficante de memórias. Não era o lugar mais recomendável para passear à noite e sem armas, mas, por outro lado, um rep de combate praticando esportes também não deveria ser o objetivo mais desejável para os malfeitores.

Apesar do nome, os Novos Ministérios eram muito velhos. Havia sido construídos há dois séculos como centros oficiais; tratava-se de um conjunto de edifícios unidos entre si, que formavam uma gigantesca massa ziguezagueante, e passou a ser um amontoado de cimento feio e inóspito desde o momento de sua inauguração. Durante as Guerras Robóticas, os Novos Ministérios foram utilizados para realocar as pessoas desalojadas, e não houve como tirá-las de lá depois. Os refugiados iniciais sublocaram quartos de maneira ilegal a outros inquilinos, e o ambiente se degradou com rapidez. As janelas estavam quebradas; as portas, queimadas; e os antigos jardins eram imundas esplanadas vazias. Mas também havia bares barulhentos, antros sórdidos de Dalamina, cabarés miseráveis. Todo um mundo de prazeres ilegais regido pelas gangues locais, que eram quem pagava pelo direito ao ar.

Bruna chegou ao perímetro exterior dos Novos Ministérios e passou pela frente do Cometa, o lugar mais famoso da zona, um covil fronteiriço, até que chegassem alguns clientes acomodados desejosos de conhecer o lado obscuro da vida. A música era atordoante, e nas vizinhanças da porta havia muita gente. A

maioria, corpos de aluguel, calculou a detetive com um rápido passar de olhos. Exatamente naquele instante um rapaz de aspecto adolescente emparelhou com ela e passou a trotar a seu lado.

— Oi, garota grande. Vejo que gosta de esportes. Que tal uns exercícios comigo dentro? Faço maravilhas.

Bruna olhou para ele: tinha os típicos olhos de pupila vertical, mas parecia jovem demais para ser um androide. Poderia ter feito uma cirurgia estética, mas o mais provável era que usasse lentes para parecer um rep. Muitos humanos sentiam uma mórbida curiosidade sexual pelos androides, e os prostitutas se aproveitavam disso.

— Você é humano ou tecno?

O garoto a olhou, hesitante, avaliando que resposta seria mais conveniente.

— O que você prefere?

— Na verdade não dou a mínima. Era curiosidade, não negócios.

— Vamos, se anime. Tenho *caramelos*. Da melhor qualidade.

*Caramelos*. Ou seja, oxitocina, a droga do amor. Uma substância legal que os pares estáveis compravam nas farmácias para melhorar e revigorar a relação, mas com a diferença de que os *caramelos* eram coquetéis explosivos de oxitocina em doses maciças, combinados com outros neuropeptídios sintéticos. Uma verdadeira bomba, evidentemente proibida, que Bruna experimentara uma vez com efeito fulminante. Mas não era nem a hora, nem o lugar.

— Não perca seu tempo. Estou falando sério. Não quero nada do que você tem para oferecer.

O rapaz franziu um pouco a testa, um tanto insatisfeito, mas suficientemente profissional para continuar a ser encantador. Como sempre dizia consigo mesmo, um *não* redondo de hoje poderia ser um *sim-mete-em-mim* de amanhã.

— Tudo bem, cara riscada. Outro dia. E se eu fosse você, linda, não continuaria a correr por aí. É uma zona perigosa, mesmo para garotas fortes.

Tinham chegado ao primeiro edifício, onde começavam as esplanadas escuras do interior. O sujeito fez a volta e começou a trotar em direção à já distante luz do Cometa.

Então, Bruna teve uma ideia.

— Espere!

O garoto regressou, sorridente e esperançoso.

— Não, não é isso — apressou-se a dizer a rep. — É só uma pergunta: os *caramelos*, você compra de alguém, certo?

— Quer que eu te repasse alguns?

— Não. Também não é isso. Mas me interessam os que vendem drogas. Você conhece os traficantes da região?

O sorriso sumiu da boca do garoto.

— Ouça, não me arrume confusão. Fui.

Bruna agarrou-o pelo braço.

— Calma aí. Não sou polícia nem *avião*, não tenha medo. Dou cem geses se você me responder a umas perguntas muito simples.

O prostituto parou para pensar.

— Primeiro você me dá o dinheiro, e depois eu respondo.

— Está bem. Não trago dinheiro vivo, então acione seu modo receptor.

Ativaram os celulares, e Bruna teclou no seu a quantidade de cem gaias e enviou a ordem. Um sinal sonoro confirmou a transferência do dinheiro.

— Legal. Pode falar.

— Estou interessada nas memórias artificiais. Você sabe de alguém que venda por aqui?

— As *memas*? Não sei. Não uso. Mas ali no fundo, do outro lado daquela casinha meio destruída, onde está o farol vermelho, tem uma boca de fumo. E já ouvi que depois da boca, entre os arcos, é onde ficam os traficantes.

— Você escuta direito? Não me enche. E você, onde consegue os *caramelos*?

— Olha, sou um profissional. Tenho um fornecedor pessoal que me leva em casa, um senhor, nada a ver com essas coisas, ele só vende oxitocina. Aqui são drogas, *morangos*, *memas*, *gelo*... E não entendo nada disso, não me drogo. Fora os *caramelos*, que são parte do meu trabalho. Sinto muito, mas não tenho nada mais para você. Vá até o farol vermelho e olhe para os arcos que ficam à esquerda.

A androide suspirou.

— Essa informação não vale o dinheiro que te dei.

— Fazer o quê? Sou um bom menino — respondeu o outro com um sorriso encantador.

E, dando meia-volta, saiu correndo em direção ao bar.

Bruna começou a atravessar a esplanada sórdida. Metade das luzes estava quebrada, e as sombras se acomodavam de modo irregular, grumos de trevas na penumbra. Por sorte, ela podia ver bastante bem na escuridão, graças aos olhos melhorados dos reps. Supunha-se que as pupilas verticais servissem para isso, embora Myriam Chi e outros extremistas dissessem que os olhos felinos não passavam de um estratagema segregacionista para que os reps pudessem ser facilmente reconhecidos. De qualquer maneira, a visão noturna permitiu à detetive

distinguir várias dezenas de pessoas que, sozinhas ou em grupo, perambulavam pelo local. Cruzou com três ou quatro seres esquivos que se afastavam de seu caminho. Havia também alguns tipos dormindo pelo chão, ou talvez estivessem desmaiados, ou quem sabe mortos — chincheiros com o cérebro queimado pela droga; não passavam de vultos escuros, que se confundiam com os caixotes e outros lixos que cobriam a zona. Perto da porta da boca de fumo, viu dois replicantes de combate, sem dúvida gorilas contratados. Viram-na passar com um gesto furioso, como cães de guarda desesperados por não poder abandonar seu posto para morder o intruso. Bruna se dirigiu aos arcos, deixando para trás a boca de fumo. A luz vermelha do farol tinha a penumbra como um resplendor sanguinolento e fantasmagórico. Ela caminhou lentamente pela arcada; à sua frente, espessava-se a escuridão. Algumas pilastras depois, pareceu-lhe ver a silhueta de uma pessoa; estava concentrada em distinguir seu aspecto quando de repente alguém caiu em cima dela. Num reflexo automático de defesa, a rep agarrou o agressor pelos braços e estava prestes a dar com a cabeça do fulano no muro quando compreendeu que não se tratava de um assaltante, mas de um pobre-diabo que se chocara com ela sem querer. Pior ainda, era um menino. Um menino mesmo. O garoto a olhava apavorado. Bruna percebeu que quase tinha acabado com ele e soltou-o com suavidade. Por todos os demônios: o jovem parecia não ter nem a idade regulamentar.

— Quantos anos você tem?

— Qua... quatorze — gaguejou o garoto, esfregando os braços num gesto dolorido.

“Quatorze! Que merda ele faz na rua, desobedecendo ao toque de recolher para adolescentes?”

— O que está fazendo aqui?

— Fi... Fiquei na casa de um amigo.

A androide observou o tremor das mãos, as manchas no rosto, os dentes acinzentados. Eram os efeitos do *morango*, da Dalamina, a droga sintética da moda. Tão jovem e já tinha virado pó! A sombra que Bruna tinha visto alguns arcos depois se aproximava agora num passo calmo. Chegou junto deles e deu um sorriso tranquilizador. Era uma mulher de uns cinquenta anos, com uma orelha muito mais alta do que a outra: devia ser uma mutante deformada pelo teletransporte. A orelha fora do lugar aparecia entre os cabelos ralos quase no alto da cabeça, como a dos cães.

— Olá... o que procura aqui, amiga tecno?

A voz era surpreendentemente bonita, modulada e suave como um roçar de seda.

— Quero *morango*... Quero *morango*... — interrompeu o rapazinho, agitado pela necessidade.

— Calado, menino... Quem você acha que sou?

— Sarabi, me dá a pastilha, por favor — gemeu ele.

A mutante olhou Bruna de cima a baixo, tentando deduzir se a representava risco.

— Dá a maldita droga ao garoto. Para mim tanto faz — disse a detetive.

E era verdade, porque o menino já era dependente e precisava da dose para acalmar o *macaco*, e porque aquela criatura de corpo mirrado com certeza já tinha assaltado e roubado — talvez até matado — para conseguir o dinheiro da sua dose. Bandos de adolescentes enfurecidos aterrorizavam a cidade, e nem o toque de recolher conseguia contê-los de maneira eficaz. Quando pensava naqueles adolescentes ferozes, Bruna sofria um pouco menos por saber que não podia ter filhos.

— Só que não te conheço — grunhiu a mulher.

— Nem eu a você — respondeu Bruna.

— Posso usar um caça-mentiras?

— Esse troço ridículo? Bem, por que não?

A mulher pegou uma espécie de pequena lente e colocou-a diante de um dos olhos de Bruna.

— Você tem alguma intenção de me fazer mal? — perguntou em tom enfático.

— Claro que não — respondeu a detetive.

A mutante guardou a lente, satisfeita.

Supunha-se que os caça-mentiras captavam determinados movimentos da íris quando alguém não dizia a verdade. Eram vendidos por catálogo, por dez gaias, e eram um verdadeiro embuste.

— Por favor, por favor, Sarabi, me dá o *morango*...

— Calma, garoto. Pode ser que eu tenha alguma coisa pra você, mas antes você também tem que me dar alguma coisa...

— Sei, sei, claro... Pega.

O rapazinho tirou dos bolsos várias notas amassadas, que a mutante esticou e contou. Logo vasculhou a mochila de polipele marrom e dela extraiu um frasco transparente com um pequeno comprimido cor de fúcsia. O garoto arrancou-o da mão dela e saiu correndo. A mutante se voltou para Bruna.

— Você ainda não me disse o que quer...

A bela voz parecia uma anomalia a mais num personagem tão sinistro.

— Quero uma *mema*. Você vende?

A mulher fez um gesto melancólico.

— Mmmm, uma memória artificial... essas são palavras maiores. Em primeiro lugar, são muito caras...

— Não me importa.

— E eu não trafico isso.

— Tudo bem. Onde posso encontrar quem venda?

A mulher olhou em volta como se procurasse alguém, e Bruna seguiu a direção de seus olhos. Aparentemente, não havia ninguém nas arcadas, embora alguns metros adiante o lugar ficasse imerso em sombras, até para a visão melhorada da detetive.

— Na verdade, eu não saberia dizer. Antes costumavam aparecer por aqui alguns vendedores de *memas*, mas já não os vejo há muitas semanas. Parece que as coisas estão ficando feias no mercado de memórias. Você sabe, por causa dos mortos rep... desculpe, tecno.

— Sei, as duas vítimas recentes... — disse Bruna, jogando verde.

— Mmmm, mais de duas, mais de duas. E já houve outras antes.

— Como você sabe?

— Bem, tenho ouvidos... como você pode ver — disse a mutante, com uma risada.

E, de repente, ficou séria.

— Quanto você está disposta a pagar pela *mema*? Por uma de primeira qualidade, escrita por um verdadeiro artista memorista.

— Quanto custaria?

— Três mil gaias.

Bruna ficou sem ar, mas tentou manter uma expressão impassível. Enfim, esperava que o pessoal do MRR não a censurasse por conta dos gastos.

— Está bem.

— Pois olha, então você teve sorte. Porque não trafico isso, mas por acaso tenho aqui uma *mema* excelente que um colega me deu para pagar umas dívidas. Você tem os três mil geses?

— Não em dinheiro vivo. Faço a transferência.

A mulher agitou as mãos na frente dela como se estivesse apagando o vapor de um espelho.

— Não gosto de celulares. Deixam rastro.

— Pois é o que tem. Ou isso, ou nada.

A mutante pensou e resmungou durante meio minuto.

Depois tirou do bolso um tubo metálico comprido e estreito e apresentou-o a Bruna. Poderia muito bem estar lhe mostrando um termômetro para galinhas, porque a rep nunca tinha visto um aplicador de memórias como aquele. A mulher manipulou o computador de seu pulso.

— Está bem. Estou dura. Faça a transferência.

Quando ouviu o sinal, verificou os dados e entregou o tubo à detetive. Tinha mais ou menos meio centímetro de diâmetro e uns vinte de comprimento, e talvez fosse de titânio, porque não pesava nada. Bruna rolou-o algumas vezes entre os dedos.

— Você sabe, a *mema* está aí dentro. Aqui. Olha. E isso é a pistola de inserção. Sabe como funciona?

— Acho que sim, mas os aplicadores que conheço são diferentes. Maiores e mais parecidos com uma pistola de verdade.

— Então faz tempo que você não vê uma *mema*. Você tem que enfiar esta ponta mais fina no nariz. Enfia o mais que puder e aperta ao mesmo tempo estes dois botões... então a pistola fará as medições e colocará a memória para que tenha a trajetória adequada. Quando tiver feito isso, tocará um som de aviso e disparará. Demora mais ou menos um minuto. Você precisa ficar o mais imóvel possível durante todo o processo. Apoie a cabeça em algum lugar. E tome cuidado para colocar a ponta certa no nariz, ou vai aplicar a *mema* na mão... Aproveite bem.

Dera as explicações com certo tom de ironia na sua voz sedosa, como se a ignorância de Bruna a divertisse. Ou talvez — suspeitou a rep enquanto via a mulher desaparecer entre os arcos — como se estivesse contente por lhe cobrar mais do que deveria. “Ria enquanto pode”, disse a rep para si mesma, de modo vingativo: se descobrisse que a mutante estava de algum jeito envolvida nas mortes, sua alegria acabaria na mesma hora. A androide respirou fundo, tentando desfazer uma pressão no peito, e tomou o caminho da volta. Na metade da esplanada, começou a correr e não reduziu a velocidade até chegar em casa. Quando entrou em seu apartamento, apertava tanto o tubo metálico que tinha as unhas marcadas na palma.

Estava enopada de suor e com o estômago revirado. Olhou a *mema* e pensou: “É como ter um cadáver nas mãos.” Ainda pior: era como ter alguém vivo preso ali dentro. Uma existência inteira que aguardava com ansiedade sua libertação, como o gênio da lâmpada das *Mil e uma noites*. Lembrou-se dos dois reps de combate que tinha visto se injetarem uma memória, muito tempo antes, na milícia. Não parecia muito agradável, pelo menos no começo: os sujeitos



vomitaram. Mas algo de bom deveria ter, já que tantas pessoas agiam da mesma forma. Bruna introduziu o tubo no nariz. Estava de pé, no meio do quarto, sem se apoiar. Não ia disparar, era só para experimentar. O metal estava frio e era um pouco asfíxiante ter aquilo ali dentro. Doeria? Era só apertar dois botões e teria outra vida, seria outra pessoa. Sentiu um começo de náusea. Arrancou o tubo e jogou-o em cima da mesa. Precisava encontrar alguém que analisasse a *mema*. Talvez fosse um dos implantes adulterados.

**TANTO O METRÔ QUANTO OS TRENS ESTAVAM EM GREVE**, de modo que as esteiras rolantes estavam tão abarrotadas de gente que o peso excessivo diminuía a marcha, e em alguns casos chegava até a interrompê-la. Não havia como encontrar um táxi livre, e alguns, desesperados, tentavam pedir carona aos veículos particulares. Mas os poucos indivíduos autorizados a ter carro próprio não costumavam ser os mais solidários.

Bruna tinha saído de casa com tempo, prevendo a longa caminhada e a confusão habitual dos dias de greve, mas ainda assim era complicado abrir caminho entre as centenas de bicicletas e transeuntes. Eram 17h10, hora do rush, e já estava dez minutos atrasada para o encontro com Pablo Nopal. O memorista lhe propusera que se encontrassem no Museu de Arte Moderna, um lugar incômodo e inadequado para conversas, mas Bruna não podia impor condições: era ela quem havia pedido a reunião. Subiu de dois em dois as centenas de pequenos degraus que pareciam derramar-se como uma cascata de concreto em torno do enorme cubo luminoso do museu, aproximou o celular do pulso ao olho cobrador da entrada e atravessou o saguão como um raio, a caminho da sala de exposições temporárias. Ali, no umbral, viu o memorista. Camisa branca sem colarinho, calças pretas largas, um topete liso e escuro na testa. A própria imagem do casual elegante. Aquele cabelo tão brilhante seria o resultado de um tratamento capilar de luxo ou da herança genética de várias gerações de antepassados ricos? O escritor se apoiava na parede com graciosa indolência. Ao perceber a chegada da detetive, sorriu de lado e se endireitou. Só tinham se visto na tela, quando acertaram o encontro, mas sem dúvida a androide era facilmente reconhecível.

— Está atrasada, Husky.

— A greve. Me desculpe.

Bruna deu uma olhada em volta. No saguão principal que acabava de atravessar havia diversas poltronas. E no fundo, uma cafeteria.

— Onde quer conversar? Sentamos ali? Ou talvez você prefira tomar alguma coisa no café.

— Calma! Você está com pressa? Poderíamos primeiro passar os olhos pela exposição.

A rep observou-o com inquietação. Não sabia a que Nopal se propunha, não entendia bem qual era o jogo, e isso sempre lhe provocava desassossego. O homem tinha mais ou menos a mesma altura que ela, e os olhos ficavam exatamente em frente aos seus. Perto demais, inquisitivos demais. Pelo grande Morlay, como detestava os memoristas! A detetive desviou o olhar sem poder evitar e fingiu se interessar pelo cartaz que anunciava a mostra. Leu-o três vezes antes de compreender do que se tratava.

— “História dos Falsos: a fraude como arte revolucionária” — disse em voz alta.

— Interessante, não? — comentou Nopal.

A androide olhou para ele. A troco de quê, aquilo tudo? Encerraria alguma mensagem? Uma segunda intenção? A detetive já ouvira falar daquela exposição e nunca teria vindo vê-la por si mesma. Irritava-a o fenômeno dos Falsos, que eram a última moda em artes plásticas. Críticos pedantes e estetas delirantes haviam decretado que a impostura era a manifestação artística mais pura e radical da modernidade, a vanguarda do século XXII. Os artistas mais valorizados do momento eram todos falsificadores de sucesso cujas obras passaram por autênticas durante algum tempo. Porque, como lhe explicara Yiannis, que sempre sabia de tudo, para ser um verdadeiro Falso não só era preciso mimetizar à perfeição o quadro ou a escultura de um artista famoso, mas também conseguir que alguém assim acreditasse: um comprador, um galerista, um museu, os críticos, os meios de comunicação. Quanto maior o engano, maior o prestígio da falsificação uma vez desmascarada a impostura; e se ninguém percebia o artifício e era o próprio artista quem precisava revelá-lo ao fim de algum tempo, o objeto era considerado uma obra-prima. Essa moda havia modificado o mundo da arte: agora, nos leilões, muita gente subia loucamente as ofertas por um Goya, ou um Bacon, ou um Gabriela Lambretta, com a secreta esperança de que, em poucos meses, se descobrisse que era um Falso e triplicasse de valor.

— Pois, para ser sincera, é um tema que não me interessa em absoluto — grunhiu Bruna.

— Não? Que estranho! Achei que fosse gostar.

— Por quê? Porque também sou uma cópia, uma imitação, uma falsificação do ser humano?

Pablo Nopal sorriu de modo encantador. Encantador e nada confiável. Começou a andar pela sala, e Bruna se viu obrigada a segui-lo. Era um homem

magro e se movia de maneira leve e um tanto desconjuntada dentro de suas amplas roupas flutuantes.

— Em absoluto. Eu não disse isso. Pensei que você gostaria porque dizem que é uma pessoa inteligente; informei-me um pouco a seu respeito. E as pessoas inteligentes sabem que, de algum modo, somos todos uma fraude. Por isso os Falsos me parecem a mais perfeita representação do nosso tempo. Não são arte, são sociologia. Somos todos uns impostores. Enfim, a vejo extraordinariamente hipersensível, não acha, Husky? Eu, no seu lugar, procuraria analisar o porquê dessa suscetibilidade tão exacerbada.

“Porque você é um maldito memorista condescendente e pedante”, Bruna gostaria de responder. Ruminou as palavras por alguns segundos, tentando domesticá-las um pouco.

— Bem, não acredito que seja hipersensibilidade. É cansaço perante o preconceito. É como se a você impusessem um interesse pela impostura devido ao seu passado. Quero dizer, você deve estar acostumado a ter pessoas olhando para você e se perguntando quem você é de verdade. Pablo Nopal, o memorista e escritor? Ou o indivíduo que assassinou o tio e saiu da prisão porque desvirtuaram as provas?

Observou-o de soslaio, um pouco assustada com as próprias palavras. Talvez tivesse ido longe demais e a entrevista acabasse naquele mesmo instante. Mas aquele ar de superioridade enfatiada parecia pedir uma punhalada. Bruna conhecia aqueles tipos: gostavam de ser provocados, e até humilhados. Pelo menos um pouco.

— Mau exemplo, Husky. Não supus nada a seu respeito. Foi você quem imaginou a ofensa e foi logo se ofendendo. Isso é algo que também comentam sobre você. Dizem que tem pavio curto e é bastante intratável. A verdade é que meu tio era um homem mau, e sou inocente. Minha impostura se refere a outra coisa.

Contemplaram a exposição em silêncio durante alguns minutos. *Os Falsos recuperam o legado artístico histórico e o transmutam em intervenção social, simultaneamente reafirmando e negando seu sentido. Não se conhece ato maior de subversão cultural*, rezava um texto escrito na parede em letras tridimensionais. “As babaquices habituais”, pensou Bruna. Havia obras de diversas épocas, desde um quadro de Elmyr D’Ory, do século XX, até duas peças da famosa Mary Kings, a artista mais consagrada do momento, que criou um heterônimo, um suposto pintor *bicho* chamado Zapulek, e logo se dedicou a falsificar Zapuleks, ou seja, a falsificar a si mesma.

— Bem, vamos começar de novo — disse Nopal. — Para que você queria me ver? Vamos nos sentar ali.

Do outro lado da sala havia uma claraboia, e, debaixo dela, duas poltronas fofas. A verdade é que era um bom lugar para conversar, isolado e ao mesmo tempo tão visível que parecia transformar o encontro em algo casual e inocente. “Um lugar perfeito para um encontro difícil”, pensou Bruna, anotando mentalmente o dado para se alguma vez precisar de espaço semelhante. E por que Nopal o havia escolhido? Era evidente que não tinham acabado ali por acaso.

— Por que você me fez vir ao museu?

— Não gosto que as pessoas entrem na minha casa. E este lugar é confortável. Diga-me.

Não havia dúvidas de que era um sujeito extremamente reservado. De alguma forma tinha conseguido escamotear parte de sua biografia da rede. Por mais que buscasse, a androide não conseguira encontrar um único dado sobre sua infância. Nopal parecia sair do nada aos dez anos, quando foi oficialmente adotado pelo tio. Tanto mistério era uma proeza de desinformação naquela sociedade hiperinformada.

— Minha cliente, cujo nome não lhe disse, é Myriam Chi... — Bruna fez uma pausa microscópica para ver se a informação produzia alguma reação, mas o homem continuou imperturbável. — Ela acha que você poderia nos ajudar com a investigação.

— Que investigação?

— A dos reps que parecem enlouquecer de repente, matam outros andróides e se suicidam.

— O caso do trem...

— Não apenas esse. Na realidade, há pelo menos outros quatro casos semelhantes.

— E onde entro?

— Não foi dito publicamente, mas eles perdem a razão porque memórias artificiais adulteradas são implantadas. Alguém anda vendendo *memas* mortais.

Nopal curvou os lábios finos num sorriso ácido, inclinou-se para a frente, ficando a dois palmos da cara da mulher, e repetiu com irônica lentidão:

— E-onde-eu-entro?

“Que cara chato”, pensou Bruna. Aquele era um daqueles momentos em que Bruna desejava que continuasse vigente o uso do *senhor*, um tratamento que tudo indicava ter sido cortês de origem, mas que no final, antes de se tornar obsoleto, servia para distanciar desdenhosamente o interlocutor, como ela tinha tantas

vezes visto nos filmes antigos. Ah, um glacial *senhor* cairia muito bem agora. *O senhor* é um asqueroso memorista, ela teria dito. *O senhor* pode ser o porco que escreveu as *memas* letais. *O senhor* trate de voltar para trás no assento e pare de tentar me impressionar.

— Bem, você é um memorista...

O escritor se empertigou na poltrona e soltou um suspiro.

— Deixei de ser, ou melhor, me cassaram há muitos anos, como você sem dúvida sabe. E antes que cometa o erro de sair de novo com uma grosseria, vou lhe dizer que não me dedico a escrever memórias ilegais. Não preciso. Meus romances vendem muito bem, se é que você não sabe. E tenho o dinheiro que herdei do meu querido tio.

— Mas talvez você saiba de outros memoristas... Não há muitos. Quem poderia estar envolvido nesse negócio?

— Rompi todas as relações com esse mundo quando me cassaram. Digamos que naquela época não era muito agradável continuar conectado a eles.

— Pois Myriam Chi acha que você pode saber de alguma coisa.

Nopal sorriu de novo. Dessa vez, para surpresa de Bruna, quase com ternura.

— Myriam sempre me achou mais poderoso do que sou...

Franziu o cenho, pensativo. Bruna aguardou em silêncio, intuindo que o homem estava a ponto de dizer alguma coisa. Mas não esperava o que veio.

— Quantos anos você tem, Husky?

— Que diferença faz?

— Eu diria que você deve ter uns 5/30... talvez 6/31. E então seria possível.

— O que seria possível?

— Que eu tivesse escrito sua memória.

Bruna ficou sem ar nos pulmões. Um golpe de suor lhe encharcou a nuca.

— É uma ideia repugnante — sussurrou. E trincou os dentes para segurar a náusea.

— Sabe de uma coisa, Husky? Há outra razão para que eu esteja aqui com você em vez de recebê-la na minha casa... Tive alguns problemas com alguns reps. Em geral, os tecno-humanos não apreciam muito os memoristas, e de certo modo eu os entendo.

— É proibido se identificar como autor de uma memória. É proibido. Você não pode fazer isso.

— Eu sei, eu sei. Calma, Bruna. Desculpe-me pela pergunta de antes. Na verdade, eu jamais diria. Mesmo que não fosse proibido, se eu soubesse, não diria. Juro.

O pequeno alívio sentido pela androide com as palavras de Nopal fez com que se desse conta do quanto estava apavorada. E junto com o alívio ela sentiu algo parecido com gratidão. Era uma emoção estúpida, injustificada e próxima demais de uma síndrome de Estocolmo, mas não conseguia evitá-la. Quatro anos, três meses e 22 dias.

— Apesar disso, nós memoristas não só não temos antipatia pelos reps, como temos por eles um afeto especial. Pelo menos, eu tenho. Poder construir a memória de alguém é um privilégio indescritível. Você pode imaginar? A memória é a base de nossa identidade, então de alguma forma sou o pai de centenas de seres. Mais do que pai. Sou o pequeno deus particular.

Bruna estremeceu.

— Não sou minha memória. Que, além do mais, sei que é falsa. Sou meus atos e meus dias.

— Bem, bem, isso é discutível... E, de qualquer maneira, não muda o que eu dizia... Porque eu falava das minhas sensações, de como vejo as coisas. E dizia que amo os reps. Vocês me inspiram uma emoção especial. Uma profunda cumplicidade.

— Tudo bem. Desculpe se não sinto o mesmo. Desculpe-me se não agradeço ao meu pequeno deus, seja quem for, por todo esse lixo arbitrário de falsas lembranças.

— Lixo arbitrário? A vida real, sim, é que é arbitrária. Muito mais arbitrária do que nós... sempre tentei fazer tudo da melhor forma possível... pensava e escrevia com absoluto cuidado cada uma das quinhentas cenas...

— Quinhentas?

— Você não sabia? Uma vida se compõe de quinhentas lembranças... Quinhentas cenas. E é o bastante. Sempre tentei compensar umas coisas com outras, oferecer alguma ilusão de sentido, a intuição final de um todo harmonioso... Minha especialidade eram as cenas da revelação...

— O maldito baile de fantasmas.

— Minhas cenas de revelação eram compassivas, é essa a palavra. Instrutivas, compassivas. Fomentavam a maturidade do replicante.

— Meu memorista matou meu pai quando eu tinha nove anos. Eu o adorava, e um delinquente o assassinou de maneira estúpida uma noite, na rua.

— Essas coisas acontecem, infelizmente.

— Eu tinha nove anos! E passei cinco sofrendo como uma cachorra até fazer 14 e chegar ao meu baile de fantasmas. Até me dar conta de que meu pai não era real e por isso também não tinha sido assassinado.

— Não é assim, Bruna. Como você sabe, esses cinco anos de que você fala não existiram. Não passa de uma memória falsa. Todas as cenas foram inseridas ao mesmo tempo no seu cérebro.

Um nó de lágrimas enfurecidas e abrasadoras apertou a garganta da detetive. Ela precisou fazer um esforço para falar, e a voz saiu rouca.

— E a dor? Toda essa dor que trago aqui dentro? Todo esse sofrimento na minha memória?

Nopal olhou-a, sério.

— É a vida, Bruna. As coisas são assim. A vida dói.

Houve um pequeno silêncio, e depois o homem ficou de pé.

— Darei uns telefonemas e tentarei me inteirar de como vão as coisas entre os memoristas. Entro em contato com você se conseguir algo.

Nopal se inclinou um pouco e tocou com um dedo o rosto pintado de Bruna. Um gesto tão leve que a rep quase achou que o tivesse imaginado. Logo o memorista ajeitou o cabelo claro, recuperou o sorriso encantador e pouco confiável e, dando meia-volta, começou a andar. A androide observou-o se afastar, ainda sentada, ainda devastada com os pensamentos zumbindo em sua cabeça como um enxame de abelhas. Quinhentas cenas: sua vida era só aquela miséria? Tentava juntar forças para se levantar quando ouviu o sinal de uma chamada. Olhou para o celular do pulso: era Myriam Chi.

— Precisamos nos falar — disse a líder rep, sem se dar ao trabalho de cumprimentar.

— O que há?

— Direi pessoalmente. Venha me ver amanhã às nove horas.

E cortou a ligação. Bruna ficou olhando a tela vazia, enquanto se detestava. Atormentava-a ter de obedecer a uma cliente como Myriam Chi, que trombeteava suas ordens como se ela fosse sua escrava; e ficava doente por perder o controle com o memorista. A poltrona na qual a detetive estava sentada ficava no fundo da sala de exposições, e o lento fluxo dos visitantes desfilava diante dela, atravessando o local de uma parede a outra e percorrendo o caminho de volta até a porta. Mas, curiosamente, ninguém a olhava. Ninguém parecia perceber aquela tecno-humana grande e chamativa: invisibilidade demais para ser natural. O maléfico Nopal acertara ao marcar o encontro ali: iluminada cenicamente pela fria luz da claraboia, Bruna se sentiu um Falso a mais. Sem dúvida de menor valor do que toda a mostra.



— BRUNA! BRUNA! LEVANTA! ACORDA!

A rep abriu um olho e viu uma figura humana que se balançava sobre ela. Deu um pulo na cama, um grito, uma bofetada defensiva, e seu braço atravessou limpidamente o ar colorido sem encontrar resistência. Apurou melhor o olhar e reconheceu o velho Yiannis.

— Que inferno, Yiannis, eu já disse mil vezes para você não fazer isso! — resmungou com a língua intumescida e a boca seca.

A figura holográfica do arquivista flutuava pelo quarto, de corpo inteiro. Era a única pessoa a quem Bruna dera autorização para fazer holochamadas.

— Não suporto que você se enfie assim na minha casa! Vou pôr seu nome na lista dos não admitidos.

— Desculpe, você não acordava de jeito nenhum, e Myriam Chi...

— Ai, merda, Chi!

Antes que o velho mencionasse a líder rep, Bruna já tinha visto a hora no teto, 10h20, e seus neurônios maltratados pela ressaca começaram a se acender penosamente, trazendo a lembrança de um encontro perdido. O dia anterior foi se reconstruindo em sua memória, um tanto borrado: o encontro com Nopal, o telefonema de Chi, as doses que tomou após voltar para casa. Beber sozinha, ou melhor, embriagar-se sozinha, era o penúltimo patamar do alcoolismo. Com certeza tinha um problema com a bebida, e agora também um problema com sua única cliente, a quem deixara plantada. Bruna se levantou da cama num pulo, tão depressa que o gelatinoso cérebro pareceu se chocar contra seu crânio. Ela precisou agarrar a cabeça com as duas mãos e fechar os olhos por alguns instantes. Estava decidida: não voltaria a tomar uma dose pelo resto da vida.

— Já sei que vou chegar tarde no encontro com Chi! E já sei que ferrei tudo! — grunhiu, ainda com as pálpebras apertadas.

— Não. Não é isso, Bruna. Você não vai chegar tarde.

A rep levantou o rosto e viu que Yiannis lhe tinha dado as costas. “Claro”, pensou, “estou nua”. “Meu pobre e vetusto cavalheiro”, disse para si mesma,

sentindo por ele uma espécie de ternura irritada. A bata chinesa estava jogada no chão. Bruna apanhou-a e vestiu-a.

— Já pode olhar. Que história é essa de que não vou chegar tarde?

Yiannis, ou sua holografia, se virou. Seu rosto estava tenso e pálido: não havia dúvida de que era portador de más notícias. Uma onda de adrenalina percorreu a coluna vertebral de Bruna e melhorou magicamente sua enxaqueca.

— O que há?

— Chi está morta.

— O quê?

— Hoje de manhã ela atacou no metrô uma secretária do Ministério do Trabalho. Arrancou-lhe os olhos e cortou-lhe a traqueia. Não preciso dizer que a garota era tecno. Então, Chi se atirou nos trilhos na frente de um comboio. Morreu na hora.

— Como você sabe?

— Está no noticiário.

Bruna mandou que a casa abrisse a tela e se viu cara a cara com a imagem da líder androide. Myriam num comício, Myriam na rua, Myriam sorrindo, discutindo, dando uma entrevista. Linda e cheia de vida. Nas notícias, não era dito que recebera uma *mema* adulterada, mas isso nada significava, porque, até onde Bruna sabia, o detalhe das memórias ilegais ainda não se tornara público em nenhuma das mortes. O comportamento de Myriam se devia também ao estrago provocado por um implante letal? E se assim fosse, o que era o mais provável, quem o teria enfiado em seu nariz? Não podia acreditar que a líder do MRR o tivesse feito por vontade própria. Aquilo era um assassinato. E também era o maior fracasso de sua carreira. Não tinha conseguido manter sua cliente viva nem por dois dias.

— Eu avisei, eu avisei que tinha que tomar cuidado, avisei que deveríamos...

— Quieta, Bruna, fique quieta e ouça.

O holograma de Yiannis parecia agora estar sentado no ar e olhava fixamente não para a tela de Husky, mas para outro ponto à direita, talvez a tela de sua própria casa. Mas ambos viam a mesma coisa. O jornalista, um desagradável e famoso indivíduo de cabelo vermelho brilhante chamado Enrique Ovejero, comentava o assunto com ávida ênfase sensacionalista.

— ...E o que a gente se pergunta é: o que está acontecendo com os tecnos? Estarão doentes? Será uma epidemia? Pode ser contagiosa para os humanos? Por que são tão violentos? Até agora só atacaram outros andróides, mas poderão representar um perigo para as pessoas normais? Está conosco José Hericio, um

homem polêmico que com certeza muitos conhecem, advogado e secretário-geral do PSH, Partido Supremacista Humano. Bom dia, Hericio, como vai? Em primeiro lugar, não sei se para você a morte de um de seus maiores inimigos, a líder do MRR, pode ser uma boa notícia...

— Não, Ovejero, por Deus, não me regozijo com a morte de ninguém. Ademais, não só não me parece uma boa notícia, como creio que é muito preocupante. Você sabia que há outros casos de violência, anteriores?

— Sim, claro, houve o do trem aéreo na quinta-feira passada e o da mulher que arrancou um olho... Com Chi, três muito parecidos, em menos de uma semana.

— Não, não, estou falando de antes disso... Antes houve outros quatro casos semelhantes. Ou seja, sete no total. Só que passaram despercebidos porque aconteceram mais espaçadamente... nos últimos seis meses. Mas os sete casos estão claramente relacionados entre si... e não só por essa obsessão de arrancar os olhos. Há também outras circunstâncias em comum.

— Que outras circunstâncias?

— Meu querido Ovejero, você vai me permitir que guarde comigo essa informação.

Com efeito, antes houve quatro suicidas que não atacaram ninguém, salvo a si mesmos. Três deles arrancaram os próprios olhos, e os quatro tinham usado uma memória adulterada. Ou pelo menos era isso que constava nos documentos que recebeu de Chi. Hericio deveria estar se referindo às *memas* ao falar do que tinham em comum. De onde teria ele tirado todos aqueles dados? O líder supremacista era um tipo repugnante de malares siliconados, cabelo enxertado e boca macia e babada, uma dessas bocas permanentemente úmidas. Bruna sempre achara que seu extremismo fanático o transformava numa espécie de palhaço e que ninguém poderia levar a sério suas barbaridades, mas nas últimas eleições regionais o PSH tinha conseguido assombrosos 3% dos votos.

— Vamos, Hericio, e como o cidadão comum nada sabe a respeito desses outros incidentes? — perguntava com fingido escândalo o untuoso Ovejero.

— Porque, uma vez mais, nosso governo, e falo do Governo Regional e também do Planetário, nos oculta a informação. Oculta-a ou, o que seria ainda pior, não a tem, porque estamos nas mãos dos políticos mais incompetentes que a humanidade já teve em toda a história. E isso é muito grave, porque no PSH temos informações fidedignas que indicam estar em marcha uma conspiração rep, um plano secreto para tomar o poder dos humanos...

— Espere, espere. O que está dizendo? Que os tecno-humanos estão preparando um golpe de Estado? Mas se até agora as vítimas têm sido apenas tecnos...

— É claro, porque isso é apenas o começo... é tudo parte de um plano maquiavélico que por enquanto não posso revelar. Mas lhe garanto, e ouça bem o que digo, garanto que dentro de muito pouco tempo as vítimas começarão a ser humanas.

— Mas, Hericio, essas afirmações são muito arriscadas e muito extremistas, e eu não...

— Infelizmente veremos acontecer. Veremos muito em breve! Porque esse governo composto de débeis mentais e de *chuparreps* não será capaz de fazer coisa alguma para evitar.

— Mas, na sua opinião, o que seria preciso fazer?

— Veja, os reps são um erro nosso. Na verdade, até me compadeço deles, até me dão pena, porque são uns monstros que nós, humanos, criamos. São filhos de nossa soberba e de nossa avareza, mas isso não impede que sejam monstruosos. É preciso acabar o quanto antes com essa aberração, e no programa de nosso partido está dito claramente como fazê-lo. Em primeiro lugar, fechar para sempre todas as fábricas de produção; e depois, considerando sua vida tão curta, bastará internar todos os reps até a morte.

— Sei. Os famosos campos de concentração dos anos sessenta. Quero lembrá-lo de que a terrível guerra rep se desencadeou por muito menos que isso.

— Por isso é preciso agir depressa, de surpresa, e com mão dura. Somos muito mais do que eles. Não podemos deixar que nos ataquem primeiro.

— Se é que vão atacar, Hericio. Enfim, neste programa nem sempre estamos de acordo com as opiniões de nossos entrevistados, mas somos firmes partidários da liberdade de expressão, e de qualquer forma aqui ficam as categóricas ideias do líder do Partido Supremacista Humano. Muito obrigado.

Bruna estava pasma. Há tempos não ouvia algo tão violento. E Ovejero ainda lhe parecia mais culpado, por ter convidado um tarado daqueles para um programa com tamanha audiência, e por tê-lo deixado proclamar seu panfleto paranoico sem contradizê-lo ou cortá-lo, apenas simulando uma pantomima de desacordo. Mas, claro, o que se poderia esperar de um sujeitinho que se referia aos humanos como “as pessoas normais”?

— É inacreditável... Acho que eles deveriam ser denunciados por incitação à violência entre as espécies... — balbuciou Yiannis.

Talvez Hericio tivesse pagado Ovejero, pensou Bruna. Ou talvez o fanatismo antirrep estivesse crescendo muito mais depressa do que ela imaginava. Estremeceu.

“Vamos, Husky, você sabe que somos totalmente discriminados”, dissera Myriam. E falara também de conspirações e conluios... do outro lado. Não podia ser, estavam todos loucos. Tinha que ser alguma coisa mais estúpida e mais simples. Um lote de *memas* adulteradas. Notou um pequeno ponto de inquietação dentro da cabeça, uma pequena ideia lutando para sair. Decidiu não lhe dar atenção: em geral, as ideias a floravam por si mesmas à superfície quando ela relaxava.

— Preciso ir ao MRR, Yiannis.

— É. E eu preciso começar a trabalhar.

O holograma do velho desapareceu. Bruna tomou uma rápida ducha de vapor, vestiu uma saia metalizada cor de violeta e uma camiseta azul e tirou da geladeira uma embalagem dupla de café para ir tomando pelo caminho. Pegou um táxi e não demorou a chegar. Na verdade, mal tivera tempo de sacudir a embalagem para que se aquecesse e de beber o conteúdo quando já paravam de frente à sede do Movimento Radical Replicante.

— Você deixou meu carro fedendo a café — resmungou a taxista.

— Pois é um cheiro muito agradável. Você deveria me dar um desconto no preço da corrida — respondeu Bruna com tranquilidade.

No entanto, ao descer do veículo, ocorreu-lhe uma ideia inquietante: “A mulher foi antipática comigo porque sou uma rep.” Bruna sacudiu a cabeça, irritada consigo mesma. Odiava ter esse tipo de pensamento persecutório. E era sabido que os taxistas em geral detestavam que as pessoas comessem ou bebessem em seus veículos. Quatro anos, três meses e 21 dias.

Na porta do MRR havia dois carros de polícia, além dos guardas de segurança habituais. Bruna precisou se identificar diversas vezes ao passar pelo *scanner* antes que a deixassem subir. Perguntou por Valo Nabokov, a chefe de segurança e amante de Chi, e, para sua surpresa, a mulher a recebeu em seguida. Quando entrou no gabinete, Valo estava de costas, olhando pela janela. Era tão alta quanto Bruna e provavelmente também uma replicante de combate, mas se vestia de maneira muito mais feminina e sofisticada: calças justas, vaporosa sobressaia de musselina com estampas tridimensionais representando botões de rosa, grandes plataformas nos sapatos. O cabelo, muito negro e espesso, formava um complicado coque alto.

— Sente-se, Husky — ordenou sem se virar.

Havia uma poltrona de polípele e uma cadeira vermelha de alacrilato. A detetive escolheu a cadeira: não ficaria tão afundada. Passaram-se alguns segundos intermináveis sem que nada acontecesse, e depois Valo se virou. Não era feia, claro. Todos os tecnos tinham traços regulares e harmoniosos (às vezes Bruna achava que essa era uma das razões pelas quais os humanos não os queriam), embora nem todos fossem igualmente atraentes. A chefe de segurança, por exemplo, transmitia uma impressão desagradável. As replicantes de combate tinham pouco peito porque isso era mais funcional na hora de lutar, mas Nabokov implantara enormes seios, que carregava suspensos e quase nus, como uma grande bandeja de carne debaixo de seu rosto quadrangular e pálido.

— Me diga algo — balbuciou.

— Algo de quê?

— Você está há dois dias trabalhando para nós. Diga-me o que descobriu. Diga-me quem fez isso.

— Ainda não sei nada.

A mulher cravou nela olhos chamejantes. Grandes olheiras sombreavam seu rosto.

— Você a perdeu. A culpa é sua. Era sua responsabilidade, e você não fez nada.

— Chi não me contratou para que a protegesse, e sim para investigar a morte dos reps. Na verdade, a segurança dela dependia de você.

A tecno fechou os olhos com um quase imperceptível gesto de dor. Logo voltou a olhar para Bruna com cara de louca. Tinha o penteado meio desfeito e parecia um daqueles medalhões antigos das Fúrias que um dia Yiannis lhe mostrara.

— Some daqui.

— Espere um instante, Nabokov, lamento sua perda, mas é importante que conversemos...

— Some daqui!

— Myriam me telefonou ontem. Acho que tinha alguma coisa para me contar, talvez tivesse descoberto algo. Me disse que viesse vê-la hoje pela manhã, às nove.

Valo continuou a encará-la, e Bruna acabou baixando os olhos. Fixou-se nas mãos da androide: grandes, ossudas, trêmulas. Mãos crispadas que, de modo extraordinário, pareciam cobertas de manchas regulares e escuras. Não, não eram manchas: eram pequenas feridas meio cicatrizadas, talvez queimaduras.

— Mas você não veio... — sussurrou Valo.

— O quê?

— À reunião das nove. Você não veio.

Bruna ficou perturbada.

— Verdade. Eu me... atrasei. E então vi as notícias.

Naquele momento inapropriado, aterrissou na cabeça da detetive o pequeno pensamento que antes havia evitado: não era só estranho que Hericio tivesse tantos dados. Também era curioso que Chi os tivesse. Como a líder rep descobrira tudo aquilo? E como diabos sabiam, tanto um quanto a outra, que todos os envolvidos haviam inserido uma memória adulterada? Quem lhes dera uma informação que apenas a polícia possuía? Talvez as teorias da conspiração tivessem alguma base real, afinal... Além disso, aquela obsessão das vítimas com os olhos não podia ser efeito de uma deterioração casual das *memas*.

Tudo isso Bruna pensou num instante, enquanto Valo dava a volta à mesa e se deixava cair, cansada, no assento junto à tela. Logo a mulher levantou o rosto e olhou-a com dureza.

— Está despedida.

— Despedida.

— Vá embora. Agora mesmo.

“Merda, vou engolir os três mil geses que me custou a memória artificial”, preocupou-se de cara a detetive com uma pitada de angústia financeira. E logo depois disse a si mesma: “Mas não pode ser, não quero abandonar o assunto, tenho que esclarecer o que houve. Tenho que continuar investigando.”

— Está bem, eu vou, mas antes por favor me responda uma única coisa: como Chi se inteirou de...?

— Não há mais o que dizer. Você já não trabalha para nós. Está fora do caso. Fica com o dinheiro do adiantamento. Com isso estamos quites. E agora... fora daqui!

Não, não estavam quites, porque Bruna tinha cometido a loucura de comprar uma *memas* no mercado negro, mas aquele não era o melhor momento para falar de prestações de contas: Valo parecia estar realmente fora de si. A detetive se levantou e saiu da sala, mais irritada com todas as perguntas que não conseguira fazer do que com a aspereza de sua súbita dispensa. Ia apressada pelo corredor em direção à saída, ensimesmada e ruminando suas dúvidas e suas dívidas, quando topou com Habib, o ajudante pessoal da líder rep. Conhecera o rapaz dois dias antes: tinha sido ele quem lhe fornecera os dados sobre as primeiras mortes e a provisão de fundos. Era um tecno de exploração brilhante e encantador. Não

fosse a decisão de Bruna de não voltar a se envolver com outros andróides, teria sido fácil paquerá-lo.

— Ei, Husky, aonde vai com tanta pressa? Eu ia ao seu encontro.

— Acabo de ser despedida. Se era isso o que você ia fazer, já está feito.

Habib abriu os olhos, surpreso.

— Mas do que você está falando? Foi Valo? Não se preocupe com ela. Está agindo feito louca, e eu a entendo. Estamos todos um pouco transtornados. Foi um golpe espantoso.

Sua voz vibrou um pouco, talvez a ponto de vacilar.

— Foi... eu também fiquei impressionada.

— Não se vá, Bruna. Agora mais do que nunca, precisamos de você. Vem, vamos à minha sala.

Todos os escritórios do MRR eram iguais, austeros e monacais aposentos militantes, como se os enfeites fossem proibidos pela ideologia. Mas sobre a mesa de Habib havia um raminho de mimosas num vaso.

— São naturais?

O homem sorriu meio de lado.

— É uma holografia. Falando nisso, acho que ainda está com você a bola holográfica de Myriam... a da ameaça...

Bruna lembrou que havia deixado em execução uma exaustiva análise das imagens. Já deveria estar finalizada, e ainda não tinha visto os resultados.

— Sim. Estava fazendo uns últimos testes. Devolverei ainda esta tarde. Então, continuo ou não continuo com o caso?

— Claro que continua. Vou falar com Valo. Além do mais, ela não tem autoridade para demiti-la.

— E você?

— Eu tenho, embora não vá fazê-lo. Mas se o que você quer saber é como fica o poder no MRR com a morte de Myriam, direi que sou o sucessor dela até que se realize a assembleia extraordinária que acabo de convocar. Será dentro de 15 dias.

— E então o que acontecerá?

— O mais provável é que me ratifiquem no cargo. Mas isso não quer dizer que eu tenha assassinado Myriam para ocupar seu lugar — asseverou ele com um riso seco e desprovido de qualquer alegria.

— Assassinado?

— Estou convencido de que ela não teria enfiado uma *mema* em si mesma.



— Eu também. Com certeza. E, falando em memórias adulteradas, como vocês se inteiraram dos casos antigos?

— Foi coisa de Myriam. Um dia chegou com esses dados. Estava muito preocupada.

— Mas quem os forneceu?

— Não sei. Ela só me disse que os tinha recebido de alguém de confiança.

— Você não achou estranho que alguém soubesse das *memas*? É uma coisa que só se pode saber tendo acesso aos informes oficiais das autópsias...

— Olha, não estranhei nem um pouco. Myriam era sempre incrivelmente bem-informada. Tinha confidentes e contatos em todos os lugares. Tinha até um amigo memorista. Era uma mulher extraordinária.

Na verdade, também não era assim tão difícil, refletiu Bruna; ela mesma tivera acesso ao relatório de Cata Caim... Quanto ao memorista, impossível não pensar em Pablo Nopal.

— Quando você a viu pela última vez, Habib?

— Ela veio me ver aqui, na minha sala, ontem à tarde. Tínhamos coisas do MRR a decidir, coisas de trabalho. Mas eu a achei muito nervosa, muito desconcentrada. Perguntei o que havia, e falamos das mortes. Depois ela se levantou e saiu. Disse que estava muito cansada e pensava em ir logo para casa, dormir. Mas não foi, ou pelo menos não pela porta principal. Seus guarda-costas a esperaram até a meia-noite e, quando subiram para buscá-la, não a encontraram em parte alguma.

— Por que esperaram tanto?

— Muitas vezes ela ficava trabalhando sozinha até muito tarde.

— E não se preocuparam ao não a encontrarem?

— Se preocuparam e me avisaram. E eu avisei Nabokov, que também não sabia de nada, porque Chi não tinha ido para casa. Então ficamos loucos de medo. Com razão.

Calaram-se por alguns segundos, enquanto as violentas imagens da morte de Myriam cruzavam ruidosamente as cabeças de ambos e o ar que havia entre eles parecia adquirir um resplendor de sangue.

— A que horas foi sua conversa com Chi?

— Ficamos juntos, mais ou menos, entre as 18h e 19h. Fui o último a vê-la com vida.

Bruna tentou conter um pequeno sobressalto. A chamada de Myriam tinha sido às 18h30.

— Tem certeza?

Habib sorriu. Ele também tinha grandes olheiras e um aspecto macilento.

— Absoluta. E não precisa disfarçar a surpresa. Eu estava na frente dela quando ela ligou para você, Husky. E, além disso, sei o que ela queria dizer.

Fez uma pausa teatral que Bruna suportou com dificuldade.

— Existe a possibilidade... Você tem que me prometer guardar segredo absoluto a respeito de tudo isso, Husky. Estamos arriscando demais. Enfim, infelizmente existe a possibilidade de que alguns reps estejam envolvidos nessas matanças. Essa não é exatamente a melhor notícia para nosso movimento, mas receio que tenhamos suficientes indícios.

— O que quer dizer? Envolvidos como? De que indícios você está falando?

— Sempre houve reps violentos, você sabe. E, para dizer a verdade, eu os entendo muito bem, porque a marginalização e o desprezo a que os humanos nos submetem são difíceis de suportar. Mas no MRR não somos partidários nem ética nem estrategicamente. Nosso movimento tenta dar uma plataforma democrática à luta pela dignidade e pela igualdade de nossa espécie.

Bruna reprimiu um gesto de impaciência.

— Tudo bem, sei, já sei. Mas estávamos falando dos indícios...

— A fechadura do gabinete de Myriam foi manipulada por um rep da Complet, nossa firma de manutenção. A porta foi alterada para que não registrasse a senha da pessoa que pôs a bola holográfica em cima da mesa.

— Vocês falaram com a firma?

— Nossos técnicos descobriram a manipulação da fechadura ontem pela manhã, e na mesma hora nos dirigimos à sede da Complet. Chegamos tarde por uma questão de minutos. É claro que já tinham fugido correndo, depois de apagar suas bases de dados.

— Uma fuga muito oportuna...

Habib suspirou.

— É, também achei. É muito duro acreditar, mas é possível que alguém do MRR os tenha avisado de nossa visita. O problema é que poderia ser praticamente qualquer um, porque muita gente sabia: os técnicos, alguns membros do conselho, os garotos de Valo...

— Os garotos de Valo?

— Os reps de combate que formam nossa equipe de segurança. Você já sabe que sofremos inúmeras agressões. Ontem fomos à sede com dez dos nossos. Por garantia.

— Desde quando trabalham com a Complet?

— Uns quatro ou cinco meses. Verei a data exata. Mas, de qualquer maneira, a implicação da empresa parece indicar que não se trata de um ato isolado de violência individual, mas de um assunto muito mais complexo, mais sofisticado e meticulosamente organizado... E tem mais. Você viu o fanático do Hericio no noticiário?

— Vi.

— Não é curioso que ele surja logo agora contando aquilo tudo? E não parece estranho que esteja tão bem-informado? Sabemos que Hericio se encontrou com um rep.

— Sabem como?

Habib torceu a boca para baixo, num gesto vago, e sacudiu de leve a mão no ar.

— Bem... Digamos que tentamos estar a par do que o inimigo faz. E um dos nossos viu Hericio conversando com um rep num lugar público discreto.

As poltronas debaixo da claraboia do Museu de Arte Moderna acenderam-se na memória de Bruna.

— Em que lugar se encontraram?

— Numa estação de trem. Isso importa?

A detetive negou com a cabeça, sentindo-se um pouco idiota.

— O caso é que achamos que pode ser um dos empregados da Complet. É uma companhia inteiramente formada por andróides. Sempre tentamos trabalhar com os nossos. Enfim, Myriam achava que o PSH tinha conseguido, de algum jeito, comprar os miseráveis. E que tudo é um plano para desprestigiar nosso movimento e criar um clima antitecnológico que pudesse favorecer o partido deles.

Bruna refletiu por alguns instantes.

— Faz sentido. O problema, Habib, é que não podemos descartar que não se trate de um novo grupo de terroristas rep.

— Mas por que atacariam outros tecno-humanos?

— Para assustar os andróides, para fazê-los acreditar de que se trata de um complô dos supremacistas, como você mesmo disse... Para radicalizar e desencadear a violência entre as espécies.

— Humm... é... talvez. De qualquer maneira, precisamos esclarecer os acontecimentos o quanto antes. Porque não há dúvidas de que a tensão social aumenta cada vez mais depressa. Myriam tinha consciência dessa urgência e por isso telefonou para você ontem. Sei o que queria pedir: que você investigue o PSH, sobretudo Hericio. E, claro, acredito que vê-lo aparecer hoje de manhã no jornal reforça a teoria de Chi.

Bruna assentiu, lentamente.

— Está bem. Verei o que faço.

Levantaram-se, e Habib escoltou-a até a porta da sala. Dois passos apenas, num lugar tão pequeno.

Antes de sair, Bruna se virou para ele.

— Só mais uma pergunta: o que aconteceu com as mãos de Nabokov?

O homem franziu a testa e a encarou, como se avaliando que resposta dar.

— Valo não está bem — disse, enfim. — Já se... Já se manifestou o TTT. Ou assim imaginamos, porque ela não quis ir ao médico. Em vez disso, está consultando uma curandeira... aquelas marcas são mordidas de víbora. De uma víbora africana cujo veneno dizem curar o câncer rep. Bem, você sabe como são essas coisas.

Sim, Bruna sabia. A inevitabilidade e a ferocidade do TTT fazia com que muitos andróides buscassem curas milagrosas, e em torno dos tecnos florescia um confuso e sobrecarregado mercado de tratamentos alternativos e terapeutas aproveitadores. Como todos os andróides, ela também recebia em casa a indesejada propaganda de uma horda de charlatões, que prometiam acabar com os tumores por meio de magnetismo, de raios gama, de terapias cromáticas ou de venenos animais, como no caso de Nabokov. Mas, que ela soubesse, ninguém ainda tinha conseguido se salvar da morte prematura.

A detetive voltou para casa tomada por um profundo desalento. Havia dias que pareciam tortos desde a manhã e nos quais a vida começava a pesar sobre os ombros como uma manta molhada. A fraude das mordidas de víbora fez com que lembrasse que havia dias não olhava a correspondência, de modo que abriu o compartimento e deu de cara com um amontoado de anúncios publicitários tridimensionais e holográficos. Estavam programados para funcionar ao primeiro raio de luz, e agora, recém-ativados, abarrotavam a pequena caixa com uma algazarra palpitante de formas e cores, de pequenas vozes e músicas estridentes. Por isso detestava apanhar a correspondência, pensou com irritação. Começou a tirar os anúncios aos punhados e a atirá-los no recipiente amarelo colocado ao pé das caixas de correio: anúncios de férias na praia, de bicicletas solares Torres, de academias, de tratamentos estéticos de lipolaser e das mencionadas e malditas curas milagrosas para o câncer tecno. As propagandas caíam berrando no recipiente e ali, uma vez recuperada a escuridão, voltavam a se calar. “Que alívio”, pensou Bruna; e, na sua fúria por limpeza, esteve a ponto de jogar fora também um pequeno estojo de correspondência. Por sorte o viu a tempo e o abriu: era a *mema* que comprara da traficante; tinha mandado analisar a

memória num laboratório e agora chegavam os resultados. Estava impaciente por saber o que dizia e começou a ler o relatório ali mesmo, de pé junto à caixa de correio. Dizia que era uma *mema* ilegal, mas que não estava adulterada, e por isso não incitava à violência nem era letal. Depois do laudo, vinha a descrição detalhada das cenas contidas na memória: quinhentas, de fato, como dissera Nopal. Passou os olhos com a mesma repugnância com que olharia para as entranhas esmigalhadas de uma barata. Ao final, o laboratório acrescentava a fatura pelo trabalho: trezentas gaias. Era o que faltava. A única vantagem do assunto era que não precisaria voltar a ver a desagradável mutante da orelha canina: era uma pista que não levava a nada.

A primeira coisa que fez ao entrar no apartamento foi ir à geladeira, servir-se de um copo de vinho branco e bebê-lo de um gole. Ordenou à casa que levantasse as persianas e escancarasse as janelas. Tinha necessidade de ar e luz. Estava obcecada com a lembrança de Myriam: imaginar seu acesso de loucura, a violência do ataque àquela mulher, as rodas do metrô lhe destroçando o corpo. E logo lhe parecia voltar a ver as mãos de Nabokov, com suas pequenas feridas regulares e violáceas. Serviu-se de outro copo, aqueceu dois hambúrgueres de soja com algas e comeu-os, mastigando com determinação, lenta e ritmadamente. Concentrou-se no ato de comer para esvaziar a cabeça das imagens persecutórias e opressivas. Quando acabou, tinha se acalmado o suficiente para começar a trabalhar. Encheu outro copo de vinho, sentou-se diante da tela e comprovou que Habib já tinha lhe enviado os documentos da empresa de manutenção. Gastou um bom tempo para rastrear os dados comerciais da firma nos diversos departamentos da administração regional. Por fim, descobriu que a Complet surgira do nada uma semana antes de ser contratada pelo MRR, que só tinha dois empregados fixos, os dois andróides, e que o Movimento Radical Replicante tinha sido seu único cliente. Tudo muito estranho.

Pensativa, Bruna buscou no computador a análise do filme da estripação. A exploração acabara havia horas e ali estavam os resultados. O programa não conseguira identificar o lugar, reconstruir as credencias apagadas ou reunir outros dados sobre a gravação, embora a análise dos fundos desse uma probabilidade de 51% a favor de que a evisceração do animal tivesse sido realizada de forma privada, e não num matadouro. Nada havia de novo, salvo uma imagem: em determinado momento, a lâmina da faca refletia de relance parte do rosto da pessoa que estava gravando o holograma: meia sobranceira, um fragmento de malar, meio olho... e uma pupila vertical, de rep. A detetive se amargurou: a culpabilidade, ou pelo menos a colaboração dos tecno-humanos,

ficava cada vez mais evidente. Fez uma cópia das imagens, tirou o chip do computador e devolveu-o à bola holográfica; chamou um serviço de portador instantâneo e, quando o pequeno robô tocou à sua porta, vinte minutos depois, introduziu a esfera, a *mema* e a astronômica fatura de seus gastos na caixa do mensageiro automático e mandou tudo para Habib.

Feito isso, dedicou o resto da tarde a perder tempo.

Esforçou-se para repassar a documentação que Habib lhe dera sobre as quatro primeiras mortes, mas estava muito cansada e os copos de vinho lhe provocaram um torpor insuperável. Tentou se esticar na cama e dormir um pouco, mas estava tensa demais para conseguir relaxar. Pensou em fazer um pouco de ginástica, mas só de imaginar o esforço já se sentiu esgotada. Esparramou-se quase catatônica no sofá com outro copo de vinho na mão, mas minutos depois uma ansiedade interna fez com que se pusesse de pé e andasse erraticamente pela sala. Conseguiu colocar uma peça do quebra-cabeça, mas aquilo lhe custou tanto que logo desistiu. Leu algumas páginas do romance de Malencia Piñero sem conseguir absorver nada. Pôs os óculos tridimensionais e começou a jogar jogos virtuais, o concurso de arco e flecha, a corrida de projéteis e o *slalom* gigante, passatempos vertiginosos e obsessivos que em geral lhe esvaziavam a cabeça e conseguiam embrutecê-la serenamente. Mas naquele dia os jogos repetitivos lhe arrebetaram os nervos.

Olhou a hora, 21h50, e compreendeu que na verdade só matara tempo até a chegada da noite e o começo do provável turno de Gandara, quando poderia ir ao Instituto Médico-Legal para ver o cadáver de Myriam Chi.

Esfriara bastante, por isso Bruna vestiu uma jaqueta térmica sobre a camiseta e a pequena saia metalizada e foi para a rua. Estava um pouco enjoada: vinho demais e somente dois hambúrgueres de soja no estômago. Mas meia hora depois, quando entrava nos lúgubres salões do instituto, com os passos ressoando sobre a desgastada pedra do assoalho, teve medo de estar sóbria e lamentou não ter tomado mais alguns copos.

Por sorte, nessa noite lá estava o velho Gandara. Ela o viu através da janela que comunicava o escritório com a sala 1 de autópsias, trabalhando pessoalmente no cadáver de alguém. Embora com os robôs e a telecirurgia não fosse preciso tocar nos corpos, Gandara continuava a meter as mãos em quase todos os mortos: dizia que nenhuma tecnologia poderia substituir a complexidade e a sutileza do exame direto. Ali estava agora, inclinado sobre algo que uma vez foi alguém, com seu aspecto, tão pertinente, de abutre rosado, o rosto relativamente sem rugas próprio de um tratamento estético rotineiro, mas o nariz afilado e proeminente, as sobrancelhas cerradas, a cabeleira em desalinho, o pescoço

comprido e magro e uns olhos muito negros, redondos e intensos. Gandara levantou a cabeça e viu a detetive, e lhe fez com a mão sinal para que entrasse. Uma mão enluvada e cheia de sangue. Bruna hesitou por alguns instantes, e o legista voltou a sacudir o braço sujo — os coágulos brilhavam como laca chinesa debaixo do potente foco de luz. Então a rep entreviu um rosto moreno e rechonchudo no cadáver estripado da mesa: era o corpo de um homem desconhecido. Ela suspirou e empurrou a porta da sala de autópsias. Não sabia se teria suportado caso Gandara estivesse mexendo nos restos de Chi.

— Olá, Husky, como vai a vida? Acho que você esteve aqui um dia desses...

— É verdade.

— Deu um susto em meu ajudante.

— Ele se assusta fácil.

— É um idiota. Você veio por causa de Chi?

— Isso aí. Você sempre tão perspicaz!

— Era óbvio. O imbecil do Kurt me disse que você estava interessada no caso de Caim.

— Isso.

Gandara falava sem parar de manipular o corpo retalhado. Um corpo para o qual Bruna se forçou a olhar, porque já não era nada. Aquela carne exangue, aquele sangue tão escuro, aqueles quilos de matéria orgânica já não eram nada. Tinha sido um humano, mas a morte igualava tudo.

— E o de Chi, na verdade, é o mesmo. Também tinha dentro dela uma memória letal, como Caim. Você quer vê-la?

— A memória?

— Não. Chi. A *mema* eu mandei para o laboratório de bioengenharia.

“Não”, pensou Bruna. “Vou dizer que não, que não quero que me mostre a líder rep.” Mas não conseguiu falar.

— Depósito, tire Myriam Chi — ordenou o legista ao sistema central. — Espere um segundo, que vou me limpar um pouco.

Gandara lavou as mãos ensanguentadas num jato de vapor enquanto a câmara frigorífica se abria e um carro-robô trazia o corpo da mulher. “Não quero vê-la”, Bruna voltou a dizer para si mesma, mas se aproximou da cápsula com passos de autômata.

— Está um pouco estropiada. Se atirou no metrô, você sabe. Mas, por outro lado, está bastante inteira para quem foi arrastada, fora a amputação de uma perna. A pancada a detonou por dentro. Abrir cápsula.

A tampa do cilindro metálico transparente deslizou com um assobio de pressão. Em seu interior, rodeado pela fumaça sutil do nitrogênio líquido, estava o cadáver de Myriam Chi. Azulada, nua, raspada, com as cicatrizes da autópsia no crânio e no tórax, mas com o rosto sem deformações. E sem maquiagem. Infantil e indefesa. Mais abaixo, a grotesca confusão das pernas. O membro amputado e em pedaços, cuidadosamente recolocado como as peças de um quebra-cabeça. Pela cabeça de Bruna passou, como um espasmo, a imagem ameaçadora da bola holográfica: aquele corpo de Chi aberto e ultrajado. Então, quando o vira pela primeira vez, ainda era mentira. Fechou os olhos e expulsou a lembrança de seus pensamentos. “Não sinto nada”, pensou. Isso não passa de um pedaço de carne congelada.

— Está bonita, apesar de tudo, não? Amanhã devolverei o cadáver ao pessoal do MRR e eles poderão montar um belo espetáculo reivindicativo no enterro.

— Gandara, preciso que você me passe as análises de laboratório sobre as *memas*... Tenho que saber o que há nesses malditos implantes.

— Eu também gostaria de saber, mas a bioengenharia não mandou nada... Nem desta, nem da de Caim, nem as *memas* dos do trem. Curiosamente, a polícia judicial decidiu que todos esses relatórios são secretos...

— Uma decisão acertada, parece — disse uma voz atrás deles.

Bruna e o legista se viraram. Era um homenzarrão enorme, mais alto do que Husky e duas vezes mais largo. Seu corpanzil maciço ocultava a porta.

— Porque receio que, de posse desses relatórios, você, que suponho ser o legista Gandara, os teria dado a essa androide. Que não sei quem é — continuou a dizer o sujeito.

Falava devagar, arrastando as palavras, como se estivesse sonolento. Havia algo letárgico nele, em seus olhos verdes meio velados pelas pesadas pálpebras, que pareciam não ser capazes de se abrir de todo, e na maneira como seu corpo sólido se mantinha vertical no chão, como se quisesse se enroscar na pedra.

— Também não sabemos que merda você é — disse Bruna com estudada grosseria.

Mas mentia, porque o barato e convencional traje de três peças, calça e camisa cinza e jaqueta térmica um pouco mais escura, o delatava como um funcionário. Com certeza um policial.

— Inspetor Paul Lizard, da judicial — disse o homenzarrão, apresentando a credencial. — E você é...

— Sou a irmã da vítima — disse Bruna, sarcástica.



— Você deve ser a detetive contratada pelo MRR, certo? Bruna... número Husky — disse Lizard, imperturbável, consultando as anotações em seu celular.

— Um vidente.

— Pois me alegre em vê-la. Queria mesmo falar com você.

— Sobre o quê? Sobre porque vocês escondem de todo mundo o assunto das memórias adulteradas?

— Talvez. Você pode passar amanhã na judicial? Suponho que saiba onde ficamos. Às 13 horas?

— E por que devo fazer isso?

— Porque é do seu interesse. Porque podemos nos ajudar. Porque você é uma mulher curiosa. Porque, se não for, farei com que seja presa e levada até lá.

Enquanto falava, o homem ia se aproximando deles. Agora estava de pé junto ao cilindro e contemplava o corpo de Chi com os olhos inesperadamente atentos sob as pálpebras sonolentas. “É um olhar que esconde e dissimula sua selvageria”, pensou Bruna.

— Se ninguém explica que há *memas* adulteradas que estão enlouquecendo os reps, parece que nós tecnos somos uns assassinos perigosos. É tosco, mas funciona.

As palavras tinham saído sozinhas da boca de Husky, como se outra pessoa a tivesse ditado. E foi só dizê-las para compreender que era aquilo mesmo, que Myriam Chi tinha razão, que havia uma conspiração, que talvez aquele inspetor durão e esperto também fizesse parte do complô. E já dizia a líder do MRR: não se pode confiar na polícia.

— E por que funciona? Porque no fundo todos os humanos têm medo de nós... nos desprezam e ao mesmo tempo nos temem. Você também, inspetor? Eu o assusto? Incomodo?

— Husky, o que você está dizendo... — grunhiu Gandara, com claro desagrado.

“Ah”, pensou Bruna, “você também”. Também o velho legista se aliava na mesma hora ao recém-chegado. A espécie era um laço poderoso demais. “Mas não era nada disso!”, voltou a pensar a rep, fazendo um esforço para ser racional; não era de estranhar que Gandara se incomodasse com suas palavras, porque ela nunca fazia discursos daquele tipo. Era como se sentisse obrigação de falar por Myriam Chi. Como se tivesse que dizer o que ela teria dito.

— A única coisa que me assusta é a estupidez — disse Lizard.

— Quantos inspetores reps há na polícia judicial?

O homem reagiu com um gesto de cansaço.

— Responde. Quantos inspetores tecno-humanos há? — repetiu Bruna, quase gritando.

Lizard a olhou com uma tranquilidade indiferente.

— Nenhum — respondeu.

Bruna ficou perplexa. Não esperava aquela resposta. A bem da verdade, antes daquele instante nem sequer lhe tinha ocorrido fazer tal pergunta. Alguma coisa doeu dentro de sua cabeça. Um pensamento que queimava como um sentimento. Um reconhecimento racional da marginalização. Notou que disparava dentro dela o mecanismo cego da cólera. Deu meia-volta e, sem se despedir, saiu da sala. Ainda escutou a voz grossa de Paul às suas costas:

— Lembre-se, amanhã, às 13 horas, na judicial.

Bruna atravessou os corredores escuros em passo acelerado, cruzou o saguão sem cumprimentar os seguranças e deixou o instituto como quem foge. Mas foi só sair do prédio e a corrida perdeu impulso. Deteve-se a poucos metros da porta, no meio da noite e da rua vazia, sem saber o que fazer ou aonde ir. Estava agitada demais para voltar para casa. Furiosa demais para ir a algum lugar familiar, como o bar de Oli, e suportar a tagarelice banal de algum conhecido. Angustiado demais para pensar. Cheia demais de morte para ficar sozinha. Quatro anos, três meses e 21 dias.

O ar frio era um alívio para suas bochechas em fogo. Estava plantada na calçada, com os pés um pouco separados, sentindo todo o peso do corpo. Colo suado, braços relaxados, ventre liso e tenso, pernas ágeis. Carne alerta, ansiosa. Um corpo ávido por viver. Uma inquietação aguda começou a se formar dentro dela, como uma nuvem de tempestade num céu de agosto. De repente lembrou uma coisa e começou a revolver os bolsos. Por fim, dentro de um papel amassado enfiado num estoque de analgésicos no interior da mochila, encontrou o que procurava: um *caramelo*. Um coquetel de oxitocina. O pequeno comprimido deveria estar esquecido em seu esconderijo havia meses e se encontrava um pouco pegajoso. Bruna limpou-o grosseiramente esfregando-o entre dois dedos e colocou-o debaixo da língua para potencializar a rapidez da droga. Por alguns minutos se dedicou a respirar e a esperar. A gozar o frio alento da noite. A esvaziar a cabeça e se fazer toda carne.

Defronte à porta do Instituto Médico-Legal estava estacionado um carro. Não era uma viatura policial regulamentar, mas as placas cinzentas indicavam tratar-se de um transporte oficial. Com certeza era o carro do inspetor Paul Lizard, do Lagarto, do Réptil, daquele gigantão pouco confiável. Bruna respirou fundo. A pele ardia, mas agora por dentro. Dentro de alguns instantes a rep faria alguma

coisa com aquilo. Com toda aquela energia e aquele fogo. Em momentos, Bruna começaria a atravessar a cidade, navegaria através da noite em busca de sexo, de uma explosão carnal capaz de vencer a morte. A única eternidade possível estava entre suas pernas. Como a maioria dos humanos e tecno-humanos, Bruna era mais ou menos bissexual: só uns poucos indivíduos eram exclusivamente hétero ou homossexuais. Mas, de modo geral, a rep gostava mais dos homens; e naquela noite, de qualquer maneira, lhe apetecia um varão. Talvez um tipo tão grande quanto o lagarto Lizard, um humano gigante que faria implorar pelo seu sexo de androide. Bruna soltou uma pequena gargalhada. Seu ritmo cardíaco tinha acelerado, seu corpo parecia ferver, o ar estava carregado de feromônios. Ah, a embriaguez da noite. Ela era uma estrela prestes a estourar, um quasar pulsante. Deu alguns passos, gozando de seu vigor e sua agilidade, de sua fome e sua saúde. De uma alegria feroz. Meteu a mão por baixo da pequena saia metalizada e, apoiando-se na viatura estacionada, tirou a calcinha. Naquela noite, queria perambular pela cidade sem roupa de baixo. Não era a primeira vez que fazia isso nem seria a última. Que prazer se sentir toda aberta, livre de freios, disponível! Antes de se afastar, deixou a tanga sobre o para-brisa do carro policial. O mundo retumbava ao seu redor e um pulsar de vida estremecia suas veias, seu coração e, sobretudo, o centro de sua flor desnuda, logo ali embaixo.

**Arquivo Central dos Estados Unidos da Terra**  
**Versão modificável**

ACESSO ALTAMENTE RESTRITO  
APENAS EDITORES AUTORIZADOS

Madri, 22 de janeiro de 2109, 11h06  
Bom dia, Yiannis

SE VOCÊ NÃO É YIANNIS LIBEROPOULOS,  
ARQUIVISTA CENTRAL FT711, PARE IMEDIATAMENTE DE  
LER ESTAS PÁGINAS

ACESSO ALTAMENTE RESTRITO  
APENAS EDITORES AUTORIZADOS

O ACESSO NÃO AUTORIZADO A ESTAS INFORMAÇÕES  
É CRIME E PODE SER PUNIDO COM ATÉ VINTE ANOS  
DE RECLUSÃO

*Terras flutuantes*

Marcadores: História da Ciência, Culto Labárico, aristopopulismo, Pragas,  
Guerras Robóticas, acordos bilaterais, Segunda Guerra Fria  
#63025

Artigo em edição

As terras flutuantes atualmente existentes são o **Estado Democrático do Cosmos** e o **Reino de Labari**. Essas duas gigantescas estruturas artificiais mantêm órbitas fixas em relação à Terra e são verdadeiros mundos dotados de

plena autonomia. Embora, por motivos estratégicos, tanto o Cosmos quanto Labari cultivem uma política de ocultação de dados, supõe-se que em cada uma das Terras Flutuantes existam entre quinhentos e setecentos milhões de habitantes. Todos humanos, porque em ambos os lugares é proibida a residência de tecnos e alienígenas, ~~e que transforma tais Terras em zonas indubitavelmente mais seguras para a nossa espécie.~~

As primeiras menções à eventual necessidade de construir um mundo artificial na estratosfera que, em caso de catástrofe, pudesse alojar pelo menos parte da humanidade remontam à chamada **Era Atômica**, que são as décadas posteriores à explosão, em meados do século XX, das primeiras bombas de fissão nuclear sobre populações civis (**Hiroshima** e **Nagasaki**). Mas foi ao longo do século XXI, com os estragos do **Aquecimento Global**, que elevou em dois metros o nível dos oceanos e inundou 18% da superfície terrestre, e, sobretudo, com a alta mortalidade, o desespero e a insegurança provocadas pelas **Pragas**, pela **guerra rep** e pelas **Guerras Robóticas**, que a ideia de construir mundos alternativos no espaço se converteu numa necessidade social e numa possibilidade real.

O Reino de Labari recebe seu nome do fundador da **Igreja do Único Credo**, o argentino **Heriberto Labari** (2001-2071). Podólogo de profissão, Labari nasceu em 11 de setembro de 2001, data em que se produziu o famoso atentado às Torres Gêmeas de Nova York, coincidência que ele consideraria uma prova de sua predestinação. Ao completar trinta anos, Labari disse ter recebido uma mensagem divina. Abandonou o emprego, fundou a Igreja do Único Credo e se dedicou a pregar o **Culto Labárico**, que, segundo ele, era a religião original e primigênia, trazida à Terra pelos extraterrestres em tempos remotos e posteriormente deformada e fragmentada, por ignorância e cobiça, nas diversas crenças do planeta. O culto oferece uma mescla sincrética das religiões mais conhecidas, em especial o cristianismo e o islamismo, assim como ingredientes dos jogos de fantasia e RPG, com a evocação de um mundo medievalizante, hierárquico, sexista, escravagista e muito ritualizado. Para divulgar seus ensinamentos, Heriberto Labari escreveu vinte novelas de ficção científica que logo se tornaram muito populares: “Meus relatos fantásticos são as parábolas cristãs do século XXI.” É preciso considerar que a fundação da Igreja do Único Credo coincidiu com os terríveis anos das Pragas, uma das épocas mais violentas e trágicas da história da humanidade, e a mensagem de Labari parecia oferecer segurança e possibilidade de salvação. Quando o profeta morreu em 2071, assassinado por um fanático xiita, os **únicos** já somavam centenas de milhões em

toda a Terra, e entre eles havia grandes fortunas, de xeques árabes do Golfo a importantes empresários ocidentais.

Poucos anos antes de sua morte, Labari havia começado a falar da construção de um mundo estratosférico, não apenas para fugir de uma Terra cada vez mais convulsa, mas também para criar ali a sociedade perfeita, segundo os rígidos parâmetros do Culto Labárico. Seu romance póstumo, *O reino dos puros*, especificava em detalhes como seria esse lugar. Labari tem a forma de um anel grosso, ou melhor, de um enorme pneu. Segundo todos os indícios, foi gerado por bactérias semiartificiais capazes de se autorreproduzir no espaço em vertiginosa velocidade, formando uma matéria semiorgânica porosa, leve, indeformável e praticamente indestrutível. Os códigos dessa técnica sumamente inovadora continuam sendo um segredo. É bastante interessante o fato de que uma sociedade oficialmente antitecnológica tenha sido capaz de um achado científico de tal calibre, embora seja verdade que todos os processos empregados são naturais ou parecem de algum modo mimetizar a natureza. Os habitantes do Reino vivem dentro das paredes do anel; no oco interior, um imenso reservatório de água e algas liberadoras de hidrogênio proporcionam a energia necessária.

Se Labari é o resultado de uma nova religião, o Cosmos é o produto de uma ideologia. ~~Embora talvez as duas coisas deem na mesma.~~ Quando se firmou, em 2062, o Pacto da Lua, que pôs fim à guerra rep, apenas um Estado não o subscreveu: a Rússia. Na ocasião, o antigo império russo atravessava o pior momento de sua história. Era um país em bancarrota, assolado pelas fronteiras e drasticamente reduzido em sua superfície, porque várias guerras sucessivas e exacerbados conflitos vicinais foram enfraquecendo seus limites. Por serem tão pobres e estarem tão atrasados que nem sequer dispunham de centros de produção de tecno-humanos, o fato de não terem assinado o Pacto da Lua em absoluto alterou a efetividade do acordo. Mas a negativa tornou famosa da noite para o dia a recém-eleita presidente daquela nação em ruínas, **Amaia Elescanova**.

Elescanova (2013-2104) era a líder e a fundadora do partido **Regeneração**. Afirmava que todos os males do mundo eram o resultado do abandono das utopias e da rendição aos abusos do capitalismo. Embora asseverasse que tanto o marxismo quanto o modelo soviético estavam obsoletos, reivindicava a criação de uma frente comum revolucionária para acabar com as desigualdades do mundo. Em seu ensaio *Minorias responsáveis e massas felizes*, pedra angular de sua ideologia, Elescanova propunha uma sociedade governada pelos mais aptos e pelos mais sábios, semelhante à República platônica, mas reforçada pelos

avanços científicos: “Poderão inclusive ser potencializadas as qualidades de excelência dos novos dirigentes a partir do próprio zigoto, por meio de técnicas eugenésicas [...] A Ciência e a Consciência Social Unidas para Criar os Super-Homens e as Supermulheres do Futuro ~~(maiúsculas no texto original)~~”.

O regeneracionismo ou **aristopopulismo**, como foi a seguir denominado, inflamou-se como palha seca por todo o mundo, sobretudo quando, a partir de meados dos anos sessenta, diversos países começaram a implantar a cobrança do ar e os cidadãos com menos recursos se viram obrigados a emigrar em massa para as zonas mais contaminadas. Mas não foram apenas os setores economicamente débeis que adotaram as doutrinas de Elescanova; poderosos partidos procedentes de diversos países e distintas ideologias, da extrema esquerda à extrema direita, uniram-se à líder russa, criando em 2077 o **Movimento Internacional Aristopopular (MIA)**, antiburguês, antirreligioso e anticapitalista, ainda que, paradoxalmente, o MIA dispusesse de considerável capital.

Um movimento desse tipo aspira, naturalmente, a dominar o mundo, mas talvez a Terra não lhes parecesse um lugar com muito futuro. Fosse por isso ou pela notícia de que os labáricos construiriam um reino flutuante, o certo é que a primeira decisão do MIA foi criar sua própria plataforma extraterrestre. Assim nasceu uma espécie de competição feroz entre os únicos e os aristopopulares para ver quem finalizava primeiro seu projeto, como se a desmedida efetivação de um mundo artificial pudesse servir de informe publicitário para suas respectivas e antiéticas visões da vida. Apesar de ter entrado mais tarde na corrida, foi o MIA quem ganhou: o Estado Democrático do Cosmos inaugurou-se em 2087, enquanto os primeiros súditos do Reino de Labari só chegaram a partir de 2088. Também nesse caso são desconhecidos os detalhes e os planos, mas não há dúvida de que o Cosmos é uma construção tecnicamente deslumbrante. Uma infinidade de pirâmides feitas com nanofibras de carbono unem-se umas às outras até formar uma estrutura megapiramidal. O resultado é uma espécie de rede tubular, um conjunto de andaimes que apoiam os edifícios ou os núcleos de habitabilidade, comunicados por *ruas* que percorrem o interior dos tubos. Quanto às fontes de energia, parecem se valer de uma tecnologia secreta que permite obter um alto rendimento do vento solar.

Embora a construção desses mundos artificiais tenha sido acompanhada da Terra com crescente desconfiança e apreensão, o fato de serem os dois projetos impulsionados por movimentos sociais multinacionais — e, sobretudo, devido ao caos e à mortandade provocados pelas **Guerras Robóticas (2079-2090)** —

impediu que se conseguisse articular qualquer oposição concreta contra a criação de tais nações flutuantes. E, uma vez inauguradas, milhões de terrícolas desesperados tentaram ser admitidos em algum dos dois mundos para fugir da tremenda desolação da guerra. O Cosmos e Labari estiveram ausentes dos **Acordos Globais de Cassiopeia** por se negarem a outorgar aos tecno-humanos e aos alienígenas os mesmos direitos dos humanos. Entretanto, *a posteriori*, tanto os únicos quanto os aristopopulares firmaram **acordos bilaterais** com os Estados Unidos da Terra, embora as relações nunca tenham sido fáceis. Essa coexistência cheia de suspeitas, segredos e tensões foi batizada pelos analistas como a **Segunda Guerra Fria**. Por outro lado, visto que ambos os mundos continuam a ser mútuos inimigos encarniçados e carentes de relações diplomáticas, os EUT se viram obrigados a, por vezes, atuar como uma espécie de intermediário extraoficial.

Finalmente, algumas fontes mencionam a existência de um terceiro mundo flutuante, uma estrutura muito menor, talvez até autopropulsionada, mais uma meganave do que uma plataforma orbital, na qual uma sociedade democrática, tolerante e livre viveria uma vida razoavelmente justa e feliz. Essa coletividade teria dado início à sua jornada clandestina durante os anos confusos das Guerras Robóticas e desde então teria encontrado uma forma de se ocultar no espaço. Seu nome seria **Avalon**, mas tudo parece indicar tratar-se de uma lenda urbana.



A PRIMEIRA COISA DE QUE TEVE CONSCIÊNCIA, como sempre, foi o latejar das têmporas. A ressaca perfurava sua cabeça como um parafuso de fogo.

Percebeu então uma luz avermelhada através da membrana das pálpebras — umas pálpebras que ainda pesavam demais para que se animasse a levantá-las. Mas aquela claridade parecia indicar que havia muita luz. Talvez fosse dia.

Chicotadas de dor cruzavam-lhe a fronte. Pensar era um martírio. Ainda assim, Bruna se esforçou para pensar. E lembrar. Um buraco negro parecia tragar seu passado mais recente, mas do outro lado daquele grande vazio a rep começou a recuperar imagens entrecortadas da noite anterior, paisagens entrevistas em meio a uma névoa. Lugares barulhentos e cheios de gente. Pistas de dança abarrotadas. Antes disso, o Instituto Médico-Legal. O cadáver de Chi. A rua, a lua. E ela enfiando um *caramelo* debaixo da língua. De novo entreviu um ruído de bares. Um sujeito sem rosto que lhe oferecia uma bebida. As telas públicas matraqueando contra o céu negro. Um grupo de músicos tocando. Uma mão que lhe subia pelas costas. Estremeceu, e isso fez com que tomasse consciência do resto do corpo, além da onipresente e retumbante cabeça. Estava de bruços no que parecia uma cama. Os braços dobrados em ambos os lados do tronco. O rosto apoiado na face esquerda.

Bruna suspirou devagar para não despertar o monstro de sua enxaqueca. Não se lembrava de como havia terminado a noite e não tinha a menor noção de onde poderia estar. Detestava acordar em casa alheia. Odiava amanhecer num bairro desconhecido e precisar olhar para suas coordenadas especiais no celular para saber onde se encontrava. Apalpou o lençol com a mão direita. Foi impossível reconhecer, apenas pelo tato, se era ou não sua cama. Não teria outro remédio senão abrir os olhos. Quatro anos, três meses e 21 dias. Não: quatro anos, três meses e vinte dias.

Abriu as pálpebras muito devagar, receosa do que veria. De fato, havia muita luz. Uma impiedosa claridade diurna que feriu a retina. Levou alguns instantes para superar o deslumbramento; depois reconheceu a pequena poltrona de polípele meio coberta pelo amontoado de suas roupas: a saia metalizada, a jaqueta térmica.

E a camiseta jogada sobre o conhecido piso de madeira sintética. Estava em sua própria casa. Menos mal.

A boa notícia lhe deu ânimo, e, apoiando-se nas mãos, conseguiu levantar o tronco. Ao fazê-lo, notou de esguelha que, a seu lado, o cobertor se avolumava sobre o que parecia ser outra pessoa. Não estava sozinha. Nem tudo haveria de ser tão fácil, naturalmente.

A nudez total não era a melhor maneira de se apresentar perante um desconhecido, de modo que agarrou a jaqueta na poltrona ali perto e a vestiu de qualquer maneira, ainda sentada na cama. Então, respirou fundo, juntou todas as forças e se levantou. De pé junto à cama, com as têmporas retumbando, examinou o visitante, que, a julgar pelo vulto, era muito grande. Um corpanzil deitado de lado, de costas para ela, completamente coberto pelo lençol. Bem, não completamente. Ao alto viam-se uns cabelos... arrepiados... e uma nuca... verde.

Bruna perdeu o ar.

Não podia ser.

Não podia ser.

Pôs uma das mãos na cabeça para aliviar a enxaqueca e serenar o tumulto de pensamentos perplexos, e deu a volta à cama em silêncio até se aproximar do rosto do ser que dormia: o nariz achatado e largo, as sobrancelhas espetadas, a pele esverdeada.

Tinha dormido com um *bicho*.

Sentiu vontade de vomitar.

Mas era verdade que tinha dormido com um *bicho*? Quer dizer, tinha...? A simples alusão mental àquela ideia impensável fez bambearem suas pernas. Precisou se sentar na cama para não cair. E esse movimento despertou o alienígena.

O *bicho* abriu os olhos e a fitou. Uns olhos cor de mel de expressão melancólica. Era um omaá. Frenética, Bruna tentou recordar os dados que sabia a respeito dos omaás. Que eram os Outros que mais abundavam na Terra, porque além da representação diplomática havia milhares de refugiados que chegaram fugindo das guerras religiosas de seu mundo. Que esses refugiados eram os alienígenas mais pobres, exatamente pela sua condição de apátridas, e isso fazia com que fossem os mais desprezados entre todos os *bichos*. Que eram... hermafroditas? Ou esses eram os balabis? Merda. Terror era o que Bruna sentia à ideia de precisar ver seu companheiro de cama de corpo inteiro.

Com estudada lentidão e infinita calma, da mesma forma que um humano se moveria perante um animalzinho do campo para não o assustar, o *bicho* se sentou

na cama, nu da cintura para cima e o resto coberto pelo lençol. Ah, sim, e além do mais esses eram os translúcidos, pensou Bruna com um leve enjoo. O mais inquietante dos extraterrestres era seu aspecto ao mesmo tempo tão humano e tão alienígena. A impossível semelhança de sua biologia. O omaá era grande e musculoso, uma versão robusta do corpo de um varão, com seus braços, suas mãos e suas unhas no final dos... Bruna parou para contar... dos seis dedos. Mas a cabeça, com o cabelo eriçado e as sobranceiras espetadas, com aquele nariz largo que parecia um focinho e os olhos tristes, lembrava demais a de um cão. E havia o pior, que era a pele, meio azulada, esverdeada nas dobras e, sobretudo, semitransparente, de modo que, dependendo dos movimentos e da luz, deixava entrever partes dos órgãos internos, rosados vislumbres de vísceras palpitantes. Por todos os demônios, como seria, ao tato, aquela maldita coisa? Não guardava lembrança alguma de ter tocado aquela pele, e, para dizer a verdade, também não fazia questão de lembrar. E agora, o que fariam? Perguntar os nomes um do outro? *O bicho* sorriu com timidez.

— Olá. Eu me chamo Maio.

Sua voz tinha um fragor profundo de mar batendo de encontro às rochas, mas se ouvia bem e seu sotaque era mais do que aceitável.

— Eu... sou Bruna.

— Muito prazer.

Um silêncio crispado de perguntas não feitas se instalou entre eles. “E agora, o que acontece?”, questionou-se a rep.

— Você se lembra... se lembra de quando chegamos aqui à noite? — acabou por perguntar.

— Sim.

— Quer dizer que você... bem, quero dizer, você se lembra de tudo?

— Sim.

“Por todos os demônios,” pensou Bruna, “prefiro não continuar a perguntar”.

— Bem, Maio, preciso ir, sinto muito. Quer dizer, precisamos ir. Agora mesmo.

Mas não se movia.

— Venha, vamos embora.

— Sim, mas preciso me levantar e me vestir. E estou nu.

Ah, sim, claro! Eram assim tão pudicos os omaás? Se bem que ela também não estava preparada para vê-lo.

— Eu também vou me vestir. No banheiro. E enquanto isso, você...

Bruna deixou a frase no ar, agarrou a mesma roupa da noite anterior para não se preocupar em procurar outra e se fechou no banheiro. Aturdida, com a cabeça ainda partida em duas pela dor, tomou uma rápida ducha de vapor e voltou a vestir a saia metalizada e a camiseta. Resmungou com desagrado ao perceber que não tinha roupa de baixo à mão e ao se lembrar do que fizera com a tanga no começo da noite. Agora, a falta daquela peça a incomodava muitíssimo. Molhou o rosto com um pequeno jato de sua caríssima água para tentar se limpar e depois abriu a porta em silêncio. Diante dela, de pé junto à cama, reverente como um cachorro ansioso por agradar, aguardava o alienígena. Devia ter mais de dois metros. Usava uma espécie de saia tubular que lhe ia da cintura à metade da panturrilha. Então Bruna lembrou que aquela era a maneira de se vestir dos omaás, com saias de um tecido semelhante à lã esponjosa e com cores terrosas e quentes, ocre, vinho, mostarda. Um traje elegante, embora a saia usada por Maio estivesse bastante puída. Mas o pior era que, por cima, ele vestia uma espantosa camiseta terrícola, dessas que eram dadas como propaganda, com um desenho escandaloso no peito, mostrando uma cerveja espumante. Era uns dois números menor do que o necessário e quase arrebatava sobre o tórax robusto.

— É para me cobrir. A camiseta. Percebi que os terrícolas não gostam de ver as transparências da pele no corpo — disse o *alien* com voz oceânica.

“Sim, claro”, pensou Bruna, os omaás andavam em geral com o peito desnudo, cruzado apenas por algumas correias cuja utilidade a rep ignorava. Talvez se tratasse de um simples enfeite. De qualquer maneira, com aquela camiseta, o resultado era espantoso. Parecia um mendigo sideral.

— Bom. Bem. Falou. Então vamos — gaguejou a detetive.

Saíram do apartamento e, no caminho da descida, cruzaram com dois vizinhos. Bruna pôde ver a estupefação em seus olhos, o medo, a repugnância, a curiosidade. “Era o que me faltava”, pensou, “além de ser rep, agora ando com um *bicho*, e para completar um *bicho* com um aspecto miserável de vagabundo”. Ao chegar à rua, ficaram parados um em frente ao outro. “Eu deveria ter oferecido que fosse ao banheiro?”, pensou Bruna, sentindo um arranhão de culpa. E não deveria lhe ter dado algum café da manhã? Se era um refugiado, como sem dúvida era, talvez tivesse fome. E o que comiam aquelas criaturas? O problema era aquele ar tristemente canino do *alien*, aqueles olhos tão humanos que só se encontram nos cachorrinhos, aquele maldito aspecto de animalzinho abandonado, apesar da envergadura de seu corpanzil. “Por todos os demônios”, pensou Bruna, ela já tinha dormido com umas figuras nada

apresentáveis em suas noites mais loucas, mas amanhecer com um *bicho* já era demais.

— Bem. Então adeus — disse a rep.

E saiu andando sem esperar resposta, subindo na primeira esteira rolante que encontrou. Uns metros adiante, pouco antes que a esteira fizesse uma ampla curva para virar a esquina, não resistiu à tentação e olhou para trás. O *alien* continuava de pé junto ao portal, contemplando-a com ar de desamparo. “Some, desaparece”, pensou Bruna. E se deixou levar pela esteira até perder o *bicho* de vista. Acabou. Nunca mais.

“E agora, aonde vou?”, perguntou-se. Naquele exato momento entrou uma chamada em seu celular. Era o inspetor Paul Lizard. Curioso, pensou Bruna, ainda se lembrava do nome do Réptil.

— Temos um encontro dentro de vinte minutos, Husky.

— Sim. Não esqueci — mentiu. — Estou indo para aí.

— Então, por que está numa esteira na direção oposta?

A rep se irritou.

— É proibido localizar alguém por satélite sem permissão para fazê-lo.

— É verdade, Husky, você tem toda a razão, a não ser que se trate de um inspetor da judicial, como eu. Posso localizar quem eu bem entender. Com certeza, você vai chegar tarde. E se continuar avançando na direção oposta, vai se atrasar ainda mais.

Bruna desligou o celular com um tapa. Tinha que ir ver Lizard, embora não tivesse a menor vontade: sua licença de detetive dependia do quanto se desse bem com a polícia. Pulou para a calçada por cima do corrimão da esteira rolante e se pôs a buscar um táxi. Era sábado, fazia um dia lindíssimo, e a avenida da Rainha Vitória, com seu parquinho central arborizado, estava cheia de crianças. Eram crianças bonitas que levavam a passear seus robôs de pelúcia com formas animais: tigres, lobos, pequenos dinossauros. Uma menina chegava a revolutear a dois palmos do chão com um reator de foguete preso às costas, apesar do preço proibitivo que representava aquele desperdício de combustível e o consequente excesso de contaminação. Com o que custava uma hora de voo daquela cria, um humano adulto poderia pagar dois anos de ar limpo. Bruna estava acostumada a tolerar as injustiças da vida, sobretudo quando não as sofria na própria carne, mas naquele dia se sentia especialmente irascível, e a visão da menina aumentou seu mau humor. Recostou-se no táxi e fechou os olhos, tentando relaxar. A cabeça continuava a doer, e não tomara café da manhã. Quando, meia hora depois, chegou à sede da polícia judicial, começava a se sentir realmente faminta.

— Olá, Husky. Vinte minutos de atraso.

Paul Lizard usava um moletom cor-de-rosa. Um moletom cor-de-rosa! Devia ser sua ideia de roupa informal para o fim de semana.

— Estou com fome — disse a rep, como cumprimento.

— É mesmo? Pois eu também. Espere.

Conectou-se com a cantina do edifício e pediu pizzas, salsichas com sabor de frango, ovos fritos, pãezinhos quentes, fruta, queijo com sementes assadas e muito café.

— Levarão para a sala de provas. Venha comigo.

Entraram na sala, que estava vazia, e se sentaram em volta da grande mesa holográfica. Paul ordenou que as luzes se atenuassem. Do outro lado do tabuleiro, iluminado apenas por um leitoso resplendor que provinha da mesa, o rosto do homem parecia de pedra.

— Ouça, Husky... vamos jogar um jogo. O jogo da colaboração e do intercâmbio. Você me conta uma coisa, e eu te conto uma coisa. Por turnos. E sem trapacear.

“Nisso nem você acredita”, pensou Bruna; e reparou a seguir que tinha poucas coisas para contar. Poucas fichas com que jogar.

— Ah, é, Lizard? Pois quero que você me explique por que ninguém fala das memórias adulteradas. E o que contêm essas memórias.

O homem sorriu. Um belo sorriso. Um gesto inesperadamente encantador que, por um instante, pareceu transformá-lo em outra pessoa. Mais jovem. Menos perigosa.

— Você começa, naturalmente. Diga-me, como acredita que sua cliente tenha morrido?

Bruna franziu a testa.

— É óbvio que a assassinaram. Quero dizer, lhe implantaram, contra a sua vontade, a memória adulterada.

— Por que você está tão segura de que ela não o fez por vontade própria?

— Não me parecia uma mulher que se drogasse. E, além disso, conhecia o problema das *memas* letais, não teria se arriscado. Ainda mais depois de ter sido ameaçada.

— Ah, sei. A história da famosa bola que apareceu em seu gabinete. E o que havia na bola?

— Você não sabe? — surpreendeu-se Bruna. — Não lhe mostraram no MRR?

— Habib diz que não a tem. Que está com você.

— Devolvi ontem, por mensageiro.

— Pois acabo de falar com ele e não tinha chegado. O robô deve ter desaparecido misteriosamente pelo caminho. Mas você analisou a mensagem...

Bruna refletiu por um instante. A bola estava perdida? Era tudo muito estranho.

— Ei, espere aí, Lizard. Pare um pouco. Agora é sua vez de me dar informações.

Paul assentiu.

— Muito bem. Olhe para essas pessoas...

Sobre o tabuleiro começaram a se formar as imagens holográficas de três indivíduos. Para sermos exatos, de três cadáveres. Um homem com um buraco na frente, perfeitamente redondo e limpo, com certeza um disparo de laser. Outro rapaz com o pescoço cortado e cheio de sangue. E uma mulher com meio rosto estourado, talvez por uma bala explosiva convencional ou por um disparo de plasma.

Bruna teve um pequeno sobressalto: o meio rosto que restava na vítima lhe era vagamente familiar. Sim, aquela orelha fora do lugar era inconfundível.

— Você os conhece? — perguntou o policial.

— Só a última. Creio que é uma traficante de drogas dos Novos Ministérios. Comprei dela uma *mema*, há três dias.

— E o que fez com ela? Usou?

— Quem são os outros?

— Todos traficantes ilegais. *Aviões* conhecidos. Alguém resolveu assassiná-los. Será para se vingar pelas memórias letais?

— Ou para eliminar a concorrência do mercado e poder vender a mercadoria adulterada? Mandei analisar a *mema*. Era normal. Pirata, mas inócua.

Paul voltou a assentir. Nesse momento, chegou o robô da cantina com a comida. Talvez a qualidade dos pratos não fosse muito boa, mas estavam quentes e se revelaram suficientemente apetitosos. Puseram as bandejas sobre a mesa e durante alguns minutos se dedicaram a comer com silenciosa satisfação, enquanto as imagens dos três cadáveres continuavam a dar voltas no ar. Parecia uma imensidão de comida, mas em poucos minutos Bruna constatou com algum assombro que os dois tinham conseguido dar cabo de tudo. A rep se serviu de mais um café e olhou para Lizard com a benevolência produzida pelo estômago cheio. Comer na companhia de alguém quando se está com fome predispõe à cumplicidade e à convivência.

— Bem. Acho que você ia me dar o conteúdo da bola holográfica recebida por Chi... — disse o homem afastando os pratos.

Bruna suspirou. Estava muito melhor da ressaca.

— Não, não. É sua vez. Já contei o caso da *mema* ilegal.

Lizard sorriu e voltou a manipular a mesa. Apareceram dois novos mortos fluuando espectralmente diante deles. Dois reps. Desconhecidos.

— Não sei quem são — disse Bruna.

— Pois já vai ver, são dois cadáveres curiosos. Trabalhavam para o MRR. Bem, trabalhavam para uma empresa de manutenção cujo único cliente era o MRR. Alguma lembrança?

A detetive manteve uma expressão impassível.

— Como morreram? — perguntou para ganhar tempo.

— Dois tiros na nuca. Executados.

Deveria contar ou não? Mas não queria, sem a permissão do androide, revelar detalhes que lhe tinham sido dados por Habib. Afinal, ele era seu cliente. Decidiu, em vez disso, dar a Lizard outra peça de informação.

— Não faço ideia, disse aí não sei nada. Quanto à bola holográfica, via-se Chi num discurso de...

— Não, esquece essa parte, sei como era a mensagem. Habib me informou. O que quero saber é o resultado de sua análise.

— As imagens da estripação são de um porco, e há 51% de probabilidades de que não provenham de qualquer matadouro legal, mas de trabalho doméstico. E não consegui encontrar nenhum rastro, nenhum dado, nenhum indício, nenhuma credencial. Só...

— Só?

— Posso usar sua mesa holográfica?

— Claro.

Bruna pediu a conexão do celular, e Lizard a concedeu. Segundos depois, formou-se diante deles a mensagem ameaçadora. A mesa tinha uma resolução magnífica, e a imagem era em tamanho natural: o resultado era bastante desagradável. Quando o filme acabou, a detetive tocou a tela de seu pulso e fez passar o vídeo original do porco, limpo e reconstruído. Focou sobre o punhal e aumentou e melhorou a imagem, até que se viu o olho do rep.

— Mmmm... De modo que a sequência foi gravada por um tecno-humano — murmurou Lizard, pensativo. — Interessante.

— Pode ficar com uma cópia da análise.



— Obrigado. Então, não lhe dizem nada os dois andróides que trabalhavam para o MRR?

— Nunca os tinha visto na vida — disse Bruna, no tom perfeito de quem diz a verdade. — Mas me ocorre que você poderia fazê-los passar por um programa de reconhecimento anatômico para comprovar se o olho que se vê no punhal corresponde a algum deles. Aliás, onde os cadáveres foram encontrados?

Lizard arrebanhou com o dedo o último pedaço de queijo fundido que restava no prato e o comeu com deleite. Fez uma careta de preocupação antes de falar.

— Isso é o mais curioso... Encontramos todos os mortos no mesmo lugar... Em Biocompost C.

Ou seja, num dos quatro grandes centros de reciclagem de lixo de Madri.

— No vazadouro?

— Os dos tecnos estavam jogados sobre a montanha de detritos mais recente... Como se tivessem sido colocados ali, com cuidado. Os robôs lixeiros estão programados para detectar resíduos sencientes e avisar, de modo que interromperam o trabalho e deram o alarme. Nessa mesma montanha, um pouco enterrados, estavam os outros cadáveres, mais antigos e em diversos estados de decomposição. Nos hologramas que você viu, os corpos estavam reconstruídos, mas os dois homens deviam estar mortos há pelo menos um mês.

— O que quer dizer que estavam em outro lugar e foram levados para Biocompost C.

— Exato. Era como se alguém quisesse que descobríssemos todos juntos e que com isso relacionássemos os casos. Pistas criminais óbvias para detetives imbecis.

Bruna sorriu. Aquele homenzarrão de voz preguiçosa tinha alguma graça. Embora conviesse não confiar.

— Lizard, sei que já houve outros casos parecidos de mortes de reps. Antes das que vieram à luz esta semana... Mais quatro. O fascista do Hericio disse isso no noticiário... E Chi as estava investigando.

Lizard ergueu as sobrancelhas, pela primeira vez realmente surpreso.

— Chi também sabia? Caramba... Era o segredo mais conhecido da Região... O que exatamente ela sabia?

— Que eram três homens e uma mulher, todos tecno-humanos, todos suicidas, nenhum assassinou ninguém antes de se matar. Deixaram a vida por diversos métodos, todos bastante habituais: cortar as veias, overdose de droga, se jogar no vazio... Os três últimos, quero dizer, os últimos no tempo, os mais recentes, arrancaram o próprio olho. E todos tinham uma *mema* adulterada.

— E mais nada? Não conhecia qualquer outro detalhe que relacionasse os mortos?

— Chi não havia encontrado nada que os ligasse. Parecem vítimas escolhidas ao acaso.

— Pode ser, Bruna. Mas além disso... todos tinham tatuada no corpo a palavra “vingança”.

— Todos?

— Os sete.

— Chi também?

— Também.

— Não vi.

— Estava nas costas.

— Gandara não me disse.

— Ontem à noite você fugiu muito depressa. Veja.

Flutuou no ar o primeiro plano de um dorso. Longo, ondulante, branco. Mas, manchada pelos traços violeta de pontos cardeais, perto do suave começo das nádegas, estava escrita a palavra “vingança”, com uma letra muito característica, comprimida, entintada e redonda. O vocábulo media uns quatro centímetros de largura por um de altura. Tinha aquela intumescida cor de uva das tatuagens realizadas com pistola de laser frio, como a de Bruna. Cicatrizavam no mesmo instante em que eram feitas.

— É Chi — explicou o homem. — Mas todas as tatuagens são iguais e estão no mesmo lugar.

Lizard apagou a mesa e encarou Bruna com um pequeno sorriso.

— Parece que estou contando coisas demais, Husky.

E era verdade. Estava lhe contando coisas demais.

— Diga só mais uma coisa, Lizard: o que contém as *memas* letais?

— Mais do que *memas*, são programas de comportamento induzido. Uma peça de bioengenharia muito especiais. E os implantes evoluíram de uma vítima para outra. Ou seja, seus programas foram ficando mais complexos.

— Como se os primeiros mortos fossem protótipos...

— Ou ensaios práticos, sim. Os implantes dispõem de uma dotação de memória muito curta. Trinta ou quarenta cenas, em vez dos milhares de cenas habituais.

— O normal são quinhentas.

— Só isso? Bem, naquelas *memas* só há algumas cenas que fazem a vítima acreditar que é humana e que foi objeto de perseguição por parte dos reps...

dos tecnos. E a seguir há outras cenas que são como premonições. Atos compulsivos que a vítima se vê obrigada a executar. Algo semelhante aos delírios psicóticos. Os implantes induzem uma espécie de psicose programada e extremamente violenta. O impacto é tão forte que lhes destroça o cérebro em poucas horas, embora não saibamos se essa degeneração orgânica subsequente é intencional ou um efeito secundário e indesejado do implante.

— E a obsessão com os olhos?

— Isso de cegar a si próprio ou cegar alguém aparece a partir da segunda vítima. É uma das cenas delirantes. Algo voluntariamente induzido, sem dúvida.

— Uma assinatura do criminoso. Como a tatuagem.

— Talvez. Ou uma mensagem.

Por trás de tudo aquilo havia alguém muito doente, pensou Bruna. Uma mente perversa capaz de se regozijar com a enucleação de um globo ocular. De um olho rep. Vingança e ódio, sadismo e morte. A detetive sentiu um vago mal-estar lhe rondando o estômago. Sem dúvida tinha comido demais.

— E por que nada disso foi levado a público? Por que ocultar o caso dos implantes?

Lizard olhou fixo para Bruna.

— É sempre útil ocultar algum dado que apenas o criminoso pode saber — disse por fim com sua voz letárgica, depois de um silêncio um pouco excessivo.

— Para isso vocês já tinham as tatuagens. Por que calar algo que demonstra serem os reps também vítimas, e não apenas assassinos furiosos?

Novo silêncio.

— Você tem razão. Há ordens superiores para que não se diga nada. Ordens que me incomodam. Nesse caso, estão acontecendo coisas que não compreendo. Por isso entrei em contato com você. Acho que podemos nos ajudar mutuamente.

Bruna disfarçou e tocou o estômago. A sensação de náusea tinha aumentado. Alguma coisa ia mal. Alguma coisa ia muito mal. Por que Lizard lhe contava tudo aquilo? Por que tinha sido tão generoso em suas confidências? E como era aquilo de dizer tão abertamente que desconfiava de seus superiores? Ali? Na sede da polícia judicial? Percebeu que se eriçava a penugem loura que crescia ao longo de sua coluna vertebral. Era como uma leve onda elétrica que subia pelas suas costas, o que sempre lhe acontecia antes de entrar em combate. Ou quando estava em situação de perigo. E agora corria perigo. Aquilo era uma cilada. Olhou o rosto pesado e carnudo de Lizard e achou-o repulsivo.

— Preciso ir — disse de repente, enquanto se levantava.

O homem arqueou as sobrancelhas.

— E assim tão depressa?

Bruna se conteve e fingiu uma calma quase amável.

— Já nos dissemos tudo, não? Eu nada mais sei. E você não me dirá mais. Tenho um compromisso e estou atrasada. Ficaremos em contato.

Ainda sentado, Lizard agarrou-a pelo pulso.

— Espere...

A androide sentiu a mão quente e áspera do homem em sua pele e precisou recorrer a todo o seu controle para não lhe dar uma joelhada na cara e se libertar. Olhou-o com olhos questionadores e ferozes, ainda meio de perfil, sem abandonar seu impulso de fugir.

— Claro que você tem algo para me contar. Você foi atacada por Cata Caim.

Bruna bufou e se virou de frente para ele. Lizard a soltou.

— Sim. Consta no relatório policial. E daí?

— Você estava numa das cenas induzidas da *mema* de Caim. Segundo o programa, sua vizinha tinha que espioná-la, ir ao seu apartamento, estrangulá-la com o fio até deixá-la inconsciente, amarrá-la, arrancar seus olhos e depois matá-la.

Mesmo sem querer, Bruna ficou impressionada com a notícia. Abriu a boca, mas não soube o que dizer.

— Não é interessante? Aí está seu nome, Bruna Husky, na cena da *mema*. Seu nome, sua imagem e seu endereço. Por que você acha que está incluída num implante assassino?

— Então você me trouxe aqui para me interrogar?

— Não estou interrogando. Não oficialmente, digo. Só estou perguntando.

— Não faço a menor ideia.

— É curioso. Você deveria ter sido uma vítima, mas não foi. Questão de sorte? Ou de conhecimento prévio?

— O que está insinuando?

— Talvez você conhecesse o conteúdo da *mema*. Talvez até tenha colaborado na fabricação do implante.

— Para que eu colocaria a cena induzida do meu assassinato?

Lizard sorriu, encantador.

— Para ter uma excelente desculpa.

Bruna ficou aliviada. Ah, ela o preferia assim, agindo às claras contra ela, declaradamente hostil. Devolveu o sorriso.

— Receio que, no final, não vamos acabar tão amigos assim... — disse.

Deu meia-volta e foi embora. Cruzava o umbral da porta quando ouviu às suas costas a resposta do policial:

— É uma pena.

O maldito Lizard parecia ser daqueles homens que sempre se empenhavam para ter a última palavra.

**NA VERDADE, BRUNA TINHA MESMO UM COMPROMISSO**, embora quase tivesse esquecido. Há três meses, todos os sábados, às 18 horas em ponto, ia a um psicoterapeuta. O problema começara seis meses antes. Numa tarde, Bruna estava em casa, vendo um filme, e, de repente, a realidade desapareceu. Ou melhor, foi ela quem saiu de cena: a tela, a casa, o mundo inteiro pareceu se afastar para o outro lado de um grande tubo negro, como se Bruna estivesse olhando as coisas da extremidade de um túnel. Ao mesmo tempo, começou a suar e a tiritar, a ranger os dentes, e as pernas tremeram. Sentiu-se de repente invadida por um pânico que jamais sentira antes. E o pior era que não sabia o que a aterrorizava tanto. Era um medo cego, indecifrável. Louco. Um súbito apagão da razão.

A crise durou apenas alguns minutos, mas a deixou esgotada. E refém permanente do medo do medo. Do receio de que se repetisse o ataque, que desde então se repetira algumas vezes, sempre nos momentos mais inesperados: correndo no parque, comendo num restaurante, viajando de trem ou no metrô.

A princípio, recorreu a uma psicomáquina, como havia feito outras vezes, em seus anos de milícia. Os combatentes costumavam usar as *caixas bobas* depois de algum combate especialmente duro ou em épocas de extrema tensão bélica. Entrava-se no pequeno cubículo da psicomáquina, sentava-se no assento, colocava-se o capacete com os eletrodos, encostavam-se as pontas dos dedos nos sensores e contava-se à caixa o que acontecia. Supunha-se que a psicomáquina desse conselhos verbais, estimulasse suavemente o cérebro com ondas magnéticas e, se isso fosse suficiente, fornecesse alguma pílula adequada. Os andróides buscavam ansiolíticos, relaxantes, estimulantes, estabilizantes, euforizantes, antidepressivos. Sabiam como falar com a caixa para conseguir o que desejavam, e as sessões só custavam 15 geses, drogas à parte. Mas naquela ocasião a detetive não sabia do que necessitava, o que buscava.

— Você teve um ataque de angústia — diagnosticava a caixa em vibrante tom de barítono (Bruna selecionara voz de homem na opção de som).

— Mas por quê?

— Os ataques de angústia são uma consequência do medo da morte — disse a psicomáquina.

Como se aquilo esclarecesse alguma coisa. A androide passava toda a sua curta vida perturbada pela consciência da morte, e sem dúvida estivera em perigo mortal inúmeras vezes sem que isso lhe provocasse crise alguma. Muito pelo contrário, o risco bombeava em seu organismo uma espécie de calma fria e muito brilhante. Era uma das contribuições da engenharia genética, um dos aperfeiçoamentos hormonais de que eram dotados os reps de combate. Mas, de repente, uma tarde, vendo um filme idiota em casa, tinha desmoronado. Por quê? Visto que a *caixa boba* não havia acalmado sua inquietação, admitiu a possibilidade de visitar um psicoterapeuta. Desde que a psicóloga peruana Rosalind Villodre desenvolvera, nos anos oitenta, sua teoria pós-freudiana do Mestre, seus discípulos estavam muito na moda. Perto da casa de Bruna havia um Mercado de Saúde, uma dessas galerias comerciais especializadas em terapias mais ou menos alternativas, e no térreo ficava o consultório de um psicoterapeuta chamado Virginio Nissen. Uma tarde, a detetive entrou ali com a vaga intenção de se informar e saiu com o compromisso de voltar todos os sábados; de forma um tanto inexplicável, o homem dera um jeito de lhe impor aquela obrigação. Há dois meses a rep não sofria de crises de angústia, mas duvidava muito de que fosse graças a Nissen. Em todo caso, talvez isso se devesse às oitenta gaias que lhe custava a meia hora de tratamento: não tinha outra opção senão se curar para poder justificá-las.

E agora Bruna estava jogada numa cama de privação sensorial, sobre um colchão de tênues aerobolas e com óculos virtuais que a faziam se sentir no meio do cosmos. Flutuava placidamente no negrume estelar, sem peso e sem corpo. Àquele lugar remoto de conforto chegou a voz levemente melosa de Virginio Nissen.

— Diga-me três palavras que doem.

Era preciso responder depressa, sem pensar.

— Ferida. Família. Dano.

— Descartemos a primeira: demasiado contaminada semanticamente. Pense em família e diga outras três palavras que doem.

— Nada. Ninguém. Sozinha.

— O que significa nada?

— Que é mentira.

— O que é mentira?

— Já falamos disso muitas vezes.

— Mais uma vez, Husky.

— Tudo é mentira: os afetos, a lembrança desses afetos. O amor dos meus pais. Meus próprios pais. Minha infância. Foi tudo tragado pelo nada. Não existe nem existiu.

— Existe o amor que você sente pela sua mãe e pelo seu pai.

— Mentira.

— Não. Esse amor é real. Seu desespero é real porque seu afeto é real.

— Meu desespero é real porque meu afeto é uma ilusão.

— Meus pais morreram há trinta anos, Husky.

— Sinto muito por você, Nissen.

— O que quero dizer é que meus pais também não existem. Deles, só guardo recordações. Igual a você, Husky.

— Não é a mesma coisa.

— Por quê?

— Porque minha recordação é uma mentira.

— A minha também. Todas as lembranças são mentirosas. Todos inventamos o passado. Você acha que meus pais foram mesmo como me lembro deles hoje?

— Pouco me importa, porque não é a mesma coisa.

— Está bem, pulemos essa parte. E a segunda palavra, ninguém? O que significa?

— Solidão.

— Por quê?

— Olha, você não pode entender. Um humano não consegue entender. Talvez eu deva procurar um psicoterapeuta tecno. Existem tecno-humanos fazendo isso? Até as ratas, até o mamífero mais miserável tem seu ninho, sua manada, seu rebanho, sua prole. Nós reps carecemos dessa união essencial. Nunca fomos verdadeiramente únicos, verdadeiramente necessários para alguém. Refiro-me ao modo como as crianças são necessárias para seus pais, ou os pais são necessários para as crianças. Além do mais, não podemos ter filhos e só vivemos dez anos, o que faz com que formar um par estável seja muito difícil, ou uma agonia.

A garganta se fechou de repente e a detetive se calou, com medo de que a voz se rompesse em lágrimas. Todas as vezes que esbarrava na lembrança da morte de Merlin, a dor a inundava com uma fúria intacta, como se não se tivessem passado quase dois anos. Respirou fundo e engoliu a dor até conseguir recuperar um controle aceitável.



— Quero dizer, não somos realmente importantes para ninguém. Podemos ter amigos, até bons amigos, mas nem com o melhor dos amigos alguém ocuparia esse lugar básico de pertencer ao outro. Quem vai se preocupar com o que me acontecer?

Era sensacional, pensou Bruna com sarcasmo; era realmente sensacional pagar oitenta geses ao psicoterapeuta para conseguir estragar a tarde e passar por maus momentos. O espaço sideral em que fluuava, antes tão relaxante, começava a parecer um lugar angustiante.

— Na realidade, as coisas não são exatamente como você afirma, Husky. Nem a analogia que você fez está correta. Nem todos os mamíferos vivem em companhia. Por exemplo, os ursos selvagens eram animais absolutamente solitários durante a vida toda. Só se juntavam brevemente, para acasalar. De modo que...

“Para o inferno com os ursos selvagens”, pensou Bruna. Que ainda por cima eram outros seres que também não existiam: só restavam ossos nos jardins zoológicos. A rep arrancou os óculos virtuais e se sentou na cama. Pestanejou várias vezes, um pouco enjoada, enquanto voltava ao mundo real. Diante dela, refestelado num sofá, estava Virgínio Nissen, com seus grandes bigodes trançados, seu pingente de ouro e seu crânio raspado e encerado.

— Não aguento mais. Chega por hoje.

— Com certeza, Husky. Na verdade, já chegamos ao fim da sessão.

“Claro: Nissen sempre precisava ter a última palavra. Outro controlador, como Lizard”, pensou com cinismo a androide, enquanto transferia oitenta gaias de celular para celular. O computador do homem apitou recebendo o dinheiro, o psicoterapeuta sorriu, e Bruna saiu para o centro comercial, ansiosa por aquecer os ânimos com um drinque.

Mas não, estava bebendo demais.

Em vez de se enfiar no bar em frente ao consultório de Nissen, como tinha feito algumas vezes ao terminar a terapia, seguiu pela galeria principal até a saída do Mercado de Saúde. Custou-lhe um pouco ir embora, estava querendo demais aquele drinque extemporâneo e solitário, e a voracidade de sua sede começou a assustá-la. Realmente precisava diminuir o consumo de álcool. Muitos andróides acabavam alcoolizados ou dependentes de qualquer outra droga, sem dúvida espicaçados por aquela mesma amargura que Bruna não conseguia explicar de todo a Nissen. E também era por isso que tantos reps se metiam no perigoso jogo das *memas* ilegais: já que não podiam viver uma vida verdadeira a longo prazo, em sua duração humana normal, podiam ao menos tentar viver várias vidas de

curta duração. Existências superpostas e simultâneas. Cata Caim estava programada para lhe arrancar os olhos e depois matar. Voltou a sentir um calafrio e percebeu que em sua memória se aglomeravam antigas cenas de violência e de sangue, retalhos febris de seu serviço bélico que em geral conseguia bloquear.

Quatro anos, três meses e vinte dias.

O centro comercial estava abarrotado: nos últimos tempos, nada obcecava mais as pessoas do que a saúde. E não só os tecnos, mas também os humanos. Apesar dos prognósticos científicos otimistas do século XXI, a verdade é que não se conseguira prolongar a média da vida humana para além dos 95 ou 96 anos, e além disso não se podia dizer que as condições dos nonagenários fossem boas. Os transplantes, os membros biônicos e a engenharia celular haviam melhorado a qualidade de vida dos mais jovens, mas não se conseguira suavizar a implacável deterioração da velhice. Os anciãos morriam sem rugas, convertidos em suas próprias e deslocadas máscaras mortuárias graças à cirurgia estética, mas a decrepitude do tempo continuava a roê-los por dentro. “Pelo menos disso se salvavam os reps”, pensou Bruna, “da lenta e penosa senectude”. “Os heróis morrem jovens, como Aquiles”, costumava dizer Yiannis para animá-la, quando cruzavam na rua com algum daqueles anciãos aprisionados no cárcere de sua ruína: mentes laminadas pelos anos, bocas babando, corpos alquebrados transportados em cadeiras de rodas de um lado para o outro como carne morta. E mesmo assim, suspirou a androide, trocaria de lugar com um humano naquele mesmo instante.

O Mercado de Saúde não era muito grande, mas tinha um pouco de tudo: carrilhões hiperbáricos, centros de terapia antioxidante, tendas biônicas de segunda mão, terapeutas espirituais que diziam seguir o rito labárico... E a legião habitual de curandeiros e iluminados contra o Tumor Total Tecno. Pelo visto, havia também um médico gnês no andar de cima. Era um dos poucos lugares nos quais se podia observar de perto um *alien*... “a não ser em sua própria cama, é claro”, disse Bruna para si mesma. E sacudiu a cabeça para apagar da memória o corpanzil translúcido de Maio, cuja nauseante lembrança acabava de lhe cruzar a mente como um inseto.

Perto da saída havia um pequeno local de tatuagens em que Bruna não prestara atenção das outras vezes. Aproximou-se para olhar: eram tatuagens essenciais. Se não se enganava, a seita dos essencialistas tinha nascido em fins do século XX ou princípios do XXI, na Nova Zelândia. Bruna não sabia muito a respeito de suas crenças, embora tivesse ideia de que se baseavam em antigos ritos maoris. Suas tatuagens, porém, eram famosas. Os essencialistas as

consideravam sagradas, uma representação exterior do espírito. Cada pessoa precisava descobrir qual era sua tatuagem, seu desenho primordial, a tradução visual de seu ser íntimo e secreto, e, uma vez encontrado o desenho exato, devia gravá-lo na pele, como quem escreve os sinais de sua alma. Segundo eles, tatuar-se uma imagem equivocada resultava numa desordem atroz e atraía uma infinidade de desgraças; aplicar a figura precisa, pelo contrário, acalmava e protegia o indivíduo, além de curar múltiplas doenças. Não era de estranhar que tivessem virado moda.

Bruna espiou pela janela estreita, enfeitada por um desenho em papel de um homem nu, cuja pele estava completamente coberta de sinais estranhos. O pequeno local, uma salinha escura com um banco de madeira e algumas almofadas pelo chão, parecia vazio. A rep empurrou a porta. Notou que estava aberta e entrou. Foi no mesmo instante envolvida por um cheiro de laranja, uma penumbra cor de âmbar. Era um lugar agradável. O banco, visto de perto, parecia antigo e era lindamente entalhado. Outro móvel de madeira ocupava a parede da direita.

Ao fundo, uma cortina de contas transparentes se agitou com um som sussurrante de água em movimento quando o tatuador saiu da parte de trás da tenda. Ou a tatuadora? Bruna se esforçou para deduzir o sexo daquela figura diminuta e compacta que parecia ter a largura igual à altura e de carnes tão duras quanto uma bola de borracha sintética. Usava o negríssimo cabelo comprido solto sobre os ombros e vestia sobre as calças elásticas um blusão justo e unissex, cor de amora. Mas parecia ter peitos... então, tatuadora. A mulher se aproximou de Bruna e, lá de baixo, porque mal chegava ao umbigo da rep, examinou-a com atenção. Tinha o rosto mais redondo que a androide já vira, um rosto carnudo e acobreado, forte e, de certa forma, bonito. Por alguma estranha razão, sua curiosidade não parecia ofensiva, e Bruna se deixou olhar sem nada dizer. Por fim, a mulher franziu o cenho e disse:

— Está te dividindo.

Caramba, que vozeirão. Então era um tatuador.

— O que está me dividindo?

O homem, se é que era um homem, apontou com o dedo rechonchudo para a tatuagem de Bruna.

— Esta linha. Como você quer se sentir bem, se está dividida em duas? E os pedaços nem ao menos são iguais. E ainda por cima foi feito com pistola laser. Blerg!

Sua expressão de asco foi tão espontânea que Bruna quase se dobrou de rir. Lembrava-se agora de que os essencialistas tatuavam segundo métodos milenares, com uma pena afilada e tinta vegetal. Um procedimento que deveria ser muito doloroso.

— Não sei se posso ajudá-la. Não sei se poderei encontrar sua forma. Essa linha que você tem faz muito ruído.

Falou com doçura, e de novo predominou seu aspecto feminino.

— Não faz mal. Eu não vim buscar a tatuagem que representa meu espírito.

— Espírito não. Nada de espíritos. É seu alento vital o que é preciso encontrar.

— Bem, que seja isso! Meu nome é Bruna Husky e sou detetive.

O tatuador ou tatuadora fez com a cabeça um gesto de cortesia.

— Eu me chamo Natvel e sou tohunga. Sou quem busca as formas. Quem as encontra. E quem as reproduz.

Sua declaração, ligeiramente enfática, soou como um poema ou como uma oração, e a rep se sentiu um pouco desconfortável. Nunca foi muito apreciadora de religiões.

— Natvel, estou investigando um caso de assassinato, e a vítima tinha uma tatuagem. Era uma palavra e estava escrita com uma caligrafia muito especial. Muito entintada, muito apertada, as letras quase subindo umas em cima das outras. Como se formassem um quebra-cabeça e se encaixassem com perfeição.

— Que palavra era?

Bruna hesitou por um instante.

— Não posso dizer, sinto muito. Mas pensei que talvez você pudesse saber de que tipo de letra estou falando.

Natvel, pensando, beliscou o grosso lábio inferior.

— Era bonito o desenho dos sinais?

— Era... asfíxiante.

A criatura assentiu e se dirigiu para o móvel de madeira com um balançar de ancas de matrona. Abriu uma gaveta funda e tirou uma braçada de papéis.

— Sente-se — ordenou a Bruna, indicando o banco.

Sentaram-se nas duas extremidades do móvel, e a essencialista colocou os papéis sobre o assento, no espaço que havia entre elas. Eram uma série de desenhos feitos à mão, a lápis ou com sanguina. Antigos desenhos de tatuagens, sem sombra de dúvida. Natvel folheou com rapidez os papéis, como se procurasse alguma coisa, e por fim separou um e entregou-o à rep. Uma espécie de águia, um belo bicho de asas geométricas e abertas, segurava nas garras uma

palavra como se fosse uma serpente que a ave estivesse matando. A palavra estava meio coberta pelas patas, mas ainda assim podia-se ler com clareza o final: athan. E era a mesma letra usada para escrever “vingança” no corpo das vítimas.

— É esta. Exatamente.

Natvel retorceu seu grande rosto solar num trejeito de preocupação.

— É a caligrafia labárica de poder. Sinais sujos e maus. Isto é de um rapaz que se chamava Jonathan. Era um escravo do Reino de Labari. Como aos demais escravos, haviam-lhe tatuado o nome com a caligrafia de poder para submetê-lo e humilhá-lo. Mas ele tinha algo por dentro. Uma força especial. Graças a isso conseguiu fugir do mundo flutuante e chegar à Terra. Pude ver sua força interior, e era como uma água. Tatuiei-a devorando seu nome de escravo, e Jonathan se curou.

Uma grafia labárica! Isso era surpreendente.

Bruna estivera uma vez em Labari, seguindo a pista de um antigo caso; precisou se disfarçar de humana para poder entrar e guardava uma péssima lembrança daquele mundo feroz de fanáticos.

— Ei, muito obrigada, Natvel, você foi uma ajuda e tanto. Me diga quanto devo.

— Nada. Vale só pelo fato de lutar contra as sombras — disse a pequena criatura, com solenidade.

Era realmente impossível deduzir seu gênero sexual. E não era porque Natvel fosse um ser andrógino e indefinido, e sim porque parecia oferecer sucessivas imagens cambiantes. De repente era óbvio que se tratava de uma mulher, e no minuto seguinte não havia a menor dúvida de que era um homem. Bruna pensou se na verdade seria um mutante, se aquele deslizamento de sua identidade sexual teria sido causado pelo distúrbio atômico do teletransporte.

— Fico muito agradecida, mas você é...

A rep hesitou, porque não sabia se dizia “um perito” ou “uma perita”, e engrenou uma segunda para refazer a frase.

— ...é uma voz de autoridade na matéria, e o trabalho dos peritos deve ser pago. Além disso, se me cobrar, poderei voltar a pedir sua ajuda se for preciso.

Natvel ergueu no ar seu rechonchudo dedo indicador e disse:

— Calada.

E Bruna se calou.

Então, o tatuador subiu no banco e pôs ambas as mãos nas têmporas da rep, que estremeceu mas não se retirou. Eram mãos suaves e quentes, acolchoadas,

mãos de mãe universal. Natvel inclinou a cabeça entre os braços estendidos e permaneceu assim, concentrada e de olhos fechados, por um bom momento. Rígida e desconfortável, Bruna se perguntou se não deveria sentir algo especial: alguma energia brotando das mãos, um tremor interior, um vislumbre de transe, enfim, alguma daquelas sensações esotéricas de que sempre falavam os aficionados daquela espécie de ritual. Mas só se sentia ridícula. Depois, Natvel soltou a androide e endireitou o corpo.

— Seja quem você é, seja como você é. Eu vi você.

— Ah, é? — balbuciou a rep.

— Vi seu desenho essencial.

Bruna ficou de pé.

— Pois prefiro não saber qual é. Mais uma vez, muito obrigada pela sua ajuda, Natvel. Diga quanto devo.

— Já disse que nada. Estamos em paz. Mas volte quando quiser se conhecer melhor.

A detetive assentiu com a cabeça e saiu da tenda com alguma precipitação. Uma vez lá fora, suspirou aliviada: tinham sido curandeiros demais, terapeutas demais para uma tarde só. Gente demais que parecia saber do que ela precisava ou o que ela era. Naquele momento, decidiu deixar o psicoterapeuta. Deixar o psicoterapeuta, deixar a bebida, deixar a vida desregrada, deixar de ser rep. Soltou uma gargalhada curta e amarga, que soou como um espirro. Pelo menos Natvel tinha sido útil. Caligrafia labárica.

Uns gritos tiraram Bruna de seu ensimesmamento. A pouca distância, na entrada do Mercado de Saúde, produzia-se um pequeno alvoroço. A detetive se aproximou para ver o que estava acontecendo: dois jovens humanos grandes, fortes e desagradáveis, um branco e outro negro, com as cabeças raspadas em listras típicas dos valentões supremacistas, davam empurrões e bofetadas numa pessoa-anúncio. Jogavam-na de um para o outro e a insultavam, divertindo-se com ela e com sua humilhação.

— Cala essa boca de uma vez, papagaio! Estamos cheios da sua propaganda.

— Não posso apagar — choramingava a vítima.

— Não posso apagar, não posso apagar... Não sabe dizer outra coisa, velha suja? Velha asquerosa, esta mendiga... pois se enfie num buraco para que ninguém te ouça!

A pessoa-anúncio era a mulher de Texaco-Repsol que às vezes parava no bar de Oli, mas antes de reconhecê-la Bruna já estava inundada por uma torrente de hormônios, tensa e vibrante da cabeça aos pés, preparada para o enfrentamento

e a investida daquela maravilhosa e clara calma de paisagem, daquela ardente frieza que a possuía em situações de tensão. Em duas passadas firmes se interpôs entre os vândalos, de modo que recebeu nos braços o corpo desmantelado da mulher quando um dos valentões a atirava para o outro.

— Acabou a brincadeira — disse, com suavidade.

E, com delicadeza, ergueu a vítima, que tremia, afastou-a alguns metros e sentou-a no chão, junto à parede. “Energia limpa para todos, poder renovável para um futuro feliz...”, gorjeava a tela do peito da mulher. Bruna se voltou para encarar os agressores, que não tinham conseguido reagir diante da rapidez dos movimentos da detetive.

— Ora! Isso está ficando cada vez mais divertido... Um rep! De que proveta você se perdeu, monstro de laboratório? — ciciou o negro, com os traços retorcidos pela fúria.

Os dois sujeitos, nervosos, se balançavam sobre os pés, com os braços tensos separados do corpo. Era a típica dança animal, o bailado primordial de ataque e de defesa. Bruna, em compensação, continuava quieta e aparentemente relaxada.

— Por que você se intrometeu aqui, monstro? Hein? Quem te disse que um monstro genético tem permissão para falar com a gente? — continuou cuspidando o negro, que parecia estar no controle.

— Jardo, espera... Está me parecendo um rep de combate — sussurrou o outro.

— Pra mim não passa de uma puta cheia de hormônios! — desafiou o líder.

E, tirando do bolso um nocauteador elétrico, avançou sobre Bruna disposto a feri-la. Foi rápido, mas não o bastante. Tranquilamente, a androide se afastou para um lado e desarmou o brigão, golpeando-lhe o braço com o lado da mão. O homem perdera preciosos milésimos de segundo ao pegar o nocauteador quando deveria estar concentrado no ataque, e foi o bastante. Tinha sido uma decisão muito lerda, diagnosticou, enquanto girava sobre si mesma e, jogando a perna para trás, cravava o salto na genitália do sujeito, que caiu, sem ar. O outro, como Bruna previra, já tinha saído correndo.

A detetive se aproximou da mulher de Texaco-Repsol, que ainda continuava acocorada junto à parede e tiritando.

— Calma. Já acabou.

— Obrigada, muito obrigada. Eu... Eu conheço você — balbuciou a mulher-anúncio.

— É. Nós nos conhecemos. Do bar de Oli.

Bruna ajudou-a a ficar de pé. Estavam rodeadas por um pequeno círculo de curiosos, todos humanos. E alguns pareciam olhar para ela com medo. Para ela. Com todos os diabos, deveriam estar agradecidos. Tinham que ter medo era daquele valentão de merda que continuava a choramingar encolhido no chão. Mas não, quem os amedrontava era o rep, o diferente, o maldito monstro de laboratório.

— Acabou o espetáculo — rosou.

O grupo se dissolveu sem reclamar.

— Você está bem? — perguntou à mulher-anúncio.

— Estou só um pouco nervosa.

— Obrigado, querido consumidor! Entre todos, conseguimos a felicidade das famílias — disse a tela publicitária.

— Meu nome é Roy Roy.

— E o meu é Bruna Husky.

A mulher-anúncio devia ter pouco mais de sessenta anos, mas parecia macilenta e envelhecida. Além disso, não mostrava qualquer vestígio de cirurgia estética, ou seja, sem dúvida era muito pobre. Seu rosto continuava lívido, e a boca tremia. Era a própria imagem do desamparo.

— Roy Roy, o que acha de irmos ao bar de Oli tomar alguma coisa, nos acalmarmos e nos refrescarmos? Pelo menos sabemos que lá nós duas somos bem-vindas.

Tomaram um táxi até o bar, porque a mulher ainda estava perturbada demais para caminhar. Quando entraram no local, a gorda Oliar na mesma hora detectou problemas: tinha uma intuição empática dos diabos.

— O que aconteceu, Husky? Venham, vão para aquele canto, ficarão tranquilas. Ali, junto do seu amigo Yiannis.

O velho arquivista estava de fato no final do balcão e se alegrou ao ver Bruna; não tinha notícias dela desde a véspera, quando a acordara para lhe comunicar a morte de Chi. A rep explicou o sucedido.

Oli, que lhes tinha servido duas cervejas e um prato de batatas fritas e depois se esparramara em cima do balcão ouvindo a história, torceu seu iluminado rosto cor de café com leite e exclamou:

— Esse negro de merda... Deveria se lembrar de que há um século e meio éramos nós os linchados e os perseguidos. Mas os renegados são sempre os piores.

— Essa história de supremacismo está começando a me preocupar — resmungou Yiannis. — No arquivo também tenho encontrado umas frases



terríveis.

— Que você corrigirá, suponho.

— Para isso sou pago.

— Texaco-Repsol, sempre na vanguarda do bem-estar social!

Bruna e Yiannis trocaram um olhar. Era difícil manter uma conversa tranquila tendo como fundo o papaguear constante das mensagens publicitárias. Roy Roy percebeu o gesto e, sufocada, levantou-se do banco.

— Sinto muito. Sei que é uma tortura. Não quero mais amolar vocês. Já fizeram demais.

— Mas o que é isso, mulher? Sente-se.

— Não, não, é sério. Não me sentiria bem ficando. Muito obrigada, Bruna, muito obrigada mesmo. Não me esquecerei. Acho que vou dormir. Já cumpri minhas nove horas. Preciso descansar. Deixem... me deixem convidá-los...

— Hoje quem convida é a casa — protestou Oli.

— Ah, pois de novo obrigada. Hoje tenho que agradecer muitas coisas a todos, acho.

E deu um sorriso amarelo.

Yiannis e Bruna seguiram-na com o olhar enquanto se afastava. Um passarinho emparedado entre as telas.

— Ela tem um dos olhares mais tristes que já vi na vida — murmurou o arquivista.

Tinha mesmo. A rep bocejou. Sentia-se de repente esgotada. Sempre acontecia, depois de um *caramelo*. O coquetel de neuropeptídios e álcool devia ser um massacre para o corpo. Além disso, só tomara uma cerveja o dia todo, a que Oliar acabara de lhe servir. E já era o bastante. Queria continuar assim, e para isso o melhor era se retirar.

— Acho que também vou para casa, Yiannis. Estou morta.

Estava tão cansada que voltou a tomar um táxi, embora receasse se acostumar mal com aquele desperdício. Chegou em cinco minutos, pagou e desceu. A rua estava cheia de gente: era sábado e a noite acabara de começar. Mas Bruna só conseguia pensar em sua cama, em tomar um copo de leite com cacau e dormir. Abriu o portal com a ponta do dedo e começava a empurrar a porta para entrar quando um estranho impulso a fez olhar para a direita. E ali estava ele, a uns cinco metros, encostado à parede, de ombros caídos. O *alien*, o *omaá*, o *bicho* esverdeado. Ali estava à sua espera, como um cachorro abandonado e esperançoso, um cachorro enorme com uma camiseta pequena

demais. Bruna fechou os olhos e respirou fundo. Não é problema meu, disse a si mesma. E entrou no edifício sem se voltar para olhá-lo de novo.

**A PORTA DE CATA CAIM AINDA ESTAVA SELADA** por um cordão policial, embora Bruna achasse que haviam apenas se esquecido de tirá-lo. Já tinham se passado nove dias desde a morte da rep, e os lacres nunca duravam tanto. A única coisa que atestava sua permanência era a extrema solidão de Caim: ninguém quis entrar na casa depois de sua morte, ninguém se interessou pelas suas coisas, com certeza não havia quem se lembrasse dela. Nem os policiais que deveriam ter tirado o lacre. Uma vida breve e miserável.

Bruna interrompeu facilmente o cordão eletrônico com uma pinça e abriu a porta com um decodificador de senhas. A detetive tinha uma boa coleção de pequenos objetos fraudulentos que serviam para anular alarmes, apagar rastros e decifrar códigos, desde que não se tratasse de sistemas de segurança muito sofisticados. Nesse caso, a fechadura era a mais convencional e barata do mercado, e foi rápido. A rep olhou para os dois lados do corredor antes de entrar: eram quatro horas da tarde de domingo, e a tranquilidade reinava no prédio. Ela já estivera na casa de Caim, no dia em que ela arrancou o próprio olho, acompanhada por um dos porteiros, mas só havia explorado o lugar superficialmente, em busca dos dados básicos da vítima. Agora, em compensação, queria fazer um exame muito mais detalhado: precisava saber por que seu próprio assassinato estava programado na *mema* de Cata. Não sabia bem o que buscava, mas sabia a maneira de procurar. Os registros se davam bem com a detetive: era como se, de algum modo, os indícios saltassem por si mesmos diante de seus olhos.

O apartamento de Caim era idêntico ao seu, só que invertido, e no primeiro andar, em vez do sétimo. Bruna o recordava impessoal, vazio e empoeirado, e sua primeira impressão ao entrar de novo agora, nove dias depois, confirmou sua lembrança: continuava a ser um lugar tristíssimo. A janela tinha a persiana baixada quase até o final, e a casa estava submersa numa penumbra suja e silenciosa, que parecia ter alguma coisa de lúgubre.

— Casa, levantar persiana — pediu Bruna à tela, que brilhava fraca na escuridão.

No entanto, o computador não reagiu — obviamente não a reconheceu como voz autorizada. A rep atravessou a sala para utilizar o comando manual, e em seguida percebeu algo anormal. Subiu apressadamente a persiana e se virou para contemplar o quarto: estava todo revolvido. Era impossível que a polícia o tivesse deixado daquele jeito. Desde que, alguns anos antes, o Estado fora condenado a pagar dois milhões de gaias pelo famoso escândalo do caso John Gonzo, os agentes obedeciam a rigorosas instruções de diligência. Por isso, com certeza alguém andara por ali fazendo buscas antes dela. Parada no meio da sala, Bruna olhou em volta com atenção. Era uma desordem muito estranha. Por todo lado se viam restos de roupa, provavelmente tirada do armário de Caim e logo rasgada e transformada em trapos. Um canto do tapete tinha sido arrancado e não estava à vista, então talvez o tivessem levado. Para que seriam necessários dois palmos de um tapete barato? Para enfiá-los na boca de alguém e asfixiá-lo? Sobre a mesa, um almofadão estripado e sem o recheio. Teria sido levado junto com o tapete? Duas gavetas haviam sido tiradas das guias, e os conteúdos, espalhados pelo chão e despedaçados, mas havia outras três gavetas fechadas. Aproximou-se e olhou-as: o interior estava bem-arrumado, o que indicava que provavelmente não tinham sido abertos. Quem quer que tivesse estado ali com certeza encontrara o que procurava.

A rep explorou um pouco as gavetas intactas. Fotos de família, fitas coloridas, colares baratos, diários adolescentes de papel. Toda a parafernália das falsas recordações. Caim os mantinha guardados e escondidos, mas não se desfizera deles. Um inconfundível barulho de vidros quebrados se fez ouvir, muito perto. Bruna se virou num salto e apoiou as costas na parede para se proteger, depois ficou imóvel. O ruído tinha sido no quarto. Ou talvez no banheiro. Os segundos transcorreram devagar enquanto o silêncio se esticava como um chiclete. A rep estava a ponto de decidir que tinha sido um alarme falso quando seu ouvido aguçado voltou a perceber algo: um rumor furtivo, um pequeno tilintar cristalino. Algo se movia no quarto. Havia alguém ali. Então compreendeu que, se restavam gavetas por abrir, era porque havia surpreendido o intruso em plena atividade. Bruna se aproximou sigilosamente da porta do quarto, sentindo falta de sua pistola de plasma. Ao passar pela área da cozinha, agarrou uma faca que estava sobre a bancada: não passava de um pequeno talher de mesa, mas ela era capaz de fazer muitas coisas com aquilo. Espiou pela porta: a cama desfeita, os armários meio abertos. A folha da janela estava entreaberta: por ali deveria ter entrado o intruso. E talvez tivesse acabado de sair também por ali. A detetive prendeu por um instante a respiração, para se concentrar apenas nos sons, e

voltou a ouvir um levíssimo roçar do outro lado da cama, junto aos armários. Não, não tinha fugido. Continuava ali.

Em décimos de segundo, com extraordinária e tranquila lucidez, Bruna examinou todos os seus possíveis movimentos. Poderia ir devagar, poderia ir depressa, poderia contornar o apartamento ou pular por cima do colchão, ou rolar pelo chão. Poderia até dar meia-volta e tentar sair do andar de Caim sem criar confusão. Mas o fato de o intruso ainda não a ter atacado permitia-lhe supor que não se sentia muito seguro: talvez não estivesse armado nem fosse muito perigoso, ou, por outro lado, poderia ser uma boa fonte de informações. Além disso, estava deitado no chão, entre a cama e a parede, e, sem armas, aquela era uma posição bastante desvantajosa.

— Sei que você está aí. Tenho uma pistola — mentiu Bruna. — Levante-se com as mãos para o alto. Vou contar até três: um...

E, quase sem terminar o primeiro número, Bruna saltou sobre a cama e se atirou no esconderijo do intruso. Caiu de pé do outro lado, mas não sobre um corpo, como pensava, e sim no chão.

— Pelo grande Morlay!

Diante dela, entre os restos de um espelho quebrado, de cócoras e encostada ao armário, uma coisa peluda a contemplava com ar de susto. Era um animalzinho de mais ou menos meio metro de altura, com um corpo parecido com o de um macaquinho, mas sem rabo, com barrigão e todo coberto de pelos grossos e vermelhos; depois vinham um pescoço grosso demais e uma cabeça pequena demais, triangular, de grandes olhos negros, que lembrava vagamente a dos avestruzes, só que peluda e com nariz de batata, em vez de bico. No alto do crânio achatado, um topete de pelo espetado. Tinha um aspecto desprotegido e engraçado. Bruna reconheceu a criatura: era um... como o chamavam? Um glutão. Era um animal doméstico alienígena, não se lembrava agora de que planeta, que se tornara moda como mascote. O bichinho a olhava, tremendo.

— E de onde você saiu? — perguntou em voz alta.

— Cata — balbuciou o animal, num sussurro vago, mas reconhecível. — Cata, Cata.

Bruna soltou a faca e se deixou cair sentada na cama, perplexa. Um macaco que falava. Ou um avestruz que falava. De qualquer maneira, uma coisa peluda que falava.

— Você me entende? — perguntou ao bicho, desanimada.

— Cata! — repetiu a coisa com sua voz anasalada e um tanto estridente.

A rep digitou no celular a palavra *glutão*, e na tela apareceu a imagem de um ser muito parecido com o que lá estava e um artigo: *BUBI (pl. bubis, coloq. Tr. glutão) Criatura de origem omaá, o bubí é um pequeno mamífero doméstico introduzido na Terra nos últimos anos, com grande sucesso, porque sua adaptativa e resistente constituição permite que seja facilmente criado em nosso planeta, e por se revelar ideal como mascote. É uma espécie heterossexual e carece de dimorfismo: macho e fêmea são idênticos em tudo, exceto no aparato genital, difícil de distinguir externamente. O bubí adulto pesa cerca de dez quilos e pode viver até vinte anos. É um animal limpo, fácil de educar, pacífico, afetuoso com o dono e capaz de articular palavras graças a um rudimentar aparato fonador. A maioria dos cientistas considera que a fala do bubí não passa de um reflexo imitatório semelhante ao dos papagaios terrícolas. Alguns zoólogos, entretanto, afirmam que tais criaturas possuem uma inteligência elevada, quase comparável à dos chimpanzés, e que em suas manifestações verbais há uma intencionalidade expressiva. O bubí é onívoro e muito voraz. Alimenta-se fundamentalmente de insetos, vegetais e cereais ricos em fibra, mas se tiver fome pode comer quase tudo, em especial trapos e cartões. Esse roer constante tornou-o conhecido, na Terra, pelo apelido coloquial de glutão. Diversas associações protetoras dos animais apresentaram recursos legais, tanto regionais quanto planetários, pedindo que os bubis recebam a mesma consideração taxonômica de nossos grandes símios, e que, portanto, sejam reconhecidos como sencientes.*

Depois vinham diversos outros artigos com detalhes anatômicos e etológicos, mas Bruna não os leu. Voltou a olhar para o animal. Continuava a tremer.

— Calma, não vou te machucar — disse a detetive, em voz suave.

O bicho tinha sangue no braço: talvez uma lesão produzida pelos cristais do espelho quebrado. Era um sangue vermelho e brilhante, como o dos humanos e dos reps. Bruna esticou a mão muito devagar, e o bubí se colou ainda mais ao armário e soltou um pequeno gemido.

— Pssss... Quietos, calma. Só quero ver o machucado.

O pelo do animal era grosso e forte, mas muito menos áspero do que a rep esperava. Separou um pouco os fios melados de sangue e examinou com cuidado o ferimento. Não parecia grande coisa. Um pequeno corte superficial, e já não sangrava. Debaixo da pelagem avermelhada, a pele era cinzenta.

— Bom, está tudo bem. Viu? Calma.

Acariciou um pouco a nuca e o ombro do animal. Compreendia por que os glutões haviam feito tanto sucesso: era um bicho gracioso, que provocava

ternura. O animal foi deixando de tremer sob sua mão, embora continuasse a olhar fixamente para ela, com expressão alerta. Bruna se levantou.

— E agora, o que faço com você?

— Bartolo. Cata. Bartolo bonito, Bartolo bonito — disse o bubí.

Tendo dito isso, tirou de trás do corpo a ponta rasgada do tapete e, agarrando-a delicadamente com as duas mãozinhas de dedos acinzentados, começou a roê-la.

“Cata”, pensou Bruna. “Quer dizer que Caim tinha um bubí como mascote?” E Bartolo devia ser o nome do animal. Precisava avisar a alguma sociedade protetora de animais.

— Bartolo? Você é Bartolo?

— Bartolo bonito — repetiu o glutão sem parar de mastigar.

A julgar pela destruição reinante, Bartolo passara os últimos nove dias sozinho e sem comida. Era provável que tivesse fugido para o pátio, assustado, durante o registro policial, e por isso não o descobriam. E quando ela chegou com o porteiro também não o viu. Teria fugido antes? “Imaginemos que Caim tivesse sido assaltada e que a enfiassem à força a *mema* assassina”, disse Bruna para si mesma. “Imaginemos que o bubí fosse testemunha do ataque e tenha saído correndo pela janela. Seria, de algum modo, capaz de reconhecer o agressor? Não diziam que era um animal inteligente?” Observou-o com olho crítico enquanto ele se dedicava a roer o tapete e não ficou muito impressionada com o que via. Decidiu desconsiderar por enquanto o mascote e se pôs a vasculhar a casa com rápida eficiência. O quarto, o banheiro e, por último, a sala. Nada encontrou que valesse a pena. O bubí a seguiu timidamente por todos os cômodos, mas se instalava num canto e não perturbava. Quando terminou de examinar a área da cozinha, que estava bastante desprovida de tudo, Bruna se virou para o animal.

— Mas o que...!

Em dois pulos chegou perto do bubí e arrancou-lhe das mãos sua jaqueta de lã. Quer dizer, os restos meio comidos de sua fantástica jaqueta de lã autêntica. Olhou-o, indignada.

— Bartolo fome — disse o bubí com ar contrito.

“Vou chamar agora mesmo uma protetora para que o levem”, pensou, furiosa. Mas logo decidiu que seria melhor verificar primeiro a procedência da mascote. Agachou-se e pegou o animal. O bubí, confiante, abraçou-a pelo pescoço. Tinha um cheiro ácido e vivo, não desagradável. Cheiro de musgo e couro. A rep saiu da casa de Caim, fechou a porta e tirou a pinça para que o cordão policial voltasse a funcionar. Depois foi em busca de algum porteiro

entre os que moravam no enorme edifício de apartamentos. Consegui encontrar um, o mesmo que a acompanhara à casa de Cata no dia dos autos. Era óbvio que acabava de acordar da sesta e estava de muito mau humor.

— É domingo, Husky. Vocês inquilinos acham que porque moramos aqui somos seus escravos — grunhiu, em meio a uma nuvem de halitose.

— Desculpe. Só uma pergunta: você sabe se este animal era de Cata Caim?

O homem a olhou com olhos cheios de sono e rancorosos.

— Não sei se era este, mas Caim tinha um igual, sim.

— E por que você não disse, quando fomos à casa dela?

— E tinha alguma importância? Aliás, era melhor que tivesse desaparecido. Eu, por mim, proibiria todos esses malditos bichos. Nem cachorros, nem gatos, nem pássaros, nem nada. Só servem para sujar. E então quem limpa? O escravo, claro.

— Tudo bem, tudo bem. Obrigada e desculpe o incômodo — disse a rep, dando-lhe uma nota de dez gaias.

“Bartolo era mesmo o animal de estimação de Cata”, pensou Bruna. A detetive estava no meio do corredor com o glutão nos braços, sem saber direito o que fazer. Então ouviu sua respiração diminuta e regular. Um ronquinho. O bubi adormecera em seu ombro.

— Que diabos — disse a rep. — Vou levá-lo para casa por enquanto e depois veremos.



**BRUNA ACORDOU COM UM PÉ GELADO** e o outro fervendo, e, erguendo-se sonolenta na cama para ver o que havia, descobriu com estranheza que uma de suas pernas estava no ar e a outra, coberta por uma espécie de almofada peluda e vermelha. Levou alguns instantes para reconhecer que a almofada era na realidade um animal e se lembrar do bubô que havia resgatado da casa de Caim na tarde da véspera. O glutão estava enroscado sobre seu pé direito e mastigava placidamente a manta térmica, na qual já fizera um buraco considerável pelo qual saía o pé esquerdo. Com o agravante, constatou agora a rep com repugnância, de que estava empapado da baba da criatura, daí a razão de estar tão frio. A androide rugiu e jogou o bubô no chão com um pontapé. A criatura soltou um ganido.

— Bartolo bonito, Bartolo bonito — balbuciou.

— Vou te mostrar o Bartolo bonito... Agora mesmo vou chamar uma protetora — retrucou a androide, enquanto vestia a bata chinesa e se inclinava para examinar o estrago.

Nesse momento, entrou uma chamada de Nopal. Inconscientemente, Bruna se esticou, clareou a voz, tentou assumir uma expressão animada. O escritor foi brevíssimo: disse que tinha uma informação interessante para ela e pediu um encontro. A rep louvou a notícia e aceitou, mas não pôde evitar uma pitada de inquietação, uma perturbação que não conseguia entender muito bem. O memorista a deixava nervosa. Muito nervosa. Pelo simples fato de ser memorista? Ou por ser ele? Opaco e ambíguo, arrogante e ao mesmo tempo amável demais. Havia alguma coisa naquele homem que a hipnotizava e lhe dava arrepios. O fascínio da serpente.

Tinham marcado às 13 horas no Urso, e a rep, que se deitara cedo na noite anterior, se levantara sentindo-se muito bem, apesar do incidente do glutão. Era a segunda manhã consecutiva que despertava sem sombra de ressaca, uma proeza que havia bastante tempo não conseguia. Agora estava de pé no meio da sala, razoavelmente feliz da vida — algo que poucas vezes lhe acontecia. Olhou para o amedrontado bubô e voltou a sentir pena: na verdade, a criatura mal havia

jantado na véspera, porque a rep quase não tinha o que comer em casa. Não era estranho que se tivesse posto a mordiscar. Para não falar da ansiedade que deveria estar sentindo por conta da violenta perda de sua dona, da solidão posterior e de tantas mudanças. Isso, a ansiedade, era algo que Bruna podia compreender. Também ela se sentia muitas vezes com vontade de roer e de morder, só que se controlava.

— Está bem. Por agora você fica aqui. Pode até ser que ainda possa me ajudar, mas você tem que se comportar.

— Bartolo bom. Bom Bartolo.

Bruna se admirou: o animalzinho parecia mesmo entender o que ela dizia. Chamou um Superexpresso e pediu cereais com fibra, maçãs e ameixas secas para o bubí, e uma compra média com um pouco de tudo para ela. Os serviços expressos eram caríssimos, mas não tinha vontade de ir à rua. Enquanto esperava a chegada do robô mensageiro, falou um pouco por holochamada com Yiannis, apresentou-o a Bartolo e ainda teve tempo de colocar quatro peças no quebra-cabeça. Depois fartaram-se de comer. O bubí ficou sentado no chão, encostado à parede, esparramado, a imagem viva da satisfação. Bruna se agachou perto dele.

— Bartolo, você sabe o que aconteceu com Cata? Viu alguma coisa? Alguém a machucou?

— Bom, muito bom — disse o glutão, com olhos gulosos.

— Responde, Bartolo: Cata? Machucado? Ai? Dor? Cata Caim? Ataque? Malvados?

Bruna não sabia direito como falar com ele nem de que modo chegar ao seu pequeno cérebro. Encenou uma agressão com gestos, apertou o próprio pescoço e se sacudiu, revirou os olhos. O bubí a olhava fascinado.

— Droga! Você sabe ou não o que aconteceu com Cata?

— Cata boa, Cata não está.

— Sei, já sei que não está. Mas você sabe o que aconteceu? Viu alguém? Alguém a machucou?

— Bartolo sozinho.

Bruna suspirou, acariciou o topete de pelos espetados da cabeça do bubí e se levantou.

— Fome! — gritou Bartolo.

— Outra vez? Mas você acabou de comer, e muito.

— Fome, fome, fome! — repetiu o glutão.

Bruna agarrou uma vasilha, encheu-a de cereais e lhe deu.

— Toma e fica quieto.

— Não, Bartolo não! Fome, fome, fome! — repetiu o animal, enquanto empurrava a tigela, recusando.

A rep olhou-o desconcertada. Voltou a lhe oferecer comida e ele voltou a recusar.

— Fome!

— Não entendo.

O ubi abaixou a cabeça, como se desanimado pela falta de comunicação. Mas logo depois começou a coçar a barriga, feliz.

— Bartolo bom.

“Você é um cabeça de vento”, pensou Bruna; seria muito difícil conseguir arrancar algo de proveitoso. Quando voltasse para casa avisaria a uma protetora para que cuidassem dele.

O encontro com o memorista era às 13 horas. Ainda faltavam algumas horas, e a rep estava repleta de energia, por isso arrumou um pouco o apartamento e fez uma série de exercícios com pesos pequenos: não queria que a massa muscular lhe entorpecesse a ligeireza. Depois, enquanto o ubi cochilava (pelo visto passavam os dias dormindo e comendo), a rep dedicou um tempo insolitamente longo a se arrumar. Chegou a experimentar diversas roupas. Afinal, escolheu um macacão cor de ferrugem de calças largas e o corpete muito justo. Já ia sair quando, num súbito impulso, pôs uma das duas únicas joias que tinha: um grande peitoral geométrico feito com uma lâmina de ouro tão fina e leve quanto um papel de seda. Tratava-se do famoso ouro das minas de Potosí, onde era submetido a um processo químico secreto que evitava que as frágeis folhas de metal se rompessem. Tinha sido presente de uma humana a quem Bruna salvara a vida nuns distúrbios, quando a rep ainda cumpria sua milícia e estava alocada no remoto planeta mineiro. Bruna havia feito aqueles dois saltos de teletransporte, da Terra a Potosí e de lá outra vez à Terra, e, por sorte, parecia não ter sequelas da síndrome de TTT. Embora nunca se pudesse ter certeza.

— Cuidado para não fazer bobagens, viu, Bartolo? Principalmente, nem pensar em tocar no quebra-cabeça. E te jogo na rua se comer alguma coisa. Ouviu?

— Bartolo bonito, Bartolo bom.

Bruna saiu então de casa, arrumada como se fosse a uma festa, e um pouco perplexa perante tanto excesso de cuidados. Mas ia animada, ia quase contente, sentindo-se saudável e vigorosa, ainda longe do TTT. Em pleno domínio da perfeita engrenagem de seu corpo. Uma sensação de bem-estar que se empanou bastante quando, mal saindo pelo portão, avistou na esquina, no mesmo lugar da

noite anterior, o maldito extraterrestre azul-esverdeado. O omaá de paciência canina. Com todos os diabos, Bruna tinha se esquecido dele, quer dizer, tinha conseguido se esquecer dele. Mas ali estava Maio, rodeado por um pequeno círculo de curiosos e disposto a se eternizar perto de sua porta. Seria um costume de seu povo? Um mal-entendido cultural? Deveria ela ter cumprido determinado ritual de despedida, como lhe dar uma flor, acariciar-lhe a cabeça ou sabe-se lá o quê? A rep mordeu os lábios com ansiedade, lamentando não ter prestado mais atenção às reportagens de divulgação das culturas alienígenas. De repente, toda uma fauna omaá parecia decidida a se incorporar à sua vida. Era como uma maldição. Sem parar para pensar, aproximou-se de Maio com passo decidido.

— Oi. Escuta, não sei como é na sua terra, no seu planeta, mas aqui, quando alguém nos diz adeus, vamos embora. Não quero ser mal-educada, mas...

— Calma. Eu sei. Você não fez nada errado. Não precisa me dizer mais nada. Sei o que significa a palavra adeus.

A frase soou como o chiado de uma onda que arrebenta na margem.

— Mas, então, por que continua aqui?

— É um bom lugar. Não me ocorre outro. Ninguém me espera em lugar algum. Não é fácil encontrar terrícolas amáveis.

O sentido da frase do *bicho* abriu caminho na cabeça da rep. “Mas, então”, pensou, “quer dizer que me considera amável? A mim, que o coloquei para fora com grosseria e agora volto a fazer o mesmo? Mas que malditas experiências terá tido?”. O panorama desenhado pelas palavras de Maio era demais para Bruna, era algo com que não se sentia capaz de lidar. Por isso, deu meia-volta e se foi sem dizer mais nada.

Caminhava depressa e já tinha se afastado uns duzentos metros quando alguém lhe agarrou o braço por trás. Virou-se irritada, achando que era o *bicho*, mas se viu cara a cara com um personagem fantasmagórico e lívido que levou alguns instantes para reconhecer.

— Nabokov!

Era a amante de Chi, a chefe de segurança do MRR.

O grande coque de seu penteado se soltara, e agora a cabeleira lhe caía pelos ombros, embaraçada e suja. Parecia ter emagrecido em velocidade impossível para os três dias em que não se viram, ou pelo menos o rosto estava mais fino e a pele se esticava, acinzentada e flácida, sobre o bastidor de uns ossos proeminentes. Seus olhos febris se fundiam em dois poços de olheiras, e o corpo tremia com violência. Era o Tumor Total Tecno em plena eclosão. Bruna já o vira vezes demais para não reconhecê-lo.

— Nabokov...

Valo continuava agarrada ao antebraço de Bruna e não se afastou, porque temia que a rep desmoronasse se perdesse o ponto de apoio. Ela se inclinava para a direita e não parecia capaz de manter o equilíbrio. Os grandes peitos artificiais resultavam agora num apêndice grotesco em seu corpo destruído.

— Habib me disse, Habib me disse... — sussurrou.

— O quê? O que ele disse?

— Você também sabe. Me diz!

— Sei o quê?

— São como escorpiões, pior que escorpiões, o escorpião avisa.

Tinha o olhar esgazeadado e sua mão ardia no braço de Bruna.

— Nabokov, não te entendo, calma, vamos à minha casa, é aqui perto...

— Nããão... Quero que você confirme.

— Vamos para casa e falaremos...

— Os supremacistas. São como escorpiões.

— São, são uns miseráveis, mas...

— Todos os humanos são supremacistas.

— Você precisa descansar, Valo, me escute.

— Habib me disse.

— Pois vamos falar com ele.

Bruna tentou mexer um pouco o braço que Nabokov continuava a apertar convulsivamente para liberar o celular e poder chamar o MRR e pedir ajuda.

— Vingança! — gemeu a mulher.

A detetive se alarmou.

— Foi isso o que Habib lhe disse? Ele usou a palavra vingança?

Valo encarou Bruna por alguns instantes, com olhos alucinados. Depois fez uma careta horrível que talvez pretendesse ser um sorriso. As gengivas sangravam.

— Nããão... — sussurrou.

Soltou Husky e, fazendo um esforço extraordinário, endireitou o corpo maltratado e conseguiu juntar forças suficientes para sair andando com passo relativamente firme e rápido. A detetive foi atrás e lhe pôs a mão no ombro.

— Espere... Valo, me deixe...

— Larga!

A mulher se libertou num puxão e seguiu seu caminho.

Bruna a viu andar com preocupação, mas chegaria tarde ao seu encontro com Nopal e também não acreditava ser a pessoa mais adequada para cuidar da

doente. Ligou para o número pessoal de Habib, que atendeu na mesma hora. Seu rosto estava tenso e preocupado.

— Acabo de me encontrar com Nabokov, e ela parece muito doente.

— Pelo grande Morlay, menos mal! — exclamou com alívio. — Onde ela está? Estamos procurando por ela há horas.

— Estou mandando um sinal de localização da minha posição... Pegou? Nabokov acabou de ir a pé na direção sul. Ainda a vejo.

— Vamos agora mesmo para lá, obrigado! — disse Habib com urgência.

E desligou.

Bruna tinha mais coisas para falar com o líder em exercício do MRR, mas decidiu que podiam esperar. Pressionada pela hora, tomou outra vez um táxi, coisa que se tornava um hábito nefasto e caríssimo. Apesar da despesa, quando atravessou as portas do Pavilhão do Urso já estava 15 minutos atrasada. Nopal a esperava sentado num dos bancos do jardim de entrada, com os cotovelos apoiados nos joelhos, a mecha lisa caindo-lhe sobre os olhos e sua desdenhosa expressão de tédio.

— Outra vez atrasada, Bruna. Eu diria que é um péssimo hábito. Seu memorista não trabalhou bem suas recordações didáticas? Seus pais nunca disseram que chegar tarde era falta de educação?

A rep percebeu que o sujeito a chamara pelo primeiro nome, e isso a perturbou mais do que seu sarcasmo.

— Sinto muito, Nopal. De modo geral, sou pontual. Foi uma coincidência, uma complicação de última hora.

— Está bem. Desculpas aceitas. Você já esteve aqui?

Pablo Nopal parecia ter uma estranha predisposição para encontrá-la em locais peculiares. O Pavilhão do Urso havia sido construído cinco anos antes, durante a Exposição Universal de Madri. A cidade sempre tivera como símbolo um urso comendo as frutas de uma árvore, e as várias vezes reeleita e quase eterna presidente da Região, Imaculada Cruz, resolvera celebrar a Expo modernizando o antigo emblema. Já fazia meio século que estavam extintos os ursos polares, que morreram afogados à medida que se desfez o gelo do Ártico. Mortes lentas e angustiantes para animais capazes de nadar desesperadamente quatrocentos ou quinhentos quilômetros antes de sucumbir ao esgotamento. O último a afogar-se, ou pelo menos o último de que se teve conhecimento, foi seguido por um helicóptero da organização Ursos Em Perigo. A UEP tentara resgatá-lo, mas o agônico mergulho final coincidiu com o estouro da guerra rep, de modo que os animalistas não conseguiram nem o apoio nem o financiamento

necessários para levar adiante o plano de salvamento. Só puderam filmar a tragédia. Também congelaram e guardaram num banco genético o sangue daquele último urso, que era na verdade uma urso, e de mais uns trinta exemplares, porque durante alguns anos haviam posto marcadores de rastreamento e faziam exames veterinários nos animais que restavam. Graças a esse sangue, a presidente Cruz pôde obter seu novo símbolo para Madri. Utilizando um sistema muito parecido com o da produção de tecno-humanos, os bioengenheiros criaram uma urso geneticamente idêntica ao último animal. Seu nome era Melba.

— Já, já conhecia o lugar — respondeu Bruna.

Sempre lhe tinha chamado a atenção aquela história da replicante plantigrada, que tinha mais ou menos a sua idade. O Pavilhão do Urso lhe parecia um lugar emocionante e já o visitara algumas vezes. Sobretudo nos atormentados meses depois da morte de Merlin, quando lhe parecia estar à deriva pela dor como Melba estivera em seu solitário e cada vez mais reduzido bloco de gelo antes de se afogar.

— Há muito tempo não venho. Vamos dar uma volta? — disse Nopal, levantando-se.

Bruna deu de ombros. Não entendia as ânsias turísticas e peripatéticas sempre demonstradas pelo memorista, mas não queria contrariá-lo em coisa tão trivial. Atravessaram o pequeno jardim e entraram no pavilhão propriamente dito, uma gigantesca cúpula transparente pousada no chão. No mesmo instante, sentiram um golpe de ar frio. Em torno, tudo parecia de gelo ou de cristal, embora na verdade se tratasse de thermoglass, material sintético e inquebrável capaz de criar ambientes térmicos. Caminharam por uma reprodução do que deve ter sido o Ártico, com grandes rochedos glaciais e icebergs reluzentes flutuando em mares de vidro, até chegar à ampla fenda irregular que separava os visitantes de um lago azulíssimo e umas plataformas de gelo que eram o lar de Melba. Da beirada do fosso se podia contemplar o animal, se estivesse fora d'água e não tivesse escondido entre as rochas; mas o melhor era descer à fenda. Assim fizeram Nopal e Husky: subiram à esteira rolante como turistas obedientes e desceram por entre as paredes escorregadias e cristalinas. A esteira ia muito devagar, e nas paredes da fenda se projetava, em cinco telas sucessivas que se fundiam umas às outras, a filmagem dos últimos momentos da Melba original. Realmente, parecia que se estava lá, vendo como se partia o último pedacinho de gelo ao qual a urso pretendia se aferrar; como o animal nadava cada vez mais devagar, como ofegava ao desaparecer sob a superfície, como tirava com

esforço agônico seu focinho escuro da água e lançava um gemido perturbador, um grunhido entre furioso e apavorado. E como, por fim, desaparecia sob um mar gelatinoso e negro. As imagens, em tamanho natural, deixavam mudos os espectadores. Naquele silêncio pesado chegavam ao fundo da fenda, e a esteira os deixava na penumbra diante de uma resplandecente parede de água. Era o lago artificial de Melba, contemplado do fundo do tanque através de um muro de thermoglass. Lá, com sorte, era possível ver a urso nadar, brincar com uma bola e se divertir feliz soltando um fio de borbulhas pelo focinho. De vez em quando ela se aproximava do cristal, porque também podia intuir os visitantes e era curiosa. Hoje, entretanto, o animal não estava. Bruna e o memorista esperaram um pouco, com os narizes gelados e o resplendor azulíssimo da água bailando sobre seus rostos, mas Melba não aparecia. Então subiram à esteira de saída, que era muito mais curta e rápida, e emergiram da fenda para a paisagem polar. Com sua excelente visão, Bruna conseguiu localizar Melba no exterior. Ou, melhor, a bunda de Melba, seu redondo, lanudo e opulento traseiro sentado sobre algumas rochas com cuja brancura se confundia.

— Olhe. Ali está.

— Onde?

De todas as vezes que Husky estivera no pavilhão, aquela era a única em que não pudera ver o animal. “Falta de sorte, Nopal”, pensou com certa alegria maliciosa: “Você bem vê que os reps não gostam nem um pouco dos memoristas.”

— Bem, vamos sair — disse o homem. — Estou morto de frio.

Entraram na cafeteria, deliciosamente quente e iluminada sob a cúpula transparente. Estava meio vazia, e se instalaram numa mesa junto à parede curva de thermoglass. Por cima dos ombros retos e ossudos do memorista, Bruna podia ver um desfile de nuvens atravessando rapidamente o céu. Devia estar ventando lá fora. O estabelecimento era automatizado, portanto pediram à mesa dois cafês, e logo chegou um pequeno robô com o que encomendaram e a conta, que atingia a exorbitante quantia de 24 gaias. O Pavilhão do Urso tinha entrada grátis, mas a cafeteria era um roubo. Com razão não havia ninguém.

— Como podem cobrar isso por dois cafês? E ainda por cima num lugar robotizado! — reclamou a detetive.

— É verdade. Mas, graças a isso, estamos mais tranquilos. Deixe, você é minha convidada.

Nopal pagou, e por um instante se dedicaram a tomar suas bebidas em silêncio. Era possível se entreter bastante com um café. Era preciso abrir o



açúcar, colocá-lo na xícara, mexer. Também se podia soprar sobre o líquido, criando suaves ondas, para esfriá-lo. E brincar com a colher dividindo a espuma. Bruna desembrulhou o pequeno bolinho que vinha no pires e mordiscou-o. A hora do almoço se aproximava, mas não tinha fome: comera demais no café da manhã. O lugar era bonito, e não era ruim estar ali, sem dizer nada, tomando café em paz. Quase como uma família de humanos. Ou como um daqueles casais juntos há décadas. O rosto desencaixado e espectral da agonizante Valo inundou de repente sua memória. Bruna estremeceu. Melba, a urso replicante, teria seu TTT quando chegasse a uma década?

— Você acha que a urso também morrerá? — perguntou.

— Todos vamos morrer.

— Você sabe a que me refiro.

Nopal esfregou os olhos num gesto cansado.

— Se você está falando do TTT, parece que sim. Pelo que se vê, a vida média dos animais replicantes é um pouco mais breve do que a sua, apenas oito anos. Mas quando esta Melba morrer, produzirão outra. Uma infinita cadeia de Melbas no tempo. Li tudo isso enquanto esperava por você. Pegue.

Nopal tirou do bolso um folheto do pavilhão e jogou-o sobre a mesa. Bruna olhou-o sem tocar: havia uma foto tridimensional da urso. Uma impressão ruim, um folheto barato. Quatro anos, três meses e 18 dias. A detetive apertou as mandíbulas, agoniada. Com muita frequência, várias vezes por dia, e imediatamente sempre que se sentia nervosa, punha-se a fazer cálculos mentais do tempo que lhe restava até a fatídica fronteira dos dez anos. Era um tique, uma mania que a desesperava, mas não podia evitar que a cabeça disparasse a contagem. Quatro anos, três meses e 18 dias. Era tudo o que lhe restava para viver. Queria parar, queria deixar de contar, mas não conseguia.

— Você está muito bonita, Bruna. Muito elegante — disse o memorista.

A rep se sobressaltou. Por alguma razão, as palavras do homem caíram sobre ela como uma reprimenda. Sentiu-se de repente vestida demais. Ridícula com seu conjunto brilhante e seu colar de ouro. Enrubescceu.

— Tenho... tenho um encontro depois, por isso estou assim.

— Um encontro amoroso?

Olharam-se nos olhos, Nopal impávido, Husky desconcertada.

Mas seu desconcerto logo deu lugar a uma onda de raiva.

— Não acho que seja da sua conta com quem me encontro, Nopal. E viemos aqui para algo mais do que falar de bobagens. Você disse que tinha notícias a me dar.

O homem sorriu. Uma pequena careta fria e suficiente. Bruna odiou-o.

— É verdade. Não me pergunte como, mas me encontrei com um dos memoristas piratas que escrevem os implantes ilegais. E acontece que o sujeito me deve alguns favores. Também não pergunte. O caso é que está disposto a falar com você quando voltar à cidade. Está viajando. Mas vai recebê-la dentro de quatro dias... na sexta, às 13h15. Mando o endereço... Espero que você seja boa de interrogatório, porque se trata de um indivíduo bastante perspicaz.

Bruna verificou se os dados haviam chegado ao seu celular.

— Obrigada.

Na grande tela que havia sobre o balcão, via-se uma cena tumultuada, sangue, chamas, correrias, guardas. O som geral estava desligado, por isso não se pôde identificar o local. Também pouco importava, na verdade. Era mais uma das costumeiras cenas de violência nos noticiários.

— E tem outra coisa... Algo que lembrei depois do nosso encontro no museu...

Nopal se calou com ar de dúvida, e Bruna aguardou ansiosa que continuasse a falar.

— Não sei se terá algo a ver nem garanto que seja verdade, mas o certo é que, quando eu estava no escritório, entre os memoristas, corria o boato de que, há uns 25 anos, pouco antes da Paz Humana e de que se iniciasse o processo de unificação da Terra, a União Europeia estava desenvolvendo uma arma secreta e ilegal que consistia numas memórias artificiais... para humanos.

— Para humanos!

— E também para tecnos, mas sobretudo para humanos. Por isso era um projeto clandestino. O caso é que, supostamente, os implantes captavam a vontade do sujeito e o obrigavam a fazer coisas...

— Um programa de comportamento induzido.

— Isso. E, em poucas horas, a memória matava o portador. Foi esse detalhe que me fez pensar em sua possível relação com os casos atuais. Mas essa velha história também pode ser uma lenda urbana. Se pararmos para pensar, tem todos os ingredientes: um implante de memória que em vez de ser para tecnos é para humanos e que sequestra sua vontade e depois acaba com você... Responde muito bem aos medos inconscientes, não?

A tela do local continuava abarrotada de imagens convulsas. Agora apareciam pessoas com túnicas cinzentas, rostos pintados de cinza e um cartaz que dizia *3-F-2109. O fim do mundo se aproxima. Você está preparado?* Eram os doidos dos apocalípticos. Andavam muito ativos ultimamente, porque seu profeta, uma fisioterapeuta cega chamada Nova Cassandra, prognosticara em seu leito de

morte, meio século antes, que o fim do mundo chegaria no dia 3 de fevereiro de 2109, ou seja, em menos de duas semanas. Bruna franziu o cenho: a julgar pelas imagens, os apocalípticos soltavam as vozes bem em frente à sede do MRR.

— Me desculpe, um instante.

Passou o celular pelo olho cobrador da mesa, pagou vinte centavos, tirou um dos minúsculos autofalantes do distribuidor e colocou-o na orelha. Ouviu os cânticos dos apocalípticos e, por cima, a voz do jornalista que dizia: “[...] impressão desta tragédia que volta a abalar o Movimento Radical Replicante. De Madri, Carlos Dupont.” E imediatamente começou o bloco de propaganda. Bruna tirou o fone de ouvido, desalentada e um pouco inquieta. Ainda falavam da morte de Chi, ou seria outra coisa? Veria o noticiário no celular quando deixasse o escritor.

— Por que ele a está seguindo?

— Quem?

— Aquele.

Bruna se virou na direção indicada pelo dedo de Nopal. Sentiu uma reviravolta no estômago. Paul Lizard estava sentado numa das mesas do fundo. Seus olhares se cruzaram, e o inspetor fez um leve movimento com a cabeça em sinal de cumprimento. A rep se apurou no assento. O sangue fervia em seu rosto. Ainda parecia sentir na nuca os olhos do sujeito.

— Por que você diz que ele está me seguindo? — perguntou, tentando em vão que sua voz soasse normal.

— Eu o conheço. Lizard. Um maldito e perseverante cão de guarda. Andou na minha cola quando... você sabe quando.

— Então é provável que ele esteja atrás de você.

— Entrou no pavilhão atrás de você.

Bruna se ruborizou um pouco mais. Como podia não ter percebido que tinha uma *sombra*? Estava perdendo suas faculdades. Ou talvez o encontro com a moribunda Valo lhe tivesse tirado coisas demais. Valo. Uma pedra negra pesou-lhe no peito. Um obscuro prenúncio de desgraça. A rep se pôs de pé.

— Obrigada por tudo, Nopal. Darei notícias.

Caminhou com decisão até a saída e, ao passar junto à mesa do inspetor, agachou-se um instante e sussurrou em seu ouvido:

— Vou à sede do MRR. Para o caso de você me perder.

— Muito obrigado, Bruna — respondeu o homenzarrão.

E sorriu, seco.

**NOPAL FICOU OLHANDO BRUNA**, que se afastava. Viu como se deteve um instante junto a Lizard, como lhe dizia alguma coisa ao ouvido e logo se dirigia à saída com passo ligeiro e seguro. Era uma criatura bonita, uma máquina rápida e perfeita. Meio minuto depois, o inspetor se levantou e saiu atrás da rep, grande e pesado, com seu andar um tanto bamboleante de marinheiro em terra. Era exatamente a antítese do corpo ágil de Bruna, pensou Nopal.

O suave tamborilar sobre sua cabeça o fez perceber que começara a chover. Os pingos caíam sobre a cúpula transparente e traçavam rápidas trilhas de água na abóbada. Um pálido resplendor escoava por uma fenda entre as nuvens, e o céu era uma trama de brumas em todos os tons possíveis de cinza. Era um céu perfeito para se sentir triste.

A tristeza era um verdadeiro luxo emocional, pensou o memorista. Durante muitos anos ele não experimentara esse sentimento tranquilo e lento. Quando a dor que se sente é tão aguda que se receia não poder suportá-la, não há tristeza, e sim desespero, loucura, fúria. Algo como esse desespero ele adivinhava em Bruna, algo desse sofrimento puro que queimava como um ácido. Claro que ele tinha vantagens na hora de intuir os sentimentos dela. Ele a conhecia. Ou melhor, a reconhecia.

Em seus anos de memorista, Nopal sempre atuara da maneira como explicou à rep no Museu de Arte Moderna: tentava construir existências sólidas, equilibradas, com alguma aparência de destino. Vidas de alguma forma consoladoras. Apenas uma vez não respeitara aquela norma pessoal não escrita, e foi no último trabalho que fez, quando já sabia que o expulsariam da profissão. E essa memória era a de Bruna. A Lei da Memória Artificial de 2101 proibia taxativamente que os escritores soubessem em que tecno-humanos concretos parariam seus implantes e vice-versa; supunha-se ser um conhecimento que poderia gerar inúmeros abusos e problemas. Mas o trabalho de Bruna tinha sido excepcional em todos os sentidos; era uma memória muito mais ampla, mais profunda, mais livre, mais apaixonada, mais criativa. Era a obra-prima da vida de Nopal, porque, além do mais, *era precisamente sua própria vida*. Numa

versão literariamente recriada, claro... Mas as emoções básicas, os acontecimentos essenciais, tudo isso estava ali. E, como se é o que se recorda, de certa forma Bruna era seu outro eu.

Desde o instante em que entregou o implante, Pablo Nopal tentou descobrir o tecno-humano que o tinha. Sabia apenas tratar-se de um modelo feminino de combate e sua idade aproximada, com uma variabilidade de uns seis meses. Preferira que tivesse sido um homem e um modelo de cálculo ou de exploração, que eram os que permitiam mais criatividade e refinamento, mas as especificações eram fixadas pelas fábricas de gestação, e Nopal se conformou. De qualquer maneira, tinha sido absolutamente livre ao criá-la: desrespeitara todas as regras da profissão. Pobre Husky: por ser sua última obra, recebera o presente envenenado de sua dor.

Nos seis anos que Nopal passara à sua procura, investigara dezenas de tecno-humanas. A única maneira de encontrar a receptora de sua memória era falar com elas e tentar sondar suas profundezas, motivo pelo qual se converteu num assediador de reps de combate. Descobriu que algumas tecnos se sentiam mal com os memoristas e passou a apreciar aquelas mulheres atléticas e rápidas, de corpo perfeito.

Dormiu com algumas androides, mas só foi realmente íntimo de uma: Myriam Chi, que não era uma rep de combate, mas de exploração. Conheceu-a quando frequentava a casa de uma militante do MRR. Sua relação com Chi tinha sido livre de considerações utilitárias. Ela era uma mulher muito especial. Seu memorista, fosse quem fosse, fizera uma verdadeira obra de arte. Acabaram amigos, e ele lhe contou sobre sua busca. Ela o fez prometer que não diria nada à androide quando a encontrasse, mas ajudou-o. Graças a Chi, conseguiu elaborar uma relação com as reps que ainda não explorara: eram 27, e Husky estava entre elas. Quando a detetive lhe falou de Myriam no museu, Nopal não soube discernir se Chi a mandara para ajudá-lo ou para que ajudasse Bruna em sua investigação. Pensou em ligar para a líder do MRR e perguntar, mas a mataram antes que pudesse fazê-lo.

“Mataram”, repetiu consigo mesmo o homem, sentindo que o terrível fio da palavra lhe cortava a língua.

Também o pai de Nopal havia sido assassinado uma noite por um delinquente, quando o memorista tinha nove anos. Esse era um dos núcleos de dor que implantara na detetive. Mas na vida do escritor as coisas haviam sido ainda mais duras, porque alguns meses depois sua mãe se suicidou. Veio então o ano que passou no orfanato e, quando já acreditava ter descido às piores profundezas do

inferno, apareceu seu tio e o adotou — foi então que aprendeu que sempre pode haver algo pior.

Nopal se remexeu no assento, sentindo-se próximo demais do abismo. Cada vez que pensava em sua infância, recordava aquele menino, Pablo, como se não fosse ele, e sim uma pobre criatura de quem lhe tivessem falado tempos atrás. Sabia que pegavam aquele menino e o enfiavam por dias a fio num sótão às escuras, e que a criança ficava aterrorizada. Mas não guardava qualquer lembrança do interior daquelas vivências, das trevas intermináveis do sótão imundo, da umidade ao se urinar, do cheiro das queimaduras. Na cabeça de Nopal, aquele menino que não era de todo ele continuava ainda trancafiado e maltratado. Só de se aproximar desse pensamento, a dor lhe enchia os olhos de lágrimas e a angústia lhe agarrava a garganta como um cão de guarda, impedindo-o de respirar com normalidade. Por isso Nopal tentava não pensar e não recordar.

O escritor não sabia muito bem por que suavizara suas experiências na hora de inseri-las na memória de Bruna. Talvez por compaixão pela replicante, que era como uma edição em tamanho natural daquele pequeno Pablo que trazia dentro. Ou talvez um pudor profissional o tivesse feito recear que, se o pusesse inteiro, o relato pareceria exagerado e pouco verossímil. Ou talvez tenha calado coisas porque a verdadeira dor é inefável. Ainda assim, dotar a rep de suas próprias lembranças servira a Nopal para aliviar o peso de sua pena. Não só porque, de certa forma, transmitira parte de suas desgraças a outro, mas porque, sobretudo, existia esse outro, porque havia alguém que era como ele. Porque já não estava só.

A solidão era pior do que a prisão, pior do que o sadismo dos companheiros do orfanato, pior do que os golpes e as feridas, inclusive pior do que o medo. Nopal ficara completamente só aos nove anos, e a solidão absoluta era uma experiência desumana e aterradora. Desde o assassinado do pai, o memorista não voltara a ser necessário ou importante para ninguém. Ninguém sentia sua falta. Ninguém se lembrava dele. Nem a mãe pensara nele quando se suicidou. Era o que havia de mais parecido com não existir. Mas essa replicante era em grande medida como ele, tinha parte de suas lembranças e inclusive possuía objetos reais que provinham da infância de Nopal. Aquela criatura, enfim, era mais do que uma filha, mais do que uma irmã, era mais do que uma amante. Nunca haveria ninguém que estivesse tão perto dele como essa androide.

Na tarde do museu, quando por fim conseguira obter a confirmação da identidade de Bruna e o fim de sua busca, ficara arrepiado. Tinha sido um

momento profundamente comovedor, mas por sorte conseguira dissimulá-lo: passara a vida inteira aprendendo a ocultar suas emoções. Nopal se sentira instantaneamente atraído pela rep. Era bonita, orgulhosa, dura e aflita, e queimava por dentro exatamente como ele. Pareceu-lhe fascinante desde o primeiro instante, talvez porque intuisse a semelhança, e quando afinal confirmou que era ela, gostou ainda mais. Mas não podia ceder à pulsão narcisista, pensou o memorista. Não podia fazer amor com a replicante. Seria um ato antinatural, algo incestuoso e doentio. E o memorista, ao contrário do que muitos poderiam pensar, se considerava um homem altamente moralista, quase um puritano. Só que seus valores morais eram diferentes dos que tinham os outros.

Não, era melhor continuar assim, disse Nopal: cuidaria dela à distância, como cuidaria de sua criatura um deus benevolente. E tentaria usufruir o alívio da dor que lhe trazia a existência de Bruna, nos poucos anos que lhe restavam de vida. O memorista suspirou, envolto por uma dor delicada. A cafeteria estava vazia, e só se ouvia um suave golpear da chuva. Era um dia perfeito para desfrutar a melancolia do impossível. Nunca poderia dizer a Bruna quem era ele. Nunca poderia tê-la em seus braços e amá-la como só ele saberia fazer. Ah, que refinado luxo era a tristeza!

**BRUNA ACABAVA DE SAIR DO PAVILHÃO DO URSO** quando recebeu um telefonema de Habib.

— Estou indo para aí. Podemos nos ver?

O bem-proporcionado rosto do androide estava deformado pela angústia.

— Nem pense em aparecer! É perigoso.

— Perigoso?

— Por causa dos manifestantes. Já chegou a polícia, mas não confio. Parece haver agressões aos reps em toda a cidade.

— Agressões?

Habib olhou-a com expressão aturdida.

— Mas você não sabe de nada?

— Nada? — disse Bruna sem poder evitar. E se sentiu profundamente imbecil repetindo como um papagaio tudo o que o homem dizia.

— Husky, aconteceu algo terrível, foi, foi...

Estava tão transtornado que parecia engasgar com as palavras.

— Valo explodiu... Ela explodiu uma bomba numa esteira rolante. Há muitos mortos. Mortos humanos. E crianças.

Bruna sentiu a espinha gelar. De repente, percebeu que, à sua volta, todas as telas públicas emitiam imagens parecidas de sangue e carnificina.

— Mas como? E ela? Levava o explosivo no corpo?

— É, claro. Imolou-se. Você se lembra do que dissemos, Husky? Isso é horrível. Precisamos descobrir o que está acontecendo. Investigue Hericio! Nos disseram que ele pediu uma Permissão de Financiamento e está tentando conseguir fundos para o partido. Está tramando alguma coisa! Pelo grande Morlay, Husky, precisamos fazer alguma coisa ou acabarão com todos nós. Escute, preciso ir. Parece que os supremacistas estão tentando assaltar a sede. Tome cuidado. Os humanos estão furiosos.

O rosto de Habib desapareceu. Bruna conectou as notícias no celular. Outra vez as chamadas, a confusão, os gritos, os corpos desfeitos que os serviços sanitários



transportavam. Mas agora a detetive sabia o que via. A destruição provocada por Valo Nabokov. Vingança, ela dissera.

Os noticiários falavam da onda de violência antirrep que se desencadeara em toda a Região. Os supremacistas, armados com paus e facas, rodeavam ameaçadoramente o MRR. Bruna teve a impressão de que o movimento de repulsa aos humanos estava bem-organizado demais para ser espontâneo. Por todas as malditas espécies, os supremacistas carregavam até cartazes tridimensionais! Outra vez a preocupou a aborrecedora suspeita de uma conspiração às escuras.

Sentiu o peso de um olhar sobre ela e levantou a cabeça. Um menino pequeno a contemplava com cara de susto. Quando seus olhares se cruzaram, a criança se abraçou às pernas da mãe e começou a chorar. A mulher tentou apaziguá-lo, mas via-se que tinha tanto medo quanto o filho. Bruna deu uma olhada em volta: os humanos a evitavam. Mudavam de calçada.

Consternação. Não que Bruna fosse uma idealista partidária da convivência feliz entre as espécies; na verdade, não acreditava na felicidade, e menos ainda na convivência. Mas detestava a violência: nos anos de serviço militar, tivera o suficiente para a vida inteira. Agora só queria tranquilidade. Queria que a deixassem em paz. E uma sociedade à beira dos distúrbios civis não era o ambiente mais indicado para isso.

Quatro anos, três meses e 18 dias.

Não conseguia tirar da cabeça o rosto murcho e alucinado de Valo Nabokov. Moribunda e mortífera. O pior é que tinham morrido crianças. Os humanos ficavam loucos quando tocavam em suas crianças. Nos filhos que os replicantes jamais poderiam ter.

Quatro anos, três meses e 18 dias.

A detetive se sentia no lombo de uma avalanche. Sentia que cavalgava sobre uma massa deslizante que se precipitava nos abismos, expandindo-se exponencialmente a cada minuto e engolindo tudo o que encontrava pelo caminho. Apenas uma semana e meia havia transcorrido desde que Caim tentara estrangulá-la, e desde então as coisas haviam adquirido uma dimensão e uma velocidade aterradoras.

Quatro anos, três meses e 18 dias.

“Chega, Bruna!”, ordenou-se mentalmente. “Chega dessa ladainha mecânica, desse nervosismo e dessa angústia.” A detetive continuava parada no meio da rua, e os transeuntes se abriam ao passar como um mar partido por uma rocha. Todos eram humanos: os tecnos deviam estar escondidos debaixo das camas. Os

humanos a olhavam e tremiam. Olhavam e sussurravam. Olhavam e a odiavam. Havia um monstro refletido nos olhos daqueles homens e daquelas mulheres, e o monstro era ela. Sentiu com uma tristeza aguda a falta de Merlin: se ele ainda vivesse, ela teria para onde ir.

Quatro anos, três...

“Ah, cala a boca, replicante idiota”, disse a si mesma, sacudindo a cabeça. De repente, percebeu que estava com fome. O estômago do monstro estava vazio.

Tomou o trem para ir ao bar de Oli, e, quando se instalou na parte de trás, o resto dos passageiros começou a migrar para a metade dianteira do veículo, alguns sem disfarçar e com muita pressa, outros com tola dissimulação, dando um passinho de cada vez, como aquela velhíssima brincadeira humana da batatinha-frita. Duas estações depois, a androide estava absolutamente sozinha em sua metade do veículo, e os demais viajantes se apinhavam na frente.

“Poderia usar lentes”, pensou Bruna. Sempre poderia se disfarçar, usar uma peruca e cobrir suas pupilas verticais para evitar o temor e a fúria dos humanos. Não era difícil fazer, e com certeza havia tecnos mascarados. Talvez algum dos que se apressaram em migrar para o outro lado do trem fosse um rep camuflado e obrigado a se comportar como os demais para não se delatar. Que humilhação. Não, ela jamais se disfarçaria por medo, decidiu. Ela não fingiria ser quem não era.

Nesse momento, o trem aéreo se deteve abruptamente junto a uma das escadas de emergência. As portas se abriram, e uma voz robotizada ordenou a evacuação imediata. Era uma gravação de Risco/1: sobre um melodioso fundo de harpas que fora supostamente criado para tranquilizar, a voz suave repetia *Esvaziem o trem, calma e rapidez, perigo iminente* com o mesmo tom banal com que lia os resultados da Loteria Planetária. Para Bruna, as gravações de risco sempre pareceram contraproducentes e ridículas: cada vez que escutavam a musiquinha de harpas, as pessoas entravam em pânico. O tropel de viajantes saltou desordenadamente para a plataforma de emergência e começou a descer pelas escadarias, atropelando-se uns aos outros na ânsia de se distanciar da androide. Logo se ouviu um estalo um pouco mais abaixo, gritos, golpes. Depois vieram a fumaça, um cheiro repugnante e as notícias que os viajantes se transmitiam aos berros: “Não são reps, calma, é só um Ins, um Ins que se matou!” “Preferem esses malditos tarados terroristas a nós”, pensou Bruna. “Mundo fodido de merda.”

Quando a mulata gorda a recebeu com o sorriso de sempre, Bruna compreendeu que não só a fome física a levava ao bar de Oli, mas também a necessidade de encontrar um canto intacto, um pequeno refúgio de normalidade.

— Olá, Husky, só faltava você.

Oli apontou com o queixo para o fundo do balcão, e Bruna viu Yiannis e RoyRoy, a mulher-anúncio. Por alguma razão, não se surpreendeu ao vê-los juntos. Aproximou-se deles. Do corpo da mulher saía uma espécie de murmúrio apagado, um sussurro em surdina:

— Texaco-Repsol, sempre ao seu dispor...

— Você percebeu? Eu tive a ideia. Assim incomoda muito menos — disse Yiannis.

As telas publicitárias estavam tapadas com várias lâminas de *poliplast* isolante autoadesivo.

— É que era uma tortura — completou o velho.

— Sinto muito — disse a mulher.

Mas falou sorrindo.

Sem perguntar, Oli serviu cervejas para todos e colocou em cima do balcão um prato com salgadinhos variados.

— Acabo de tirar do forno. Não deixem que esfriem. E me diga, Husky, como vão as coisas? Parece que mal.

A expressão de RoyRoy se anuviou.

— Atacaram um homem-anúncio, um companheiro tecno. Atearam fogo nele. Não sabemos se vai sobreviver. A empresa mandou para casa todos os tecnos-anúncio. Dizem que é por segurança, mas na verdade é uma demissão.

— Você conhecia essa Nabokov?

— Conhecia. E a vi pouco antes do atentado. O TTT tinha disparado e estava morrendo, totalmente enlouquecida. Devia ter um tumor cerebral.

— É uma tragédia — ruminou Yiannis, com tristeza.

Na tela do bar, via-se uma repressão policial contra os manifestantes que rodeavam o MRR. À direita da imagem estava Hericio, o líder do Partido Supremacista Humano, que estava sendo mais uma vez entrevistado.

— E o inadmissível é que nossa policia proteja essas aberrações e ataque nossos filhos, em vez de defender os humanos desses assassinos que até agora, porque com certeza morrerá algum dos feridos, mataram sete pessoas, entre elas três crianças.

Sete vítimas! E três menores. Bruna estremeceu diante da enormidade. Ai, Valo, Valo, que ato tão terrível! E, enquanto isso, ali estava outra vez José Hericio

aparecendo oportunamente em cena e se aproveitando do drama. Pensou nas palavras de Habib e na intuição de Myriam sobre a implicação do líder do PSH. Não parecia uma suspeita disparatada.

— Deveriam investigar um pouco esses supremacistas. Preciso encontrar uma forma de me aproximar deles — disse, com a boca cheia de um saboroso pastel.

— Há... Há um bar na praça de Colón aonde sei que vão — disse Roy Roy, titubeante. — Bem, você sabe que por conta dos anúncios passo o dia na rua. Uma vez tive um problema diante desse bar e depois soube que era um lugar de supremacistas. Com meu trabalho, a gente precisa saber muito bem onde se mete, por isso faço uma lista dos lugares bons e dos lugares que devo evitar. E esse é para evitar. Toma, mando o endereço. Se chama Saturno. Mas tome cuidado. Se pensar em aparecer agora por ali, não sei o que pode acontecer. Fiquei com muito medo deles.

— É exatamente por esse desamparo que a gente percebe por que o povo está se armando e assumindo sua própria defesa. Uma atitude legítima e absolutamente necessária, dado o absentismo das autoridades — clamava na tela Hericio, enfático.

— Oli, por favor, tira isso, te imploro — pediu Bruna.

A mulher cochichou alguma coisa para a tela, e a imagem mudou no mesmo instante para uma plácida visão de golfinhos nadando no oceano.

— Qual é? Te incomoda ouvir as verdades? — grasnou uma voz nervosa.

O silêncio se estendeu pelo bar como azeite derramado. Bruna continuou a mastigar. Sem se mover, de soslaio, olhando através das pestanas, estudou o sujeito que acabava de falar. Um humano pequeno e bastante mirrado. Possivelmente um tanto bêbado. Estava perto dela, a mais ou menos um metro de distância.

— Te incomoda saber que estamos cheios de aguentá-los? Que não vamos deixar que continuem abusando de nós? E ainda por cima, o que você faz aqui? Não percebeu que é o único monstro?

Certo, ela era o único rep do bar. Deu uma mordida em outro canapé. O homem se vestia pobrememente e tinha cara de operário manual. Quando falava, tensionava o corpo inteiro e ficava na ponta dos pés, como se quisesse parecer maior, mais ameaçador. Quase sentiu pena: podia jogá-lo no chão com um safanão. Mas os cemitérios estavam cheios de pessoas demasiado confiantes em suas próprias forças, então a rep analisou com cautela profissional todas as circunstâncias.

Primeiro, a saída. O sujeito bloqueava o caminho até a porta, mas na pior das hipóteses ela poderia pular sem problemas para o outro lado do balcão, que lhe ofereceria um refúgio perfeito. O mais preocupante, pela insensatez, era que um homenzinho daqueles se atrevesse a enfrentar uma rep de combate. Estaria armado? Talvez uma pistola de plasma? Não tinha o aspecto de alguém que carrega um trabuco daqueles, e não se via arma de lado algum. Ou talvez não estivesse sozinho? Haveria outros cúmplices dele no bar? Fez uma rápida varredura do local e desdenhou também dessa possibilidade: conhecia quase todos de vista. Não, era apenas um pobre imbecil meio bêbado.

— Some, monstro asqueroso. Desaparece e não volta. Vamos exterminar vocês todos como ratos.

O mais inquietante era que um tipinho daqueles se sentisse suficientemente seguro e respaldado para insultar alguém como ela. Bruna não queria lutar com ele, não queria lhe fazer mal, não queria humilhá-lo, porque tudo isso não faria senão potencializar seu delírio paranoico, sua fúria antitecno. Preferia esperar que se aborrecesse e se calasse. Mas o homenzinho ia ficando cada vez mais vermelho, mais furioso. Sua própria raiva o estimulava. De repente, deu um passo à frente e quis dar em Bruna um desajeitado soco do qual a rep não teve problemas para se esquivar. “Arre”, pensou entediada, “não terei outro remédio senão lhe dar um sopapo”. Não foi preciso. Subitamente, materializou-se junto deles uma muralha de carne. Era Oli, que tinha saído do balcão e agora abraçava o fulano por trás e o levantava no ar como quem ergue um boneco.

— O único rato aqui é você.

A gorda Oliar levou o esperneante homenzinho até a porta e jogou-o na rua.

— Se eu voltar a ver seu focinho sujo por aqui, te quebro — ladrou, apontando-lhe um ameaçador e rechonchudo indicador.

E logo se virou e encarou os fregueses num gesto de desafio, como quem aguarda algum protesto. Mas ninguém disse nada, e todos até pareciam estar de acordo.

Oli relaxou, e um sorriso iluminou seu rosto enquanto voltava para o balcão num passo bamboleante. Bruna nunca a vira do lado de fora: era realmente imensa, colossal, ainda maior em seus membros inferiores do que na majestosa opulência que se via na parte de cima. Uma deusa primitiva, uma baleia humana. Tão gigantesca que a androide pela primeira vez se perguntou se não seria uma mutante, se aquele desaforado acúmulo de carne não seria um produto do distúrbio atômico.

Mal tinham se acalmado dentro do lugar as eriçadas ondas de inquietação que provoca qualquer incidente quando se ouviu um barulho lá fora. A princípio, a rep pensou que fosse uma manobra do homenzinho recém-expulso, de modo que se aproximou da porta do bar para ver o que se passava. A poucos metros, uma mulher ruiva se descabelava e se retorcia tentando soltar-se das garras de um par de guardas fiscais, os temidos *azuis*. Uma menina de não mais do que seis anos assistia a tudo com olhos enormes e aterrorizados, abraçada a um sujo coelho de pelúcia. Uma terceira *azul* se aproximou e segurou-a com a mão. Foi um gesto autoritário: literalmente arrancou o boneco da mãozinha da menina. A criança começou a chorar, assim como a mulher ruiva, baixinho, desistindo na mesma hora de seu impulso de luta, como se as lágrimas da pequena, sem dúvida sua filha, tivessem sido o sinal de rendição. Os policiais levaram as duas rua acima, enquanto os pedestres olhavam de esguelha, como se fosse uma cena um pouco desonrosa, algo que dava vergonha de encarar de frente.

— *Mariposas*. Pobre gente — disse Yiannis a seu lado.

Bruna balançou a cabeça, assentindo. Quase todas as *mariposas* tinham filhos pequenos: arriscavam-se a viver de modo clandestino em zonas de ar limpo que não podiam pagar só por medo dos danos incontestáveis que a contaminação produzia nas crianças. Como as mariposas, essas mulheres abandonavam ilegalmente suas cidades empestadas de céu sempre cinza e vinham atraídas pela luz do sol e pelo oxigênio, a imensa maioria para se queimar, porque a polícia fiscal era muito eficaz. Na pobreza de suas roupas, a mulher e a menina se pareciam com o homenzinho que a havia insultado dentro do bar. Desse estrato de despossuídos e desesperados se nutriam o fanatismo e o especismo.

— Na primeira detenção, deportação e multa; em caso de reincidência, até seis anos de cadeia — disse Yiannis.

— É repugnante. Dá vergonha pertencer à Terra — resmungou Bruna.

— *Cuncta fessa* — murmurou o arquivista.

— O quê?

— Otávio Augusto se converteu no primeiro imperador romano, porque a República lhe outorgou poderes imensos. E por que a República fez isso? Por que se suicidou para dar passagem ao Império? Tácito explicava assim: *Cuncta fessa*. Que quer dizer “todos estão cansados”. Foi o cansaço perante a insegurança política e social que levou Roma a perder seus direitos e suas liberdades. O medo provoca fome de autoritarismo nas pessoas. É um péssimo conselheiro, o medo. E agora olhe em volta, Bruna: todos estão assustados. Vivemos momentos

críticos. Talvez nosso sistema democrático também esteja a ponto de se suicidar. Às vezes, os povos decidem se atirar no abismo.

— Um fantástico sistema democrático que envenena as crianças que não têm dinheiro.

— Um sistema democrático asqueroso, com certeza, mas o único que existe no universo. Pelo menos, no universo conhecido. Os omaás, os gneses e os balabis têm governos aristocráticos ou ditatoriais. Quanto ao Cosmos e a Labari, são dois Estados totalitários e terríveis. Nossa democracia, com todas as suas falhas, é um ganho imenso da humanidade, Bruna. O resultado de muitos séculos de esforço e sofrimento. Ouça, o mundo se move, a sociedade se move, e quanto mais democrática, mais mobilidade e maior capacidade de transformá-la. Na Terra, passamos por um século atroz; a Unificação só aconteceu há 14 anos. Nosso Estado é jovem e complexo, o primeiro Estado planetário; nós nos inventamos à medida que caminhamos... Podemos melhorar, mas para isso precisamos acreditar nas possibilidades da democracia, defendê-la e trabalhar para aperfeiçoá-la. Tenha confiança.

Quatro anos, três meses e 18 dias.

— Não acredito que essa menina possa ver as mudanças antes que o ar a adoença de modo irreversível — disse Bruna, com uma pontada de angústia lhe oprimindo o peito.

E, depois de alguns segundos de silêncio pesado, repetiu, furiosa:

— Não, ela não as verá. Nem eu.

**UMA HORA DEPOIS, A DETETIVE SAIU DO BAR** e se deteve por um instante para observar a paisagem. A chuva havia cessado, e o sol tentava erguer a cabeça entre as nuvens. Eram seis horas da tarde de uma segunda-feira, mas as ruas estavam estranhamente vazias e as poucas pessoas visíveis, todas humanas, caminhavam depressa demais. Não era um dia para passear. Sobre a cidade parecia pairar um vago pressentimento de perigo.

A rep ligou para Habib. O rosto preocupado do homem apareceu em seguida.

— Como estão as coisas no MRR?

— Melhor, acho. A polícia fez pressão e já não há supremacistas na frente da porta. Mas é tudo uma droga.

— Uma pergunta, Habib: seus espiões conhecem um bar chamado Saturno?

— Sei o que é. Um ninho de víboras. A sede do PSH fica perto, e todos os extremistas humanos se reúnem lá. Por quê?

— Por nada. Estava pensando em como me aproximar de Herício, como você disse.

— É, seria bom. Mas tome muito cuidado. Não creio que seja o melhor dia para andar por lá.

— Eu sei. Ah, só mais uma coisa: o que você disse a Nabokov?

— Como?

— Quando a encontrei, Nabokov ficou repetindo que você lhe tinha contado algo... “Habib me disse, Habib me disse...” Alguma coisa que obviamente a perturbou muito.

O homem ergueu as sobrancelhas num trejeito de perplexidade.

— Não faço a menor ideia do que você está falando. Não disse nada a ela. Acho que nem ao menos falei com ela depois da morte de Myriam. Tudo tem sido tão caótico nos últimos dias! Ela devia estar delirando, afinal estava totalmente fora de si.

— Sabe-se alguma coisa da autópsia?

— Ainda nada. Mas o estranho é que não a levaram para o Instituto Médico-Legal. Não sabemos o que a polícia fez com o corpo de Valo. Nossos advogados



vão apresentar uma queixa formal.

— Que esquisito...

— É, tudo está esquisito demais neste assunto — disse Habib, com voz embargada.

Bruna desligou, preocupada. Teriam introduzido também na moribunda Valo uma memória adulterada? Um programa de comportamento induzido que incluísse as alucinações, uma suposta conversa com Habib, a ideia criminosa de explodir uma bomba? Foi por isso que mencionou a palavra *vingança*? E por que a polícia estava ocultando seu corpo?

— Se manda de Madri, sua rep de merda!

O grito insultuoso vinha de um carro particular que passara a seu lado. Viu-o se afastar velozmente rua abaixo e avançar o sinal de um cruzamento para não ser obrigado a parar. O motorista berrava muito, mas com certeza era um covarde. Ou talvez devesse dizer de outra maneira: com certeza berrava muito porque estava assustado.

Bruna suspirou. Olhou mais uma vez em volta, procurando rastros de Lizard. Não o via em parte alguma, mas a detetive não se convenceu: ainda se atormentava por não ter percebido, pela manhã, que o inspetor a estava seguindo. Claro que para ele era muito fácil: bastava rastrear o celular da rep. Isso era proibido para todo mundo, mas não para os inspetores da judicial. Eram detalhes legais alegremente ignorados. Por via das dúvidas, a detetive desligou o celular e retirou a bateria, que era a única maneira de impedir que o detectassem — tirar o chip de localização era crime, e ele era instalado de tal maneira que era muito difícil realizar a operação sem destruir o aparelho. Depois, deu uma volta no quarteirão para ver se alguém a seguia e lhe pareceu distinguir uma mulher jovem e robusta que parecia da polícia e que devia ser um farejador de Lizard. A androide tinha diversos métodos para tentar enganar uma *sombra*, e resolveu usar o do metrô. Como precisou pagar com dinheiro porque tinha desligado o celular, sua lerdia perseguidora passou pelos controles de entrada muito antes dela, e foi obrigada a ficar do outro lado remanchando e disfarçando até que Bruna retirasse o bilhete nas máquinas. Fazendo de conta que não percebera sua presença, a rep se dirigiu a uma das plataformas. Estavam na estação Três de Maio, um dos mais complexos entroncamentos da rede subterrânea, com cinco linhas de metrô que se entrecruzavam. A androide esperou pacientemente a chegada do trem, enquanto a garota robusta fingia dar ostentosos bocejos a alguns metros de distância — era uma das primeiras coisas ensinadas no Curso Elementar de Simulação: bocejar produz uma instantânea sensação de ausência

de perigo no perseguido, dizia o instrutor. Quando o trem entrou na estação com um rugido de ferro, a rep subiu e se instalou no final do comboio, apoiando-se com aparente negligência na pequena porta de comunicação que havia entre os vagões e que, nesse caso, por estar situada no último carro, era bloqueada. A dos bocejos estava quatro portas adiante. No mesmo instante em que o metrô se pôs em marcha, Bruna apanhou seu descodificador de códigos e em meio segundo desbloqueou o simplíssimo mecanismo da fechadura. A extremidade do trem saía da estação quando a rep abriu a portinhola e pulou para os trilhos. Tentou empurrá-la para que se fechasse atrás dela, mas, de qualquer maneira, mesmo se não tivesse conseguido fazê-lo, quando a mulher policial chegasse ao final do comboio não se atreveria a pular de um trem em franca aceleração. Isso para não falar da habilidade e do treinamento necessários para cair bem e para não se fritar no cabo de alta tensão. A androide duvidava de que um humano tivesse suficientes aptidões para fazê-lo, a não ser que fosse um humano com habilidades tão extraordinárias quanto um artista de circo.

Enquanto o metrô se afastava na escuridão com um sopro de ar quente, Bruna voltou para a estação e subiu por uma escada até a plataforma da estação Três de Maio. Um casal de humanos de meia-idade se sobressaltou ao vê-la emergir do túnel e empreendeu um patético trote até a saída. A androide suspirou com desgosto e questionou a possibilidade de lhes dizer alguma coisa: não se preocupem, não precisam sair, não sou um perigo. Mas já estavam longe demais, e se começasse a chamá-los em voz alta e os seguisse, aí mesmo é que lhes provocaria um ataque de nervos. Tanto medo por todo lado não poderia levar a nada de bom. Mudou de linha, subiu em outro vagão e saiu do metrô duas estações depois. Diante dela estavam as cúpulas de plástico multicolorido do circo. Não queria ligar o celular, de modo que de novo precisou pagar a entrada com dinheiro vivo, dando mentalmente graças uma vez mais à corrupção habitual dos governantes da Terra, que fizera com que o antediluviano papel-moeda ainda continuasse a ser legal e utilizado no mundo inteiro, exatamente por suas magníficas condições de anonimato e impunidade: era um dinheiro silencioso, que não deixava rastros de sua passagem, ao contrário das transações eletrônicas.

A função já começara, e havia apenas um quarto da lotação. Bruna andou na ponta dos pés e se instalou numa lateral, o mais perto possível do local da orquestra. Era um lugar horrível, com péssima visibilidade, e todos os assentos ao redor estavam vazios, por isso sua chegada não passou despercebida. Quando baixou o arco numa pausa do que estava tocando, a violinista, que era a única

mulher do grupo de seis músicos, olhou para a rep com atenção e logo a cumprimentou com um inclinar de cabeça quase imperceptível. Bruna respondeu com um gesto semelhante e se acomodou no assento, com paciência. Precisava esperar o final do espetáculo. Os números se sucediam com a tediosa rotina de sua falsa alegria. Era um circo medíocre, nem muito mau nem de longe bom, mas convencional e esquecível. Havia um domador humano de cachorrantes gneses, pobres animais alienígenas que tinham aparência de galgo sem orelhas, tamanho de cavalo e cérebro de mosquito, mas que, ajudados pela diferença de gravidade da Terra, eram capazes de dar assombrosas cambalhotas. Havia uma trupe de reps com diversos implantes biológicos; seus ventres eram telas de plasma, e eles podiam desenhar hologramas no ar com as mãos, isto é, com as microcâmeras inseridas cirurgicamente na ponta dos dedos. E havia o típico espetáculo sangrento dos kalinianos, uma seita de enlouquecidos sadomasoquistas que copiavam truques dos magos do circo clássico, só que sem truques, porque amavam a dor e o exibicionismo. Assim, cortavam de verdade o próprio corpo com facas e atravessavam as bochechas com grandes agulhas. A Bruna, pareciam repugnantes, mas estavam na moda.

Os kalinianos encerraram a função. Enquanto a pequena orquestra se lançava na fanfarra final, pareceu a Bruna que Mirari estava tendo problemas para interpretar a peça. O braço esquerdo da violinista era biônico, e ela o usava sem recobrir de carne sintética; era um braço metálico e articulado como os dos robôs das visões futuristas do século XX, e algo devia estar acontecendo com esse implante, porque, cada vez que podia deixar de tocar por um instante, a mulher tentava ajustar a prótese. Enfim acabou o espetáculo, extinguíram-se os fracos aplausos, e os músicos, inclusive Mirari, desapareceram rapidamente atrás do cenário, para a surpresa da detetive, que pensava que ao término da função a violinista se aproximaria para falar com ela.

Bruna pulou para a pista, tentando não pisar nas manchas de sangue dos kalinianos, atravessou as cortinas douradas e entrou na área dos camarins. Encontrou Mirari no terceiro cubículo que espiou. Ela golpeava com fúria o braço biônico, com um pequeno martelo de borracha.

— Mirari...

— Es-ta-mer-da-de-pró-te-se...! — articulou a mulher, fora de si, sem parar de se dar marteladas.

Mas logo depois, esgotada e com o rosto vermelho, jogou o martelo no chão e se deixou cair numa cadeira.

— Bem feito para mim, por ter comprado isso de segunda mão. Mas um bom braço biônico é caríssimo. Sobretudo se for de qualidade profissional, como no meu caso. O que você anda procurando por aqui, Husky?

— Vejo que se lembra de mim.

— Receio que você seja bastante inesquecível.

Bruna suspirou.

— É, acho que sou.

À sua maneira, Mirari também era. Não só pela prótese retrofuturista, mas também pela pele pálida, pelos olhos negríssimos, pela cabeça redonda cercada por um cabelo curto de brancura deslumbrante e liso como se fosse de arame. A violinista era uma especialista, uma fornecedora, uma perita nos mundos subterrâneos. Podia falsificar todo tipo de documentos, localizar planos secretos ou obter os instrumentos mais sofisticados e ilegais. Bruna ouvira dizer que só havia duas coisas que ela jamais vendia: armas e drogas. Tudo mais era negociável. Havia quem pensasse que seu trabalho no circo não passava de um disfarce, mas a verdade é que parecia apaixonada pela música e tocava bem violino, desde que não houvesse problemas com o braço biônico.

— E você veio por...? — continuou Mirari, que tinha uma dessas personalidades sucintas que detestam qualquer perda de tempo.

— Preciso de uma nova identidade. Documentos e um passado que resista a investigações.

— Uma boa investigação ou alguma coisa rotineira?

— Digamos que bastante boa.

— Estamos falando de uma vigência temporária, naturalmente...

— Naturalmente. Me bastaria uma semana.

— Classe A, então.

— Tem que ser uma identidade humana e viver a uns cem quilômetros de Madri. Da minha idade. Boa posição social. Com dinheiro no banco. E se você der um toque de supremacismo à biografia, genial. Nada muito sério, só uma simpatia ideológica, não militante. Mas que fique evidente que é apaixonada pelas ideias especistas, embora de alguma forma as tenha guardado até agora para sua vida privada.

— Feito. Para quando quer?

— O quanto antes.

— Acho que pode ser para amanhã. Duas mil gaias.

— Também quero um celular não rastreável.

— Serão mais mil geses.

— De acordo. Não tenho todo esse dinheiro vivo...

— Transfira eletronicamente. Uso um programa que apaga os rastros. Embora a saída do dinheiro fique registrada no seu celular.

— Isso não tem importância. Mas estou com o computador desligado porque desconfio de que a polícia esteja me rastreando. Não quero ligar aqui. Farei a transferência daqui a pouco, da rua, se ficar bom para você. E se você confiar em mim.

— Não preciso confiar. É só não levar adiante as encomendas enquanto eu não receber o dinheiro.

Bruna sorriu, amarga: é claro, é claro. Tinha sido um comentário bastante imbecil.

— Mas, se ajudar, digo que sim, confio em você — acrescentou a mulher.

O sorriso de Bruna se ampliou: a pequena amabilidade daquela humana era especialmente agradável num dia marcado pelo rancor entre as espécies. Mirari se agachara para pegar o martelo no chão. Passou alguns instantes abrindo e fechando a mão biônica. Os dedos não se moviam sincronizadamente, e o anelar e o médio não se fechavam de todo. A violinista lhes deu uns golpezinhos com a ferramenta de borracha.

— Quanto custa uma prótese nova como a que você precisa? — perguntou Bruna.

Mirari levantou a cabeça.

— Meio milhão de geses... Mais do que meu violino. E isso porque é um Steiner.

— Um o quê?

— Um dos melhores violinos do mundo... do fabricante austríaco Steiner, do século XVII. Tenho um violino maravilhoso e não tenho braço para tocá-lo — disse, com inesperada e genuína angústia.

— Mas o dinheiro pode ser juntado.

— É. Ou roubado — respondeu Mirari, com segura e uma expressão outra vez fechada e impenetrável. — Telefonarei quando ficar pronto.

Bruna saiu do circo e resolveu voltar a pé: há dias não fazia exercícios e sentia o corpo intumescido e os músculos ansiosos por movimento. Já anoitecera e chovia. As esteiras molhadas reluziam sob as luzes, e os trens aéreos passavam iluminados como quermesses, ruidosos e vazios. Quando chegou à praça Três de Maio, que era o lugar onde havia desconectado o celular, voltou a inserir a bateria e ligou o aparelho. Mandou o dinheiro para Mirari e, depois de descartar a possibilidade de aparecer no bar de Oli para comer alguma coisa,

seguiu em direção ao seu apartamento. Estava tão concentrada repassando os dados do caso que não notou o ataque até o último momento, até que ouviu o zumbido e adivinhou um movimento às suas costas. Saltou para o lado e girou no ar, mas não conseguiu evitar de todo o impacto: a corrente golpeou seu antebraço direito, que ela automaticamente levantara como proteção. Doeu, embora isso não a impedisse de agarrar a corrente e puxar. O sujeito que estava na outra ponta caiu no chão. Mas não estava sozinho. Com um rápido olhar, Bruna avaliou sua situação. Sete atacantes, contando com o que acabava de cair e estava agora se levantando. Cinco homens e duas mulheres. Grandes, fortes, em boa forma. Armados com correntes e barras de ferro. E o pior: colocados em estrela ao seu redor, três mais perto, quatro um passo mais atrás, cuidadosamente colocados para não deixar buracos. Uma formação de ataque profissional. Não seriam adversários fáceis. Resolveu que atacaria o ruivo de brincos de argola: suava e parecia o mais nervoso. E o fato de usar argolas para lutar era um sintoma de inexperiência: a primeira coisa que a detetive faria seria arrancá-las das orelhas com um puxão. Bruna dispunha da corrente como arma e acreditou que teria possibilidades de escapar; mas, ainda assim, com certeza receberia alguns golpes. Era um encontro dos mais desagradáveis.

Toda essa análise custara à rep uns poucos segundos. O grupo inteiro continuava sem se mexer, naquela perfeita e tensa imobilidade que precede um turbilhão de violência. E então uma voz cortou o ambiente carregado como uma faca aquecida corta manteiga.

— Polícia! Joguem as armas no chão!

Era Paul Lizard, e sua voz grossa e tranquila saía de trás de uma pistola de plasma.

— Não vou repetir. Soltem agora mesmo todos esses ferros.

Os surpreendidos assaltantes deixaram cair as barras e as correntes, produzindo um formidável estrondo.

— Você também, Husky.

Bruna bufou e abriu a mão.

— E agora o que vai fazer, sujeito durão? Nos dar um tiro pelas costas? — disse uma das mulheres, talvez a líder do grupo.

E, como se aquilo tivesse sido um sinal, todos saíram correndo, cada um para um lado.

Lizard os viu se afastar e guardou a pistola. Olhou para Bruna com olhos de expressão adormecida.

— Você se salvou por pouco.

— Eu teria podido com eles.

— É mesmo?

O tom de Lizard fez com que a rep se sentisse presunçosa e ridícula.

— É, eu teria podido... quero dizer, teria podido fugir... embora com certeza teria apanhado um pouco.

— Com certeza.

— Mmmm... Está bem... Obrigada — disse Bruna, e a palavra saiu de sua boca com explosiva dificuldade, como um arrote.

Lizard sorriu. Tinha cara de criança quando sorria.

— De nada. Você os conhecia?

— Não. Mas eram profissionais.

— É, talvez mercenários pagos por alguém para instigar as badernas.

Bruna olhou-o interessada.

— Por que você acha isso?

O policial deu de ombros.

— Não sei, estou vendo um excesso de coisas estranhas nessa repentina fúria antitecnológica.

A detetive observou-o com atenção. Por baixo das pálpebras pesadas, os olhos verdes faiscavam, vivíssimos.

— Hoje morreram sete pessoas com a bomba de Nabokov — começou a dizer Bruna.

— Oito. Um dos feridos graves já faleceu.

— Oito vítimas, então... Você não odeia os reps, Lizard? Seja sincero. Nem um pouco?

— Não.

— E não tem medo de nós?

— Não.

E Bruna acreditou.

— Vai para casa, Husky. Não é a melhor noite para ficar passeando.

— Pensei que tivesse despistado sua garota gorducha. Não se pode ser um bom *sombra* com tanta carne.

— A ela você despistou, mas a visibilidade dela era minha camuflagem. Você caiu num truque de principiante, Husky.

A rep mordeu os lábios, mortificada.

— Por que vocês não levaram o corpo de Nabokov para o Instituto Médico-Legal?

— Foi considerado um ato terrorista, e as investigações antiterroristas são classificadas como altamente confidenciais. E o Instituto Médico-Legal, como você sabe melhor do que ninguém, tem infiltrações demais.

Bruna sorriu.

— Quer dizer que vocês esconderam o cadáver para que eu não possa me inteirar de nada?

O inspetor também sorriu.

— Como você é vaidosa, Husky. Você não é a única pessoa capaz de roubar dados. E além disso, quanta desconfiança! Eu não mereço. Fiz uma oferta de colaboração, e você não acreditou em mim.

— Diga-me os resultados da autópsia de Nabokov e acreditarei.

Lizard ficou olhando para ela com olhos sonolentos e sarcásticos.

— Muito bem. Terei os resultados amanhã. Se você quiser, vamos nos falar. E agora vá embora de uma vez, Husky.

— Você vai continuar a me seguir?

— Foi muito vantajoso para você que eu a tenha seguido.

— Vai me seguir de novo?

— Não.

E Bruna não acreditou.



**Arquivo Central dos Estados Unidos da Terra**  
**Versão modificável**

ACESSO ALTAMENTE RESTRITO  
APENAS EDITORES AUTORIZADOS

Madri, 25 de janeiro de 2109, 11h05  
Bom dia, Yiannis

SE VOCÊ NÃO É YIANNIS LIBEROPOULOS,  
ARQUIVISTA CENTRAL FT711, PARE IMEDIATAMENTE  
DE LER ESTAS PÁGINAS

ACESSO ALTAMENTE RESTRITO  
APENAS EDITORES AUTORIZADOS

O ACESSO NÃO AUTORIZADO A ESTAS INFORMAÇÕES É  
CRIME E PODE SER PUNIDO  
COM ATÉ VINTE ANOS DE RECLUSÃO

*Terras Submersas*

Marcadores: aquecimento global, Guerras Robóticas, Pragas,  
ultradarwinismo, Leis Demográficas, turismo úmido  
#002-327

Artigo em edição

Embora o **aquecimento global** tenha começado a desfazer as calotas polares já no século XX e o nível do mar tenha subido de forma progressiva durante várias décadas, o certo é que seus devastadores efeitos sociais pareceram

explodir de repente por volta de 2040. “Como uma rã que vai sendo aquecida pouco a pouco na água não percebe o problema até se queimar, a humanidade não se deu conta da catástrofe enquanto não houve mortes em massa”, disse em 2046 o Prêmio Nobel de Medicina Gorka Marlaska.

Na verdade, graves distúrbios já haviam acontecido muito antes, mas foram considerados fatos isolados e passaram mais ou menos inadvertidos porque, de modo geral, ocorreram em zonas superpovoadas, economicamente deprimidas e tradicionalmente instáveis, como o extinto Bangladesh, país cujo território foi completamente coberto pelas águas, salvo uma estreita faixa de montanhas no Leste que, após a época das **Pragas**, foi absorvida pela Índia. Em fins de 2039, entretanto, quando entre 13% e 14% da superfície terrestre já havia submergido, na zona do delta do Irrawaddy (antigo Mianmar), originou-se uma espécie de explosão que, ao contrário do que aconteceu em outras ocasiões, não ficou confinada à região, mas foi se reproduzindo em outras zonas geográficas e se multiplicando velozmente no decorrer de 2040, até se converter num fenômeno planetário. É preciso levar em consideração que as faixas costeiras abrigavam grandes núcleos urbanos e, de modo geral, eram densamente povoadas. À medida que o mar foi avançando, cidades desapareceram por completo, como Veneza, Amsterdã ou a ilha de Manhattan, enquanto outras foram parcialmente alagadas, como Lisboa, Barcelona ou Bombaim. Ainda mais nociva foi a inundação dos deltas mais férteis e de faixas litorâneas agrícolas densamente povoadas. Centenas de milhões de indivíduos desesperados e famintos, que haviam perdido tudo, foram subindo, perseguidos pelas águas, até terras mais altas. Mas essas terras altas já estavam habitadas e muitas vezes também acossadas pela fome, dada a perda fatal das melhores terras cultiváveis. Os enfrentamentos entre uns e outros arrasaram o planeta. Uma violência cega se desencadeou por todo o mundo, e os massacres se sucederam durante vários anos. Pode-se dizer que foi a primeira guerra civil planetária. ~~E deve ter sido tão traumática que, curiosamente,~~ carece de nome propriamente dito. Os historiadores se referem a esse período como as Pragas, porque as ferozes e colossais hordas de desalojados foram comparadas às pragas de gafanhotos da maldição bíblica.

Foi um período de caos. Não se dispõe de dados confiáveis, mas se calcula que em 2050, ao fim de uma década de conflitos, haviam morrido dois bilhões de pessoas devido à fome, às doenças e à violência direta. Além disso, houve outros fatores letais a considerar, como a aparição dos ultradarwinistas. O **ultradarwinismo** foi um movimento racista e terrorista supostamente baseado nas teorias de Charles Darwin, ~~embora a imensa maioria da comunidade~~

~~científica sempre tenha rechaçado a ideia de que os ultras tivessem algo a ver com o evolucionismo. Eles consideravam que a Terra não podia abrigar uma população humana tão elevada, algo que, por outro lado, era uma verdade evidente, e afirmavam que as Terras Submersas e as subsequentes Pragas eram um processo de seleção natural proveitoso para a Terra, visto que a maior mortandade se produzia em zonas superpovoadas, economicamente depauperadas e, em geral, habitadas por indivíduos de origem racial não caucasiana, a quem os ultras consideravam material humano defeituoso e prescindível. Para agilizar esse suposto processo de “limpeza étnica”, os ultradarwinistas cometeram inúmeros atentados com explosivos convencionais, mísseis e bombas nucleares de curto alcance, até a organização ser enfim desmantelada, em 2052. Por outro lado, está provado que os replicantes aproveitaram as Pragas para assassinar humanos impunemente.~~

*\*\*\*\*Escandalosamente inexato! Os tecno-humanos sequer haviam sido inventados durante o período das Pragas. Quero registrar minha preocupação e minha repulsa perante algumas inclusões perigosamente equivocadas que venho encontrando ultimamente nos arquivos. Recomendo uma investigação interna. Yiannis Liberopoulos, arquivista central FT711\*\*\*\**

Embora o pior das Pragas já tivesse chegado ao fim em meados do século XXI, a paisagem política e geográfica foi tão afetada que durante décadas o planeta se consumiu num explosivo desequilíbrio. A **guerra rep** (2060-2063) piorou a situação, ~~demonstrando uma vez mais o pernicioso efeito dos tecnos~~, e a falta de legitimidade das novas fronteiras se converteu numa das causas desencadeantes das Guerras Robóticas (2079-2090). Esse longo período de instabilidade e violência generalizadas fez com que a população mundial caísse para menos de quatro bilhões de pessoas. No último quarto do século XXI, alguns países já haviam começado a limitar o número de filhos a seus cidadãos, mas foi a partir da **Unificação** (2096) que os Estados Unidos da Terra decretaram as **Leis Demográficas** (2101) que regulam as gestações com a finalidade de evitar uma nova superpopulação. O objetivo é manter estável o número de habitantes do planeta em quatro bilhões, aos quais é preciso somar alguns bilhões divididos entre as Terras Flutuantes, Labari e o Cosmos. ~~Considerando que 15% dos terrícolas são reps (seiscientos milhões de indivíduos), uma vantagem colateral de seu extermínio seria poder aumentar sensivelmente a cota de crianças humanas.~~

*\*\*\*\*Recomendo que a investigação interna se realize com a máxima urgência.  
Yiannis Liberopoulos, arquivista central FT711\*\*\*\**

Foi também a partir da Unificação que o Governo Planetário decidiu rentabilizar as Terras Submersas. Criaram-se diversos lotes com as zonas alagadas mais emblemáticas, e sua gestão foi leiloada entre diversas megaempresas de turismo. Até agora, abriram-se uma dúzia de parques temáticos, e outros vinte estão em construção. Os consórcios consolidaram as ruínas das Terras Submersas e criaram ilhas artificiais para abrigar hotéis, restaurantes e demais serviços. As zonas inundadas podem ser visitadas de batiscafo, de bolha individual subaquática ou com equipamento de mergulho. Há parques temáticos urbanos, como o famoso Manhattan, ou históricos, como o delta do Nilo. Esses populares destinos de férias formam o chamado **turismo úmido**.

**MERLIN JOGAVA XADREZ MUITO BEM. ERA UM** replicante de cálculo e tinha uma mente formidável, matemática, musical, um labirinto exato de pensamentos cintilantes.

— Às vezes penso no animalzinho meio selvagem que você seria sem mim e estremeço de horror — dizia-lhe ocasionalmente, agarrando-a pela nuca como quem doma um potro nervoso.

Merlin falava de brincadeira, mas na realidade estava bem perto da verdade. Bruna pensava que os dois anos que vivera com ele, somados aos posteriores ensinamentos de seu amigo Yiannis, a haviam convertido no que era: uma tecno de combate diferente de todos os outros. A vida era indecifrável e misteriosa, inclusive a pequena e regulada vida dos reps. Na verdade, aqueles engenheiros genéticos que se acreditavam deuses não sabiam o que estavam fazendo. Certo, podiam potencializar algumas aptidões nos tecno-humanos, dependendo da função para a qual eram construídos, mas cada rep era diferente e desenvolvia capacidades ou defeitos que nenhum engenheiro poderia prever em laboratório, enquanto testava hélices clonadas de DNA. Merlin também era especial: criativo, imaginativo, com um temperamento brincalhão que o predispunha à felicidade.

Conheceram-se quando ela acabara de deixar a milícia e ainda tinha quente no bolso o auxílio-instalação. Bruna ainda era jovem, ao passo que Merlin já tinha 8/33. Mas ele vivia sem medo da morte, como se fosse eterno. Ou como se fosse humano, porque os humanos são capazes de esquecer que são mortais. Isso foi algo que Bruna não conseguiu aprender com seu amante.

— Husky? Você está aqui? Não está me ouvindo.

Habib tinha o rosto distorcido num trejeito de fastio e impaciência.

— Desculpe. Me distraí por um instante, pensando...

— Pois pense nas suas horas livres. Com os gastos que temos, você poderia pelo menos tentar não me fazer perder tempo.

Habib estava assim a manhã inteira, extremamente nervoso, inflamável, com uma agressividade que Bruna nunca tinha visto.

— Você me deu carta branca com o dinheiro.

— E se você oferecesse algum resultado, consideraria o investimento bem-empregado. Mas até agora... — grunhiu ele.

E o pior era que não lhe faltava razão.

Estavam no apartamento que havia sido de Myriam Chi e Valo Nabokov. Um apartamento amplo e confortável, mas friamente funcional, como se a ideologia radical não acalentasse muitos refinamentos decorativos. Ou como se não quisessem ter demasiado apego às coisas. Só havia um detalhe pessoal: uma foto de Myriam e Valo, abraçadas, amorosas e sorridentes. Estava talhada a laser, de modo tridimensional, dentro de um bloco de cristal. Era a típica recordação que se confeccionava na hora em muitos locais de férias. Merlin e ela também haviam feito um retrato semelhante em Venecia Park, num fim de semana de *turismo úmido* com que se presentearam logo depois de começar sua relação. Quando o amante morreu, Bruna se desfez do vidro: não podia suportar aquela imagem de felicidade. Mas agora, ao deparar com o retrato de Nabokov e Chi, sua cabeça disparara e começara a pensar em Merlin. Isso, em geral, ela preferia evitar.

Além daquele convencional souvenir cristalino, o lugar poderia ser o impessoal salão de qualquer apart-hotel. Comparada àquele ambiente, a casa de Bruna parecia acolhedora. A rep recordou com algum orgulho as duas cópias pictóricas que possuía: *O homem vitruviano*, de Leonardo da Vinci, e a *Senhora escrevendo uma carta com sua criada*, de Vermeer. Eram umas reproduções muito boas, suprarrealistas, não holográficas, e que haviam custado bem caro.

— Aqui não há nada. Eu já lhe disse — resmungou Habib, fechando os armários da cozinha.

A polícia acabava de liberar o apartamento depois de examiná-lo. Bruna imaginou o enorme Lizard investigando o local, e a ideia lhe pareceu desagradável, mas bem abusiva, e até um pouco obscena. Myriam e Valo não teriam gostado que um humano andasse remexendo nas suas coisas. Claro que provavelmente também não gostariam que os dois ali estivessem. Quando Habib soube que Bruna queria inspecionar o apartamento, insistiu em acompanhá-la; e agora desperdiçava uma atividade frenética e absolutamente inútil, porque ele não poderia saber o que a rep estava buscando. Na verdade, nem ela sabia, mas a experiência lhe ensinara que seu inconsciente era mais sábio do que sua consciência; e que, apenas olhando, muitas vezes via coisas que os outros não viam. Indícios que lhe saltavam aos olhos como se a estivessem chamando. Bruna ia atrás de Habib, abrindo e revistando todas as gavetas e os armários que

o homem acabara de fechar. Porém, até o momento, não haviam encontrado nada revelador.

Entraram no quarto, e Bruna se sentiu perturbada e comovida. Aquele era um cômodo pessoal, um ninho, um abrigo, o santuário interior em que se refugiavam os humanos, acreditando poder se proteger da desolação do mundo. A cama, enorme, estava coberta por primorosas almofadas de seda de cores brilhantes. Na parede em frente, de lado a lado, alinhavam-se pelo menos 15 orquídeas brancas plantadas em vasos dourados barrocos. Gases cor de lilás fluuavam pendendo do teto como guirlandas, e o chão estava coberto por um esponjoso e maravilhoso tapete omáá de um vermelho profundo.

— Uau! Impressionante — disse Habib.

Bruna se perguntou qual das duas, Myriam ou Valo, seria a responsável por aquela decoração tão feminina e opulenta. Chi, com suas unhas pintadas, ou Nabokov, com seus peitos enormes e penduricalhos impossíveis. Mas provavelmente eram ambas: um mundo íntimo complexo e secreto no qual coincidiam. Assim era o amor, na verdade: ter alguém com quem compartilhar as peculiaridades.

— Eu já tinha estado nesta casa, é claro, mas não neste quarto. A gente nunca conhece cem por cento as pessoas — murmurou Habib.

Sobre a mesa de luz, os vestígios do inferno vivido: uma infinidade de frascos, seringas subcutâneas, emplastos, comprimidos, desinfetantes, gases, pomadas. Toda a parafernália médica, essa escabrosa fileira de remédios inúteis deixada para trás pela doença. Quando Merlin morreu, o quarto também ficou cheio desse lixo triste. Antipsicóticos contra os delírios, o desassossego e a violência causados pelo TTT. Ansiolíticos contra a angústia. Quando ele já havia partido, ainda restavam vestígios de seu sofrimento presos aos medicamentos. Do mesmo modo que agora se podia seguir o rastro da agonia de Nabokov naquela miscelânea de drágeas. Bruna sentiu um arrepio de horror. Do velho e conhecido horror de sempre, que se espreguiçava como um dragão em suas entranhas. Quatro anos, três meses e dezessete dias. Dezessete dias. Dezessete dias.

Habib estava de quatro, no chão, passando o dedo na beirada do grosso tapete, ao longo do exíguo canal entre o tecido e a parede. Estava levando tudo muito a sério, pensou a rep, um pouco divertida. Para dizer a verdade, estava levando tudo a sério demais, pensou depois, um pouco surpresa. O androide não parecia estar registrando a casa à toa, e sim procurando alguma coisa específica. Aquele inspeção minuciosa, aquele nervosismo...

— Vingança — exclamou.

— Como? — perguntou Habib, virando-se para ela.

A detetive falara num impulso, num golpe cego de intuição, a título de sondagem. Olhou Habib nos olhos.

— Vingança. Essa palavra lhe diz alguma coisa?

O homem franziu a testa.

— Bem, não muito. O que você quer me dizer, Bruna?

Tinha uma aparência absurda, ainda de quatro, com a cabeça virada sobre o ombro para olhá-la. Pareceu-lhe que de repente ficava simpático demais. O androide a tinha chamado pelo primeiro nome, e seu tom agora era amistoso, depois de ter se comportado de modo insuportável durante toda a manhã. Bruna desconfiou. Acontecia-lhe com frequência: de repente era atravessada pelo vento frio da suspeita. Decidiu não lhe contar sobre as tatuagens. Aquele era um segredo entre Lizard e ela.

— Não. Nada. Foi uma coisa que Nabokov me disse, naquela última vez em que a vi. Vingança. E em seguida foi matar e morrer.

Habib se levantou e sacudiu a cabeça.

— Estava delirando. Escute, Bruna, não sei o que estamos procurando aqui. Acho que não implantaram nenhuma memória em Valo. Ela só estava doente demais e enlouquecida de dor pela morte de Myriam.

A detetive assentiu. Era provável que o homem tivesse razão.

— E outra coisa, Bruna... Me desculpe se estou um pouco... tenso. Dentro de dois dias haverá a assembleia do MRR para eleger o novo líder do movimento. Eu achava que ganharia fácil, mas apareceram outros dois andróides que aspiram ao posto e estão fazendo contra mim uma campanha das mais sujas. Me acusam de não tentar esclarecer a morte de Myriam com afinco suficiente, me acusam até de ter me alegrado com seu desaparecimento para poder ocupar seu posto. Por isso preciso de resultados o quanto antes, você entende? O quanto antes!

— Sei. Principalmente de resultados eleitorais — disse a rep, com alguma lentidão.

Habib olhou-a com raiva.

— É, isso também. Você se surpreende? Estamos num momento crítico da história dos replicantes e sei que posso ajudar para que a situação melhore, que posso dirigir, o MRR com mão firme nessa transição crucial. Não me alegrei com a morte de Myriam, como dizem aqueles miseráveis, claro que não, mas talvez isso tenha sido, de certa forma, providencial. Porque sei o que é preciso fazer. E acho que sei até melhor do que ela. É por acaso algum crime aspirar à



liderança quando se sabe que isso vai lhe permitir influenciar a sociedade para melhor?

Discursou em tom bombástico. Então era isso que estava fazendo de quatro e enfiando o focinho em todos os cantos: buscando votos. Ainda que fosse à custa da loucura de Nabokov, do sangue de Chi, do horror, do fogo e da violência. Decepcionante. Olhou para o alterado Habib com desinteresse. Como dizia Yiannis: “Como brilha a insignificância das pessoas quando as coisas começam a dar errado.”

**BRUNA DESCEU DA ESTEIRA ROLANTE, DOBROU COM** cuidado pela avenida e examinou à distância a vizinhança de seu edifício, enquanto se agarrava a uma minúscula esperança. Lá estava o omaá, com seu corpanzil translúcido e sua camiseta ridícula. O paciente cerco do *bicho* estava transformando num martírio suas saídas e entradas. Na noite anterior, ao chegar ainda cheia de adrenalina depois do embate com os valentões das correntes, tomou sua enorme sombra pela de um assaltante e quase lhe mandou uma patada na genitália. Ou no lugar onde a têm os terrícolas. Mas o omaá se esquivou com tanta facilidade quanto se tivesse adivinhado seu movimento.

— Sou Maio, sou Maio. Desculpe se te assustei — disse, com voz suave.

E a rep quase lamentara não ter sido um agressor anônimo. O alienígena a tirava do sério, inundava-a de uma culpa absurda, obcecava-a, a ponto de fazê-la pensar duas vezes no incômodo de voltar para casa. Agora mesmo, depois de terminar a revista no apartamento de Chi, tinha preferido não voltar. Mas lhe pareceu vergonhoso não se atrever a encarar o alienígena, e havia Bartolo, que não queria deixar sozinho por tempo demais. Não teve outro remédio além de correr e entrar como um furacão pela porta, para iludir ao máximo o maldito e perseverante Maio. O alienígena estava se transformando num problema.

Superado com sucesso o primeiro omaá, agora lhe restava enfrentar o segundo. A androide abriu a porta do apartamento receando o que poderia encontrar. Como diabos tinha sido capaz de complicar a vida daquela maneira? Mais uma vez, decidiu avisar imediatamente uma protetora de animais e se livrar do bubí. Enfiou a cabeça com cuidado: o lugar parecia em ordem. Nada de roupas reviradas pelo chão. Tranquila, entrou, fechou a porta e viu o glutão, que estava colado na parede do fundo, nervosíssimo e de cabeça baixa, a perfeita imagem da culpa. O ânimo da rep despencou.

— O que você fez? Fez alguma coisa errada, não foi?

Bartolo esfregava com desesperada contrição as pequenas mãos cinzentas. De repente, Bruna teve uma terrível intuição e correu até a mesa do quebra-cabeça. Deu um suspiro de alívio: tudo parecia estar bem. Mas, espere aí...

Espere aí: faltava uma peça, que havia sido tirada da parte já resolvida. O buraco era uma ferida no meio da figura.

— Eu te disse para não tocar no quebra-cabeça!

O bubi choramingou.

— O que você fez com a peça? Comeu, animal idiota?

— Bartolo bom... — gemeu a criatura.

E saiu correndo para o quarto. Bruna o seguiu e, para sua surpresa, encontrou o pequeno cartão recortado em cima do travesseiro de sua cama, bem no meio, meticulosamente colocado. A rep pegou-o: estava intacto, nem mesmo parecia chupado. “Sem dúvida é uma mensagem, um aviso, até uma ameaça”, pensou Bruna. Queria dizer: não gosto que você me abandone e como vingança eu poderia ter destruído todo o quebra-cabeça, mas fui magnânimo e não o fiz. Era um protesto muito sofisticado, algo não muito diferente das cabeças de cachorro recém-degoladas que a máfia costumava deixar.

A androide tentou dissimular o sorriso que lhe bailava nos lábios e se voltou para o bubi com uma expressão propositalmente seca.

— Bartolo sozinho — sussurrou o glutão, retorcendo os dedos.

— Já sei, já sei que você ficou sozinho e não gosta. Está bem. Tudo bem. Desta vez te perdoo, mas não faça de novo!

O animal deu um pulo e subiu-lhe nos braços: Bruna sentiu seu hálito cálido no pescoço. Perturbada e raivosa, arrancou o bubi de seu colo e deixou-o no chão. Só faltava criar afeto por uma criatura da qual se desligaria dali a pouco.

— E também não faça isso de novo, nunca mais! Nada de subir e abraçar!

E, vendo a cara compungida do glutão, acrescentou a seguir:

— Vem, vou te dar alguma coisa para comer.

Foi uma informação que levantou de forma instantânea os ânimos do bubi.

Nesse momento, entrou uma chamada de Mirari. O rosto peculiar da violinista apareceu na tela com os cabelos brancos eriçados como uma coroa de espinhos.

— Pronto. Te mando um robô. Vinte minutos — disse, e desligou.

Sempre tão sucinta.

A rep encheu um copo de vinho branco e se deixou cair pesadamente no sofá em frente à janela, enquanto Bartolo mastigava com sonoro entusiasmo sua tigela de cereais. Quatro anos, três meses e 17 dias. Tomou um gole do vinho. O braço que sustentava o copo mostrava o enroscado hematoma produzido pelo golpe da corrente do valentão, e a detetive considerou que era uma marca simbólica. Os acontecimentos a estavam deixando machucada, ferida. De

alguma forma, esse caso a havia transtornado mais do que qualquer outro. Convertera-se em algo muito pessoal.

Começou a chover. O céu era um cambiante turbilhão de nuvens enegrecidas, e os pingos golpeavam o vidro da janela, empurrados pelo vento. Um dia Yiannis havia mostrado a Bruna o antigo e mítico filme do século XX no qual pela primeira vez se falou em replicantes. O título era *Blade Runner*. Era uma obra estranha e bem-intencionada em relação aos reps, embora tenha achado um tanto irritante os andróides terem pouco a ver com a realidade e, de modo geral, serem bem mais estúpidos, esquemáticos, infantilizados e violentos. Para não falar de uma tecno louca que fazia voltinhas com a mão num punho articulado. Ainda assim, havia no filme algo profundamente comovedor. Bruna decorara as frases ditas pelo rep protagonista antes de morrer, no cenário chuvoso: “Vi coisas nas quais vocês não acreditariam. Atacar naves em chamas para além de Órion. Vi Raios-C brilharem na escuridão perto da Porta de Tannhauser. Todos esses momentos se perderão no tempo como lágrimas na chuva. É hora de morrer.” E então inclinava a cabeça e morria com tanta facilidade. Tanta facilidade. Como um aparelho elétrico que alguém tirasse da tomada. Sem sofrer o tormento do TTT. Mas suas poderosas palavras refletiam maravilhosamente a inconsistência da vida, dessa sutil e bela fartura que o tempo desfaz sem deixar marca. Inclinava a cabeça e morria, o rep de *Blade Runner*, enquanto a chuva resvalava sua face, talvez ocultando suas últimas lágrimas.

Quando faltava pouco para completar os 10/35 anos, Merlin desapareceu. Foi-se. Mudou-se para um hotel. E quando Bruna conseguiu afinal localizá-lo e foi lhe pedir que voltasse, o andróide tentou ser o mais desagradável possível para afastá-la. Mas a detetive, que nunca fora muito eloquente, conseguiu fazê-lo entender que morrer à distância seria ainda mais doloroso. Merlin voltou, e ainda desfrutaram alguns meses de serenidade antes que o TTT se manifestasse.

Depois do surgimento da enfermidade, foram para as Highlands, na Escócia. Terras nuas queimadas pelo vento, córregos como fios de mercúrio sobre barrancos negros. Ambos gostavam de lugares remotos, frios e inóspitos: uma dessas particularidades compartilhadas que formavam a base do amor. Por isso, quando Merlin decidiu se retirar para a escuridão como um cão ferido, escolheu aquele recanto longínquo. Instalaram-se num pequeno e vetusto *cottage* alugado, que logo encheram com seu patético carregamento de instrumental sanitário e medicamentos. Cheiro de doença e tempo envenenado. O lento e opressivo tempo da agonia. A morte os rondava como um predador, emporcalhando tudo de sofrimento, mas Bruna ainda recordava uma noite de chuva com as gotas

tamborilando no vidro como agora. Merlin cochilava a seu lado na cama, por um instante a salvo de seu sofrimento; e ela, jogada sobre o cobertor, lia um romance à luz amarelada de uma pequena lâmpada. De vez em quando, olhava para o amante: suas costas familiares agora tão ossudas, seus traços emaciados, a barba crescida. Porque unhas e cabelo continuam a crescer nos moribundos; enquanto tudo mais colapsava, aquelas pequenas células continuavam tecendo sua substância com cega e desesperada tenacidade vital. Um esforço orgânico inútil, que sombreara as faces de Merlin e fazia seu belo rosto parecer cada vez mais macilento. Pouco antes do final, Bruna sabia, o perfil dos doentes se acentuava, como para poder entrar nas trevas como uma proa. E o rosto de seu amante já começara a se afinar. Mas estavam juntos e continuavam vivos; e lá fora o vento sibilava e a chuva sussurrava seu canto desolado, fazendo daquele dormitório um refúgio. Naquela noite, o tempo parou e houve uma estranha paz no sofrimento.

Às vezes, Bruna sentia uma dor tão aguda que achava que não conseguiria suportá-la.

Mas sempre conseguia.

Lágrimas na chuva. Tudo passaria e de tudo se esqueceria depressa. Inclusive do sofrimento.

Tomou outro gole de vinho e olhou sua reprodução de *Senhora escrevendo uma carta com sua criada*. A criada esperava de braços cruzados que sua ama acabasse de escrever, para depois levar a carta. Não tinha pressa; enquanto aguardava, não era obrigada a trabalhar, era um pequeno descanso em sua labuta. Tratava-se de uma jovem de rosto roliço; permanecia de pé no fundo do quadro, e olhava com tranquilo prazer pela janela, pela qual entrava uma luz límpida e matinal. Lá fora, devia fazer um belo dia. A moça desfrutava com naturalidade da alegria do sol, de sua juventude e de sua saúde, da perfeita serenidade daquele momento. Da plenitude da vida num instante. Bruna se comovia com aquele quadro porque era como ver um pedaço de tempo fora do tempo. Fazia com que se sentisse como se sentiu naquela noite de chuva junto a Merlin. Naquela noite, enquanto seu amante morria, ela foi imortal. Quase como um humano.

Nesse instante, o robô mensageiro bateu à sua porta, e Bruna deu um pulo exagerado: estava com os nervos à flor da pele. Era uma entrega de segurança máxima, de modo que precisou deixar que o robô lhe fizesse um reconhecimento de DNA antes de segurar o envelope selado e impermeável. “Como diabos teria Mirari conseguido meu perfil de DNA?”, perguntou-se a rep, um pouco

incomodada. A violinista era uma mulher perigosa. Rompeu os lacres e tirou um computador de pulso, uma lente de dados e uma chapa civil tão perfeitamente confeccionada que estava um pouco abaulada, como se tivesse sido submetida a muito uso. Introduziu a chapa no computador central e constatou que era de uma mulher de trinta anos chamada Annie Heart, natural de Tavistock, Devon, antiga Grã-Bretanha, professora de robótica aplicada na Universidade Técnica Asimov de Nova Barcelona. Depois, vinham os habituais arquivos codificados em que apareceriam os demais dados de Heart: histórico médico, perfil genético, histórico escolar, currículo funcional, ficha dentária, informes financeiros e bancários, informes de segurança, antecedentes policiais ou penais, relação de atividades e interesses, e assim até cerca de cem referências distintas, que só podiam ser abertas caso se dispusesse das diversas senhas de autorização.

Ela, naturalmente, como proprietária da identidade, poderia sem dúvida consultar todas. Precisaria estudá-las com atenção para saber quem era essa tal Annie Heart em quem se converteria por alguns dias. Mas, antes de fazê-lo, introduziu a lente na ranhura do computador.

Na tela, apareceu o rosto de Mirari.

— Só garanto cobertura plena de investigação durante seis dias. Melhor, cinco, para ficarmos em zona segura. Quanto ao celular, comprei um mês de uso com um satélite clandestino, de modo que só será não rastreável durante esse tempo. Veja o arquivo FF3. Acho que fiz um bom trabalho — disse ela.

E sorriu, um pequeno e divertido sorriso inesperado na sempre seca violinista. A lente de dados se apagou. O arquivo FF3 era um relatório policial. Annie Heart havia sido detida numa manifestação supremacista em Nova Barcelona três dias antes, acusada de participar da surra dada a um tecno-humano. Mas em poucas horas fora posta em liberdade, porque, salvo o confuso depoimento da vítima, não se encontraram testemunhas contra ela, e porque Heart não militava nem havia jamais militado em qualquer grupo radical humano e afirmou estar apenas passando pelo local.

Bruna sorriu: um detalhe perfeito, exatamente o que precisava.

Impecável Mirari.

A rep confirmou no computador que, como lhe dissera Habib, o PSH havia pedido uma PeEfe. Os partidos não recebiam ajuda alguma do Estado; mantinham-se pelas cotas dos filiados e pelas doações, mas as últimas eram restritamente regulamentadas e, para recebê-las, era preciso tirar uma Permissão de Financiamento. As PeEfes podiam ser de dois, quatro ou seis meses, e durante esse período o partido podia solicitar e receber fundos de

particulares ou empresas, abono prévio de determinada quantidade de dinheiro à Fazenda. Supunha-se que essa soma era para pagar os inspetores que controlavam as operações, mas na verdade se tratava de uma espécie de imposto indireto cuja aplicação levantava muitos ressentimentos. O fato de um partido tão avesso a reconhecer a legalidade do Estado como o PSH haver transigido e pedido uma PeEfe indicava muita necessidade financeira, ou planos iminentes, ou ambas as coisas. A Permissão de Financiamento dos supremacistas era de dois meses, e só lhes restavam duas semanas. “É provável que estejam ansiosos para arrebanhar o máximo possível antes que seu tempo se esgote”, pensou Bruna. E isso poderia ser muito bom para ela.

A rep passou uma hora e meia estudando os detalhes da identidade falsa e devorando uma imensa ração pré-cozida de arroz com tofu. Bartolo roncava. Em seguida, Bruna arrumou a casa, fez a cama, colocou três peças do quebra-cabeça, ouviu um concerto de Brahms. O glutão continuava a dormir a sono solto. Então a rep teve uma súbita intuição: sentou-se diante da tela principal e introduziu a palavra “Fome”. O arquivo que ocupava o sétimo lugar da relação de respostas dizia assim:

#### FOME

o melhor clube multiócio de Madri.

Um local polivalente para saciar todo tipo de voracidades.

Avenida Iris, 12. Aberto 24 horas, 365 dias por ano.

Então *Fome* era o nome de um inferninho...

De fato, agora tinha a impressão de se lembrar vagamente de tê-lo visto nos anúncios ou nas notícias. Era um *multi-ó*, como eram coloquialmente conhecidos; um megacentro de entretenimento que cultivava diversos registros: restaurantes, bares, discotecas, jogos virtuais, tudo com a última tecnologia, com ênfase no espetacular e com áreas dedicadas aos gostos dos reps e dos alienígenas. A rep tinha estado num *multi-ó* em Paris, e foi bastante divertido. Talvez fosse isso o que queria dizer Bartolo; talvez Cata Caim frequentasse o lugar. Não custaria dar uma volta por lá.

Quatro horas depois, Bruna saiu de casa vestindo o traje lilás, um de seus preferidos, com o etéreo e luminoso peitoral de ouro pendendo do pescoço. Estava muito elegante, talvez demais, pensou, ao chegar à avenida Iris: tratava-se de uma zona industrial nos arredores de Madri. O número 12 era uma torre circular de seis andares. Não havia janelas, a não ser no último, que era ocupado

pelo restaurante principal, e a fachada tinha um revestimento luminoso e opalino que ia mudando lentamente de tonalidades. No terraço, um enorme cartaz dizia *Fome* com letras que pareciam arder: deveria se tratar de algum truque holográfico. Já era noite, hora do jantar, e o enorme vestibulo do *multi-ó* estava bastante concorrido, com um público diversificado, desde garotos que mal pareciam ter superado a idade do toque de recolher a kalinianos com prendedores fincados nas bochechas ou casais maduros de aspecto opulento e convencional. Bruna se deteve diante dos painéis de informação interativos e repassou as diversas possibilidades do lugar. Por cima de sua cabeça, numa tela pública, Inmaculada Cruz, a presidente regional, discursava furiosamente no anfiteatro: pelo visto, a oposição apresentara uma moção de censura contra ela. A situação continuava cumprindo sua inexorável escalada de convulsão. A detetive olhou em volta e não conseguiu ver nenhum outro tecno-humano. Estava sozinha, com seu traje elegante e seu colar de ouro.

Aproximou-se do homem jovem de sobrancelhas delineadas que ocupava a mesa de informação situada no centro do saguão e mostrou-lhe uma foto de Cata Caim.

— Alguma lembrança?

— Ah, sim, a pobre Cata Caim... ficamos todos horrorizados — respondeu com naturalidade o fulano.

— Ah, é? Era tão conhecida assim por aqui? Vinha muito?

— Mas é claro que vinha muito! Caim trabalhava aqui, na discoteca lunar.

Bruna franziu o cenho.

— É mesmo? Desde quando? E como não disse nada a respeito disso? Que eu saiba, Cata tinha um emprego administrativo numa empresa hoteleira.

— Bem, o daqui era só um trabalho parcial... Dava uma ajuda na gerência da discoteca... Manutenção, intendência, contabilidade... Vinha algumas horas à tarde, há uns quatro meses. Até que um dia deixou de vir. E dois dias depois estava morta. Mas pergunte no primeiro andar, era mais conhecida por lá.

Seguindo o conselho do rapaz, Bruna subiu à discoteca lunar do primeiro andar. Aproximou o celular do olho cobrador e lhe debitaram trinta geses: era um lugar caríssimo. As portas metálicas se abriram com um sopro, e a rep entrou numa espécie de balcãozinho que dominava uma ampla sala circular. Num extremo estava a pista de dança; perto dela, um pouco elevada, como se suspensa no ar, a barra fulgurante e opalina, e o resto do lugar estava coberto por confortáveis sofás flutuantes em que as pessoas se sentavam ou se recostavam para beber e conversar. Reinava uma espécie de obscura luminosidade, um



fulgor contido, e a decoração imitava o vazio exterior, com estrelas e planetas girando lentamente à distância. O efeito era realmente muito bom: tinha-se a sensação de flutuar no negrume do cosmos, e isso era potencializado pelo fato de que a discoteca possuía uma gravidade inferior à terrestre. Bruna começou a descer por uma das escadarias até a discoteca e sentiu a embriaguez da relativa falta de gravidade, a maravilhosa e enganosa leveza. Apesar do nome do lugar, sem dúvida não estavam numa gravidade tão baixa quanto a lunar, que era de apenas um sexto em relação à da Terra. Mas podiam estar a dois terços. Bruna precisou fazer um esforço de controle para não sair voando e rolar escada abaixo.

Aproximou-se do balcão com passos suaves e elásticos e teve que se agarrar ao corrimão para parar. Era divertido. Era muito divertido. Produzia uma sensação de vertigem borbulhante e de impunidade. Como se nada de ruim pudesse acontecer enquanto o corpo pesasse tão pouco.

O primeiro copo de vinho foi inteiramente derrubado por ela sobre o rosto, porque o levantou com força demais, e o ataque de riso durou alguns minutos. O barman acompanhou seu riso com amabilidade, embora se visse que estava acostumado àqueles desastres. Ainda com lágrimas nos olhos, a rep perguntou ao funcionário por Cata Caim. “Parecia uma boa pessoa”, respondeu o homem. Tímida, reservada, trabalhadora. Não tinha amigos. Não fazia confidências. Não saía com ninguém. Não havia nada de especial a dizer a respeito dela.

— Ou talvez houvesse — acrescentou de repente o barman, lançando um olhar dissimulado para a extremidade do balcão. — Algumas vezes tomou um drinque com aquela fulana.

Bruna olhou. Era uma mulher esquelética, talvez tão alta quanto ela, mas muito magra, envolta numa espécie de túnica púrpura e com o cabelo escorrido partido ao meio e caindo por ambos os lados de seu rosto ossudo. Estava encostada numa ponta do balcão, absorta na ociosa contemplação de sua bebida, um copo alto com um líquido rosado fosforescente. A mulher tinha alguma coisa triste e um pouco repulsiva. A detetive agarrou seu copo e se aproximou dela.

— Olá.

A outra lhe lançou um olhar bem mais hostil e não respondeu.

— Meu nome é Bruna.

A mulher continuou calada e se esforçou para que esse silêncio fosse agressivo. O cabelo era escorrido porque estava muito sujo: duas cortinas de pesados cabelos gordurosos lhe comiam a cara. Na abertura do decote, uma pequena tatuagem verde-escura: uma letra S muito entintada, curvada sobre si

mesma, pesada e crispada. Era grafia labárica, sem dúvida. E a cor púrpura da túnica amorfa...

— Isso é uma letra de poder... e você é labárica. Nunca pensei que os *únicos* frequentassem as discotecas terrícolas. Achei que esses excessos fossem proibidos a vocês.

A mulher a olhou com expressão de fúria e depois virou seu copo de um só gole. A bebida pareceu acalmá-la um pouco.

— Eu não sou labárica. Não mais. Ei, você, me dá outro igual.

— Deixe por minha conta. Também tomarei a mesma coisa. O que é?

— Vodca com groselha irisada e oxitocina. A maior dose permitida por lei — disse o garçom.

— Que seja! Não me cairá mal.

A oxitocina em pequenas quantidades fomentava a empatia e o afeto. Por isso era chamada de droga do amor. Com o esqueleto de cabeleira engordurada também devia estar fazendo efeito, porque agora parecia mais acessível. O barman trouxe dois luminosos copos altos, e a rep se apressou em beber, na esperança de que a mulher a imitasse e a droga a abrandasse um pouco mais. Funcionou. Quando a magricela deixou sobre o balcão o copo já pelo meio, voltou-se para Bruna e retirou uma das cortinas de cabelo que lhe tapavam o rosto. Inclinou-se um pouco para a frente, mostrando à rep o lado direito de seu rosto; na tẽmpora havia um terceiro olho, ou melhor, um projeto de olho, um globo ocular não de todo coberto pelas rudimentares e paralisadas pálpebras, com a íris e a pupila cegas por uma película cinza-esbranquiçada. Voltou a deixar cair o cabelo e se afastou para trás.

— Você é uma *mutante* — disse Bruna.

— Por isso me expulsaram de Labari. Viajei em teletransportes para eles, trabalhei na mina que o Reino tem em Potosí, e, quando o distúrbio atômico me deformou, os *únicos* me expulsaram da Terra Flutuante.

— Quantos teletransportes você fez?

— Oito.

— Que barbaridade! Isso é ilegal! Os Acordos de Cassiopeia proibem que alguém se teletransporte mais de seis vezes.

— Mas o Reino de Labari não assinou os Acordos. Lá as pessoas se teletransportam indefinidamente. Supõe-se que o Princípio Único Sagrado nos defende de todo mal. Se uma pessoa é suficientemente Pura, o Princípio a protege. Os bons *únicos* jamais sofrem o distúrbio atômico.

— Isso é uma imbecilidade. Não é uma questão de fé, e sim de estatística e de ciência.

— Pois eu acreditava, e às vezes ainda acho que acredito — comentou a mulher, sombria. — Em Labari, usa-se o distúrbio TT nos Julgamentos Sagrados. Se duas pessoas das castas superiores, sacerdotes ou amos, têm alguma causa grave a dirimir, colocam-se sob a proteção do Princípio Único e começam a se teletransportar. E aquele que se vê atingido pelo distúrbio TT é o culpado. Os Julgamentos Sagrados são públicos. Assisti a alguns e posso garantir que funcionam.

— O que você quer dizer com isso de que funcionam?

— Que um dos contendores acaba imune e o outro sempre termina castigado com uma deformidade.

— Por todas as malditas espécies, que besteira! Com certeza os contendores desses julgamentos viajam e voltam a viajar até que um deles se transforme, não é isso?

— Isso mesmo.

— Pois isso nada tem a ver com o princípio sagrado. As possibilidades de ser atingido pelo distúrbio TT vão se multiplicando com as viagens. É pura sorte que recaia sobre um antes do outro, pura e simples sorte. E suponho que em alguma ocasião os dois contendores tenham voltado disformes. A partir do salto número 11, a incidência do distúrbio é de cem por cento em todos os organismos vivos.

A mulher parecia impressionada. E aliviada.

— É mesmo? De cem por cento?

— De onde você saiu, que ignora tudo isso? Até as crianças de cinco anos sabem.

Era uma pergunta idiota, Bruna notou logo após fazê-la, porque sabia a resposta: o Reino de Labari mantinha seus súditos dentro da mais absoluta desinformação.

— Só estou na Terra há dois meses — disse a mulher, com ar envergonhado.

E no mesmo instante a rep sentiu uma cálida e intensa corrente de simpatia em relação a ela. “Uma consequência da oxitocina”, lembrou a si mesma com esforço; não se engane, não perca a distância. Não é sua amiga.

— É, claro. Como é seu nome?

— Sun.

— Sun, acho que você conhecia esta mulher. Cata Caim.

A *mutante* olhou a imagem no celular de Bruna.

— Sim, era uma rep. Como você.

— Vocês eram amigas, não é?

Sun baixou a cabeça e concentrou o olhar no pálido fulgor de sua bebida.

— Bem, tomamos uns drinques juntas. Me parecia curiosa. Só vi reps depois que cheguei aqui embaixo. Em Labari não há.

— Eu sei.

— E além disso me sentia mais à vontade com ela. E com você. Somos todas monstros, não é?

Um sabor azedo empanou a afetuosa doçura da droga. “Não é minha amiga”, repetiu-se Bruna.

— Você sabe se Cata Caim tinha medo de alguma coisa? Comentou com você algo estranho? Você se lembra se ela se encontrava com mais alguém? Talvez com alguém novo?

A *mutante* negou com a cabeça, o cabelo melado e duro balançando de leve em ambos os lados do rosto como duas pesadas placas de metal. Mas logo olhou para o teto, como quem se lembra de alguma coisa.

— Embora... Sim, espere. Foi no último dia em que a vi, acho. Não falei com ela. Mas estava numa mesa com duas pessoas.

— Humanos?

— Não sei. Estavam longe, e isto aqui é bastante escuro. Mas tenho quase certeza de que pelo menos um era um androide.

Outra vez o inquietante rastro dos reps. Bruna terminou o copo, agradeceu à mulher e lhe pagou outra bebida antes de se despedir. Mas quando já ia embora, voltou-se para ela.

— A propósito: a letra que você tem tatuada...

— É o S de serva. Pertença à casta serviçal.

— E o que isso quer dizer exatamente?

— Acima do escravo, abaixo do artesão.

— É uma grafia de poder.

A mulher baixou a cabeça.

— Por isso continuo a ser uma serva. Não posso me libertar.

Bruna grunhiu, teclou o celular e mandou a Sun o nome e o endereço de Natvel, o essencialista do Mercado de Saúde.

— Vá ver esse... essa pessoa, em meu nome. Diga que é da parte de Bruna Husky. Natvel vai ajudá-la.

Sun olhou-a com ceticismo.

— Obrigada — disse.

Mas estava claro que não faria nada. “Azar o dela, não é minha amiga”, disse mais uma vez a detetive.

— Só mais uma coisa. Você sabe quem poderia me dar informações sobre a escritura de poder labárica?

— É uma sabedoria muito secreta. Só os sacerdotes a dominam. Não sei. Na embaixada, talvez. Todas as embaixadas labáricas são duais. São regidas por um amo e um sacerdote.

A rep voltou a agradecer-lhe e se afastou do balcão, aliviada por perder de vista aquele personagem macilento e atormentado. Caminhou, ou melhor, saltitou com ligeireza até a beira da pista de dança, polida como um espelho e iluminada por uma penumbra resplandecente que lhe dava certa aparência submarina. Ao pisar na pista, submergia-se na música; a discoteca utilizava o novíssimo sistema Soundtarget, uma tecnologia que permitia dirigir o som à perfeição: a apenas meio metro da zona de dança, mal se ouvia alguma coisa. Agora, com um pé dentro da pista, a androide se deixou envolver por uma voragem sonora. Fechou os olhos e se deixou ficar ali, imóvel, de pé, internamente tomada pelo ritmo, mas uns golpezinhos que alguém lhe deu no ombro fizeram-na sair de seu pequeno êxtase. Girou o rosto: era Nopal. Bruna engoliu em seco e deu um passo para trás, voltando ao silêncio.

— Olá, Husky. Que surpresa encontrá-la aqui — sorriu o memorista.

E, sem mais preâmbulos, Pablo Nopal agarrou a androide e se atirou na pista para dançar com ela. A música chegou de repente aos ouvidos da rep, como um torvelinho embriagador de notas deslumbrantes. Bruna detestava dançar e era incapaz de se deixar conduzir, mas agora não pôde resistir: Nopal e a melodia a arrastavam, a desfaziam num tumulto de compassos. Os primeiros passos foram um tanto desajeitados, entorpecidos pela letargia da androide e pelo transtorno da baixa gravidade. Mas pouco a pouco foram se adaptando e relaxando, pouco a pouco assumiram o controle de seus corpos o suficiente para poder deixar de se controlar. Agora já voavam pela pista levados pela ausência de gravidade, leves, belos, inacreditáveis na exatidão de seus movimentos, Nopal e ela da mesma altura, do mesmo peso, de esbelteza semelhante, o memorista e a rep dando voltas e voltas numa valsa intensa, “Valsa da Masquerade”, de Aram Khachaturian, leu a androide em letras luminosas sobre suas cabeças, e dançavam integrados um ao outro sem se pisar, sem se perder, como se fizessem parte de um único organismo, livres do mortificante peso terreno, eternos, milagrosos.

A rep suspirou enquanto a valsa explodia em suas veias, os olhos cegos de luz, a pele ardendo, suspirou de vida e de desejo, sustentada pelas cálidas mãos do

homem, debilitada pela oxitocina, e olhou para o memorista com aquele olhar único, aquele olhar grave que esvazia e entrega. Mas se chocou com o rosto de Nopal, com sua expressão firme e transparente, e a androide soube sem qualquer sombra de dúvida que o escritor e ela jamais teriam uma relação. Então enterrou o rosto, envergonhada, na cavidade do pescoço de seu par, e, levada pela desilusão, pela febre e pelo fogo, cravou os dentes no ombro de Nopal até sentir na língua o sabor do sangue, enquanto a música caía como um dilúvio sobre eles. O memorista teve um sobressalto e reprimiu um gemido. Deteve-se por um instante e contemplou a rep com entendimento e sem surpresa.

— Ah, Bruna, Bruna — sussurrou.

E então abraçou-a com mais força e continuaram a dançar.

**VOLTOU A REPASSAR OS DADOS DA FALSA CHAPA CIVIL** de Annie Heart e comprovou que os sabia bastante bem.

Estava pronta. Era hora de ir embora. Bruna se levantou da poltrona, deu um safanão em Bartolo, tirando da boca do animal um punhado de guardanapos de papel que estava comendo, e depois ligou para Yiannis.

— Oi, eu queria me encontrar com você, como anda seu tempo?

A cara do velho arquivista parecia tensa e agitada.

— Que bom que você ligou, Bruna, tenho muita coisa para contar.

— Que tipo de coisa?

— Aqui não. Pessoalmente.

— No bar da Oli daqui a duas horas?

— Perfeito. Até logo.

A rep cortou a ligação, ordenou ao computador que pusesse música (a lista de reprodução 037, uns temas hipoacústicos que eram ao mesmo tempo relaxantes e levemente euforizantes) e depois desencaixou o pequeno forno luminoso que estava embutido na cozinha. Enfiou a mão no buraco e abriu a tampa que havia atrás e que ocultava a caixa secreta na qual guardava tudo o que não queria que ninguém visse, como, por exemplo, a pequena pistola de plasma para a qual não tinha licença, ou suas reservas de dermossilicone.

Fazia muito tempo que Bruna não se transformava, mas era algo em que sempre tivera sucesso. A primeira coisa que fez foi se despir; depois aqueceu um pouco de dermossilicone até que ficasse líquido e rapidamente estendeu aquela resina sutil e rosada por cima da linha de tinta que lhe percorria o corpo. Provavelmente a aplicação na parte das costas ficou pior, mas no fim das contas estaria oculta pela roupa. Pôs-se de pernas e braços abertos, como *O homem vitruviano* de Da Vinci, debaixo da lâmpada de luz ultravioleta, e em dois minutos a fina película já havia secado e se fundido perfeitamente com a pele, ocultando por completo sua tatuagem. Agora só poderia tirar o silicone com dermossolvente. Colocou as lentes: escolheu umas de cor verde-escura que pareciam muito naturais e camuflavam suas características pupilas felinas.

Depois veio a peruca, louro-acinzentada e autoadesiva com o calor do corpo, e umas sobrancelhas postiças da mesma cor e um pouco mais largas do que as naturais. Arredondou um pouco as bochechas pondo na boca duas próteses de borracha anatômica, e, ato contínuo, vestiu uma roupa de baixo com enchimento, que engrossou suas nádegas e aumentou em dois números seus pequenos seios de amazona. Depois veio a maquiagem: um pouco exagerada, algo retrô, com os lábios muito vermelhos e os olhos destacados por sombras douradas. Escolheu um conjunto de saia-calça, uma tediosa roupa convencional que só usava naqueles casos, e penteou com cuidado o sedoso cabelo que caía até os ombros. Olhou-se no espelho: a vantagem de ter naturalmente uma aparência tão marcante como a sua era a rapidez com que podia mudá-la. Só levara 25 minutos para se transformar, e nem sua mãe poderia reconhecê-la. Se sua mãe tivesse existido, é claro. Estava tão loura, tão vistosamente feminina. Agradaria mais a Nopal se fosse assim? A lembrança do escritor deslizou pela sua memória deixando um rastro de fogo... Pensar nele era perturbador demais. Desprezava os memoristas e achava Nopal intimidador e ambíguo. Mas na noite da véspera, na discoteca, na tepidez de seus braços, na excitação da música e da oxitocina, Bruna teria se entregado a ele. No entanto, ele a rechaçara. A rep voltou a sentir o sabor do sangue de Nopal em seus lábios. Sacudiu a cabeça, inquieta e confusa. Na verdade, preferiria nunca mais voltar a vê-lo.

Escolheu uns sapatos discretos e confortáveis, porque nunca se sabia quando seria preciso sair correndo, e tirou sua chapa civil da corrente que tinha ao pescoço, substituindo-a pela que Mirari lhe havia conseguido. Depois encheu uma bolsa de mão com tudo o que precisava e se dispôs a sair. Neste momento entrou uma ligação. Olhou para o indicativo de identidade: era Lizard.

— Droga...

Passou para o modo invisível e atendeu. Na tela apareceu o rechonchudo rosto do policial.

— Husky? É você?

— Sou eu.

— Por que não se deixa ver?

— Você está ligando para me dar os resultados da autópsia de Nabokov?

— Por que você não se deixa ver? Pelo sinal de GPS do seu celular, você está em casa. Há alguém apontando para a sua cabeça com uma pistola de plasma?

— Você quer me fazer o maldito favor de parar de me rastrear?

— Estou falando sério, Husky...



Disse aquilo com um pequeno sorriso sardônico lhe bailando nos lábios, e pareceu a Bruna que havia ali alguma preocupação real. Como se o inspetor tivesse fingido aquele sorriso para ocultar que, quando afirmava falar a sério, realmente estava falando sério. A rep sacudiu a cabeça: com Lizard tudo parecia estupidamente complicado.

— Pode acreditar. Nada está acontecendo.

— E então por que você não se deixa ver?

Era tão teimoso quanto um cão de caça. Como Nopal já tinha dito.

— Porque não quero que você me veja do jeito que estou.

— Por quê?

— Mmmm... digamos que porque hoje não estou suficientemente atraente para você.

A detetive usara um tom de brincadeira, mas de repente lhe passou pela cabeça que talvez brincasse para ocultar que, quando falava em atraí-lo, na verdade queria mesmo atraí-lo. “Ai, por todas as malditas espécies”, resmungou Bruna consigo mesma, exasperada.

— Escute, Lizard, não tenho tempo para bobagens. Se você não vai me dizer nada, vou desligar.

O policial coçou o sólido queixo.

— Na verdade eu tenho coisas para contar. Mas espere um instante...

Inclinou-se para a frente e a imagem desapareceu.

— Lizard?

— Continuo aqui. Acontece que não gosto de estar em desigualdade de condições.

Tinha passado ele também para o modo invisível. “Maldito orgulhoso cabeçudo”, pensou Bruna.

— Por mim, perfeito. Se preferir me mandar um robô mensageiro — retrucou, desdenhosa.

Mas a verdade era que incomodava um pouco não lhe ver a cara.

— O corpo de Nabokov ficou destruído demais pelo explosivo. Nem ao menos se pode determinar se tinha ou não uma memória artificial. Estava em fase terminal do TTT e tinha metástase cerebral maciça, de modo que seu comportamento pode muito bem se dever à doença.

— Isso nós já sabíamos. É tudo o que tem para me contar?

— Quase tudo.

Houve um silêncio, durante o qual a detetive não pôde deixar de olhar para a tela vazia, como se a difusa névoa de pixels fosse lhe revelar um importante

segredo.

— Encontramos algo no apartamento de Nabokov e Chi.

Bruna voltou a ver em sua imaginação o maciço corpanzil de Lizard rebuscando entre as vaporosas sedas lilás do quarto de dormir. Uma cena desagradável.

— Era uma lente de dados oculta debaixo da pedra de um anel. Um esconderijo engenhoso. Talvez não o tivéssemos encontrado nunca se o mecanismo da pedra não estivesse malfechado. Ao mover o anel, a lente caiu no chão.

— E...?

— É uma espécie de panfleto supremacista. Não menciona de modo algum o partido de Hericio, mas afirma falar em nome de um vago pan-humanismo. Dizem ter um plano para exterminar os reps, e o mais importante é que há imagens de todas as vítimas, inclusive de Chi, mostrando a tatuagem com a palavra vingança. A lente parece ter sido gravada pelos assassinos.

Bruna franziu a testa, tentando encaixar aquele novo dado.

— E por que você acha que Nabokov tinha isso, Lizard?

— Não sei. Mas acredito que alguém tenha feito isso chegar às mãos dela para lhe esquentar a cabeça.

Era uma boa hipótese. “Se Nabokov viu aquele lixo estando tão doente como estava, sua reação violenta seria mais compreensível”, pensou a detetive.

— Por isso me falou em vingança quando nos vimos.

— A propósito, o legista tampouco foi capaz de determinar se Nabokov tinha alguma palavra tatuada. No que resta dela não há nada.

— São feitas com caligrafia de poder labárica. As tatuagens, quero dizer.

Bruna ficou um pouco surpresa consigo mesma. Perplexa com a facilidade com que havia fornecido aquele dado ao inspetor. Claro que o fato de alguém ter lhe salvado de uma surra costumava criar alguma confiança. Hesitou apenas um instante e logo contou a Lizard tudo o que sabia. Falou de Natvel e do segundo emprego que Caim tinha em Fome, e de tudo o que lhe havia dito a *mutante* do terceiro olho. Contou tudo, enfim, menos que se disfarçara de humana e que se dispunha a se infiltrar no PSH. Não lhe pareceu prudente revelar que estava transgredindo uma porção de leis.

— Você, que tem um cargo oficial no inquérito, poderia exigir ao sacerdote da embaixada labárica que dê informações a respeito da tatuagem das vítimas...

— Não é má ideia, Husky.

— Aliás, você passou o programa de reconhecimento nos dois reps mortos para ver se coincidiam com o orifício do punhal?

— Passei, sim. E não, não coincidiam. Não foram eles. Também passei o programa anatômico por você, para ver se foi você.

Bruna contemplou a tela vazia com indignação. Uns segundos depois voltou a ouvir a voz tranquila e grossa do homem.

— Mas você também não coincidia.

“Obrigada pela confiança”, pensou a rep.

— Ora, esta é uma boa notícia — disse, gélida. — Adeus, Lizard. Tenho trabalho.

Não houve resposta. A tela zumbia debilmente. Teria desligado sem ao menos se despedir. Mas a luz verde de conexão continuava acesa.

— Lizard?

Então voltou a ouvir a voz do homem. Lenta, espinhosa, densa.

— Tome cuidado, Husky.

Ele desligou. A rep franziu a testa: era como se o policial soubesse de alguma coisa. Como se intuisse alguma coisa. Bufou, afastando os pensamentos perturbadores. A conversa comprida a tinha atrasado, chegaria tarde ao encontro com Yiannis. Solto o celular do punho e tirou a bateria. Depois ajustou o celular não rastreável e, ao acendê-lo, viu que a tela saudava Annie Heart: Mirari pensava em tudo. Enfiou no bolso o computador apagado e saiu correndo de casa. Enquanto descia pelo elevador, pensou que, pelo menos, dessa vez o *bicho* não saberia que ela era ela. Mas quando passou diante de Maio, o alienígena fitou-a com seus olhos tristonhos e disse:

— Tome muito cuidado, Bruna.

A frase tinha uma suavidade aquosa, mas resvalou com estridência nos ouvidos da rep: por todas as malditas espécies, então seu disfarce não servia para nada? E por que aquele anormal lhe recomendava cuidado? Também suspeitava de alguma coisa, como Lizard? Furiosa, parou um táxi e deu o endereço do bar de Oli. Aqui e ali, nas esquinas, viam-se duplas de soldados em atitude vigilante. Nenhum androide de combate, só humanos. O que era bastante pouco usual.

— Desde que puseram o Exército na rua, parece que as coisas estão um pouco mais calmas. Menos mal — comentou o motorista.

A detetive soltou um grunhido de aquiescência pouco alentador: detestava as conversas vagas com os taxistas. O homem se voltou para ela.

— Agora sim, pelo menos as badernas fizeram desaparecer os malditos reps. Não há um só deles pelas ruas! Dá gosto, não? — disse, piscando um olho com ar

de cumplicidade.

Bruna pensou: “Que vontade de quebrar-lhe a cara.” Pensou: “Isto quer dizer que meu disfarce funciona.” Pensou: “Reprime a raiva, dissimula.” Mas alguma coisa devia transparecer, porque o motorista recuou um pouco.

— Bem, não é que eu queira mal a eles, me entenda, não quero que os linchem nem nada parecido, mas por que não vão embora e nos deixam em paz? Que construam uma terra flutuante. Veja só, já temos os do Cosmos e de Labari, que não deixam os tecnos entrarem em seus mundos. Eles é que estão certos. E por que nós os admitimos? Porque somos uns bundas-moles. Porque temos um governo de *chuparreps* e bundas-moles.

O taxista dirigia com o piloto automático acionado e continuava olhando por cima do encosto e soltando sua ladainha xenófoba e especista. Bruna pensou: “Quero estrangulá-lo.” Pensou: “Concentre-se em se lembrar de que o seu disfarce funciona.” Pensou: “Quatro anos, três meses e 16 dias, 16 dias, 16 dias...”

Entrou no bar frustrada e nervosa. A gorda Oliar deu-lhe um olhar de avaliação, com as pálpebras semicerradas, como sempre fazia com um novo cliente. A detetive viu que a mulata anotava mentalmente os chamativos hematomas que a corrente deixara em seu antebraço e que a rep optara por não cobrir. Nada escapava à grande Oli.

— Oi. O que deseja?

— Vodca com limão natural e duas pedras de gelo.

Disse a primeira bebida que lhe veio à cabeça, algo bem-definido e ao mesmo tempo completamente alheio a seus gostos habituais, para reforçar a camuflagem. Era óbvio que a mulher não a tinha reconhecido. Sentiu-se otimista. Agarrou o copo e andou até o final do balcão, onde a esperava o arquivista.

— Oi. Acho que te conheço de algum lugar — disse Bruna, sorrindo.

Yiannis olhou-a de cima a baixo, com pouco interesse.

— Não sei. Acho que não. Não me lembro de você.

— E eu digo que sim. Você é Yiannis Liberopoulos.

O velho se empertigou, admirado.

— É, sou eu, mas...

— Yiannis, Yiannis, verdade que você não sabe mesmo quem eu sou?

Bruna estivera forçando um pouco a gravidade de seu tom, mas disse a última frase com sua voz normal. O homem abriu desmesuradamente a boca e os olhos, numa perfeita caricatura de surpresa.

— Bruna! Não pode ser. Você é Bruna?

A rep riu.

— Shhh, não fale tão alto... Vejo que o meu disfarce está funcionando... Yiannis, quero que você saiba aonde vou, para o caso de me acontecer alguma coisa. Pretendo me infiltrar no PSH. Vou ao Saturno, o bar de que RoyRoy me falou, e tentarei conseguir um encontro com Hericio.

Oli se aproximou com um trapo na mão e, enquanto aparentava limpar o balcão, perguntou:

— Tudo bem por aqui, Yiannis?

— Tudo bem.

A mulata se afastou e Bruna fitou com afeto suas costas monumentais. A grande galinha choca sempre cuidando dos seus pintinhos.

— Parece muito perigoso, Bruna. Muito perigoso. Você tem certeza do que está fazendo?— sussurrou o velho, com ansiedade.

— Absoluta. E não diga nem mais uma palavra, Yiannis, ou nunca mais lhe conto coisa alguma.

O arquivista fechou a cara, mas se calou, porque a conhecia bem demais. A rep suspirou. Na verdade, ela mesma não sabia exatamente o que ia fazer. Infiltrar-se agora entre os supremacistas parecia uma temeridade e talvez fosse um risco desproporcional e sem sentido. Claro que o pior de tudo era o fato de ser exatamente esse risco o que estava procurando, refletiu Bruna; talvez isso de se colocar em perigo apaziguasse sua culpa de sobrevivente e seu desespero de condenada à morte. Matar-se antes, jovem como Aquiles, e assim se poupar o horror do TTT. A rep sacudiu a cabeça para deixar escapar esse pensamento funesto, para torná-lo leve como uma bola e se livrar dele, e sua loura cabeleira biossintética lhe roçou os ombros. Foi uma sensação imprevista e desagradável que lhe provocou um arrepio.

— Eu também queria lhe contar uma coisa, Bruna. Estou vendo isso há algum tempo, mas está ficando cada vez pior. E hoje pela manhã foi realmente escandaloso. Pedi uma investigação oficial.

— Do que você está falando, Yiannis?

— Do arquivo. Alguém está manipulando os documentos, alguém está falseando os dados para instigar a revolta contra os tecno-humanos.

Os arquivistas centrais eram submetidos a uma rigorosa cláusula de confidencialidade que os impedia de falar de seu trabalho, e o velho Yiannis, que era um homem meticuloso e um pouco maníaco, sempre cumprira à risca esse preceito. Mas agora estava tão preocupado com o andar dos acontecimentos que, pelo menos dessa vez, sentiu-se liberado de suas obrigações, ou melhor, devedor

de uma obrigação ainda maior. De modo que explicou à rep as grosseiras alterações que estava encontrando nos artigos.

— E por isso pedi uma investigação urgente.

— E o que responderam?

— Ainda não responderam.

— Caramba!

Era preocupante, no mínimo. Mercenários, manifestações espontâneas que pareciam cuidadosamente organizadas, convivência dos meios de informação... e agora também o Arquivo. Muitos flancos ao mesmo tempo. Era como um baile, uma dança sinistra bem-ensaiada.

No caminho até o bar de Oli, Bruna havia prestado atenção nas telas públicas: nove de cada dez mensagens traziam injúrias contra os reps em diversos graus de furor e de intransigência. Algumas declarações eram tão violentas que, apenas um mês antes, teriam sido censuradas pelo Ministério da Convivência. Rememorou algumas alegações venenosas e sentiu gosto de fel: precisou fazer um esforço de reflexão e olhar para Yiannis e Oli a fim de não se sentir inundada de ódio pelos humanos. Além disso, a rep sabia bem que as telas públicas, apesar do nome, não eram de modo algum públicas: os cidadãos tinham que pagar uma cota mensal para poder publicar suas imagens e mensagens. Era uma empresa privada, perfeitamente controlável e manipulável. Uma empresa que qualquer um poderia contratar e utilizar para fazer uma campanha de intoxicação. Bruna não podia, não queria acreditar que nove de cada dez humanos quisessem destruí-la.

— E outra coisa... mataram um filho de RoyRoy — acrescentou Yiannis.

— Os supremacistas? — perguntou a detetive, espantada.

— O que os supremacistas têm a ver com isso? — disse o arquivista, desconcertado.

Yiannis e Bruna se entreolharam por alguns instantes em silêncio, confusos. “Como se podia confiar na comunicação entre espécies, se nem os amigos conseguiam se entender?”, pensou a androide, angustiada.

— Não, não, Bruna, me desculpe, isso não tem qualquer relação com o que falávamos antes... Eu quis dizer que RoyRoy também perdeu um filho.

Também. Claro. O arquivista fizera uma confidência pessoal, e ela não tinha percebido.

— Um garoto de 16 anos. Levou um tiro por engano numa operação policial. Passou por acaso pelo local e lhe arrebutaram a cabeça. Coitada da RoyRoy. É

essa a causa da tristeza dela, sabe? Essa dor que sempre se percebe por baixo de tudo. Aconteceu há muito tempo, mas isso não acaba nunca.

“Ele gosta dela”, pensou a androide com surpresa. A rep teve uma repentina intuição, não de todo agradável, de que o velho Yiannis gostava da mulher-anúncio. Claro. Outra mãe sofredora, outro filho perdido. Nos meses posteriores ao falecimento de Merlin, quando Bruna estava perdida e desolada, Yiannis a tinha levado para a casa dele, cuidado dela, conseguido fazê-la se reerguer. A androide lhe era muitíssimo grata pela dedicação, mas sempre tivera a inquietante suspeita de que sua amizade se baseava na dor do luto; que Yiannis fizera de sua vida um templo em memória do filho, e que o que mais o atraía em Bruna era seu sofrimento pela perda de Merlin. Como se pudessem compartilhar o desespero. Mas a androide não queria dedicar sua curta vida à recordação. Que Yiannis se entendesse com RoyRoy, que intercambiassem suas dores, que construíssem juntos uma imensa catedral em honra dos filhos que perderam. Pouco lhe importava.

— Você vê, Bruna, cada um vai arrastando seu pequeno fardo. Às vezes me parece que os humanos... e os tecnos, é claro... que somos como formigas, todas caminhando com o peso esmagador de nossas vidas sobre a cabeça.

A rep detestou seu tom de autopiedade.

— Mas um dia você me disse que a diferença está no que cada um de nós faz com isso — retrucou a rep.

Não suportava ver o arquivista tão queixoso, tão óbvio, tão adolescente. “Apaixonar-se abobalha”, pensou com certo rancor.

Yiannis suspirou.

— É, suponho que tudo depende do que fazemos.

Uns minutos mais tarde, quando Bruna saiu do bar, ainda estava um pouco irritada: sempre acreditara que seu amigo era tão imune quanto ela às veleidades sentimentais. Mais uma vez, voltou a se sentir estranha. Diferente de todos. Estranha até entre os reps. Um autêntico monstro, como diziam os supremacistas. Mas qual é, qual é? Agora era ela quem estava caindo na autocompaixão. Pelo grande Morlay! Era um maldito vício, enganador e perigoso.

**ALTA E FLEXÍVEL, COM SUAS CURVAS PNEUMÁTICAS** convencionalmente ajustadas pelo vestido e a cabeleira loura flutuando sobre os ombros, a detetive não passou despercebida quando entrou no Saturno, que se revelou um bar de estilo retrô, com luminárias de mármore e apliques pseudomodernistas — um ambiente adequadamente arcaico para sujeitos retrógrados. Eram oito horas, e o local estava meio cheio: todos humanos, mais homens do que mulheres, a maioria jovens. Bruna deu uma lenta volta pelo bar, como se estivesse em dúvida quanto a onde se instalar, enquanto estudava dissimuladamente os frequentadores e se deixava ver. Quando teve certeza de que absolutamente todos os presentes estavam cientes de sua chegada, sentou-se a uma mesa perto da porta e pediu outra vez uma vodca com limão natural e duas pedras de gelo: gostava de desenvolver a personalidade fictícia de seus disfarces e ser fiel aos menores detalhes, até quase acreditar deles. Agora, por exemplo, começava a sentir que não havia bebida melhor do que vodca com limão. Deu um gole no copo que lhe trouxe o robô e examinou o ambiente através da cortina de seus cílios. Duas mulheres e meia dúzia de homens a contemplavam com olhos gulosos, tentando interceptar seu olhar e dar início a algum tipo de intercâmbio. Depois de uma rápida análise, decidiu que ninguém parecia muito útil, embora dois dos jovens fizessem parte de um grupo bastante promissor, sentado junto a duas luminárias. Nesse momento, um dos rapazes se levantou e foi até ela, bamboleante e desafiador como um galinho tolo. Parou de pé diante da mesa.

— Você é nova por aqui — afirmou.

— Sou.

O sujeito pegou uma cadeira e se sentou, cheio de confiança.

— Vou lhe dizer o que vamos fazer: vamos tomar outra bebida, uma rodada para a qual eu convido, e enquanto isso você me conta quem é — disse ele.

— Direi o que você vai fazer — respondeu Bruna. — Vai voltar para a sua mesa, e vai dizer àquele homem moreno de colete verde que eu gostaria de falar com ele.



O homem do colete parecia ter alguns anos mais e ser o de maior autoridade no grupo. Aquela impressão de rigorosa hierarquização fora o que fizera Bruna intuir que poderiam ser supremacistas militantes.

— E por que diabos você acha que vou obedecer? — disse o garoto, irritado.

— Porque, se não o fizer, é possível que o homem do colete verde se enfeze com você.

O jovem bufou, furioso, mas se levantou como um cordeiro e foi direto à sua mesa transmitir a mensagem. “Eis um garoto que sabe obedecer”, pensou a rep.

O fulano de verde ouviu o recado e não se apressou. “Melhor”, refletiu Bruna: “Quanto mais tempo, mais alto deve estar na escala de mando.” Viu que o homem dizia algo ao robô, e pediu também outra vodca. Cinco minutos mais tarde, depois de alguns goles dados à nova cerveja, o indivíduo de colete se levantou e se aproximou dela.

— Diga...

Era baixinho e mal-encarado, todo cheio de músculos, provavelmente implantes de silicone. Bruna sorriu. Ela era loura, ela era curvilínea, ela era uma retrógada. Como sorriem as louras ultrafemininas e ultraconvencionais? Com certeza, não com chamuscas nos olhos, como Bruna, e sim com uma oferenda, uma candura úmida, evidenciando que a boca é outra abertura. Uma submissão prometedoras. Bruna-Annie sorriu, sedutora, e disse:

— Pois me disseram que neste bar se reúne o pessoal do PSH, e, evidentemente, você é a pessoa mais importante que há agora neste lugar. Por isso acho que você pode me ajudar. Quero conseguir um encontro com Hericio.

O homem enrugou a boca num gesto cômico, vítima de duas emoções opostas: a vaidade pessoal e a desconfiança perante o pedido. Em dúvida, deixou-se cair na mesma cadeira em que antes se sentara o rapaz.

— Imaginemos por um instante que eu seja do PSH. Por que você quer ver Hericio?

— Porque ele é o único que parece saber o que fazer nestes momentos de perigo e insensatez. Porque estamos condenados ao desastre nas mãos de um governo de *chuparreps* inúteis. Porque, como todas as pessoas de bem, vejo o abismo para o qual nos dirigimos se não consertarmos tudo isso. Porque quero colaborar na defesa da humanidade, que é o que está em jogo, nada mais e nada menos — exclamou, enfática.

E logo, num rasgo de suprema inspiração, acrescentou:

— Porque não quero deixar ao meu futuro filho o legado de um mundo corrupto, pervertido e abjeto.

E sorriu com seu ar mais maternal e desamparado.

O discurso de Bruna-Annie pareceu encontrar algum eco no homem, que, pensativo, coçou o queixo, quer dizer, os implantes do queixo, que lhe proporcionavam uma mandíbula de aspecto mais viril e poderoso. Os bíceps de silicone subiam e desciam como bolas de tênis sob a suave penugem de seus braços. Mas, de qualquer maneira, ainda não estava convencido.

— Sei. E você aparece de repente, saída do nada, dizendo todas essas palavras bonitas, e quer que a gente acredite. De onde você vem? Quem diabos você é? Nunca a vi por aqui nem em nenhuma das nossas atividades.

— Nasci na região britânica, mas vivo em Nova Barcelona. Aqui está meu número civil. Há três dias fui a uma manifestação supremacista e me prenderam, acusada de agredir um rep. Acabaram me soltando por falta de provas. Mas sou uma professora universitária e não posso me permitir esse tipo de coisa, ou me afastarão da docência... você sabe que são muito rígidos com isso. Por isso vim a Madri oferecer minha ajuda. Melhor atuar aqui e viver em Nova Barcelona. Que nossa mão esquerda não saiba o que faz a direita.

O homem assentiu.

— Mas para colaborar com a causa você não precisa se encontrar com Hericio. Eu sou Serra, um dos seus lugares-tenentes. Não se contenta comigo?

Bruna tentou fazer cara de gatinha, reduzir sua habitual expressão de tigre ao mínimo possível. Os enchimentos nas bochechas ajudavam porque arredondavam seus lábios numa expressão tola.

— Fico contente por não ter me enganado... Eu sabia que você era alguém importante, a gente percebe. Mas mesmo assim, de qualquer maneira, preciso falar com Hericio, porque estou pensando em fazer uma doação ao partido. Sei que vocês estão num período de PeEfe. Pois bem, quero dar algum dinheiro para a causa. Mas preciso ter certeza de que Hericio é realmente como parece ser. De que nos movem as mesmas ideias.

Serra balançou a cabeça. Mencionar o dinheiro pareceu esclarecer muitas de suas dúvidas.

— Está bem. Verei o que posso fazer. Onde posso encontrá-la?

— Estarei no Majestic. Mas só por três dias.

— Darei notícias — disse ele.

E se afastou, as bolas de tênis vibrando como gelatina a cada passo.

Pouco depois de chegar à rua, Bruna percebeu que a seguiam. Já imaginara que lhe colariam uma *sombra* e procurou facilitar-lhe a tarefa porque era uma *sombra* muito ruim, um dos rapazinhos que estavam com o homem do colete.

Tão desastrada, a pobre criatura, que quase tinha vontade de lhe dizer que fosse ver Lizard, para que ele lhe desse umas tantas aulas sobre como perseguir alguém sem ser visto.

Entrou no hotel Majestic e pediu um apartamento em nome de Annie Heart. O Majestic era um estabelecimento de meados do século XXI que havia sido recentemente reformado e transformado num quatro estrelas. Bruna se hospedara quando chegara a Madri e, como sempre fazia, tomara nota de suas possibilidades. Subiu ao quarto, que ficava no último andar, e verificou que tudo continuava igual ao que recordava: se você estava registrado no hotel e tinha uma chave, podia chegar à rua pelas escadas de emergência, que ficavam na parte externa do edifício, nos fundos, dando para um parque-pulmão no qual quase nunca havia alguém. Deixou a bolsa no apartamento e desceu até o bar, que estava meio cheio. Eram 11 horas da noite e tinha fome. Pediu um sanduíche gigante de frango autêntico e uma vodca com limão natural e duas pedras de gelo, embora as duas doses que tomara antes, com o estômago vazio, a tivessem deixado com um zumbido desagradável na cabeça. Mas coerência era coerência. Viu no fundo do lugar sua *sombra*, se disfarçando mal atrás de uma tela interativa, e decidiu lhe dedicar uma boa atuação. Nesse momento entraram no bar dois apocalípticos distribuindo panfletos e fazendo campanha.

— Irmãos, escutai a palavra. Estais aqui perdendo no álcool e no aturdimento o vosso bem mais precioso, que é a vida... O mundo vai acabar daqui a uma semana... Não fecheis vossas mentes à Verdade!

Houve um vago rumor de tédio, e a atendente se apressou em sair de trás do balcão para expulsá-los, coisa que conseguiu fazer com facilidade. Eram uns iluminados bastante mansos. Bruna engoliu o pedaço de sanduíche que tinha na boca e falou em voz alta, alta o suficiente para ser ouvida em todo o ambiente, aproveitando a momentânea atenção suscitada pela aparição dos apocalípticos.

— Eles nos parecem loucos, e é claro que são. Mas é verdade que o mundo está acabando. Quero dizer, o mundo que nós conhecemos. Vocês querem deixar que essas aberrações tecnológicas acabem com os seres humanos? Os reps são nossas criaturas! Nossos objetos! Fomos nós que os fizemos! E agora vamos deixar que nos exterminem? Eles são um equívoco nosso! Vamos dar fim a esse erro perigoso!

Na extremidade do balcão soaram alguns aplausos. Foi um êxito que fez com a Bruna sentisse lhe subir à boca um sabor de fel. Perdera a fome por completo, então pagou e, fingindo-se um pouco mais bêbada do que estava, subiu ao quarto, aparentemente para dormir.

Mas ainda tinha algo para fazer. Arrancou a peruca e as sobrancelhas; dispensou os enchimentos e tirou a roupa; abriu a bolsa, tirou o dissolvente e limpou o silicone dérmico que lhe cobria a tatuagem. Em seguida, tirou as lentes e a maquiagem e tomou uma rápida ducha de vapor. Suspirou de alívio ao se reencontrar com Bruna no espelho embaçado. Depois de vestir sua roupa normal, um macacão de látex roxo-escuro, guardou os apetrechos de disfarce e saiu do quarto, atentíssima ao sigilo. Cruzou o corredor deserto e, usando a chave do quarto, abriu a porta de serviço que dava para a saída de emergência. Era meia-noite e meia, estava no décimo quarto andar, e na plataforma metálica externa soprava um desagradável vento frio que eriçava sua pele ainda umedecida pela ducha. Voltou a aplicar o chip de sua chave ao olho inteligente que controlava a escada de emergência, e os degraus foram se abrindo rapidamente à medida que ela descia, produzindo um chiado metálico inquietante que poderia tê-la delatado. Menos mal que os sons do parque-pulmão próximo serviam de camuflagem. Bruna não contara com aquilo, nem com o ruído da escada, nem com a inesperada ajuda das árvores artificiais. Sua imprevisão a irritou: estava cansada demais para raciocinar direito. Ainda bem que daquela vez tinha dado sorte.

Chegou embaixo, saltou para a rua, e a escada retrocedeu acima dela: as chaves só serviam para descer, nunca para subir. Por isso a androide se via obrigada a fazer o que iria fazer. Deu a volta à quadra, entrou no Majestic, dirigiu-se à recepção e pediu um quarto. O responsável, um homem pálido de rosto ossudo, ficou olhando para ela com expressão estranha. Num relâmpago de intuição, Bruna pensou: vai me dizer que o hotel está cheio. A androide se sentiu temida, se sentiu odiada, mais temida e mais odiada do que nunca. Sentiu-se segregada, e uma súbita e angustiante premonição a fez imaginar um mundo assim, uma Terra em que os reps não poderiam entrar nos hotéis, nem viajar nos mesmos trens, nem se misturar aos humanos. Uma gota de suor frio deslizou pelo seu crânio, paralela à linha da tatuagem. E naquele momento, exatamente quando a imobilidade do recepcionista começava a ser anormal, o homem quebrou sua quietude de pedra, pigarreou com incômodo e pediu a Bruna seus dados para poder registrá-la. Não se atreveu, pensou a androide; era provável que lhe tivesse passado pela cabeça a ideia de expulsá-la, mas não se atreveu. Ainda continuava a ser ilegal a discriminação entre as espécies.

Alojaram-na no décimo segundo andar, dois abaixo de Annie Heart, e a rep subiu até o novo quarto, no qual se registrara com seu verdadeiro nome, arrastando os pés e um vago desconsolo. Entrou no apartamento e se deixou cair

de costas na cama, sentindo de repente todo o esgotamento daquele dia comprido demais. O cansaço se acumulava em seus músculos, na parte inferior de suas pernas e braços, como se a fadiga fosse água e pesasse em seu corpo, esmagando-a de encontro à colcha. Por um instante, esteve tentada a fechar os olhos e dormir ali mesmo, mas sabia que era melhor voltar para casa. Com um esforço de vontade, girou no leito e amarfanhou o cobertor e os lençóis para que os robôs da limpeza tivessem o que fazer na manhã seguinte. Depois se levantou, pegou suas coisas e voltou a sair do edifício pela escada de emergência.

Andou algumas quadras para que não pudessem relacioná-la com o hotel e para verificar que não estava sendo seguida, e depois tomou um táxi: estava cansada demais para fazer economia. Desceu em frente à sua porta e lá estava o alienígena, como sempre, no meio da noite, na imensa solidão de seu corpanzil. E de sua diferença. A rep voltou a sentir que a angústia subia pela sua garganta e a fechava. Pobre Maio. Pobre Nabokov. Pobres vítimas de Nabokov. Pobres todos. Passou pelo *bicho* sem querer olhar para ele e apressou-se a encostar o polegar na fechadura para abrir o portão. Devia estar com os dedos manchados de silicone cosmético, porque precisou repetir o gesto várias vezes. O mal-estar crescia em seu interior e já se convertia numa dor no peito. “Quatro anos, três meses e 16 dias”, pensou, como quem recita uma ladainha. Um mantra privado para momentos de amargura. “Quatro anos, três meses e 16 dias.”

— São 15 dias, Bruna. São quase duas da madrugada. Já é quinta-feira — disse a voz suave e líquida de Maio.

A rep ficou paralisada. No silêncio, ressoou o mecanismo da fechadura ao se abrir, mas a detetive não empurrou a porta. Virou devagar a cabeça até o alienígena e ambos se olharam por alguns segundos, sem pronunciar uma palavra.

— É. Posso ler seus pensamentos, Bruna. Sinto muito. Talvez devesse ter contado — sussurrou Maio.

E suas palavras soavam como grãos de areia rolando suavemente pelo interior de um caniço oco.

“Pros diabos”, pensou Bruna. “Pouco me importa. O *bicho* ganhou. Que durma lá em casa. Logo procuraremos um lugar para ele viver. Mas que não ache que vai voltar a se enfiar na minha cama.”

— Não se preocupe, Bruna, posso dormir no sofá. Muito obrigado — disse o alien.

A androide bufou, um pouco exasperada: “Céus”, pensou, “então?...”.

— Não preciso falar com você, você adivinha tudo sem que eu diga nada? — concluiu em voz alta.

— Ah, não, não, Bruna, é muito melhor falar normalmente, fica mais confortável, porque assim estamos no mesmo nível. E além disso muitas vezes o que os humanos pensam não é o que dizem depois. E o que vocês dizem é o que querem que o mundo veja. Prefiro ouvir suas palavras e assim saber quem você quer ser por fora.

Para Bruna, pareceu um raciocínio confuso demais para aquela hora da madrugada, para o seu cansaço.

— Tá. Tudo bem. Entremos de uma vez. Você está com fome?

— Não, obrigado.

— Melhor. Não sei o que vocês alienígenas comem. E não me diga agora. Não quero ouvir. Só quero dormir.

Falou num tom áspero e enjoado, mas a verdade era que, de alguma maneira, Bruna se sentia bem por ter dito ao omaá que entrasse. Os monstros unidos eram um pouco menos monstruosos. Quatro anos, três meses e quinze dias. Quinze dias.

**BRUNA FOI OBRIGADA A RECONHECER QUE O OMAÁ** não incomodava em nada, e isso considerando que o *bicho* era muito grande e o apartamento, bem menor. Além do mais, Bartolo e ele se davam às mil maravilhas; o ubi quase enlouqueceu de alegria quando viu seu compatriota, e desde a chegada do alienígena não saía do lado dele: dormiu enroscado sobre suas costas e agora estava empoleirado em seu ombro. Foi Maio quem preparou o café da manhã para todos, acertando nos mínimos detalhes os gostos da rep: a leitura do pensamento tinha suas vantagens. O alienígena também se alimentou com uma espécie de cereal em pó que molhou com caldo quente, fazendo hábeis bolinhas entre os dedos com a pasta resultante. A rep o observou comer, fascinada, e depois viu como guardava a sobra dos alimentos na mochila.

— Comida omaá. É vendida na seção interespacial de alguns supermercados para gourmets, embora bastante cara. Também posso comer as suas farinhas, mas são muito menos energéticas. Preciso devorar quilos de pão terrícola para que me alimente tanto quanto com estas bolinhas. Também gosto de queijo e de fruta, e aprendi a comer ovos. Não têm um sabor ruim, embora, se penso no que são, me deem um pouco de asco. Mas nada de cadáveres, por favor. Nem carne nem peixe. Nem mesmo pasta de proteína marinha. Põem camarões e outros seres, além do concentrado de algas — explicou, como se estivesse respondendo a uma pergunta.

E era verdade que a rep se perguntava mentalmente tudo aquilo.

— E isso de não comer cadáveres é por princípios ou porque lhe caem mal? Fisicamente, digo.

— Caem muito mal. Vão endurecendo o kuammil. Com o tempo, podem chegar a matar. O kuammil é como a alma de vocês.

— Não temos alma.

— Nós também não. Temos kuammil.

— Quero dizer que a alma não existe.

— Bem, era para fazer uma analogia fácil. O kuammil existe. Se você quiser, posso fazer um resumo do funcionamento do nosso organismo.

Bruna olhou para a pele translúcida da criatura, rosada e azulada, palpitante, mutável como o céu ao entardecer, e estremeceu. Passara uns instantes sem se dar conta da diferença do alienígena, de fato começava a se acostumar com ele, mas de repente voltava a perceber com desassossego a extraordinária estranheza daquele corpo. Nesse momento entrou uma chamada no celular que Mirari dera, e Bruna agradeceu a interrupção por não precisar responder a Maio. E imediatamente disse a si mesma: “Que bobagem, se ele já entendeu tudo o que pensei.”

Atendeu o telefonema em modo invisível. Na tela apareceu o rosto de Serra, o lugar-tenente de Hericio.

— Por que não te vejo? — disse o homem, desconfiado, à guisa de saudação.

— Manipulei meu celular para impedir que possam me localizar, não quero deixar provas desta viagem a Madri... Lembre-se do que eu lhe disse: que nossa mão esquerda não saiba o que faz a direita... Mas o caso é que devo ter feito alguma coisa errada, porque não consigo enviar imagens.

O sujeito fez que sim com a cabeça, tranquilizado pela resposta.

— Sei. Também não entendíamos por que você não era rastreável.

— Rastrear celulares é ilegal, como você bem sabe...

Serra sorriu, desdenhoso.

— Como diz Hericio, nada mais lícito do que desobedecer às leis de um sistema ilegítimo... Bem, Annie Heart... Quero falar com você. Daqui a uma hora, no Saturno.

E desligou.

Uma hora! A rep passou a mão na maleta de viagem e saiu correndo para o Majestic. Subiu como Bruna Husky, transformou-se apressadamente em Annie Heart e desceu suplicando à memória do grande Gabriel Morlay não ter esquecido nenhum detalhe de seu disfarce. Ao chegar ao térreo, respirou fundo e dominou sua agitação. Saiu do elevador com ar relaxado e passo tranquilo, como se não tivesse pressa alguma, embora naquele momento se esgotasse o prazo que lhe tinha dado o lugar-tenente do PSH. Mas claro, não se enganara em sua suposição. Ali estava outra vez a *sombra*, o rapazinho do dia anterior ou talvez outro, todos aqueles filhotes supremacistas se pareciam demais, e isso era exatamente o que tanto valorizavam, a homogeneidade, a semelhança. Deixou-se seguir enquanto caminhava com estudada calma até o Saturno. Embora o bar ficasse bastante perto do hotel, seu passo indolente fez com que levasse quase vinte minutos para avistá-lo. Não chegou a entrar no local: um automóvel se



deteve a seu lado e levantou a porta com um sopro de pressão. Dentro estava Serra.

— Você está atrasada — grunhiu.

Bruna se instalou no assento e franziu os lábios numa expressão sedutora e ofendida. Um trejeito de loura desdenhosa que lhe caía muito bem.

— Não estou acostumada a ser tratada com semelhante grosseria. Não sou um dos seus soldadinhos para que você me mande ir daqui para lá a toda pressa.

Serra riu entredentes. Agora não usava colete e sim uma camiseta sem mangas de uma malha metálica fina e brilhante, que se colava a seus inflados músculos artificiais. “Sem dúvida quer impressionar Annie”, pensou Bruna. O carro viajava no piloto automático, sem motorista. Não queria testemunhas.

— Não se ofenda, linda, é só trabalho. E uma medida de prudência elementar.

— Por que estamos aqui?

— Aqui?

— No carro. Vamos a algum lugar?

— Pensamos que o melhor é que nos vejam juntos o mínimo possível. Fazemos isso por você. É o que você quer, não é? Todo o trabalho que teve para que seu celular não seja rastreável...

Bruna assentiu, cautelosa. Não gostava do leve tom sarcástico que acreditava perceber nas palavras do sujeito.

— É verdade...

— Então, como foi que você fez? Me deixa ver o seu celular?

Bruna sentiu que suas costas se tensionavam. Suspeitariam de alguma coisa? Pior ainda, saberiam de alguma coisa?

— Claro — disse, com naturalidade.

E na mesma hora tirou do punho a lâmina flexível e semitransparente e entregou-a a Serra.

O lugar-tenente pegou o aparelho, deu umas tantas voltas com ele entre os dedos, desligou-o e tornou a ligar. O celular reiniciou, e a tela saudou Annie Heart, enquanto Bruna agradecia mentalmente o impecável trabalho de Mirari. E naquele mesmo instante se deu conta, com horror, de que levava o celular de Bruna no bolso de suas calças compridas de moça elegante. Com a pressa, se esquecerá de deixá-lo no quarto do hotel quando mudou de personalidade. Além disso, não se lembrava de tê-lo desligado ou não. E se entrasse uma chamada? Uma onda súbita de angústia inundou-a de suor frio. Por sorte, Serra estava ocupado demais inspecionando o telefone, porque a rep tinha certeza de que seu rosto se havia descomposto. Obscuramente, por trás de seu desespero, pareceu-

lhe perceber que o homem dizia alguma coisa que ela não chegara a captar. Respirou fundo e sentiu como entrava em funcionamento o poderoso coquetel de hormônios antiestresse que reforçava seu organismo de rep de combate. Uma onda invisível de calma e lucidez desceu pelo seu corpo como uma cortina de água que vai apagando um fogo. Desenhou na boca um sorriso, como numa tela refletora. Bem a tempo: o lugar-tenente girou o rosto e olhou para ela.

— Não vai me contar? — disse.

— O quê?

— Perguntei como você fez. Quando se tenta anular o GPS e não se dispõe de uma senha de autorização outorgada por um juiz, o aparelho se destrói.

Bruna refletiu friamente num milésimo de segundo. Refletiu e decidiu o que dizer.

— Pois veja, é bastante complicado. Só se consegue fazer isso em paralelo com um computador central. Conecta-se o celular em modo periférico e então se introduz um vínculo de porta virtual no IDD do celular; manipulam-se os valores até conseguir o perfil residual do HTC e o código de cúspide. Isso pode ser conseguido com um criptorrobô, mas é lento e difícil... Também utilizei uns algoritmos especiais, de qualquer maneira precisei revisar milhões de códigos até encontrar a senha... Você está me acompanhando?

Serra cabeceou afirmativamente, embora sua expressão demonstrasse com clareza que se tinha perdido naquele emaranhado de termos confusos. Bruna não fazia a menor ideia do que estava dizendo, mas tinha imaginado que o supremacista não seria capaz de se dar conta disso.

— Enfim, o caso é que enganamos o celular fazendo-o acreditar que é uma parte do computador central.

— Você parece saber muito de tudo isso...

Bruna-Annie afofou a cabeleira loura com os dedos e sorriu com doçura.

— Bem, eu sou professora de robótica aplicada...

O homem franziu a testa e devolveu o celular.

A rep ajustou-o ao pulso enquanto pensava no outro telefone que levava no bolso: precisava sair do carro o quanto antes.

— Vejo que estamos dando voltas no quarteirão. Estamos esperando alguém? Por que você me fez vir aqui? — perguntou.

“Para enquanto isso revistar o meu quarto no hotel”, respondeu a si mesma. O que não apresentava problemas: prevendo essa possibilidade, tinha espalhado pelo quarto o conteúdo razoável de uma pequena bagagem. Na verdade, que

Serra a tivesse feito sair para poder examinar seus pertences era uma suposição tranquilizadora: significava que o plano ia adiante.

— É um simples trâmite de segurança. Você precisa entender que somos cautelosos. O partido se encontra numa posição muito difícil por culpa deste governo títere — disse Serra.

— Por isso quero ver Hericio. Começo a pensar que vocês falam muito, mas na realidade não fazem nada. Como todos os outros — disse a androide.

O homem ficou rígido.

— Você não sabe o que diz. Não sabe de nada.

— Ah, não? O que é que eu não sei? Para que vocês servem, além de aparecer nos noticiários dizendo grandes palavras?

Era uma explosão tão rude que Bruna não esperava que o homem a engolissem, mas às vezes é da maneira mais absurda que se conseguem as informações. Não foi o caso. Serra torceu a cara, irritado, e tocou no painel tátil que havia diante dele. O veículo se deteve junto ao meio-fio e abriu a porta.

— Nós te chamaremos — grunhiu o sujeito.

— Que seja logo. Amanhã ou depois. No domingo saio da cidade — retrucou Bruna, imperativa: a cobertura proporcionada por Mirari não duraria muito mais.

Serra não respondeu. O carro se fechou e voltou a arrancar. A detetive o viu desaparecer e reprimiu o impulso de tirar o celular do bolso: era possível que a *sombra* ainda estivesse por lá. Sobre sua cabeça, a tela pública passava atrozes imagens de andróides de combate massacrando humanos. Eram velhas gravações da guerra rep. “Você vai permitir que isso volte a acontecer?”, repetia uma legenda em faixa contínua sobre a carnificina.

Já no hotel, a detetive se despiu de Annie com um suspiro de alívio. Aquele trabalho de *olheira* lhe corroía os nervos como um ácido. Comprovou que seu verdadeiro celular não só estava desligado, como também sem bateria. Colocou no lugar a fonte de energia e ligou-o, e no mesmo instante entrou uma chamada de Lizard: com certeza o policial se pusera em reconexão automática,

— No que você anda metida, Husky? Passa horas desligada e impossível de se localizar — grunhiu o homem.

— Por que você está tão irritado? Porque escapo da sua vigilância de cão de guarda, ou porque se preocupa com o meu bem-estar?

Bruna recorrera a um truque velhíssimo: quando perguntam algo que você não quer responder, retruque com outra pergunta, se possível incômoda. Agira, portanto, de acordo com o manual, mas sentiu que deslizava sem qualquer estabilidade por cima das palavras como quem resvala sobre gelo. Sentiu que

desejava, de verdade, que Lizard respondesse. Que afirmasse: “Sim, eu me preocupo com o que possa acontecer com você neste mundo cada vez mais perigoso.” Mas ele não disse nada disso.

— Eu estava à sua procura porque consegui a reunião com o sacerdote chanceler da embaixada de Labari. Para o caso de você querer ir. Foi você quem me sugeriu que o convidasse.

Sim, é claro que queria. A legação ficava bastante longe do Majestic, e ela resolveu pegar outra vez um táxi, apesar dos seus renovados propósitos de fazer economia. Mas depois de perder dez minutos na calçada sem conseguir que alguém parasse, precisou pegar o metrô. Era evidente que os taxistas humanos não queriam levar uma tecno de combate, e em Madri o sindicato dos motoristas conseguira impedir que rodassem táxis automáticos como os que circulavam em outras cidades. Quanto aos taxistas andróides, pareciam ter desaparecido. Na verdade, mal se viam reps em todos os lugares.

Chegou à reunião sem fôlego: estava sendo um maldito dia de pressa e correria. A sede dos representantes labáricos era um enorme e vetusto edifício situado na avenida dos Estados Unidos da Terra, perto do Museu do Prado. Durante séculos havia sido uma igreja católica, a Igreja dos Jerônimos, até que foi queimada e semidestruída na época das Guerras Robóticas.

A empobrecida instituição católica, abalada por suas crises internas, pelo laicismo progressivo do mundo e porque os indivíduos ansiosos por certezas preferiam doutrinas mais radicais, viu-se obrigada a vender as ruínas a um consórcio que era na realidade um engodo de seus mais ferrenhos adversários, os *únicos* do Reino de Labari, que reconstruíram o templo numa versão compactada e sombria. Contemplando agora aquela imensidão pintada num tom de roxo escuro, a cor ritual labárica, a detetive sentiu um arrepio: aquele prédio arcaico, opressivo e rígido era toda uma declaração de princípios, uma definição pétreia da intransigência.

— Ande, Bruna, o que está fazendo? Não fique para trás. Chegaremos atrasados — resmungou Lizard.

E a rep se obrigou a andar atrás do policial e entrou relutante na embaixada de um mundo no qual a sua espécie era proibida.

O interior deveria ter sido, em outros tempos, uma nave diáfana, como costumavam ser as igrejas católicas, mas agora estava compartimentado como qualquer edifício, com diversos andares e cômodos normais. Ou quase normais: à medida que passavam de sala em sala, do vestibulo ao recinto de segurança e depois à sala de espera, a detetive foi sentindo crescer em seu peito uma vaga

opressão: as dependências eram todas muito mais altas do que largas. Na verdade, eram desagradavelmente estreitas, e suas intermináveis paredes estavam recobertas por grossas cortinas arroxeadas que caíam a prumo desde as alturas.

— Que lugar mais alegre — cochichou Lizard.

Nesse momento, veio buscá-los um homem com a cabeça raspada e uma corrente que se fincava nos lóbulos de suas orelhas e caía por cima do peito como um colar. “Talvez seja um escravo”, disse consigo mesma a detetive, enquanto o seguiam. Até então, não haviam visto uma única mulher. Antes de franquear-lhes a passagem ao gabinete, o suposto escravo se voltou para eles.

— Chamem-no de eminência... é o título dele. E vocês devem usar a antiga fórmula de cortesia... Dirijam-se a ele como “o senhor”. Não se esqueçam.

O sacerdote chanceler recebeu-os numa sala que se elevava vertiginosamente até um teto abobadado longínquo e escuro. Devia ser a altura original da Igreja dos Jerônimos, mas o fato de que a sala fosse um cômodo relativamente pequeno e de planta hexagonal fazia com que parecesse um poço asfíxiante. As cortinas roxas só chegavam à meia altura, e, mais acima, as paredes de pedra nua se perdiam nas sombras. O diplomata era um homem maduro, com a cabeleira grisalha e comprida recolhida num coque alto sobre o crânio, no penteado típico dos hierarcas labáricos. Sentava-se atrás de uma grande mesa de madeira maciça.

— O Princípio Sagrado é o Princípio — disse, com pompa, empregando a saudação ritual dos *únicos*.

— Agradecemos por nos receber, eminência — respondeu Paul Lizard.

— É o meu trabalho — articulou o homem, em tom gélido.

O rosto do sujeito tinha algo de estranho. À primeira vista, os malarres salientes, a barbicha pontiaguda e as sobrancelhas elevadas e circunflexas, como as dos antigos desenhos do diabo, davam a impressão de uma fisionomia ossuda, severa e estirada. Mas logo se percebiam as bochechas trêmulas, a flacidez geral da carne, a forma esférica do rosto achatado. Era como se um homem gordo e cabeçudo estivesse se transformando num fulano magro e anguloso e, no processo, tivesse parado, por erro, no meio do caminho. Os malarres, o queixo e aquelas sobrancelhas impossíveis que pareciam dois telhadinhos pontudos sobre os olhos deviam ser fruto de um bisturi. Bruna havia lido em algum lugar que a religião labárica não admitia a cirurgia plástica quando sua única função fosse estética, mas a permitia quando a operação tinha uma finalidade moral. Talvez

dotar de um aspecto um pouco mais imponente e espiritual aquele tipinho rechonchudo e anódino tivesse sido considerado um mandato sagrado.

Lizard tirou do bolso uma bola holográfica e ativou-a. Sobre a mesa do *único* flutuou a palavra “vingança”. A imagem havia sido sem dúvida tirada do corpo de um dos cadáveres, embora na holografia não se percebesse bem o suporte e a tatuagem estivesse aumentada umas quatro ou cinco vezes.

— O senhor conhece isto?

O sujeito lançou um olhar desinteressado.

— Não.

— Não há aí nada que lhe pareça familiar?

— Não — repetiu o embaixador, sem nem mesmo se dar ao trabalho de olhar outra vez.

O inspetor manipulou a bola, e a imagem se ampliou até mostrar o que era: uma tatuagem no ombro do corpo nu de uma mulher morta.

— E agora?

O mandatário contemplou o cadáver por um segundo, com expressão vazia. Depois voltou-se para Lizard.

— Agora ainda menos.

— Mas essa grafia... Essas letras são do Reino de Labari — reagiu Bruna.

O chanceler nem a olhou. Continuou a se dirigir a Lizard.

— À primeira vista poderia parecer que esse tipo de letra tem semelhanças com um alfabeto usado no meu mundo em ocasiões cerimoniais.

— A caligrafia de poder labárica — perseverou a rep.

O homem ignorou sua intervenção e prosseguiu:

— Mas estou certo de que se trata de uma imitação.

— Eu vi a caligrafia de poder, e o desenho é idêntico — insistiu Bruna.

— Por que você acha... Por que o senhor acredita tratar-se de uma imitação, eminência? — perguntou Paul.

— Como você sabe quando um replicante é um replicante e não uma pessoa verdadeira, apesar de ser uma imitação tão parecida? — respondeu o *único*.

— Pelos olhos.

Bruna se indignou com Lizard. Indignou-se por ele ter respondido a uma observação evidentemente formulada para humilhar.

— A caligrafia labárica também tem olhos para quem sabe ver. E isso é uma falsificação, sem dúvida alguma. Algo mais?

— Sim. O senhor sabe de quem é este cadáver?

O sacerdote suspirou com tédio, como se se tratasse de uma pergunta idiota, embora sua expressão de olímpico desdém tivesse ficado um tanto prejudicada pelo trepidar das bochechas.

— Suponho que algum dos replicantes recentemente executados por outros replicantes.

— E caso a caligrafia seja realmente uma falsificação, quem poderia estar interessado em implicar o Reino de Labari num caso sórdido como este?

— A Única Verdade tem mais inimigos do que grãos de areia no fundo dos oceanos. A Ordem Primeira sempre foi atacada pelos agentes da Desordem, que perfazem multidões. Mas estamos acostumados: levam milênios tentando desvirtuar nossas palavras. Não nos atingem.

— Milênios? O Culto Labárico começou há menos de um século — interveio a rep, com aspereza.

O chanceler continuou a não olhar para ela.

— O Princípio Único Sagrado foi o princípio de tudo. Depois o homem fraco se esqueceu de quem era e do que sabia. Nós apenas retomamos o velho caminho. Apenas voltamos a pronunciar as palavras puras — recitou.

Depois se inclinou para a frente e cravou um olhar flamejante em Paul, enquanto o rosto se crispava numa expressão de asco.

— E ademais, o que nos importa que matem ou deixem de matar essas coisas? Não fizeram parte do Princípio e não contam. Não existem. Não têm mais identidade do que a fivela do seu sapato. Veja bem, nós as consideramos tão inapreciáveis e irrelevantes que inclusive lhe permitimos introduzir umas dessas coisas aqui! Aqui, na embaixada labárica! E, ainda por cima, fêmea.

O homem se pôs bruscamente de pé, embora na verdade não se percebesse muito: era bastante mais baixo do que fazia prever sua grande cabeça.

— Que o Princípio Sagrado seja a sua Lei — articulou ritualisticamente.

E saiu da sala arrastando pelo chão um disforme roupão de cor violeta, grande demais para ele.

Bruna abandonou o edifício a toda a pressa: a ira pusera asas em seus pés. Lizard a seguia vários passos atrás, cauteloso e impassível, presumindo tormentas.

— Calma, Bruna... Onde é o incêndio?

A rep girou sobre si mesma como um chicote e apontou para o policial um dedo trêmulo.

— Você... obrigada por me apoiar diante desse especista miserável — rugiu.

— Profissionalismo, profissionalismo... Uma detetive como você deve saber que grande parte do nosso trabalho consiste em interrogar gente perversa, e os perversos costumam ser desagradáveis. Não se pode perder a calma, digam o que disserem. Dizem o que dizem para nos desconcentrar. E funcionou com você.

Na verdade, e no fundo a androide sabia, Lizard tinha razão. Mas estava por demais cheia de fúria para poder se acalmar tão depressa.

— Todos os humanos são iguais. Afinal, vocês sempre se apoiam uns aos outros — disse, maligna, com os restos da amargura que lhe ficara na boca.

O rosto do inspetor se turvou.

— Isso não é verdade — balbuciou, com uma ponta de tédio.

Bruna tinha desejado feri-lo, e sem dúvida conseguira. Agora começava a se arrepende, mas não podia pedir desculpas. Ainda não. Não com toda aquela adrenalina e aquela humilhação lhe dando voltas por dentro. De modo que caminharam por alguns minutos lado a lado sem nada dizer e sem saber para onde iam, até que o homem se deteve.

— É hora de comer. Vamos tomar algo rápido e assim conversamos um pouco sobre o caso.

Antes que ela pudesse responder entrou uma chamada de Nopal. Bruna deu um resmungo, fez um gesto com a mão ao policial, indicando que a esperasse, e se afastou alguns metros para falar com o memorista.

— O que você está fazendo com esse cão de caça? Já conseguiu ser presa? — disse o escritor, com cinismo.

“E o que te importa?”, pensou a detetive. Mas por alguma razão não conseguiu falar. Agarrou o pulso do celular com a outra mão, porque tremia. Nopal a deixava nervosa.

— O que você quer?

— Sua reunião de amanhã. O fulano me ligou. Quer que você vá uma hora mais cedo.

Sim, claro. O encontro com o pirata que criava memórias ilegais.

— Então será às... ao meio-dia e 15, não é? Mesmo lugar?

— Sim.

— Tudo bem. Obrigada.

Pablo enrugou a testa.

— Escute... esse Lizard é perigoso. Não confie nele.

Bruna se irritou. De repente sentia que precisava defender o inspetor. Sentia que Paul era seu amigo. Paul. Era a primeira vez que pensava nele pelo nome de



batismo. Pelo menos, Bruna se sentia correndo menos risco com Paul do que com Nopal.

— Você está enganado. Ele me salvou de uma surra outro dia — disse.

E resumiu ao escritor o encontro com os valentões.

— Ora, que coincidência. Você é atacada e exatamente Lizard lá está. E basta que ele saque a pistola para que todo mundo saia correndo. Porque acontece que, mas que sorte, nenhum dos assaltantes tem uma arma de fogo. E ninguém é preso, claro. Eu sei escrever cenas muito mais verossímeis.

— Quanta bobagem — disse a rep.

Mas as palavras de Nopal começam a zunir em volta de sua cabeça como vespas ameaçadoras.

— Você não acredita, Bruna, mas sou seu amigo. Estou e estarei sempre do seu lado. E me preocupo com o que possa acontecer com você. É evidente que essa escalada de violência antitecno está meticulosamente organizada. Eu vejo, eu sei, passei anos recriando a vida e posso ver quando a realidade é perfeita demais, mais real do que o real. Tudo o que está acontecendo foi preparado, está sendo dirigido, tem um roteiro. E não se consegue montar algo assim sem que a polícia também intervenha...

A androide se calou. Não queria ouvir mais. Mas ouviu.

— Não há nada por parte dele que a tenha surpreendido? Nenhum comportamento estranho? Por acaso ele não se esforçou para ficar seu amigo? Para ganhar a sua confiança?

Bruna lançou um olhar a Lizard e pegou-o contemplando-a de longe, com os braços cruzados. A androide desviou os olhos a toda a velocidade. De fato, o policial sempre lhe parecera amigável demais... Colaborador demais. Como hoje. Por que a levava para ver o sacerdote?

— Mas... de que lhe serviria se fazer de meu amigo?

— Que eu saiba, você é a única detetive independente que está investigando o caso por conta dos tecnos. Tendo você por perto, ele pode se inteirar do que você vai descobrindo. E talvez queira usá-la para algo pior... Este roteiro ainda reserva muitas surpresas, e me parece que é uma história de terror. Tome cuidado, Bruna, e não confie nele.

E cortou a ligação, deixando a rep com uma sensação de orfandade e desconsolo.

A androide voltou devagar até onde Lizard a esperava, com o ânimo tão pesado quanto seus pés.

— O que ele disse? — perguntou o policial, com aspereza.

— O quê?

— Nopal. O que ele disse?

— Por que você olha por cima do meu ombro para ver quem me telefona? Essa ausência do mais elementar respeito é parte da brutalidade policial?

— Eu vi. Vi aquele olhar de lado que você me lançou. Não era um olhar bom.

— Ah! Por todas as malditas espécies...! Não me aborreça com as suas paranoias!

— Por que você ficou tão nervosa quando ele ligou? Eu nunca a vi assim. O que há entre você e esse homem? Não confie em Nopal, Husky.

Ora, antes a chamava de Bruna. Voltara à formalidade do sobrenome. Os olhos verdes do policial estavam muito escuros, quase negros. Duras bolas brilhantes de expressão intimidante, presas como insetos sob as grossas pálpebras.

— Pablo Nopal é um assassino. Eu sei. Matou o tio e talvez também o secretário. Tudo o incrimina, sem sombra de dúvida, mas ele se salvou porque não pudemos encontrar a arma. Usou uma pistola antiga, uma arma de pólvora com munição metálica de 9mm. Provavelmente uma P35...

— Uma Browning High Power... Essa pistola é de mais de um século...

— É um traste velho, mas com capacidade de matar.

As armas de pólvora tinham sido retiradas de circulação desde a Unificação, com a famosa Lei das Mãos Limpas, que limitou também de forma restrita o uso do plasma pelas forças de segurança e pelo Exército. Os velhos revólveres e pistolas foram rastreados com escaneadores eficazes, capazes de detectar suas ligas metálicas, e as pistolas de plasma necessitavam, para serem fabricadas, de uma lâmina de celadium, o novo mineral das remotas minas de Encelado, onde cada uma das lâminas era registrada, numerada e dotada de um chip localizador. Apesar de todas essas precauções, na Terra abundavam as armas ilegais de todos os tipos, relíquias da era da pólvora e plasmas diversos.

— O que quero dizer é que ele é um homem sem escrúpulos e sem moral. Um tipo realmente perigoso. E já foi memorista... Talvez seja ele quem está fazendo os conteúdos das *memas* adulteradas. Por que telefonou para você? Por acaso se ofereceu para ajudá-la? Não lhe parece estranho? Não sei que poder ele tem sobre você, não sei por que a perturba tanto, mas sei que a está enganando.

— Ah! Me deixe em paz! — resmungou Bruna.

O que queria dizer era: pare com isso, cale-se, não quero ouvir mais, estou confusa. Mas a confusão lhe provocava insegurança, e a insegurança a deixava furiosa.

— Para mim chega! Vou embora.

Deu as costas a Lizard e se afastou com passadas nervosas rua abaixo. Já ia pular para a esteira rolante quando, de repente, ocorreu-lhe uma ideia maravilhosa. Uma ideia inacreditavelmente sensata, deslumbrante. Virou a cabeça: levou alguns segundos para divisar os grandes ombros do inspetor e seu pescoço rígido sobressaindo acima das pessoas. Correu atrás dele e alcançou-o bem quando o homem começava a complicada manobra de dobrar seu corpanzil para se enfiar no carro.

— Lizard... Paul... Por favor, espere...

Respirou fundo e desenhou um amplo sorriso nos lábios. Não foi difícil: estava tão encantada com a ideia que tivera que sentia vontade de rir.

— Peço desculpas. Estou me comportando como uma idiota. Estou... nervosa.

— Está insuportável — disse ele, num tom neutro e sisudo.

— Eu sei, eu sei, me desculpe. O labárico me tirou do sério. A situação toda me tira do sério. Mas não vamos mais falar nisso. Você falou em tomar alguma coisa. Acho bom, mas vamos à minha casa. Prepararei algo de comer e, enquanto isso, quero lhe ensinar uma coisa.

— O quê?

— Você vai ver.

No carro oficial chegaram rápido, mas a Bruna pareceu uma eternidade. Custava-lhe conter a excitação. Subiram pelo elevador sem dizer uma palavra e, ao chegar ao andar, a rep se atirou à sua porta e a abriu. Uma estranha música chegou ao corredor. De pé no meio da sala-cozinha, o *bicho* estava soprando uma espécie de flauta. Interrompeu-se e abaixou o instrumento.

— Oi, Bruna.

— Oi, Maio — disse ela, pela primeira vez realmente contente por vê-lo.

A rep olhou para Lizard. O homem estava perplexo. Por fim havia conseguido quebrar seu ar imbecil de sabe-tudo impassível. Voltou a contemplar o alienígena: enorme, tão alto quanto Lizard, mas ainda mais largo, com aquela cara incrível de cachorro gigante, o torso nu e uma algaravia de palpitações e de cores, de vísceras trepidantes e sucos internos vislumbrados através de sua pele translúcida. Caramba! Bruna estava começando a se acostumar ao *bicho*, mas mesmo assim era uma visão impressionante.

— Perdão — balbuciou Maio, com sua voz de riacho.

Apanhou a velha camiseta e vestiu-a.

— Tirei porque é incômoda, sinto muito.

Não era de estranhar que o incomodasse: entrava esticadíssima sobre seu grande tórax e parecia apertá-lo como uma faixa.

— Você deve ser um refugiado omaá... — murmurou o policial, ainda um tanto aturdido.

— Sou, sim.

— Lizard, este é Maio. Encontrei-o um dia na... na rua. Enfim, ontem eu lhe disse que poderia ficar aqui e dormir no sofá... até que encontre algum lugar para ficar. E, Maio, este é o inspetor Paul Lizard, que está me ajudando no meu último caso. Por favor, Lizard, explique a ele o que você faz...

— Explicar o quê?

— É, vamos, conte a ele que você está investigando o caso das mortes dos reps... e que estamos trabalhando em colaboração...

Enquanto falava, Bruna fitava com intensidade os olhos do omaá, como se tentasse passar-lhe algum sinal. Logo se deu conta de sua estupidez e começou a dizer mentalmente ao *bicho*: “Entre na cabeça dele. Entre na cabeça deste sujeito e me diga o que acha. Me diga se ele está escondendo alguma coisa. Me diga se ele quer me fazer mal.”

— Não posso... — disse o omaá.

— Não pode o quê? — perguntou Lizard.

— Como não pode? — gritou ela.

— O que é que ele não pode?

O omaá abaixou a cabeça e repetiu:

— Não posso!

Ele souou como quem lança o conteúdo de um cubo cheio d'água de encontro a um muro.

— Mas por quê?

O alienígena começou a mudar de cor. Todo ele escureceu, adquirindo uma tonalidade pardo-avermelhada.

— O que há com você?

— É o *kuammil*. É uma consequência de uma emoção intensa. Como quando se quer falar, mas não se deve.

— O que está acontecendo aqui? — questionou Lizard, com irritação.

Alguna coisa disse a Bruna que não deveria aprofundar o assunto. Não por enquanto.

— Então, é verdade que você não pode?

Maio negou com a cabeça. A rep se voltou para o inspetor.

— Olhe, me desculpe, é melhor que o deixemos em paz e que você se vá. Além do mais, não tenho nada para comer. Nós nos falamos outro dia.

Lizard a olhou com os olhos mais abertos do que nunca.

Nesse momento, o homem percebeu que Bartolo estava roendo as bainhas de sua calça e, sacudindo o pé, lançou a criatura a meio metro de distância. O bubi gritou.

— O que você fez, seu bruto? — gritou a rep, furiosa, agachando-se para pegar o glutão nos braços e sem se dar conta de que fizera a mesma coisa dois dias antes.

A indignação parecia ter extirpado de Lizard qualquer sonolência.

— Você está louca — murmurou.

Falou com raiva. Com ódio.

— Acontece que não confio em você, Lizard.

— Nem eu em você. Porque você está louca. Fique com o seu zoológico sideral e me deixe em paz — cuspiu ele.

E se foi, batendo a porta.

A androide virou-se para Maio, que aos poucos recuperava seu tom furta-cor habitual.

— E você, vamos lá, me diga, por que diabos não pôde ler os pensamentos dele?

O omaá escureceu um pouco.

— Só posso entrar na cabeça dos seres de quem já estive perto.

Bruna se inquietou.

— Perto como?

— Muito perto. Totalmente perto. Intimamente perto. O mais perto que podem ficar dois seres. Quando dois seres fazem guraam, roçam os kuammiles e a partir de então podem ler os pensamentos um do outro. Guraam significa conexão. É o que vocês chamam de...

Bruna levantou uma das mãos.

— Não continue.

— Não continuo.

Estava outra vez de cor vermelho-amarronzada.

“Quatro anos, três meses e 15 dias”, pensou Bruna, para pensar em algo que não fosse o omaá. Foi para o banheiro a fim de ver se a náusea que sentia acabava num vômito, mas nada aconteceu. Molhou o rosto com sua preciosa e precária reserva de água. Quatro anos, três meses e 15 dias. Como Merlin teria rido de tudo aquilo.

Voltou para a sala, e Maio estava outra vez soprando em seu pequeno tubo de madeira. Ou de alguma coisa parecida com madeira. Era como uma flauta, só que num dos lados havia umas estrias que percorriam o instrumento de ponta a

ponta. E se tocava transversalmente, como as gaitas, passando os lábios sobre as ranhuras. Produzia um som enlevante, um sopro líquido, delicado e belo. Bruna sentou-se na poltrona e deixou que a música alienígena a relaxasse. Eram umas notas que pareciam acariciar a pele. Que entravam pela epiderme, não pelos ouvidos. Depois de algum tempo, Maio se interrompeu, tão opalino e multicor como sempre.

— Todos os omaás tocam tão bem?

O *bicho* sorriu.

— Não. Eu sou um âmbalo. Quer dizer virtuose do amb, que é este instrumento. Sou músico.

Então Bruna teve outra ideia luminosa. A segunda grande ideia do dia. E rogu mentalmente a Gabriel Morlay para que se saísse bem.

Chegaram ao circo entre a função da tarde e a da noite. Dessa vez, Bruna não desconectou o celular, porque tinha uma razão compreensível e legal para visitar Mirari. O trajeto até lá foi bastante desagradável: não era o melhor momento da história para que um alien andrajoso e uma replicante de combate cruzassem Madri lado a lado. Para não mencionar Bartolo, que ia montado a cavalo no poderoso pescoço do omaá. Formavam um grupo chamativo, mas o medo que provocavam era mais forte do que a repulsa, e, diante deles, os humanos desapareciam a toda a velocidade. As ruas, os trens e as esteiras rolantes se esvaziavam à sua passagem como se eles fossem radioativos. Se não tivesse sido tão deprimente, poderia até ter sido divertido.

Encontraram a violonista em seu camarim, comendo uma pizza. Impassível, ela os olhou, e Bruna invejou sua índole, ou talvez sua experiência. Era provável que Mirari já tivesse lidado com alienígenas.

— O que há?

— Oi. Este é Maio. Ele é músico. Eu gostaria muito que você o ouvisse tocar.

Mirari virou a cabeça para observar o alienígena com atenção. A mulher parecia um pássaro com o rosto arrematado pela coroa brilhante de seu cabelo, branco e espetado como uma crista emplumada.

— Um flautista omaá... Dizem que são bons. Vocês querem uma pizza?

Manipulou a pequena cozinha-dispensadora que tinha no quarto e em seguida surgiram na caixa duas fumegantes pizzas vegetarianas extragrandes e uma de tamanho pequeno para Bartolo. Mastigaram todos em silêncio por alguns minutos, até terminarem com a última migalha. Depois, lavaram as mãos num jorro de vapor.

— Vejamos o que você sabe fazer — disse Mirari, acomodando-se na poltrona.

Maio levou o amb aos lábios e começou a soprar. Sons líquidos nasceram de seus lábios, tênues fios que pareciam deslizar pelo cômodo, deixando um rastro de luz. Bruna prendeu a respiração, ou melhor, se esqueceu de respirar por alguns segundos, submersa na música como quem se deixa afundar na água.

Algo semelhante a um delicado e comovedor lamento soou a seu lado. A rep virou o rosto e viu que Mirari estava de pé, tocando seu violino. As vozes dos dois instrumentos se foram trançando no ar, a flauta sinuosa e apaziguadora junto ao gemido em carne viva do violino, formando um todo tão profundo e imenso que Bruna sentiu que por suas veias fluíam sons em vez de sangue. O tempo se desfez, o passado se fundiu com o presente, e Merlin voltou a estar vivo, porque naquela melodia primordial cabia absolutamente tudo, menos a morte. E então o arco de crina resvalou e o violino guinchou, rompendo o feitiço.

— Merda! — gritou Mirari, fora de si, atirando o arco no chão.

Largou o violino sobre o assento e, com a outra mão, começou a dar socos em seu braço biônico paralisado. Deve ter considerado pouco, porque logo se aproximou da parede e, balançando o corpo num movimento de chicote, estalou repetidas vezes o braço contra o batente da porta. Estava furiosa, e o estrondo de sucata batida parecia intensificar seu frenesi. Por fim se deteve, ofegante e esgotada, seu branquíssimo rosto avermelhado por manchas afogueadas de rubor, o braço artificial pendendo frouxamente do ombro, desconjuntado. Maio e Bruna observavam em silêncio. A violinista foi recuperando o ritmo da respiração. Depois olhou com ojeriza para o membro ortopédico e se pôs a revisá-lo e a movê-lo. Guinchava.

— Agora preciso consertá-lo outra vez... — murmurou, taciturna.

Esticou-se para pegar o arco do chão.

— Pelo menos isto não quebrou.

Levantou o rosto e fitou o alienígena.

— Você é muito bom, omaá. É maravilhoso. Que pena!

Fez um gesto que talvez pretendesse ser duro, mas que na verdade transmitia desolação e, abrindo uma caixa vermelha que havia no chão, tirou uma parafusadeira eletrônica e começou a manusear as juntas do braço.

— Espere, Mirari. Entendo um pouco disso. Acho que posso ajudar — disse Bruna.

E tinha razão: a dotação de série dos tecnos de combate incluía uma formação de grau médio como mecânicos eletrônicos, para que, numa

emergência, pudessem reparar, no local, armas, periféricos e veículos.

A violinista lhe passou a parafusadeira e se recostou na poltrona. Parecia esgotada. Acocorada a seu lado, a rep começou a estudar o funcionamento da prótese.

— Você me disse outro dia que seu violino era um Sten... um não sei o quê, um objeto muito caro. Você não poderia vendê-lo e comprar um bom braço? — comentou, enquanto apertava alguns rebites.

— Um Steiner... Todos diziam que eu era uma boa violinista. Na verdade, diziam que eu era *muito* boa. Não conto isso por vaidade, mas para que compreendam o que há comigo. O caso é que eu confiava na minha música e queria crescer... Tenho certeza de que você me entende, omaá. Eu queria crescer e para isso precisava de um bom violino. Apaixonei-me por esse Steiner e já não conseguia pensar em mais nada, de modo que pedi dinheiro emprestado e o comprei. Mas houve uma série de coisas que deram errado para mim e de repente não consegui mais saldar o empréstimo, então dei alguns saltos, me teletransportei algumas vezes às minas exteriores para sacar dinheiro. E o que aconteceu foi que, na volta da segunda viagem, no meu quarto salto, a desordem celular fez com que um braço chegasse sem ossos. Só tinha sobrado a última falange do dedo anular; o resto do tecido ósseo tinha se volatilizado, e o membro era um amontoado de carne que foi preciso amputar. E foi assim que perdi o braço para adquirir o violino, e agora não estou disposta, de jeito nenhum, a vender o violino para conseguir um braço. Por isso me meti nos negócios subterrâneos: para juntar geses e poder pagar uma boa peça de engenharia biónica. Se bem que, com a sorte que tenho, com certeza ainda acabo presa antes de conseguir.

Bruna nunca tinha ouvido de Mirari um desabafo tão grande. Esticou com cuidado um cabo do cotovelo e depois olhou para a violinista.

— Você gostou de Maio, não foi?

— Ele é excelente. Poderia se dedicar a isso. Ganharia bem a vida. Os flautistas omaá são uma raridade valorizada.

— Pois é... Foi o que pensei. Me diga, Mirari, você não se interessaria em tê-la na sua orquestra?

A violinista se empertigou na poltrona e assumiu uma expressão concentrada. Quase se podia ouvir o ruído de seus pensamentos.

— Um músico tão bom e ainda por cima alienígena... — disse, devagar. — É... seria bom... Nossa pequena orquestra melhoraria muito. Poderíamos renegociar nosso contrato. Até pedir um percentual nos ganhos. Para você, interessa?



Maio sacudiu afirmativamente a cabeça.

— Então estamos de acordo. Todos em partes iguais. Mas sou eu quem manda, está claro? Ainda preciso consultar os outros, mas vão concordar. Sempre concordam com o que eu digo.

O alien voltou a cabecear com energia. Seu corpanzil se acendia em cores vibrantes. Talvez fosse uma manifestação de alegria.

— Mais uma coisa: Maio não tem um lugar para viver... E eu também não gostaria de separá-lo do glutão, os dois se dão tão bem! — disse a rep, esperançosa: com um pouco de sorte, poderia se livrar dos dois numa só tacada.

Mirari deu de ombros.

— Podem ficar aqui, no camarim. Há uma cama atrás daquele biombo.

E, sem se dar conta, apontou para o fundo do quarto com o braço biônico, que se elevou docilmente no ar.

— Ora, vejam, está funcionando... — disse, tocando com um dedo as articulações de metal.

— É, funciona. Só procure não socá-lo outra vez na parede, enquanto não puder comprar um braço novo.

**BRUNA FAZIA FILA DIANTE DO GUICHÊ DE ADMISSÃO.** Estava há muito tempo de pé e começava a se cansar; fazia calor, a sala não tinha ventilação, o lugar era sufocante e deprimente. Centenas de pessoas se amontoavam num espaço pequeno demais, de teto baixo e luzes mortíferas. Havia velhos sentados sobre malas, adultos que se moviam nervosos, crianças que choravam; salvo por esses lamentos, reinava um estranho silêncio, como se as pessoas tivessem esgotado suas palavras depois de tanta espera. Pareciam refugiados de guerra, apátridas em busca de asilo, e de alguma maneira a rep sabia que era isso mesmo. Olhou em volta e pensou que todos os que enchiam a sala, tecnos e humanos, mutantes e *bichos*, eram seres desesperados, ainda que se tratasse de um desespero frio, passivo, resignado. De repente, Bruna se viu diante do guichê: enfim chegara. Uma mulher se ocupou de seus documentos, e um homem a conduziu até uma porta.

— Sua vez — disse.

À frente dela, bastante mais abaixo, numa visão panorâmica a seus pés, abria-se o maravilhoso espetáculo de uma cidade variegada e exuberante, um esplêndido lago multicolor por baixo da sombria abóbada do firmamento. Excitação e vertigem. Deu um passo adiante, mas alguém agarrou seu braço e a deteve.

— Ele não pode passar.

A androide se virou e descobriu, surpresa, que Merlin estava a seu lado. Estavam de mãos dadas.

— Ele não — tornou a dizer a voz, imperativa.

Merlin a olhou e sorriu. Um sorriso pequeno e melancólico. Bruna quis falar com ele, quis dar meia-volta e regressar à sala. Mas já se tinham posto em movimento, já era tudo muito rápido e impossível de parar. Bruna descia voando até a cidade, e Merlin ia sendo deixado para trás, como um peso morto sendo tirado dela. A rep apertou a mão do amante, apertou e apertou para não se soltar dele, para não se separar. Mas o homem flutuava como um globo de hélio e retrocedia, fazendo com que seu braço se esticasse dolorosamente.

— Não não não não não! — gritou a androide, sentindo que ele lhe escapava.

Em seu desespero para não perdê-lo, fincou-lhe as unhas, mas as mãos suadas foram resvalando e, de repente, já não se tocavam. Merlin, com os membros estendidos no ar como uma estrela, ascendia até o céu negro e interminável e desaparecia por fim à deriva entre as sombras do nunca mais.

Bruna se sentou de chofre na cama. Estava empapada de suor e ofegava, porque o terror do pesadelo ainda lhe sufocava os pulmões. Olhou a hora projetada no teto: 3h35. De quinta-feira. Não, de sexta. Do dia 28 de janeiro de 2109. A uma semana do fim do mundo, segundo os apocalípticos. Quatro anos, três meses e 14 dias.

Gemeu em silêncio, porque a dor a estava matando. A dor da ausência de Merlin, a dor da recordação de sua dor. Se todos vissem morrer os outros de modo habitual, se todos estivessem conscientes do quanto custa morrer, perderiam a fé na vida. Bruna tensionou as mandíbulas e rangeu os dentes. “Chega”, pensou. Levantou-se num pulo, vestiu o velho uniforme esportivo da milícia e saiu do apartamento em busca de alívio. Madri estava deserta, mais solitária ainda, porque na esquina já não se via Maio encostado ao prédio: sua presença havia sido tão constante que agora parecia ter deixado um buraco na paisagem. Mas o *bicho* ficara no circo, com Mirari.

Bruna começou a trotar pela rua vazia, mas logo depois se pôs a correr, saiu em disparada a toda a velocidade, sem nem mesmo esperar se aquecer; corria acima de suas possibilidades, os músculos começando a doer, e o ar penetrava em seus pulmões como se fosse fogo. Marcha-marcha-marcha, seus pés ecoando sobre o asfalto duro, o coração retumbando na garganta, o céu sobre sua cabeça, tão negro e ameaçador como o de seu pesadelo. “Ah, Merlin, Merlin.” O som começou a sair sob pressão entre seus dentes cerrados, primeiro foi um grunhido, depois um gemido, agora Bruna havia escancarado a boca e gritava, uivava com todas as suas forças, com sua carne e seus ossos, cada uma das células de seu organismo exalava ao mesmo tempo aquele berro, corria e gritava como se quisesse matar-se gritando e correndo, como se quisesse virar seu corpo pelo avesso. As grossas botas militares caíam sucessivas sobre a calçada, e os pesados golpes eram vagamente satisfatórios; parecia estar pisoteando o mundo e dando patadas na realidade. Bruna corria com fúria.

De vez em quando, sombras fugazes como baratas desapareciam a toda a pressa diante dela. Abriram-se algumas janelas à sua passagem, acenderam-se luzes. “Quatro anos, três meses e 14 dias”, pensou a androide, enquanto grunhia a

plenos pulmões. Ou também: 711 dias. Já quase dois anos desde a morte de Merlin. Entre os dois vetores, a soma ascendente da memória e a descendente da própria vida, abria-se o grande abismo dos terrores, o insuportável descabimento. Impossível não se desesperar e não gritar.

Exatamente naquele momento, viu que uma pistola emergia diante dela na escuridão.

— Alto! Polícia. Identifique-se.

Era um PAC, um Policial Autônomo Contratado, um serviço mercenário empregado pelo governo regional, sempre em perpétua crise econômica e incapaz de manter suas próprias forças de segurança. As empresas de PACs variavam muito em preço e qualidade; aquele agente jovenzinho de voz indecisa e arma trêmula devia pertencer a uma contratada muito ruim e muito barata. Sem parar, Bruna aproveitou o impulso de sua cólera e de sua corrida para arrancar a pistola do rapaz com um pontapé e logo se atirar em cima dele. O garoto caiu de costas no chão, e a rep ficou sobre ele e lhe imobilizou o pescoço. O policial nem sequer tentou se defender: estava lívido, paralisado de terror. Num assomo de sensatez, a rep viu a si mesma, de fora: com o rosto deformado pela ira e rugindo. Porque aquele ruído surdo que ouvia era seu próprio rugido... um ameaçador urro animal.

— Por-favor-por-favor-por-favor — balbuciou o policial, meio asfixiado.

Era um menino.

— Por que você me apontou a arma?

— Perdão... Perdão... Os vizinhos nos avisaram... Eu era o que estava mais perto...

Isso queria dizer que logo viriam mais.

— Quantos anos você tem?

— Vinte.

Vinte anos. Bruna jamais tivera vinte anos, embora os recordasse. Sentiu uma pontada de ódio tão inesperado e tão agudo que se sobressaltou: um ódio infinito por aquele humano privilegiado que nem ao menos sabia o quanto tinha. Suas mãos vibraram por um instante com o desejo de apertar os dedos. De fechar as mãos ao redor do pescoço do garoto. Foi como um espasmo, como a passagem instantânea e galvanizante de uma corrente elétrica. Mas depois o impulso se foi e não deixou rastro. Deixou apenas um rapazinho, quase um menino, a ponto de chorar sob suas garras. E um céu muito negro sobre suas cabeças.

Então Bruna soltou o policial e se pôs de pé.

— Desculpe-me. Sinto muito, de verdade. Espero não ter machucado você.

O guarda se sentou no chão e negou com um gesto.

— Foi um ato reflexo ao ver você vindo na minha direção com a pistola de plasma. Estou com os nervos à flor da pele, como pode imaginar. Vocês estão nos perseguindo, estão nos marginalizando, estão nos odiando. Estão nos matando. Mas foram vocês que nos construíram.

Duas lágrimas densas e redondas como gotas de mercúrio caíram, surpreendentes, pelo rosto de Bruna. De onde saía aquela água? Como era possível ter vivido antes tanta dor com os olhos sempre secos, e chorar agora sem motivo algum? Então, enquanto tentava se controlar e se conter, a rep viu que o PAC também chorava. Sentado no chão, como uma criança, molhava suas pestanas com um pequeno pranto. Tão diferentes os dois, e de repente unidos pelas lágrimas naquela noite escura e solitária. Foi um instante muito estranho. O momento mais extraordinário da vida de Bruna.

**ENTRE SUA ABSURDA CORRIDA DE MADRUGADA** e o muito que lhe custou voltar a conciliar o sono, Bruna não dormira nada. Levantou-se mais cansada do que quando se deitara na noite anterior, entorpecida até a exasperação, lenta e atordoada. Enganou-se ao apertar os botões da cozinha dispensadora, e em vez de um café serviu-se de uma sopa que teve que jogar fora; decidiu então pegar um daqueles expressos descartáveis, que bastava agitar para que adquirissem a temperatura perfeita, mas quando soltou a tampa do copo derramou todo o líquido em cima do corpo. Já estava de mau humor suficiente, mas para completar a ducha de vapor parou de repente de funcionar, e a androide precisou se limpar com água. Um desperdício que sairia caro, sobretudo considerando o estado calamitoso de suas finanças.

A única coisa que apeteceu Bruna naquela hora era voltar a se enfiar na cama, ou talvez até debaixo da cama, de medo do que pudesse trazer um dia evidentemente tão agourento. Mas fez das tripas coração e começou a trabalhar com absurda indolência. Falou com Habib para informar-lhe sobre os avanços na investigação, que, na realidade, em nada avançara; mas pelo menos pôde mencionar seu próximo encontro com o memorista clandestino. Falou com Yiannis para dizer que tudo estava bem, porque supunha que ele deveria estar preocupado com sua infiltração no PSH e, para sua surpresa, descobriu que o velho não só não parecia preocupado, como era provável que sequer se lembrasse do fato: estava transtornado demais com a manipulação do Arquivo e com a falta de resposta às suas reclamações. Cada vez mais irritada, Bruna examinou sua conta-corrente no Bancanet e comprovou que sua situação era pior do que esperava, porque lhe haviam cobrado a terceira prestação do empréstimo pessoal que pedira meses antes, quando estava sem trabalho e sem ânimo. A seguir, ligou para o encarregado da manutenção do edifício para lhe comunicar o defeito da ducha de vapor, e o homem respondeu que, segundo seus registros de autoanálise, nada havia de errado com a ducha, oportunidade que a androide aproveitou para lhe despejar uma bronca descomunal de berros tonitruantes. Depois, ainda vibrando com a descarga de adrenalina, foi à cozinha, arrancou da

parede o forno embutido e jogou-o em cima do pé. Quer dizer, não o jogou, mas o aparelho escorregou de suas mãos e por sorte não lhe amassou o pé, porque seus rapidíssimos reflexos lhe permitiram dar uma cambalhota no ar e salvar os dedos por muito pouco. Mas o forno se esborrachou solenemente de encontro ao piso, e a porta se quebrou e desencaixou.

— Malditas sejam todas as malditas espécies... — balbuciou, desesperada.

Teria que comprar um forno novo e ainda por cima muito depressa, apesar do calamitoso estado de suas finanças, porque o aparelho já não entrava no buraco e não podia se arriscar que alguém viesse e descobrisse seu esconderijo secreto. Um esconderijo do qual agora sacou uma pequena pistola de plasma, que guardou na mochila: tinha uma vaga mas persistente intuição de perigo, e decidira comparecer armada à reunião com o pirata das *memas* ilegais. Aproximou-se então da tela principal e verificou manualmente, mais uma vez, que não recebera qualquer ligação ou mensagem de Lizard.

— Esse maldito cabeçudo... — grunhiu.

Bruna estava pronta e, além disso, precisava sair já, se quisesse ir ao encontro com o memorista em transporte público, mas em vez de fazer isso deixou-se cair sobre a poltrona e pediu ao computador que ligasse para o inspetor. O rosto do homem encheu a tela, mais granítico e impenetrável do que nunca.

— O que você quer?

Era claro que não estava de bom humor. Na verdade, a androide não sabia o que queria, talvez se desculpar de algum jeito pelo seu comportamento do dia anterior. Mas a antipática *secura* de Lizard fez com que adotasse, numa atitude reflexa, uma aspereza semelhante.

— Uma pergunta. Você acha que é verdade aquilo que o embaixador disse sobre as tatuagens serem uma falsificação da caligrafia labárica? — improvisou.

Paul entrecerrou um pouco mais as pesadas pálpebras.

— O que você acha? — retrucou, num tom vagamente irritado.

A rep refletiu por um instante.

— Detesto dar razão àquele miserável, mas acho que sim. As mentiras costumam abundar em detalhes desnecessários, e ele não se esforçou de modo algum para enfeitar o que disse.

— Pode ser. Algo mais? Estou muito ocupado.

— Hoje pela manhã vou me encontrar com um memorista pirata.

Bruna se ouviu dizer aquilo e ficou perplexa. Por que informava ao policial um dado tão importante? “Porque não quero que desligue”, respondeu-se. “Porque quero que voltemos a ser amigos.” Mas na verdade tinha sido uma

confidência estúpida: com certeza Lizard implicaria outra vez com Nopal e a desaconselharia a comparecer a uma entrevista marcada por ele.

— Muito bem. Pois faça bom proveito — respondeu Lizard.

E cortou a ligação. A rep ficou olhando a tela, perplexa. Como? Nem ao menos se daria ao trabalho de discutir com ela? “Quatro anos, três meses e 14 dias. Quatro anos, três meses e 14 dias”, repetiu mecanicamente. Mas continuou a se sentir desolada.

Nesse instante, entrou uma chamada do supremacista Serra no celular de Annie Heart. “É claro”, pensou Bruna com desconsolo: “Com certeza agora vão coincidir as reuniões do supremacista e do pirata.” Quando as coisas iam mal, sempre podiam piorar. Atendeu sem imagem.

— O que há?

— Você está com sorte: Hericio vai recebê-la. Dentro de meia hora, na frente do Saturno.

A detetive respirou fundo.

— Não.

— Não?

— Não, hoje não. Amanhã.

Sentiu o silêncio desconcertado do homem.

— Como hoje não? — disse ele, por fim.

— Olha, não sou eu quem tem sorte, e sim vocês, porque posso ser uma boa contribuinte para a sua causa. Se Hericio quer me ver, é porque vocês já comprovaram minhas boas intenções. Pois muito bem, agora sou eu quem quer comprovar as suas. Já que vou lhes dar uma boa quantidade de dinheiro, quero que me tratem bem, com educação e até mesmo com um pouco de adulação. Que história é essa de me fazer sair correndo como quem assobia para um cachorro? Será amanhã ou não será, porque vou embora depois. E, como sou generosa, deixo que escolham a hora. Amanhã tenho todo o tempo disponível para Hericio.

Calou-se, prendendo a respiração diante de sua própria audácia.

— Está bem. Verei o que posso fazer — grunhiu Serra antes de desligar.

Bruna deixou o ar escapar lentamente dos pulmões.

Esperava não ter estragado tudo. Empurrou a cadeira para se levantar, e as rodas travaram: tinham se enganchado em alguns trapos desfiados. Intrigada, a detetive puxou o tecido e começaram a sair novelos enroscados de tecidos meio rídeos. Acabava de descobrir um dos depósitos secretos de comida de Bartolo: o pé oco de sua poltrona estava repleto, quase a ponto de explodir, de um



contrabando de farrapos variados. Bruna esvaziou o tubo, primeiro com irritação, depois com alguma ternura e, por último, com algo parecido com saudade. E, ao se dar conta de que sentia falta daquele animal idiota e de que estava até pensando em guardar seus trapos em algum lugar, foi quando realmente ficou num mau humor de cão. Decididamente, aquele não era o seu dia, pensou, enquanto atirava os andrajos no incinerador.

Pelo menos saiu de casa a tempo e, depois de pegar o metrô e dois trens, chegou ao lugar combinado, que ficava fora de Madri. Era uma antiga zona industrial, na atualidade bastante decadente: quase todos os estabelecimentos se encontravam fechados, e boa parte deles estava em ruínas. Ervas daninhas cresciam nas gretas dos muros, e pequenas montanhas de velhos detritos se haviam fossilizado nos becos, criando uma massa compacta que o tempo e a chuva descoloriam. Quase não circulavam veículos pelas ruas asfaltadas dispostas em tabuleiro de xadrez e, nos dez minutos em que esteve dando voltas até encontrar o armazém, não cruzou com nenhum viajante. Um espaço encantador.

A nave 17-B do setor quatro parecia mais uma ruína, por isso Bruna custou a localizá-la. Não havia marcações de GPS em toda a zona, o que indicava seu arcaico nível de deterioração. A detetive precisou buscar o lugar visualmente, embora quase todas as tabuletas tivessem sido arrancadas ou rabiscadas a ponto de serem ilegíveis. De fato, a placa de latão do 17-B estava no chão, junto à porta. Parecia ter caído, mas quando Bruna quis levantá-la percebeu que estava cravada no solo. O portão de correr da nave, única entrada visível, estava deformado, carcomido pela oxidação e retorcido, como se não fosse aberto há décadas e nunca mais pudesse voltar a se abrir.

— Olá! Há alguém aí?

Bateu algumas vezes no metal corroído, sem muito entusiasmo, perguntando-se se não teria se enganado de endereço. Ia ligar para Nopal a fim de confirmar o encontro, quando de repente o portão se ergueu com facilidade e sem ruído; Bruna deu um passo à frente, e a porta voltou a descer em silêncio às suas costas. Era evidente que se tratava de um mecanismo novo e em boas condições; o aspecto roto e desgastado exposto no exterior era simples camuflagem. A detetive olhou em volta: estava num pequeno vestibulo branco e vazio.

— Entre no elevador e aperte o botão B — ordenou uma voz sintetizada por computador.

Era um monta-cargas cinzento, uma relíquia industrial do século XXI. Havia apenas três botões: A, B e C. Apertou o que lhe haviam dito, e a caixa

estremeceu e se pôs em marcha com lentidão. Quando se deteve e abriu as portas, Bruna se viu num salão opulentamente decorado em estilo neocósmico. Divãs flutuantes e sofás almofadados de última moda alternavam-se com seletas peças de antiquário: uma escrivaninha *art déco*, uma pequena cômoda chinesa. As paredes mostravam imagens animadas de uma vista panorâmica: uma bela praia solitária e, ao longe, um povoado branco ao pé de uma montanha. O paisagismo interior era muito bem-feito, e parecia realmente que todas as paredes da sala eram grandes vidraças para o exterior; as imagens, inclusive, mantinham a continuidade, de modo que, se um cão cruzava correndo uma das paredes, passava à parede seguinte guardando a perspectiva adequada. Um trabalho caríssimo.

— Entre. Venha cá.

O lugar era tão grande e estava tão cheio de móveis que a princípio Bruna custou a ver de onde vinha a voz. Por fim, localizou o fulano num grupo de divãs vermelhos. Estudaram-se mutuamente enquanto ela se aproximava: era um rapaz jovem e muito magro. Mas, quando chegou perto dele, a rep percebeu que aquela carinha lisa e infantilizada era produto de cirurgia: ele, com certeza, era muito mais velho do que aparentava à primeira vista. De perto, tinha um aspecto plastificado e inexpressivo. Desagradável.

— Parece que o ofício de memorista pirata dá bastante dinheiro... — disse Bruna, à guisa de saudação.

O homem fez um trejeito estranho com a boca, que talvez fosse um sorriso. Mas estava tão esticado que as comissuras resistiam a se curvar.

— Sim, o negócio não vai mal... Tomarei a sua observação como um cumprimento... porque estou fazendo o favor de recebê-la... para dar certa informação em que está interessada... Então não vou pensar que você seja idiota a ponto de me insultar logo de cara... Não, o que farei será pensar que você se surpreendeu com esta bela casa e que a sua frase é um reconhecimento implícito do quanto ela é admirável.

Bruna engoliu em seco. O homem tinha razão. Maldisse a si mesma pela língua comprida e sobretudo maldisse a agressividade que lhe despertavam os memoristas. A lembrança de Nopal e de seus braços enquanto dançavam passou por sua memória como um vento quente. E era ainda pior se não lhe despertavam agressividade.

— De fato, é um cumprimento. É que os replicantes de combate não se entendem muito bem com as cortesias sociais. Fiquei impressionada com a sua casa, sem dúvida. Posso me sentar?

O sujeito assentiu com um aceno de cabeça, e Bruna se deixou cair no divã à sua frente. O móvel se moveu levemente no ar ao receber seu peso.

— E estou ainda mais impressionada pelo fato de você ter aceitado me receber e falar comigo. Por que o faz?

— Isso você tem que agradecer a Nopal — respondeu o pirata, agitando diante dele uma mão esquelética.

— São amigos?

O homem soprou o ar, com sarcasmo.

— Amigos? Eu não diria... Mmmmm... Não. Exatamente amigos, não. Mas a estou recebendo porque ele me pediu.

— Pois Nopal deve ser muito convincente... porque além de tudo você me recebe em sua própria casa... Extraordinário. Muito... íntimo.

O sujeito tornou a fazer aquele trejeito estranho com a boca que talvez fosse um sorriso. “Seu excessivo e tosco trabalho de cirurgia plástica não combina com o requinte do lugar”, pensou a rep. Também a roupa parecia vulgar, um veludo negro chamativo e de mau gosto, para não falar das correntes de ouro que lhe estrangulavam o pescoço pelancudo. Era óbvio que o homem nada tinha a ver com o refinamento do ambiente.

— Não tenho muito tempo. Você vai desperdiçá-lo falando de Pablo Nopal? — grunhiu o homem.

— Prefiro que falemos das *memas*.

— De quais?

— Das adulteradas. Das que estão enlouquecendo os replicantes e depois os matam.

— Dessas aí eu não sei nada. Nunca matei ninguém. Pirata sim, assassino não. Só trabalho com traficantes de confiança. Gente séria. Eles têm a clientela, conseguem o hardware... Eu me limito a escrever o conteúdo.

— Sei. E suponho que você também não saiba nada a respeito de quem possa estar por trás dos implantes letais, claro...

— Bem, alguma coisa a gente ouve por aí. Sei que é alguém que vem de fora. “Labari”, pensou Bruna na mesma hora.

— De fora da Terra, você quer dizer?

— De fora da profissão.

— O que você faz é uma profissão? — resmungou, decepcionada.

— Tanto quanto a sua, com a diferença de que eu sou melhor profissional do que você.

Bruna suspirou.

— Não duvido. Me desculpe. Mas se você é assim tão bom, poderia ser chamado para fazer as *memas* assassinas...

— Já disse que não.

— Quantos vocês são? Quantos memoristas ilegais como você existem no mercado?

— Como eu não há ninguém. Eu sou o melhor. Mas pode haver uma meia dúzia por aí.

— E qual deles poderia tê-las feito?

— Desses, nenhum.

— Por quê?

— A maioria dos memoristas piratas é muito ruim. Usam tramas aleatórias compradas no mercado negro e imagens sintetizadas por computador. Suas *memas* são um lixo. Mas essas memórias assassinas são incríveis... Espantosas, muito espantosas. Nunca vi nada igual. Muito violentas e cheias de ódio, mas também cheias de veracidade. Por trás disso há um escritor. Alguém que sabe se expressar. São curtas, com apenas quarenta cenas, mas boas. Os piratas que conheço nunca seriam capazes de fazê-las.

— Você me surpreende: como pode conhecer o conteúdo das *memas* assassinas?

— Bem, nós todos temos contatos... E essa é a minha profissão. Mais ainda, pode-se dizer que dedico minha vida a fazer isso.

— Você diz que são extraordinárias... É por isso que acha que chegaram novos traficantes à cidade?

— Não, não. Eu não disse isso. Aí é que está a estranheza desse assunto. Não há novos traficantes. Não há novos memoristas. Não é que exista um lote adulterado... Ninguém está colocando *memas* assassinas no mercado. Ninguém as está vendendo. Não se trata de uma operação comercial. Não se trata de um caso de drogas. Você entende o que estou dizendo?

Bruna refletiu por um instante para processar as palavras do homem.

— Você quer dizer que as vítimas não compraram voluntariamente os implantes... Que alguém lhes introduziu as memórias à força... E que provavelmente não foram vítimas casuais, e sim que foram escolhidas por alguma razão...

— Pois é.

De modo que não apenas Chi, mas todos os demais replicantes poderiam ter sido cuidadosamente selecionados, conforme algum plano.

— E por que estão assassinando também os traficantes habituais?

O memorista coçou a ponta de uma orelha, com nervosismo.

— Mmmm... É uma boa pergunta. Uma pergunta cuja resposta eu gostaria de saber.

Estava com medo. O homem estava com medo, compreendeu de repente a androide. Isso explicava algumas coisas.

— Você está com medo de ser morto também... Por isso quis falar comigo...

— Eu já disse que isso de me encontrar com você é coisa do Nopal... Mas, como é lógico, essas mortes me preocupam... Como diz o ditado, quando o plasma brilha perto, o próprio sangue começa a ferver.

— E você tem alguma hipótese?

— E você? Afinal de contas, é você a detetive.

Bruna franziu a testa.

— No começo, achei que era uma guerra pelo mercado... para se livrar dos competidores.

— Não. E não parece que queiram acabar com todos... Dos meus sócios habituais, só mataram um. Estava na companhia de outro traficante quando foi assassinado, mas não tocaram no outro. Parece que também os selecionam.

— Talvez porque saibam de alguma coisa.

O memorista empalideceu. “Por isso se operou de uma forma tão selvagem”, disse Bruna consigo mesma. Tudo começava a se encaixar: não foi uma cirurgia estética, e sim uma mudança de aspecto e de identidade. Era um homem que tentava se esconder, um fugitivo.

— Por alguma coisa que sabem... — repetiu taciturno o pirata.

— Por exemplo, aquela história do projeto clandestino da antiga UE para implantar comportamentos induzidos. Aquelas memórias artificiais para humanos...

A ideia lhe ocorrera de repente, como que saída do nada. A androide sempre se deixava levar por aqueles súbitos relâmpagos intuitivos: estava convencida de que às vezes lhe surgiam tais pensamentos na cabeça porque de alguma forma os captava do ambiente. A série de replicantes de combate à qual Bruna pertencia havia sido provida de uma enzima experimental, a nexina, que supostamente fortalecia a percepção empática. As experiências não haviam sido conclusivas, e a enzima era oficialmente considerada um fracasso, mas, dissessem o que dissessem os bioengenheiros, para a detetive parecia que aquilo funcionava, pelo menos de vez em quando.

O memorista se encolheu sobre si mesmo.

— Como você sabe disso? — perguntou, baixando a voz.

— Todos nós temos contatos, como você diz...

O homem parecia incomodado.

— É um assunto muito... Bem... Eu participei. É. Não me importo de dizer. Participei daquelas experiências. Quando eram clandestinas, sim, mas oficiais. Um assunto de Estado. E depois, quando encerraram o programa às pressas e de mau jeito, me infernizaram a vida. Me acusaram de coisas que eu não tinha feito. Me expulsaram da profissão. Não me deixaram voltar a trabalhar como memorista. E eu era o melhor. Eu sou o melhor. Por isso me contrataram.

— Não parece justo...

— É um absurdo!

— E quem foram esses que lhe fizeram isso?

O homem mudou de expressão.

— Não quero dizer mais nada. Já falei demais. É perigoso.

— Mas esses miseráveis que o contrataram e depois lhe destruíram a vida... Mereciam que todos soubessem o que fizeram...

O homem bufou, furioso.

— Se soubessem, eu já estaria morto! Você acha que eu sou imbecil? Não tente me enrolar desse jeito tão grosseiro. Não acredite que assim você vai me arrancar mais alguma informação.

Bruna ergueu as mãos num gesto de apaziguamento.

— Está bem, tudo bem, desculpe. É verdade que eu estava tentando seduzir você... um pouco. Mas também é verdade que me parece uma história terrível... E pode ser a razão dos assassinatos. Quem dirigia esse programa? Quem lhe fez isso?

O memorista apertou os olhos e mordeu o lábio inferior. Mas estava por demais furibundo para conseguir se controlar.

— A culpa não foi de quem se encarregava da direção científica. Na verdade, os cientistas também foram...

O homem se calou de repente e ficou olhando para Bruna com olhos muito redondos. E com a deformada boca muito redonda. Tudo aconteceu num milésimo de segundo, a imobilidade, a expressão de perplexidade; até que de sua boca saiu um jorro sanguinolento. Àquela altura, a rep já tinha se jogado de cabeça no chão e rolava para debaixo do divã flutuante. O ar cheirava a caramelo queimado, que era o cheiro do plasma, e à doçura nauseabunda do sangue. Os disparos de plasma não fazem ruído, de modo que alguém só sabe que está sendo atingido quando a luz gelada lhe abre um buraco. Bruna engatinhou por baixo dos sofás e se protegeu atrás da cômoda Ming. Sacou sua

própria pistola, que parecia tão pequena em sua mão enorme, e tentou avaliar a situação. De sua precária trincheira não se via ninguém. O memorista estava caído de bruços no chão; o tiro lhe entrara pelo pescoço e parecia lhe ter arreventado a traqueia. Deviam ter feito uso de um plasma negro, um tipo de armamento ilegal cujo impulso luminoso se convertia num amplo feixe ao entrar no branco. Daí a quantidade de sangue que lhe saíra pela boca, o estrago instantâneo. De qualquer maneira, o tiro só poderia ter vindo da porta. Era a única entrada que havia na nave, ficava bem ao lado do elevador e sem dúvida dava para a escada. Prendeu a respiração e escutou atentamente. Não se ouvia nada, além do murmúrio aquoso do morto que dessangrava. E não se via ninguém.

Mas o agressor ou os agressores tinham que estar ali.

Ou talvez só quisessem assassinar o memorista?

Esperou.

E esperou.

“Com certeza já foram embora”, pensou. Contra um plasma negro, a comodazinha chinesa atrás da qual tentava se proteger não era maior defesa do que uma folha de papel. Se o assassino quisesse matá-la também, já o teria feito. Com cuidado, e seguindo o raciocínio que planejara previamente, Bruna se deslocou da cômoda à grande poltrona. Da poltrona à mesa. Da mesa à outra mesa de trabalho. Ali se deteve, porque depois vinha o pior, um trecho sem mobília e bastante longo até a porta. A nave não tinha janelas e era iluminada apenas por umas placas zenitais de luz solar, de modo que era obrigada a sair por onde entrara. Mas não pelo elevador, que poderia se transformar numa armadilha estreita, e sim pela escada. Pelo mesmo lugar por onde sem dúvida havia chegado o agressor.

Respirou fundo e se atirou num salto final até a porta. Abriu-a com um pontapé. Não havia ninguém. Pensou com regozijo: “Já estou quase fora.” E nesse momento sentiu cheiro de suor e adrenalina e percebeu uma leve vibração do ar às suas costas. Pensou em se virar, mas não teve tempo: algo duro golpeou-a na cabeça e no ombro. Sentiu a visão nublur e abriu as pernas em compasso para não cair. Assaltantes indistintos saídos não se sabia de onde lhe caíram em cima. “Não é possível”, pensou, num instante exasperado. Onde estavam? Onde diabos estavam enfiados? Disparou na direção do vulto sua pistola de laser, mas uma dor dilacerante no pulso obrigou-a a soltar a arma. Meio atordoada, defendeu-se de seus atacantes com fúria animal. Socou, chutou, mordeu. Não doíam os golpes que recebia, mas estava consciente de recebê-los. “Golpes

demais”, calculou, “não aguentarei por muito tempo”. Então seus joelhos se dobraram, e ela se viu no chão. “É o fim”, raciocinou, com frieza. Sem medo, sem surpresa. E pensou em Merlin.



---

## BRUNA... COMO VOCÊ ESTÁ?

A rep não se lembrava de ter desmaiado, achava ter estado consciente o tempo todo, talvez um pouco aturdida, mas consciente; e no entanto alguma coisa deveria ter perdido, porque agora não havia ninguém à sua volta, ou seja, não havia agressores. Só havia o enorme Lizard inclinado sobre ela. Fazia uma sombra agradável e era como uma gruta protetora.

— Como está?

— Perfeitamente — respondeu a rep.

Ou quis dizer. Na verdade, soou algo assim como “pecccccfcemmmen”.

— Bruna, você sabe quem eu sou? Qual é o meu nome?

A irritação a estimulou bastante.

— Ah, porrr tdas sas espécies, você é Paul. Paul. Oqu.. azaqui?

Recuperava-se aos poucos. E com a lucidez vieram as dores. O pescoço doía. A mão doía. Os rins doíam. A cabeça doía. Doía até o ar que entrava e saía devagar de seus pulmões.

— Eu a rastreei. Menos mau. Você estava demorando demais para sair, então resolvi dar uma olhada. A porta estava aberta e a encontrei aqui jogada. Deram uma boa surra em você. Infelizmente não consegui ver ninguém. No corredor há uma porta disfarçada que dá para uma escada posterior. Devem ter fugido por ali.

Bruna tentou se erguer e soltou um gemido.

— Espere...

Lizard içou-a com a mesma facilidade com que levantaria um boneco e deixou-a sentada com as costas apoiadas na parede. Isso também doía. As costas, ou talvez a parede.

— Como está se sentindo?

— Enjoada...

Levou uma das mãos à boca, com cuidado.

— Acho que quebraram um dente — informou Paul.

— Não me amole...

Bruna cuspiu no chão um círculo de sangue. Coisa que a fez se lembrar do memorista pirata.

— Há um homem ali que está...

— Morto. Eu sei. Arrebentaram-lhe o pescoço com um disparo — respondeu Lizard.

Pela porta apareceu uma dupla de PACs jovenzinhos e com cara de susto.

— Já era hora de vocês chegarem. Há um presente ali para vocês... — disse o inspetor, indicando o cadáver com a cabeça. — Já avisei o juiz. Que ninguém toque em nada até que ele chegue.

— Sim, senhor.

Enquanto isso, Paul revistava com mãos hábeis o corpo da rep, movendo suas pernas, seus braços, apalpando suas costelas.

— Você está cheia de sangue, mas me parece que a maior parte é dele.

— Estou bem — disse Bruna.

— Com certeza. Venha, vou levá-la ao hospital.

— Não. Ao hospital não. Para a minha casa.

— Certo. Para a sua casa, mas passando pelo hospital.

Lizard recolheu do chão um sapato da androide, que caíra no meio da voreagem e, levantando-lhe o pé, calçou-a com extrema delicadeza. E então Bruna sentiu que alguma coisa se rompia dentro dela, que alguma coisa começava a doer muito mais do que todas as outras dores de seu corpo machucado.

— Eu estou bem — repetiu, controlando a duras penas uma absurda vontade de chorar.

O que seria dela? Fazer amor com alguém era fácil. Ir para a cama com o inspetor, por exemplo, teria sido algo simplíssimo e banal. Uma trivialidade ginástica rapidamente esquecível. Mas que alguém lhe colocasse o sapato que tinha perdido, que alguém a calçasse com aquele carinho áspero, com aquela desajeitada ternura, isso era impossível de superar. O pequeno gesto de Lizard a deixara indefesa. Estava perdida.

**NO HOSPITAL, FIZERAM-LHE UM EXAME DE** rastreamento de corpo inteiro com flúor e, surpreendentemente, não havia lesões de maior importância: os órgãos estavam bem, não havia hemorragia interna de qualquer tipo, e o golpe na cabeça não parecia ter produzido um trauma de natureza perdurável. Tinha um par de costelas fissuradas e uma ferida superficial de disparo de plasma no punho: por sorte não era plasma negro e não afetara os ossos. Enfim, nada que não pudesse ser aliviado por uma dose subcutânea de paramorfina. Quanto ao dente quebrado, no mesmo boxe de urgências lhe extraíram a raiz, puseram um implante e aparafusaram um novo dente absolutamente indistinguível dos seus. Vantagens de ir com Paul Lizard, sem dúvida: Bruna estava pagando com seu mediocre seguro de saúde, mas o inspetor conhecia meio hospital e conseguiu que lhe dessem um tratamento de plano de primeira classe.

— Este é o centro médico em que somos atendidos, nós da Brigada de Homicídios... Por isso eu a trouxe aqui.

“A trouxe”, Bruna repetiu suavemente consigo mesma enquanto o homem a ajudava a entrar em seu carro. A rep tinha a sensação de que Lizard estava decidindo coisas demais por ela e, em outras circunstâncias, essa situação a teria deixado irritada. Mas estava exausta, e a paramorfina acolchoava seus nervos, então se deixou levar sem nada dizer. Ao sair do estacionamento do hospital, uma rajada de vento inclemente sacudiu o veículo.

— Vento siberiano. Estamos em estado de emergência, não sei se você soube... Está chegando uma frente polar.

Nem mesmo a placidez da droga impediu que a notícia provocasse na androide um profundo aborrecimento. Embora a mudança climática tivesse feito subir em vários graus a média da temperatura anual e desertificado zonas antes exuberantes e temperadas, uma inversão da chamada *oscilação ártica*, fenômeno que Bruna jamais conseguira entender, causava de vez em quando umas inusitadas e breves ondas de frio intensíssimo, um ou dois dias de neve copiosa, furiosos vendavais e uma queda dos termômetros, que em Madri podiam chegar com facilidade aos vinte graus abaixo de zero. Embora o

fenômeno mal tivesse começado e a temperatura ainda devesse descer bastante, os pedestres caminhavam penosamente contra o vendaval, com cara de frio, e faziam fila diante dos supermercados para comprar provisões ou, ainda pior, aquecedores e roupa térmica. A rep sempre se surpreendia com a imprevisão das pessoas; todos os anos havia pelo menos duas frentes polares, mas todos viviam como se aquilo fosse uma exceção, algo anormal, que nunca mais aconteceria. E com isso, a cada vez que chegava uma onda de frio, esgotavam-se os implementos térmicos.

— Veja, já está nevando.

E era verdade: flocos meio derretidos se precipitavam de encontro ao parabrisa. “Uma neve letal”, pensou a detetive: as geadas sempre deixavam um rastro de vítimas, os mais velhos, os mais doentes, os mais pobres. A androide respirou fundo, sentindo-se extraordinariamente bem no tépido e acolchoado interior do veículo, na pastosa serenidade do analgésico, na protetora companhia de Lizard.

— Você se enganou de caminho. Era em frente.

— Não vamos para a sua casa, Bruna. Acho que será melhor que, ao menos por hoje, você descanse num lugar seguro, e não sei se seu apartamento é. Pode-se dizer que, nos últimos tempos, há gente demais empenhada em agredi-la...

“Certo”, pensou a androide. Antes dos assassinos do memorista houve o grupo de valentões que a interceptou a caminho de casa, e ainda antes o ataque da sua vizinha. Daquela Cata Caim, que tinha escrita em sua *mema* fatal a cena do seu assassinato. A imagem da rep arrancando o próprio olho iluminou-se por um instante na cabeça de Bruna como um relâmpago de sangue. Ela estremeceu.

— Então para onde vamos? — perguntou.

Embora soubesse a resposta.

— Para a minha casa.

A androide franziu de leve a testa. Não era bom, não era nada bom entregar-se daquela maneira à vontade do inspetor, assumir aquela passividade de criatura ferida, a confortável debilidade da vítima. Não era nada bom permitir que Paul tomasse decisões por ela, que nem ao menos fizesse a pantomima de consultá-la, que a dominasse sorrateiramente. Em qualquer outro momento, a rep teria se negado, teria discutido e protestado. Mas agora se deixou levar, sentindo um estranho prazer na docilidade. Um prazer perverso. “Pouco importa”, pensou.

— Pouco importa — resmungou a meia voz.

De repente, lembrou-se de que, alguns dias antes, havia deixado sua tanga sobre o capô daquele mesmo carro e um pequeno sorriso lhe subiu aos lábios. O

que teria pensado o inspetor ao encontrar o presente? Teria adivinhado que era dela? Foi na noite em que conheceu Lizard. Uma noite muito louca: seu corpo fervia com o *caramelo*. Só de pensar no coquetel de oxitocina, pareceu a Bruna que sua pele se eletrizava um pouco. Ardentes e indistintas lembranças do êxtase carnal começaram a se acender em sua cabeça. Mas então recordou também que terminou na cama com o omaá, e a suave excitação erótica que experimentava foi abortada no mesmo instante. Tudo aquilo fora... oito, não, sete dias antes. Na sexta-feira 21 de janeiro. Quantas coisas haviam acontecido em tão pouco tempo. Se fosse capaz de viver todos os dias de sua vida com aquela intensidade, sua pequena existência tecno-humana pareceria longuíssima.

Inclinou o banco para trás e fechou os olhos. Quatro anos, três meses e 14 dias. Hoje era sexta-feira, 28 de janeiro de 2109. Merlin tinha morrido num 3 de março: faltava pouco mais de um mês para o segundo aniversário. Bruna se perguntou qual seria a data exata de sua própria morte. Sua obsessiva contagem regressiva só indicava o tempo que lhe restava até chegar à fatídica fronteira dos dez anos; mas, a partir daí, o TTT poderia levar dois ou três meses para acabar com ela. Calculava que seria em abril, ou em maio, ou talvez em junho. Do ano 2113. Em abril, em maio, talvez em junho...

Devia ter adormecido, porque de repente abriu os olhos com algum sobressalto e viu que o carro estava parado e que Paul dizia algo.

— Venha. Chegamos.

A neve começava a condensar, e ao sair do veículo o frio intenso atravessou sua roupa leve como um milhão de agulhas. Lizard passou um braço por cima dos ombros da rep e colou seu corpanzil ao dela. Fez aquilo com tanta naturalidade que Bruna não sentiu qualquer estranheza, muito pelo contrário, seu próprio corpo se adaptou automaticamente ao do inspetor, como se fosse um movimento ensaiado mil vezes; e assim, abraçados, inclinados contra a força do vento, protegendo-se um ao outro, percorreram a distância até o edifício. Ao entrar na portaria, entretanto, a detetive se despreendeu, um tanto constrangida. O movimento provocou uma fígada de dor nas costelas quebradas.

— Então é aqui que você vive... — disse bobamente, só para dizer alguma coisa, enquanto apalpava as costas com dedos cautelosos.

Era uma dessas casas velhas do antigo centro de Madri, restaurada no interior algumas décadas antes e não muito bem-conservada. O estreito vão da desgastada escadaria de madeira abrigava um único elevador de aparência vetusta. Lizard abriu sua caixa de correio, e saíram em revoada alguns anúncios

holográficos que o inspetor destruiu com um tapa e atirou no cesto hermético. Abriu, então, o elevador para Bruna.

— Suba você. Quarto andar. Eu vou pela escada.

Não era de se estranhar que fosse a pé, porque a cabine era tão pequena que não teriam cabido os dois, a não ser num abraço apertado. “Uma pena”, pensou Bruna, com um pequeno sorriso, enquanto o elevador subia sacudido por estranhos tremeliques. Quando parou no quarto andar, Lizard já estava lá, só um pouco ofegante. Não estava fora de forma, sobretudo considerando seu volume.

— Entre. Fique à vontade.

Como diabos poderia? Seu corpo inteiro doía. Entrou titubeante; o apartamento só tinha um cômodo, mas era muito grande. Grande e desoladoramente austero. Uma cama enorme, uma mesa de trabalho, um sofá, estantes. Tudo tão nu e impessoal quanto a casa de um tecno-humano. Ou da maioria dos tecnos, retificou Bruna mentalmente, recordando o rebuscado e primoroso quarto de dormir de Chi. E inclusive seu próprio apartamento, seus quadros, seu quebra-cabeça. Ali havia tão poucos objetos decorativos que os três antigos balcões com balaustradas de ferro constituíam o maior enfeite do lugar. Mas a rua era muito estreita, e o prédio em frente, um bloco feio e barato em estilo Unificação, parecia entrar pelas janelas.

— Você pode dormir ali — disse Paul, indicando o amplo sofá. — É confortável até para o meu tamanho, você vai ver; já o experimentei algumas vezes.

Bruna sentou-se com cuidado. E pensou, não pela primeira vez naquela tarde, em sua pequena e valiosa pistola de plasma. Não sabia se os agressores a haviam roubado ou se estaria com Lizard, e preferiu não perguntar. Ter perdido sua pistola era um verdadeiro aborrecimento, e conseguir outra seria bastante caro e problemático; mas decidiu deixar as preocupações para o dia seguinte. A temperatura no apartamento era muito agradável e, do outro lado das vidraças, na luz mortíça do entardecer, a nevasca recrudescia. Absurdamente, a androide sentiu-se quase feliz.

Lizard voltou para perto dela, provido de uma almofada, uma manta térmica e uma garrafa de Guitian fermentado em barril.

— Não era você quem gostava de vinho branco?

— Não, era a outra rep — respondeu Bruna, em tom de brincadeira, indicando a foto de uma tecno que ocupava a tela principal da casa.

Paul deu uma rápida olhada à imagem por cima do ombro e, em silêncio, continuou a ajeitar a manta. A detetive recebeu ter dito algo inconveniente.

— Mmmm... É, acho que um copo cairia bem.

— Vou preparar alguma coisa para comer — disse o inspetor.

E quando se levantou, a caminho da zona da cozinha, sussurrou algo ao computador, e a tela principal trocou a imagem pela de uma paisagem de Titã.

Enquanto o homem manuseava o forno dispensador, a androide ficou olhando para fora. A neve compactava o ar e cegava as janelas com um véu acinzentado; a tarde morria com antecipação sob o peso da tormenta, e a luz elétrica acendeu automaticamente. Bruna sabia que não deveria perguntar, mas não conseguiu evitar.

— Essa rep da tela é alguma das vítimas?

O homem não respondeu, coisa que não surpreendeu Bruna. Surpreendeu-a mais ouvir-se insistir com grosseria:

— Ou será uma suspeita?

E, depois de um instante de silêncio, ainda acrescentou, para sua própria consternação:

— Por que você não responde? Está me ocultando detalhes da investigação?

Lizard voltou carregando uma bandeja com enormes tigelas cheias até a borda de uma sopa de missô.

— Eu ia preparar uns pedaços de atum reconstituído, mas depois me lembrei do seu dente recém-implantado. Chegue para lá.

Sentou-se na ponta do sofá e colocou um anel térmico na garrafa de vinho, para mantê-la fria. Depois abriu com cuidado o Guitian e serviu duas taças. Deu alguns goles na bebida e olhou para a rua. Lá fora era noite, e a luz do piso se refletia na cortina de neve como numa tela.

— Se você quer mesmo saber quem é, por que não faz uma pergunta direta?

— Como?

— Atreva-se a perguntar, e eu responderei.

Bruna ficou calada por alguns instantes, envergonhada.

— Está bem. Imagino que nada tenha a ver com o caso. E também imagino que não deveria me meter no que não me interessa. Mas gostaria de saber por que você tem a foto de uma androide.

Paul mexeu a sopa, tranquilo, encheu a colher, soprou o líquido, provou um pouco com expressão apreciativa e depois tomou o resto, enquanto a rep esperava com impaciência que ele acabasse com aquela pantomima e continuasse a falar.

— É Maitena.

E botou na boca outra colherada de sopa.

— E quem é Maitena?

Outra vez mexer a sopa e soprar e engolir. Ria-se dela ou lhe custava falar daquilo?

— É uma história muito simples, na verdade. Quando eu era pequeno, meus pais desapareceram. Então fui adotado pela vizinha. Maitena. Uma rep de exploração.

— O que aconteceu?

— Morreu. O que você acha que aconteceu? Chegou o TTT.

— Perguntei com os seus pais.

Paul segurou a tigela e começou a beber diretamente dela. Fazia ruído ao sorver e de vez em quando parava para mastigar o missô. Demorou muitíssimo para tomar tudo.

— Foram postos na prisão. Tinham sequestrado um sujeito. Eram delinquentes. Ou são, porque acho que ainda estão vivos.

— Os seus pais são delinquentes?

— Está espantada? Há muitos deles no mundo. Você deveria saber. É parte do seu trabalho — comentou o homem, com sarcasmo.

Limpou cuidadosamente os lábios com o guardanapo e então levantou pela primeira vez a cabeça desde que tinha se sentado no sofá, e olhou-a nos olhos.

— Eu tinha oito anos quando fiquei sozinho. Maitena me criou. Eu já lhe disse que não tenho nada contra os reps.

O homem se levantou e jogou a tigela descartável no reciclador. Bruna seguiu-o com o olhar sem se atrever a falar. Paul voltou e se sentou outra vez. Sua coxa roçava o quadril da rep.

— Você sabe de quem era o loft onde você esteve hoje de manhã?

A pergunta desconcertou-a. Estava por demais mergulhada no cheiro do homem, em seu calor tão próximo, na vertigem do momento de intimidade, e foi difícil sair dali.

— Do memorista assassinado, suponho.

Lizard negou com a cabeça. Tinha uma expressão estranha, entre divertida e belicosa.

— Não. É de Nopal. É uma das propriedades do seu amigo Pablo Nopal.

Bruna teve um sobressalto.

— Você tem certeza?

— Ele não tinha dito nada, não é? Eu já avisei... ele não é de confiança.

Era absurdo, mas a notícia não agradou nem um pouco à detetive. O uso, pelos assaltantes, da porta dissimulada e da segunda escada, não indicava um



conhecimento profundo do lugar? Um intenso cansaço pareceu se abater sobre ela, e com ele a renovação de todas as dores.

— Estou moída — gemeu.

— Não me surpreende. Tome, aplique uma subcutânea. Acho que deve.

Lizard estendeu-lhe a seringa, e a rep injetou a morfina no braço. Lentas e refrescantes ondas de bem-estar começaram a lhe percorrer o corpo.

— Melhor? — perguntou o homem, inclinando-se para a androide a colocando a mão em seu ombro.

Foi de novo um movimento muito natural, um meio abraço embriagadoramente afetuoso.

— Muuuuito melhor — sussurrou Bruna.

Desejou Lizard com todo o seu corpo, com a cabeça e o coração, e também com as mãos, com um sexo devorador e uma boca capaz de dizer ternas doçuras; e teria se atirado sobre ele não fosse por uma repentina letargia que lhe fechava os olhos de forma irresistível. Mas atenção! Atenção! Talvez fosse repentina demais. Fez um esforço para despertar.

— Por que estou com tanto sono? — questionou, com voz pastosa.

— Acrescentei um sonífero à paramorfina. Descansar vai lhe fazer bem.

No apartamento aquecido, debaixo da manta térmica, envolta pelo abraço do inspetor, Bruna sentiu frio. Pensou: “Não quero dormir.” Mas as pálpebras pesavam como pedras. Lizard, o Lagarto, tinha aparecido perto dela exatamente depois da surra. “Que casualidade”, diria Nopal. E agora a trouxera para a casa dele. E tinha posto a foto de uma rep na tela para que ela visse, e lhe contara uma absurda história sobre uma infância melodramática. Respirou fundo, tentando ficar acordada, mas a sonolência era como um ataúde que se fechava sobre ela. A pequena morte do sono. Ou a morte eterna. Sentiu uma pontada de terror. Lizard, o Réptil, o atraente Lizard, a drogara. O negror do sono a engoliu sem que pudesse discernir se Paul poderia ser seu amante ou seu assassino.

**Arquivo Central dos Estados Unidos da Terra**  
**Versão modificável**

ACESSO ALTAMENTE RESTRITO  
APENAS EDITORES AUTORIZADOS

Madri, 29 de janeiro de 2109, 15h27  
Bom dia, Yiannis

SE VOCÊ NÃO É YIANNIS LIBEROPOULOS,  
ARQUIVISTA CENTRAL FT711, PARE IMEDIATAMENTE  
DE LER ESTAS PÁGINAS

ACESSO ALTAMENTE RESTRITO  
APENAS EDITORES AUTORIZADOS

O ACESSO NÃO AUTORIZADO A ESTAS INFORMAÇÕES É  
CRIME E PODE SER PUNIDO COM ATÉ VINTE ANOS DE  
RECLUSÃO

*Guerras robóticas*

Marcadores: Paz Humana, X Convenção de Genebra, minas de coltan, Crise  
do Congo, ~~Pacto Replicante, Lumbre Ras~~  
#6B-138

Artigo em edição

As Guerras Robóticas, que começaram em 2079 e terminaram em 2090 com a Paz Humana, são, com as Pragas, o conflito bélico mais grave já enfrentado pela Terra. A escalada de violência que assolou o planeta na segunda metade do

século passado propiciou a assinatura, em 2079, da X Convenção de Genebra, que, subscrita pela quase totalidade dos Estados independentes (153 dos 159 então existentes), acordou substituir os enfrentamentos bélicos tradicionais por combates de robôs. Os exércitos seriam substituídos por armas móveis e totalmente automatizadas que lutariam entre si, como um gigantesco jogo eletrônico, mas em versão real. Os artífices do tratado pensaram que desta forma teriam fim ou seriam minimizadas as carnificinas, e que as guerras poderiam ser convertidas numa espécie de passatempo estratégico, do mesmo modo que os antigos torneios medievais eram uma versão moderada dos combates autênticos.

As consequências de tal medida, entretanto, não poderiam ter sido piores. Em primeiro lugar, a poucas horas da assinatura do acordo, estourou uma guerra generalizada em quase todo o mundo, como se algumas nações tivessem estado à espera, com seus robôs prontos para entrar em combate (alguns cientistas políticos, como a famosa Carmen Carlavilla em seu livro *Palavras molhadas*, afirmam que a X Convenção de Genebra foi uma simples manobra comercial dos fabricantes de autômatos bélicos). Como os países mais ricos possuíam um número incomparavelmente maior de robôs, os países pobres, embora tendo firmado o tratado, jamais pensaram em respeitá-lo, e atacaram os autômatos com tropas convencionais que lhes causaram imensa destruição, considerando que, de acordo com as especificações de Genebra, os robôs estavam *castrados* por um chip que os impedia de causar dano aos humanos. Chip que, é claro, foi em poucas semanas removido sub-reptícia e ilegalmente, de modo que os vastos campos de sucata fumegante logo voltaram a se empapar de sangue.

O contra-ataque dos autômatos revelou-se tão descontrolado e devastador que se registraram mais mortes em meio ano do que em todas as guerras anteriormente ocorridas no mundo. A esse período pertence a Crise do Congo. Como se sabe, no que era a antiga República Democrática do Congo encontravam-se 80% das reservas de coltan, um mineral essencial para a fabricação de todo tipo de componentes eletrônicos. A exploração das minas de coltan era, há um século, a origem de diversos conflitos bélicos convencionais, mas as Guerras Robóticas superaram os limites de violência conhecidos: toda a população do Congo foi exterminada, à exceção do presidente Ngé Bgé e das duzentas pessoas de sua família, que não se encontravam no país por ocasião do massacre e que hoje em dia continuam a ser coproprietárias das minas de coltan, ~~junto com uma empresa fantasma que é na realidade secretamente controlada por tecn~~  
~~humanos.~~

*\*\*\*\*(Atenção às totalmente injustificadas e errôneas alterações do texto!  
Insisto na urgente necessidade de uma investigação interna. Arquivista central  
FT711)\*\*\*\**

A chamada Crise do Congo não foi o único extermínio populacional das Guerras Robóticas, mas o mais importante e conhecido. As grandes potências mundiais radicalizaram rapidamente suas posições em torno dessa crise, e as cláusulas de Genebra pareceram por fim serem cumpridas ao pé da letra: na solidão do devastado território congolês, entre metais oxidados e ossos amarelados, os robôs se destroçaram mutuamente durante mais de um ano. Até que um dia os países enterraram tacitamente a X Convenção de Genebra e voltaram a mandar tropas para o front. A partir de então, e até o final, as Guerras Robóticas se travaram ao mesmo tempo com autômatos e soldados, combinação fatal que provocou espantosa mortandade. ~~Uma carnificina da qual, curiosamente, se livraram os replicantes, já que, praticando como sempre a desobediência civil (todos os direitos, mas nenhum dever), se negaram a participar dos combates. Eminentemente autores, como o professor Lumbre Ras, prêmio Nobel de Física, denunciaram um complô androide para dizimar os humanos. Afirmam, com abundantes provas documentais, que por trás do extermínio dos congolêses e da volta à guerra tradicional estão as manobras subterrâneas dessas criaturas artificiais que, estreitamente unidas numa confraria secreta, constituem um verdadeiro poder na sombra cujo único objetivo é subjugar os humanos.~~

*\*\*\*\* Memorando de crise \*\*\*\**

*Aos cuidados da supervisora geral de Zona PPLK*

Diante das gravíssimas irregularidades que venho observando nos arquivos nos últimos dias, e visto que minhas anteriores e repetidas denúncias não obtiveram resposta alguma por parte de meus superiores imediatos, decidi recorrer ao protocolo de emergência CC/1 da Lei Geral de Arquivos e apresentar um memorando de crise ao responsável de zona.

*Venho registrando, na última semana, inúmeras e crescentes alterações equivocadas nos textos de diversos arquivos (ver documentos anexados). As alterações carecem de IDE (identificação eletrônica; ou seja, não se sabe quem as fez, algo por si só muito irregular), são absolutamente falsas e todas constituem uma torpe difamação dos tecno-humanos.*

*Tais alterações estão aumentando rapidamente, tanto em volume como na brutalidade do tom e da mentira. O presente artigo é um bom exemplo do que digo. Na realidade, e contra o que afirma a mão anônima, nas Guerras Robóticas, como em todas as guerras, morreram sobretudo tecno-humanos de combate, pois para isso foram fabricados, infelizmente. Nenhum tecno se negou a lutar, ao menos que se saiba; e é óbvio que as minas de coltan não pertencem a androide algum, senão à família Ngé e a um consórcio armamentista muito humano que produz robôs bélicos. Ademais, esse suposto e eminente professor Lumbre Ras não existe; por mais que se wikie seu nome ou os anais dos prêmios Nobel, não se obtém qualquer resultado, tão grosseira é a falsificação dos artigos.*

*Diante do exposto, é razoável suspeitar-se que as alterações seguem um plano e têm uma finalidade concreta. Qual é essa finalidade e até que ponto pode tratar-se de uma conspiração, dado o crítico momento de violência interespecies que estamos vivendo na Região (e não apenas na Região: ao que se saiba, há distúrbios semelhantes em Kiev, em Nova Nápoles, na Cidade do Cabo...), é algo que não me compete analisar, mas que deveria sem dúvida ser investigado por ser de direito, e com a maior urgência. Estou tão convencido da extrema gravidade da situação que, perante o temor de uma possível demora na atitude de reação, farei algo que jamais fiz nos quarenta anos de meu trabalho como arquivista: vou conservar comigo o artigo, em vez de devolvê-lo para edição, e vou, além disso, enviar uma cópia do mesmo, e deste memorando, ao meu computador pessoal.*

*Despede-se atenciosamente, à espera de uma rápida resposta,*

*Yiannis Liberopoulos, arquivista central FT711.*

**DESPERTOU-A UM APETITOSO CHEIRO DE CAFÉ** e torradas. Abriu os olhos e precisou fechá-los no mesmo instante, cega pelo ofuscante resplendor da neve. Mas aquela brevíssima olhada bastou para colocar o mundo no lugar. Estava na casa de Lizard. Passara a noite ali. O inspetor a tinha sedado, mas não parecia que a tivesse matado. Bruna sorriu diante da bobagem que acabava de pensar e voltou a abrir as pálpebras, com cuidado.

— Você está dormindo há 12 horas. Eu já começava a me preocupar.

Lizard corria de um lado para o outro, dando mostras de uma energia exaustiva.

— Preciso ir à Brigada. Fique o tempo que quiser. Já autorizei o computador. Você pode entrar e sair de casa e pedir à tela o que precisar.

— Bem, suponho que só poderei pedir *algumas* coisas... — murmurou ela, com a boca pastosa.

— É claro... tomar uma ducha, comer algo... Dei uma autorização doméstica básica. Você não ia querer que eu abrisse minha vida por completo da noite para o dia...

Paul falava em tom risonho, mas Bruna enrubescceu.

— Não quero nada — grunhiu.

Do outro lado das janelas, o mundo estava envolto num plácido e sussurrante manto branco.

— À noite, você me drogou.

— Como é?

— Me deu um sonífero sem me avisar.

— Parece ter lhe feito muito bem.

— Não faça de novo.

Lizard deu de ombros com alguma indiferença.

— Não se preocupe, não farei... E... de nada, viu? De nada. Não precisa me constranger com a sua gratidão — acrescentou, sarcástico.

Meteu-se dentro de um enorme abrigo polar com capuz e abriu a porta para sair.

— Lizard!

O inspetor se deteve um instante no umbral.

— Aquela... Aquela história de Maitena e da sua infância é verdade?

— Por que eu iria mentir? — respondeu, sem se virar.

Depois lhe lançou um olhar sobre o ombro direito.

— Aliás, falando de mentiras... À noite e hoje pela manhã andaram ligando com insistência para o outro celular... você sabe de qual... do ilegal.

Dito isso, saiu.

O Réptil sempre conseguia sobressaltá-la.

Chegando ao hospital, Bruna tinha conseguido arrancar sub-repticiamente o celular de Mirari, que costumava levar preso no estômago, e, depois de enrolá-lo numa fina lâmina translúcida, o escondera dentro de um bolsinho interior de sua mochila. No entanto, agora o telefone móvel estava sobre a mesa, perto dela. Agarrou-o num safanão: de fato havia seis chamadas perdidas de Serra, o lugar-tenente de Hericio. Fez um esforço de concentração para assimilar o personagem de Annie Heart e teclou o número do supremacista. A cara desagradável do homem encheu a tela. Parecia desconfiado e irritado.

— Onde você se meteu? — ladrou.

— Não interessa.

— Claro que interessa. Você é misteriosa demais, lindona. De repente aparece do nada, de repente desaparece. E além do mais estou cheio de não te ver. Toda essa história de celular não rastreável, de falta de imagem quando falamos... estou começando a achar que você está escondendo alguma coisa... e, se for assim, garanto que vai se arrepender.

Bruna tomou ar.

— Vamos deixar claras umas coisas: primeiro, esses não são modos de tratar uma possível doadora. Segundo, ainda não tenho certeza de que quero lhes dar o dinheiro. Terceiro, não pense em tornar a me ameaçar ou não terá mais notícias minhas. Ligue quando souber quando e onde me encontrarei com Hericio — disse, em tom glacial.

E cortou a ligação. Esperou durante dois compridíssimos minutos com os olhos fixos na tela. Por fim, as letras azuis se acenderam: “Às 16h no bar do seu hotel.” Muito bem! “Sem dúvida a Permissão de Financiamento não lhes deu o resultado previsto”, pensou a rep: pareciam continuar ansiosos para encher os baús. Com certeza a pegariam no bar do hotel para levá-la a algum lugar. Perfeito. Eram apenas dez horas. Havia tempo de sobra.

Bruna apalpou as costelas: continuavam doendo, embora menos. O regenerador ósseo que lhe haviam injetado no hospital parecia estar funcionando. Afastou a manta e se pôs de pé com muito cuidado. Na verdade, considerando a surra recente, estava bastante bem. No grande espelho da parede comprovou que continuava vestida com a roupa do dia anterior, rasgada, manchada de sangue e leve demais para o frio que devia estar fazendo lá fora. Abriu o fecho e deixou-a cair: tinha o corpo atravessado pelas marcas dos golpes. Um mapa colorido da surra. Os hematomas subiam como uma trepadeira até o rosto e, além disso, um curativo lhe cobria a ferida no pulso. Se ia ver Herício, talvez precisasse maquiá-la e dissimular tudo aquilo.

Ainda nua, caminhou até a zona da cozinha. Estava com uma fome de ogro, e o cheiro de café e torradas deixado no ambiente por Lizard lhe enchia a boca de saliva antecipatória.

— Tela, sou Bruna — ordenou.

— Tenho autorização para duas Brunas. Por favor, diga seu segundo nome — respondeu a suave voz feminina do computador.

A rep pulou: como assim, duas Brunas? O lagarto Lizard passava a vida levando mulheres para dormir na casa dele?

— Sou Bruna Husky — grunhiu.

— Bem-vinda, Bruna Husky. Como posso ajudá-la?

A rep pediu um café da manhã gigantesco e devorou-o enquanto continuava a ruminar seu mau humor. Depois tomou uma ducha de vapor e saqueou o armário de Lizard para se vestir com uma roupa quente, desfrutando vagamente a sensação de que finalmente alguma coisa ficava enorme nela: estava acostumada a sempre ser obrigada a usar calças curtas demais e os tornozelos descobertos. Tinha aberto a porta e já saía do apartamento quando, num súbito impulso, voltou a entrar.

— Tela, sou Ingrid — disse, forçando a voz para que soasse mais aguda.

Era um nome que tinha sido moda há algumas décadas, e havia uma ridícula quantidade de Ingrids pululando por aí: talvez Lizard tivesse autorizado alguma. Enfim, era só para comprovar a facilidade com que o homem concedia seus privilégios domésticos.

— Você não é Ingrid. Você é Bruna Husky. Como posso ajudá-la? — respondeu a voz eletrônica em imperturbável amabilidade.

Os computadores de última geração eram bichos difíceis de enganar.

Saiu para uma Madri congelada, que parecia envolta em renda branca. Só os carros circulavam, e metade das esteiras rolantes não funcionava, apesar das quadrilhas de operadores que tentavam descongelá-las com pistolas de vapor. O



chão estava crocante e escorregadio até para ela, que tinha o sentido de equilíbrio e a coordenação motora geneticamente reforçados. Aqui e ali, os humanos carentes dessas melhorias levavam tombos fragorosos: “Esse também pode ser outro motivo para odiarem os reps”, pensou a androide, com acidez. A volumosa roupa térmica e os grandes capuzes tinham a vantagem de unificar as pessoas, e ainda mais se usavam, como ela, óculos escuros para mitigar o resplendor. Era praticamente impossível reconhecer que tipo de senciente era cada um, o que supunha um alívio, porque as telas continuavam fervendo de ódio apesar do frio reinante, e por todo lado se falava de uma iminente crise dentro do Governo Regional. O metrô circulava normalmente, mas devia estar abarrotado, e a Bruna não agradou a ideia de se confinar num espaço pequeno com uma horda de humanos furibundos, de modo que decidiu ir andando até o hotel Majestic. Os termômetros marcavam 23°C negativos. Não era de estranhar que houvesse tão pouca gente caminhando e que os operadores das esteiras rolantes parecessem se mover com irreal lentidão de astronautas em gravidade zero, inflados e entorpecidos como estavam por capas e mais capas de baratos tecidos térmicos. Mas o céu era uma laca chinesa de um azul intenso e contrastava maravilhosamente com o branco ainda impoluto da neve recém-caída. Não havia vento algum e o frio era uma presença silenciosa e colossal. Bruna começou a desfrutar do passeio.

Por que os assassinos do memorista pirata não a tinham matado? Tiveram a oportunidade de fazê-lo, é claro. E, se não queriam matá-la, por que a agrediram? Poderiam ter saído sem dificuldades e sem ter sido vistos; para que se arriscar atacando-a? Queriam assustá-la? Pretendiam feri-la com gravidade suficiente para tirá-la da jogada? Ou talvez o tenham feito para lhe roubar a arma? Essa possibilidade era inquietante: teria que se atrever a perguntar a Lizard se havia encontrado sua pistola de plasma. Por outro lado, quem sabia que ela iria se encontrar com o memorista assassinado? Sem dúvida, Pablo Nopal. Mas lhe parecia absurdo e desnecessariamente rebuscado montar todo aquele cenário, conseguir uma reunião com o memorista pirata, emprestar-lhe sua própria casa, assassinar o sujeito enquanto ela estava presente e depois ainda lhe dar uma surra. Não lhe parecia lógico que Nopal tivesse imaginado aquele roteiro complicadíssimo, quando poderia seguramente ter executado seu plano em outras ocasiões e de forma muito mais simples... Ou talvez não. E se o pirata não confiava nele? E se Nopal o fez ir a sua casa usando-a como isca? E se o ataque posterior sofrido por ela não passava de uma cortina de fumaça para dissimular o assassinato? E, afinal de contas, não era Nopal um especialista em escrever

roteiros complicados? Além de ser também um perito assassino, segundo Lizard. Mas tampouco Paul estava fora de suspeita, aquele Paul inquietante que aparecia e desaparecia sempre nos momentos mais oportunos, aquele gigante impenetrável que já a salvara duas vezes de enigmáticos assaltantes. Duas vezes em menos de uma semana. Coincidência demais, diria o memorista. Sem mencionar sua estranha amabilidade, as propostas de colaboração, a amizade não pedida que parecia oferecer. E por que a drogara na noite anterior? O que fez durante as horas em que ela dormia? Com certeza, revistou seus pertences: assim devia ter encontrado o celular de Mirari. Teria ido também revistar sua casa? Talvez até os quartos do hotel? Saberia o intrumetido Lizard da existência de Annie Heart, de seu trabalho de *olheira*, das acomodações que alugara no Majestic? A polícia também estava infiltrada, como tinha dito Myriam Chi. E era claro que estava. Aquela era uma operação de alcance gigantesco.

Quatro anos, três meses e 13 dias. Pensar na possível ou até mesmo provável traição do inspetor deixava-a transtornada. Deixava-a outra vez sozinha consigo mesma, com seu tempo limitado e sua condenação à morte, tão sozinha quanto os ursos selvagens antes que se extinguissem, como lhe explicara Virgínio Nissen na última sessão. Bruna se lembrara agora do psicoguiá porque passava perto do Mercado de Saúde em que Nissen tinha um consultório. Movida por um impulso repentino, a rep mudou de direção e se encaminhou ao mercado. Poucos metros antes da porta, cruzou com uma humana jovem que saía chorando e a roçou ao passar com o vento quente de sua dor. Cada um carregando sua pequena bagagem, como dizia Yiannis.

Nas galerias do mercado não havia muita gente, e pelo menos um terço das lojas estava fechado: era provável que os responsáveis não tivessem conseguido chegar por causa da neve. Mesmo assim, a rep percebeu pelo menos duas novidades desde sua última visita. A primeira era que tinham aberto um local de *Memofree*, a popular franquia de apagadores de memória. Embora a manipulação da memória fosse uma tecnologia com quase cem anos de antiguidade, *Memofree* empregava a moderna e revolucionária máquina que fora inventada pelo turco Gay Ximen. O grande achado de Ximen consistira em baratear os custos de tal modo que colocara o procedimento ao alcance do grande público. *Apagamento seletivo de memória a partir de trezentas gaias*, apregoavam as letras luminosas da tabuleta, ainda que Bruna soubesse que se desfazer das lembranças maiores e complexas que afetavam diversas zonas do cérebro podia chegar a custar seis ou sete mil geses. “Rápido, permanente, seguro e indolor: esqueça os sofrimentos sem sofrer. Compatibilidade total com

os tecno-humanos.” Já há uns dez anos a Ximen33 varria as cabeças de muita gente, e havia pessoas viciadas na máquina que, patologicamente incapazes de suportar o menor mal-estar, compareciam uma vez por mês para extirpar pequenas espinhas da memória: uma discussão desagradável, um amante passageiro que prefeririam não ter tido, uma festa na qual não brilharam como esperavam. Mas havia também indivíduos que, embora carregassem uma pedra no coração, se negavam a fazer uso da máquina. Como Yiannis. Ou como ela mesma. Ela queria continuar a se lembrar de Merlin, embora doesse. A humana que saía chorando do mercado talvez fosse alguém que havia sido deixada para trás no último instante e que preferira continuar abraçada ao seu sofrimento. “Nossa dor também é o que somos”, pensou Bruna. “Funciona! 100% garantido.”

A outra novidade era uma exposição de arte que haviam montado no andar térreo do mercado. Era arte alienígena, concretamente gnés, talvez patrocinada pelo médico dessa espécie que tinha consultório no primeiro piso. Os quadros, magníficas holografias surrealistas, flutuavam a meia altura do vestibulo central. Tratava-se de umas obras enormes, de quatro por quatro metros ou maiores, perfeita e absolutamente negras. Retângulos de pesada e contínua escuridão que à primeira vista pareciam todos iguais, mas depois, quando observados de perto, revelavam-se sutilmente diferentes, vertiginosos e revolteantes em seu negrume. Eram trevas cheias de movimento e de luz, telas inquietantemente estranhas. O pintor se chamava Sulagnés e, se olhados com atenção, os brilhos negros que pareciam se mover dentro dos quadros formavam e repetiam incessantemente a mesma frase:

*Agg'ié nagné 'eggins anyg g nein'yié.*

Bruna dirigiu o foco do celular para as letras, e a tela curva que envolvia seu punho traduziu instantaneamente as palavras:

*O que faço é o que me ensina o que estou buscando.*

“Bonito”, pensou a rep, impressionada com a reflexão do alienígena. Era assim, era exatamente assim. Assim era seu trabalho como detetive, e assim era a vida. Era vertiginoso descobrir que a cabeça de um *bicho* pudesse se revelar tão próxima. Amplos abismos interestelares pulverizados pelo mágico poder de um pequeno pensamento compartilhado.

Arrancou-se da contemplação dos quadros com alguma contrariedade e foi até a tenda de tatuagens essenciais: na verdade, decidira se encaminhar para o mercado porque queria falar com Natvel. Por sorte, o lugar estava aberto: ao entrar, reconheceu o cheiro de laranja, a penumbra dourada, o ambiente calmo e silencioso. Tudo estava tão exatamente igual à sua primeira visita que parecia ter dado um salto no tempo. Uma vez mais a cortina de contas soou com rumor cristalino ao deixar passar o diminuto, porém sólido corpo da tatuadora. Ou do tatuador.

— Eu sabia que você voltaria — trovejou Natvel, com seu vozeirão de barítono.

E em seu belo rosto de ídolo oriental desenhou-se um sorriso muito feminino.

— Ah, é?

Bruna simpatizava com o essencialista, mas suas presunções xamânicas lhe davam nos nervos. Agora mesmo detectara no tom de Natvel uma solenidade triunfal que não augurava nada de bom.

— Sabia que você iria acabar querendo conhecer seu desenho interior.

— Ah! Fantástico, mas...

— Eu sei quem você é, sei o que você quer.

— Me alegre, mas não quero saber. Não foi por isso que vim.

Natvel suspirou e cruzou as mãos sobre a barriga. Era a própria imagem da paciência. Um pequeno Buda imperturbável.

— Só queria lhe perguntar uma coisa: as tatuagens labáricas de poder são feitas com laser?

A pergunta estimulou a essencialista o suficiente para tirá-la de sua impavidez.

— Pelo alento universal, é claro que não! Nenhuma tatuagem de energia pode usar esse instrumento tosco.

— Tatuagem de energia?

— É aquela capaz de transformar ou perturbar quem a tem... Sinais vivos que alteram a vida. Há energias positivas, como a tatuagem essencial, e negativas, como a caligrafia de poder labárica; mas em qualquer caso está demonstrado que o laser interrompe o fluxo de energia.

— Entendo. Então, se alguém faz uma tatuagem com laser empregando a grafia de poder labárica...

— ...seria uma clara e grosseira imitação. Uma fraude. E a tatuagem não faria qualquer efeito.

— E quem poderia fazer algo assim?

Natvel franziu a testa enquanto coçava distraída e energicamente o ouvido com o indicador. Depois escrutinou a ponta do dedo, torcendo-o um pouco, e limpou a cera na túnica.

— Pois não muita gente. Em primeiro lugar, a caligrafia labárica de poder não é conhecida. É um segredo bem-guardado. Em toda a minha vida só vi duas palavras escritas com essas letras. Uma delas há anos, e não consegui copiá-la. E a outra foi o nome de Jonathan que lhe ensinei no outro dia. De modo que, embora todo mundo tenha ouvido falar dessa caligrafia maligna, quase ninguém sabe realmente como é. Mas você reconheceu o desenho, não?

Bruna refletiu um segundo: claro. O *A* de vingança era exatamente igual ao *A* de Jonathan.

— Foi.

— Então é alguém que conhece o alfabeto, e posso garantir que esse é um conhecimento muito pouco comum. Por outro lado, ninguém em seu juízo perfeito se dedicaria a falsificar a grafia labárica... Trata-se de uma caligrafia feroz e poderosa, e pode acontecer algo bastante ruim a quem se mete nisso...

— Bem, suponho que isso indica que quem o fez não é uma pessoa que acredite nessas... — Bruna ia dizer besteiradas, mas se conteve a tempo — ...nessas coisas esotéricas.

— Ah, não, dá na mesma se você acredita ou não acredita. Eu já lhe disse que a caligrafia de poder é um segredo bem-guardado. Se você faz com ela algo inadequado, corre o risco de receber uma visita desagradável dos labáricos... que, por si só, já são bastante desagradáveis nos seus melhores momentos. Por que você acha que não pus a tatuagem de Jonathan nas telas públicas? Por que acha que não o mandei ao Arquivo? Como você viu, não faço dela um mistério, não me importo de mostrar a palavra. Mas daí a publicá-la, a revelá-la oficialmente... digamos que eu me cuido.

Parecia uma observação sensata. De modo que deveria se tratar de alguém ou muito inconsciente dos riscos, coisa improvável, considerando o tamanho da operação, ou então suficientemente poderoso para não temer as represálias daquela espécie de seita mafiosa que eram os *únicos*. E quem poderia se sentir a salvo deles na Terra? O planeta inteiro estava infestado por um pulular de esbirros e espíões procedentes do Cosmos e do Reino de Labari. Agentes duplos e triplos que se aproveitavam das debilidades do Estado terrícola, ainda por demais desestruturado depois da Unificação e cheio de buracos na segurança, como todos os sistemas democráticos.

— Você realmente não quer saber? — perguntou Natvel.

- O quê?
- Não quer saber quem é?
- Sei perfeitamente quem sou.
- Duvido.

E Bruna, mortificada, foi obrigada a reconhecer com seus botões que, na verdade, estava longe de ter respostas muito claras. Mas jamais o admitiria.

— Natvel, obrigada pela sua colaboração, mais uma vez você foi muito amável e muito útil, mas prefiro que você não me conte isso que diz ver em mim.

- Seu desenho essencial. Sua forma. O que você é.
- Isso. Dá na mesma. Não quero saber.

— Se realmente desse na mesma, você não se importaria que eu dissesse. Há uma parte de você que acredita. Por isso tem medo.

“Não me irrite”, pensou Bruna irritada. “Não me irrite.”

- Preciso ir. Muito obrigada de novo.

Sorriu, apenas uma pequena careta seca, e saiu da tenda às pressas. Às suas costas ainda ouviu as palavras da essencialista:

— Essa linha que atravessa seu corpo! Não só a divide: é também uma corda que a prende...

A porta da loja, de dobradiças antigas, bateu com excessiva força na ombreira ao se fechar atrás de Bruna. Natvel era um bom sujeito, mas os visionários davam nos nervos da detetive.

Saiu do Mercado da Saúde e se dirigiu ao Majestic em passo de marcha, embora as costelas lesionadas a beliscassem um pouco. O ar estava tão denso e frio que parecia ter certa consistência material, era um ar no qual seu corpo abria caminho como um barco através de um mar de gelo. Andava olhando para o chão, concentrada no caminho, quando seus ouvidos captaram uma frase chocante:

- ...e já era hora de cair esse governo que estava nos levando à catástrofe...

Levantou a cabeça: era uma mensagem numa tela pública. Todas as telas vomitavam furiosas declarações pessoais contra Inmaculada Cruz, a eterna presidente regional. Bruna ativou no celular as últimas notícias e se inteirou de que a crise governamental que se gestava nos últimos dias havia explodido em plena frente polar. A presidente Cruz se demitira, e um obscuro político chamado Chem Conés assumira provisoriamente o cargo. A detetive *wikeou* o nome de Conés e viu sua biografia: extremista, especista, um discípulo de Herício... Sua primeira disposição como presidente em exercício fora afastar de seus cargos todos os reps

que havia no governo. “É uma medida temporária, para protegê-los e para nos proteger; estamos investigando a existência de uma possível conspiração tecnohumana e ainda não sabemos se entre nossos companheiros de governo pode haver algum implicado. Se nada fizeram de mal, não têm por que se inquietar; mas, para aqueles que pretendam nos enganar, devo dizer que chegaremos às últimas consequências”, trovejava o sujeito diante de uma nuvem de jornalistas. Em outras telas, via-se Hericio saudar triunfalmente uma multidão. “O líder do PSH é o único que pode nos salvar nestes momentos de perigo”, declarava Maria Lucrecia Wang, a famosa autora de novelas interativas. “Só confio em Hericio”, dizia o futebolista Lolo Baño. A androide estremeceu: “Por todos os mártires reps, que diabos está acontecendo?” De repente, o líder supremacista tinha deixado de ser um personagem grotesco e marginal para se converter na grande esperança branca. Inspirou com ansiedade um profundo hausto de ar gelado, porque se sentia asfisiada. Tinha a angustiante e quase física sensação de que a realidade se fechava pouco a pouco ao seu redor, como uma jaula.

Entrou no hotel, foi para o quarto de Annie e, antes de se maquiar, falou com Lizard e explicou a ele o que Natvel lhe dissera a respeito da grafia labárica. O inspetor estava sério e taciturno; quando terminou de lhe contar a visita à essencialista, abateu-se sobre eles um longo e incômodo silêncio.

— E mais nada? — disse Paul ao fim.

— Isso foi tudo o que Natvel me disse.

— Mas você não quer me dizer mais nada?

— O que você quer que eu diga?

— Não sei, você é quem sabe... sobre o celular ilegal, sobre o que você está fazendo... por exemplo, o que está fazendo agora no hotel Majestic?

Bruna se enfureceu.

— Estou cheia disso de você me rastrear.

Paul olhou-a com severidade.

— Bruna, as coisas estão muito ruins, não sei se você se dá conta. Estão muito ruins de modo geral, e estão ruins para você... Encontramos Dani morta...

— Dani? E quem é Dani? Outra vítima rep?

O rosto de uma humana apareceu na tela.

— Você não sabe quem é, Bruna?

Sim, sabia... ou deveria saber. Aquela cara lhe dizia alguma coisa. A androide cobriu os olhos com as mãos e fez um esforço de memória. Reconstruiu os traços da mulher na escuridão de sua cabeça e imaginou-os móveis e vivos. E então a reconheceu. Destapou o rosto e olhou para Paul.

— É uma das pessoas que me atacaram na outra noite, quando eu voltava para casa... É a mulher que parecia liderar o grupo.

Paul assentiu com a cabeça, lentamente.

— Dani Kohn. Uma ativista especista. E uma garota de boa família. A filha de Phi Kohn Reyes, a diretora-geral de Águas Limpas. Uma empresária multimilionária. Um peixe gordo. Estão nos infernizando com sua morte.

Voltaram a ficar em silêncio por uns instantes.

— Quando foi a última vez que você a viu, Bruna?

A rep se pôs em guarda. Um frêmito de medo e ira lhe subiu à garganta.

— Quando quis quebrar a minha cabeça naquela noite. Foi a última vez que vi essa indivíduo. Que pergunta é essa? O que você está insinuando? O que está procurando, Lizard?

— Ela foi morta com uma pequena pistola de plasma... Com a sua pistola, Bruna. Está cheia das suas digitais e do seu DNA.

Bruna deixou escapar o ar que, sem se dar conta, estava prendendo. Um suor frio se estendeu como uma mancha pelas suas costas.

— Ah! A pistola. É verdade. Eu tinha uma pistola de plasma. Uma arma ilegal, certo. Confesso. Mas me roubaram. Ontem à noite, quando os assassinos do memorista me atacaram. E agora acho que é provável que tenham me atacado por isso. Para pegar minha arma e poder me culpar.

Paul cabeceou, apertando os lábios. Uma intensa emoção lhe endurecia os traços. Raiva contida, talvez. Ou seria tristeza?

— Eu não deveria ter lhe contado tudo isso. Você é suspeita. Sei que você não disparou em Dani porque ela morreu nesta madrugada, e naquela hora você estava na minha casa, dormindo, sedada, comigo...

Aquele *comigo* provocou na rep uma estranha sensação no estômago.

— Mas você me esconde coisas, Bruna. Eu não deveria confiar em você. Talvez seja verdade que há uma conspiração tecno em marcha, quem sabe? Desconfio igualmente de humanos e de reps. Todos podemos ser igualmente filhos da puta. Assim, pode ser que você queira me matar...

— Ou pode ser que o que está acontecendo é que alguém está me jogando numa armadilha.

— É. Essa seria a hipótese mais satisfatória. O mal é que desconfio das hipóteses satisfatórias. Temos a tendência de acreditar nelas acima do que nos diz a razão.

— Talvez... Talvez seja mais sensato. Quando me atacaram, me lembro de ter disparado o plasma. Talvez Dani fizesse parte do grupo atacante, talvez eu a tenha



ferido naquele momento e ela morreu horas depois...

— Ela foi executada, Bruna. Um tiro à queima-roupa por trás da cabeça, perto da orelha. Morte instantânea. E aconteceu por volta das cinco da manhã.

— Então...

— Então pare de mentir e me conte tudo.

Como explicar que não confiava nele, como explicar que de certa forma tinha medo dele? E, no entanto...

Bruna respirou fundo e disse tudo o que Lizard ainda não sabia. Falou de Annie Heart e de seu encontro com Hericio como quem se deixa cair numa ladeira gelada, segurando a vertigem e o medo de se espatifar ao chegar embaixo.

— Quem sabia do seu encontro com o memorista pirata?

— Já pensei nisso... Nopal, é claro... E Habib... mas não sabia nem o dia, nem a hora, nem o endereço. E meu amigo Yiannis, mas ele está fora de qualquer suspeita.

“E você”, pensou. “Você também sabia, Lizard.”

— Não há ninguém fora de qualquer suspeita — grunhiu o homem.

Foi a última coisa que disse antes de cortar a ligação, e a frase deixou na androide um poço de inquietação. Na mesma hora se lembrou de Maio. O alienígena era capaz de ler seus pensamentos e, por isso, poderia ter captado os dados de seu encontro com o memorista. Além disso, vinha de uma civilização extragaláctica... um mundo remoto para o qual poderia se retirar sem medo das represálias dos esbirros labáricos. Sim, é claro, supostamente Maio era um exilado político e correria perigo se regressasse ao seu planeta, mas... até que ponto poderia acreditar nele? E além do mais, o que sabiam os terrícolas a respeito dos *bichos*? E se os alienígenas estivessem tentando atizar a violência entre espécies para desestabilizar a Terra e assim poder colonizá-la, como afirmavam os grupos xenófobos? Bruna se envergonhou de seus pensamentos e empurrou aquele medo irracional até sepultá-lo no fundo de sua consciência: não era provável que a imensa distância que separava os mundos fomentasse uma aventura colonialista. Mas continuava sendo possível que Maio estivesse implicado em alguma conspiração. Por dinheiro, por exemplo. Agora que pensava, não era surpreendente que o omaá tivesse aparecido de repente em sua cama? E o que dizer de sua insistência em montar guarda no portão? “Pelo grande Morlay, que mundo paranoico!”, disse Bruna consigo mesma, exausta: não só desconfiava consecutivamente de todos, como também bastava que alguém a tivesse tratado com afeto para que se tornasse ainda mais suspeito.

Sentiu falta de seu grande quebra-cabeça meio montado: precisava relaxar, e o *puzzle* era a melhor maneira de se desconectar com rapidez. De qualquer modo, não lhe sobrava muito tempo, então se maquiou com cuidado e colocou a peruca de Annie Heart. Envolta no roupão do hotel, entrou pelo celular numa loja Express e comprou uma roupa térmica para sua personagem. Enquanto esperava a chegada do robô, falou com Yiannis e mandou uma mensagem a Habib: os dois estavam muito preocupados com a situação política.

A roupa demorou apenas vinte minutos: as lojas Express eram caras, mas eficientes. Vestiu-se com um macacão cor-de-rosa combinando com uma jaqueta acolchoada que lhe pareceu abominável, mas que com toda certeza a loura Annie adoraria, e tirou do cofre do quarto seus dois colares, um detalhe perfeccionista que trouxera para a ocasião: nada como uma joia para coroar seu disfarce de garota convencional e intensa. Descartou logo o leve peitoral de ouro, que não combinava com a roupa térmica, e escolheu a outra peça, sua preferida: um antigo *netsuke* de marfim, um homenzinho sorridente com um saco sobre o ombro, pendurado num fio de rubis e pequenas contas de ouro. O colar fazia parte de seu pacote de recordações falsas: supostamente, lhe tinha sido dado por sua mãe, antes de morrer. Era um objeto estranho, porque a doação de souvenirs dos tecno-humanos era sempre formada por objetos simples e comuns: brinquedos infantis, holografias, anéis baratos. Entretanto, Bruna havia levado o *netsuke* a um especialista, que atestara ser chinês autêntico e da época Ming. Uma joia luxuosa demais. Mas não era o valor econômico que Bruna apreciava, e sim sua graciosa raridade, e também a emoção que despertava nela. Mesmo sabendo que sua mãe jamais existira, não podia evitar ter pelo *netsuke* um carinho que parecia vir do mais profundo de sua impossível infância. Quando trazia consigo o homenzinho do saco, a replicante se sentia protegida. E precisava se proteger para enfrentar aquele Hericio ultimamente tão agigantado. Colocou o colar, certificando-se de que o fecho estava bem-travado, e, depois de uma última e satisfatória olhada no espelho, desceu ao bar do hotel equilibrando-se nos altos saltos antideslizantes de suas sedutoras botas de neve, também cor-de-rosa e horrendas.

Quando se sentou no tamborete do balcão eram 15h40. O bar estava vazio, e o garçom bailou solícito até ela. Bruna pediu vodca com limão e uma pilha de sanduíches frios, que começou a devorar às pressas: não queria que a entrevista com Hericio a pegasse desmaiando de fome. Quando Serra chegou, ainda restava um no prato.

— Annie Heart, a enigmática — disse o supremacista, à guisa de cumprimento.

Não parecia muito contente.

— Você não está me aprontando alguma, não é, Annie? Eu não gostaria nada se estivesse...

— E por que você acha que vou aprontar? Quer um sanduíche?

Serra negou com a cabeça. Não tirava os olhos dela.

— Melhor — disse a rep, engolindo com deleite o canapé.

Era de queijo e nozes. “Bartolo teria gostado”, pensou, absurdamente.

— O que aconteceu com você?

— Quando? — balbuciou, com a boca cheia.

— Isto. E isto. Você está cheia de hematomas.

A detetive dedicou-se a mastigar e engolir. Depois respondeu com secura:

— Um acidente.

— Que tipo de acidente?

— De trânsito.

— Você foi atropelada por um carro?

— Fui atropelada pelos punhos de dois tecnos.

Serra olhou-a com atenção, em dúvida, mas impressionado.

— Sério?

— Bem... A verdade é que eu os tinha mandado sair do meu caminho... Mandeí descerem da esteira rolante.

— E?

— Não desceram.

— Por isso você não atendia o telefone...

— Estava no hospital.

— Você os denunciou?

— Não. Para quê? Esses juízes *chuparreps* nunca fazem nada. As coisas são assim, você sabe. Impunidade total para os monstros.

— Você sabe quem são? Me diga e você vai ver aonde vai parar a impunidade — fanfarreou Serra, estufando o peito.

— Não. Você pode me fazer uma coisa bem melhor... Pode me conseguir uma pistola de plasma.

— Uma pistola? Essas palavras são mais sérias.

— Mas tenho certeza de que, se alguém pode conseguir uma arma, esse alguém é você — bajulou Bruna.

O homem apreciou visivelmente o elogio e se aprumou todo.

— Bem, não sei. Não é fácil.

— Preciso dela. Preciso dessa pistola, você não vê? Um plasma pequeno, só isso, nada maior. E, claro, estou disposta a pagar o que custar. Você vai deixar que voltem a me pegar impunemente, quando você poderia ter evitado? A vida está ficando violenta demais, e o futuro próximo promete ser pior... Todos nós, humanos de bem, deveríamos andar armados.

Serra concordou com a cabeça.

— É. Isso é verdade. Está no nosso programa. Reclamamos nosso direito de nos defendermos. Bem, verei o que posso fazer. E agora vamos. Hericio está esperando.

Bruna se levantou. Era uma cabeça mais alta do que o lugar-tenente. Pôs a mão no peito inflado do homem.

— Mas você tem que me conseguir uma, e já... Vou amanhã para Nova Barcelona.

E, para reforçar o pedido, Bruna-Annie recostou por um instante a cabeça no ombro do sujeito, ainda que para isso precisasse se agachar.

— Você vai me ajudar, promete? — disse, fazendo charme.

Serra lançou ao mundo um presunçoso sorriso de superioridade.

— Vou, mulher. Fique tranquila, você vai ter a sua pistolinha.

E, agarrando Bruna pelo cotovelo, com ares de feliz proprietário, tirou-a do bar.

O que se precisava fazer para conseguir uma arma...

**BRUNA ACHAVA QUE O ENCONTRO SERIA EM** algum lugar distante e tranquilo, mas se dirigiram à sede do PSH. Que naqueles tempos não era exatamente o lugar mais discreto da cidade. Uma multidão se comprimia diante do portão, apesar do frio reinante: jornalistas, policiais e simpatizantes de todo tipo e condição. De repente, os partidários do supremacismo pareciam ter se multiplicado em proporção geométrica. Na calçada da frente, duas dezenas de apocalípticos tocavam tambores e anunciavam com inusitada alegria o fim do mundo. Serra abriu caminho na aglomeração com empurrões eficientes, e a androide foi seguindo atrás dele. Passaram sem problemas pelo cordão policial e depois pela linha de segurança do partido, composta por rapazes muito jovens e muito nervosos. Ao passar, o lugar-tenente lhes disse, com arrogância, que se mantivessem bem alertas; era uma ordem desnecessária, mas o homem estava desfrutando da facilidade com que lhe eram abertas as portas vedadas a outros, do tumulto de espectadores que o contemplavam, do fato de fazer parte dos mandantes de um partido que da noite para o dia se convertera num produto de primeira grandeza. Parecia ter crescido um palmo, de tão empertigado que caminhava, ombros para trás, pescoço altivo. Acima de suas cabeças, uma das telas públicas refletia suas imagens enquanto entravam: alguns dos presentes mandavam as imagens. Serra se pavoneou e enrugou um pouco mais a testa, interpretando com pompa seu papel de **Político Importante Muito Preocupado Com A Situação**.

— A coisa está pegando fogo — comentou, já dentro do saguão.

E não conseguiu evitar que escapasse um sorriso abobalhado.

Era um sórdido edifício de escritórios, e o PSH ficava no quarto andar, num espaço grande e caindo aos pedaços, com corredores retorcidos e estreitos cubículos por toda parte. A porta do hall ficava aberta, e montes de pessoas entravam e saíam. Reinava um ambiente de atividade caótica e frenética.

— Siga-me.

Atravessaram um emaranhado de divisórias de correr ordinárias e espaços interiores sem janelas, iluminados por lâmpadas mortíferas de luz residual.

— Isto é um labirinto. Nos serviu até agora, e o aluguel é barato. Mas, com a dimensão que isto está finalmente assumindo, teremos que nos mudar para um lugar mais adequado...

Chegaram a um escritório melhor mobiliado e se detiveram na frente da mesa de um garoto com o peito cruzado por correias e duas pistolas de plasma debaixo dos braços. “Que descaramento”, pensou Bruna: “Como se sentem poderosos!”

— Ele está à nossa espera — grunhiu Serra.

O garoto assentiu sem nada dizer e tocou a tela de seu celular. Atrás dele, uma porta blindada se abriu com um chiado.

— Entre sozinha. Quando sair, pergunte por mim — disse o lugar-tenente.

Do outro lado da porta havia um corredor curto, e no final uma segunda folha blindada, que desbloqueou quando ela se aproximou. Abriu-a. O gabinete de Hericio era grande, retangular, com outras duas portas à direita e uma grande janela. O homem estava perto dela, de pé, olhando pensativo para fora, e a androide teve a sensação de que se tratava de uma cena preparada para ela, de que Hericio também estava representando a si mesmo, como Serra, no papel de Líder Contemplando Serenamente Sua Responsabilidade Histórica. Bruna cruzou o aposento rebolando ostensivamente, imersa em sua personalidade de Annie Destruidora: “Se é para representar”, pensou, “representemos todos”.

— Annie, Annie Heart... Finalmente a conheço — disse o sujeito, estendendo-lhe a mão. — Venha, vamos nos sentar ali, ficaremos mais à vontade.

Instalaram-se nas poltronas de couro sintético. A janela, Bruna observou, era falsa. Não passava de uma projeção em moto-contínuo de uma rua, semelhante às imagens da casa do memorista pirata, ou melhor, da casa de Pablo Nopal. Na verdade, o gabinete era como uma câmara encouraçada, com todas as portas blindadas e sem aberturas para o exterior. A janela simulada, o couro artificial e o líder falso.

— Tenho ouvido que você quer fazer uma doação ao partido... Desculpe-me entrar tão depressa no assunto, mas, como verá, estou muito ocupado. As coisas andam bem rápido, e não tenho tempo a perder... — disse, pomposo.

Logo ouviu suas próprias palavras e talvez tenha pensado que havia sido grosseiro demais.

— Quer dizer, não para perder, no seu caso, e sim para desfrutar, para relaxar, para conversar. Não tenho muito tempo para falar com você, coisa que lamento...

— Tudo bem, Hericio, eu compreendo. E agradeço por ter me recebido neste momento tão complicado. Mas você também precisa entender que eu queira me assegurar de que o meu dinheiro vá parar no lugar adequado.

— Pode ficar tranquila. Com o PeEfe, você saberá no que foi gasto até o último dos seus geses. Tudo irá parar no partido, naturalmente. É verdade que nossa autorização está a ponto de terminar... precisaríamos tramitar a sua contribuição dentro dos próximos dez dias...

— Isso não é problema, e não é isso o que me preocupa. Estou inclusive disposta a trazer dinheiro fora da lei... O que quero saber é se o PSH o merece... Se você o merece...

Hericio ergueu nervosamente o queixo, num tique raivoso.

— Você viu essa gente toda lá embaixo? Na rua? Toda essa gente que nos pede que intervenhamos e salvemos a situação? Veja, Annie Heart, anos atrás, quando estávamos fazendo a travessia do deserto, talvez tivéssemos precisado desesperadamente do seu apoio... Mas hoje... Foi você quem pediu para me ver. Se você quiser participar deste projeto transcendental, se quiser colaborar com este renascimento da humanidade, faça-o. E se não, pode sair tranquilamente por aquela porta.

O tom de voz do homem fora ficando enfático, e ele terminou sua peroração como se fosse um discurso. Por isso a havia recebido hoje e ali, na sede. Para impressioná-la com seu sucesso. Era um vendedor e estava vendendo seu partido em alta. A rep afovou os cabelos com a mão e sorriu, imperturbável.

— Pois a mim parece que lhe convém me convencer.

A atitude de Bruna desconcertou o político. O homem se recostou no espaldar da poltrona, juntou as pontas dos dedos como um pregador e a examinou, incrédulo.

— Pode-se saber de quanto dinheiro estamos falando?

— Dez milhões de geses.

Hericio teve um sobressalto.

— Você não dispõe dessa quantia, Annie.

— Não é só meu. Não contei a Serra porque é uma informação que não deve circular e não lhe interessa, mas por trás de mim há uma série de altos profissionais e empresários de Nova Barcelona... Gente bastante conhecida... Formamos um grupo supremacista de pressão, um grupo clandestino porque somos partidários da ação direta. Estamos cansados dos partidos tradicionais, que nos conduziram a esta situação de indignidade. Mas pensamos que o PSH talvez seja diferente... Temos acompanhado você, temos ouvido o que diz e gostado... E,

ao ver que você pedia um PeEfe, pensamos que seria uma boa oportunidade, e que isso poderia indicar que você planeja algo... Embora eu diga que ainda não estamos convencidos de que você seja realmente o nosso homem.

O rosto de Hericio era um catálogo de emoções conflitantes: vaidade, avidez, desconfiança, excitação, temor, indecisão. Ganhou a avidez.

— E o que eu precisaria fazer para convencê-los?

— Diga o que precisaria ter feito. Não acreditamos em palavras, mas em atos. Portanto me conte a que vocês, do PSH, realmente se dedicam.

O homem parecia estupefato.

— Não compreendo.

Bruna o olhou fixo.

— Então falemos claro. Em Nova Barcelona alguns de nós acreditamos que o PSH teve algo a ver com as últimas mortes dos replicantes... de Chi e dos outros.

Agora, ganhou a desconfiança. Hericio ficou tão nervoso que sua voz soou meio tom mais aguda.

— Estão nos acusando de assassinato?

— Só achamos que era uma campanha maravilhosamente bem-feita para aguçar o ressentimento e despertar a adormecida consciência das pessoas. Uma obra de arte da agitação social, na verdade.

— Quem é você para sair de repente do nada e nos acusar de uma coisa dessas?

— Eu não saí do nada. Me consta que vocês me investigaram com rigor. Sabem de toda a minha vida. Você sabe até do dinheiro que tenho no banco, pelo que vejo. Sou uma professora competente e conhecida. Agora sou eu quem diz o que você disse antes. Se você quiser, confie em mim e me demonstre que nós podemos confiar em você, e então os dez milhões serão seus. Mas, se não quiser, saio tranquilamente por aquela porta.

Hericio engoliu em seco.

— Não vejo esse negócio com muita clareza. Nem ao menos sei se você tem mesmo todo esse dinheiro.

— E eu não vejo com clareza se estamos realmente na mesma sintonia e se queremos a mesma coisa.

Houve um pequeno e pesado silêncio.

— Você está cheia de hematomas — disse o sujeito, apontando-a com o dedo.

— São marcas de nascença — respondeu a rep, com corrosivo sarcasmo.

O homem fitou-a com incredulidade, e voltou ao assunto.



— E o que você quer que eu diga, Annie? Festejei cada um dos assassinatos dos reps... e sobretudo o vergonhoso final daquela aberração da Chi. Cheguei mesmo a me alegrar, e negarei se você repetir isso em público, mas me alegrei com a matança de humanos provocada por aquela tecno que se explodiu... aquela Nabokov. Toda morte é uma tragédia, ainda mais se há crianças, como nesse caso, mas aquela carnificina foi fundamental para a conscientização das pessoas, e já se sabe que não há revolução sem vítimas... A bem da verdade, me parece um preço bastante barato se com isso nos salvamos da degeneração social. Mas nem o meu partido nem eu tivemos algo a ver com tudo isso.

— Estou percebendo. E, de agora em diante, o que pensam fazer?

— Liderar a mudança, é claro. Estamos em contato com outros grupos supremacistas em diversos pontos do planeta... Tem havido muitos movimentos reivindicativos no mundo, na última semana... Nada comparável ao nosso, mas é evidente que está se formando uma reação global contra tanta vergonha.

— Tudo isso está muito bem, mas estou falando de aqui e agora... De atos, não de palavras. Concretamente, qual vai ser o seu próximo passo? Porque agora é preciso um bom golpe de efeito... O toque final. Agora seria perfeito, por exemplo, que um rep assassinasse... Chem Conés, digamos. Chem é um dos seus discípulos, é um supremacista conhecido, e agora está na primeira linha de atualidade ao ter assumido interinamente a presidência da Região. Imagine só que formidável estímulo para a causa seria a morte dele...

Uma chispa de emoção atravessou o rosto de Herício como um feixe de luz. Bruna se inclinou para a frente e sussurrou:

— Nós poderíamos ajudá-lo com isso. Uma ajuda profissional, eficiente e segura...

Mas a luz já se apagara. O homem se levantou e começou a caminhar em círculos.

— Não vou dizer que você não tenha razão. Uma morte assim seria muito proveitosa. Um mártir. É, é isso, nosso movimento precisa de um mártir... — balbuciou.

Parou no meio do gabinete e olhou para ela.

— Mas não pode ser. Não pode ser. Jamais participarei de algo assim nem permitirei que o PSH participe. E você sabe por quê, Annie Heart? Sabe por quê? Não por falta de coragem ou de decisão. Não por melindres moralistas, porque sei muito bem que um mal menor é, de sobra, corrigido por um bem maior. Mas quando se faz algo assim se corre o risco de que acabem sabendo. Com certeza não ocorrerá na mesma ocasião; durante a vida se dá jeito para que tudo

permanença oculto. Mas e depois de morto? Depois chegam os historiadores e os arquivistas como abutres e reviram tudo. E eu tenho que cuidar do meu prestígio, você entende, Annie Heart? Estou destinado a ser uma das grandes figuras da história. Eu sou o regenerador da raça humana. O salvador da espécie. As futuras gerações falarão de mim com agradecimento e veneração. E eu preciso cuidar desse legado! Não devo dar argumentos ao inimigo já que não poderei estar aqui para me defender, para me explicar... Até agora não precisei sujar as mãos, e não vou começar neste momento, quando já alcancei as portas da posteridade.

“Ele está falando sério”, disse Bruna para si mesma, atônita. Tão atônita, de fato, que percebeu estar com a boca aberta e fechou-a. É claro que nunca havia esperado que o líder especista lhe confessasse abertamente sua participação no conluio: só quis tocar no assunto para ver como ele se portava. Jogar a rede nas águas revoltas, como dizia Merlin. Mas não esperava uma reação daquelas. O sujeito era inacreditável. Era um imbecil. Teve a intuição, quase a certeza, de que Hericio não tivera nada a ver com as mortes de Chi e dos outros reps. Ou isso, ou era um ator excepcional. De repente, sentiu que um anel de fogo lhe apertava a cabeça. Era o preço a pagar pela tensão de fingir ser quem não era e acompanhar as palavras daquele supremacista repugnante. De aparentar que odiava os reps e chegar a acreditar nisso um pouco, para ser convincente. Toda aquela dissociação lhe partira a cabeça. Quatro anos, três meses e 13 dias. Quatro anos, três meses e 13 dias.

— Muito bem. Acho que já tenho clara a sua posição — disse a androide, levantando-se.

— E o que... o que acontece com o dinheiro?

— Falarei com os outros — respondeu, de forma ambígua.

Hericio fechou a cara, contrito, despedindo-se mentalmente dos dez milhões.

— Poderíamos fazer muitas coisas juntos... — pontuou, já na porta, contemporizador.

— Poderíamos. Se você mudar de opinião sobre o que eu disse, deixe um recado em meu nome no hotel Majestic... Telefonarei todos os dias durante um mês para saber se há alguma coisa.

A porta se fechou às suas costas, e Bruna deu um pequeno suspiro de alívio. Atravessou o pequeno corredor e saiu para a antecâmara. O garoto das correias e pistolas continuava lá, mas o pior era que também havia Serra.

Pelo grande Morlay... a enxaqueca lhe martelava o crânio. O lugar-tenente se aproximou dela, maneiroso e meloso.

— Um robô vai entregar o que você queria no seu hotel, daqui a duas horas. Você terá que pagar com dinheiro vivo. Cinco lenços. Preço de amigo.

Quinhentos geses por uma pistola de plasma. Não era nada mal. Se funcionasse.

— Então pensei que poderíamos ir para o seu quarto esperar o robô... — cochichou, chegando perto.

Bruna lhe pôs uma mão no ombro e o afastou. Quis fazer isso com suavidade, mas estava cansada e deve ter sido brusca demais, porque o lugar-tenente se ouriçou.

— Qual é? Você já conseguiu tudo o que queria de mim e agora pretende me jogar fora? Está achando que eu sou uma pessoa com quem uma louca como você pode brincar?

Oh, oh, oh... Os estouros habituais. Batidas no peito de chimpanzé para assustar. Bruna respirou fundo e tentou se conter e se concentrar em meio às chicotadas de dor que lhe cruzavam a frente.

— Eu não pensaria em brincar com você, Serra. Acontece que não estou me sentindo bem. Minha cabeça está doendo demais. Agora, você tem duas opções: ou acredita e me deixa descansar e, se quiser, nos vemos amanhã à tarde, ou então pensa que essa é uma desculpa típica e faz uma cena, e arruinamos nossa diversão. A escolha é sua.

— Você ia embora amanhã.

— À noite.

Serra refletiu um instante, mal-humorado.

— É verdade que sua cara não está boa.

— É verdade que estou mal.

O tipo recuou e a deixou passar.

— Amanhã a que horas?

— Às quatro da tarde.

— Vou anular o envio do robô. Direi para ir amanhã à tarde — resmungou ele, com o indicador em riste.

— Faça como quiser — grunhiu Bruna, enquanto se afastava.

Ninguém a acompanhou, e ela se perdeu pelos intrincados corredores. Levou uma eternidade para encontrar a porta de saída e outra eternidade para atravessar a compacta e cada vez maior multidão que se aglomerava na rua.

Quando conseguiu chegar à esteira do outro lado da rua, apoiou-se na parede e vomitou.

— Arrepende-te, irmã: o mundo acaba dentro de quatro dias — trinou um apocalíptico perto dela.

Vomitou de novo. Aquela maldita dor de cabeça a estava matando.

**HERICIO FICOU OLHANDO PARA A PORTA POR** onde havia desaparecido a explosiva Annie Heart com algum desconolo. Era duro renunciar a dez milhões de geses, sobretudo agora que deveriam se mudar para uma sede melhor e adquirir o nível de representatividade exigida pela sua nova liderança social. “Mas princípios são princípios”, disse a si mesmo, enfático; e o fato de ter sido capaz de escolher e colocar a glória acima do vil dinheiro fez com que se sentisse sublime. Uma inesperada umidade lhe cobriu os olhos, um emocionado lacrimejar perante sua própria grandeza.

Então ouviu um levíssimo ruído às suas costas, um rumor de roupas ou de pés, e supôs que Ainhó estivesse ali e que voltara a entrar em seu gabinete pela porta traseira. Ficou irritado com aquela falta de oportunidade e se maldisse por lhe ter dado o código de acesso. No que estava pensando quando fez isso? Piscou diversas vezes para tentar secar depressa os olhos, reprimiu o mau humor e se virou. Ainhó o olhava sorridente, com os braços cruzados sobre o peito.

— Essa sua mania de entrar e sair como um fantasma começa a me aborrecer — disse o político, sem poder evitar uma gota de acidez.

— Você antes me agradecia a visita — respondeu Ainhó, sem desfazer o sorriso.

— É? Pode ser. Mas agora estou ocupado demais. Não sei se você percebeu, mas a situação mudou. Agora eu sou a solução, o renascimento, o futuro. As pessoas esperam grandes coisas de mim, e eu as darei a elas.

E ao dizer “as pessoas” havia movido o braço num gesto amplo e majestoso que parecia indicar a janela falsa, a cidade virtual que se via através da janela e quem sabe o mundo todo. Ainhó riu.

— Se eu percebi? Meu querido Hericio, mas se fui EU quem o colocou aí.

— Você? Eu estou na política há trinta anos! — indignou-se o homem.

— Trinta anos de ostracismo extraparlamentar.

— Isso é uma...!

— Está bem, está bem, eu retiro o que disse. E peço desculpas. Não quero discutir com você. Que a festa seja em paz. Amigos?

Ainhó lhe estendeu a mão, mas Hericio ainda estava irritado demais.

— Amigos? — precisou repetir.

Há poucas coisas mais violentas do que deixar alguém com a mão no ar, por isso o político transgiu e apertou-a, embora de má vontade e de cara fechada. Depois foi se sentar à escrivaninha. A mesa era imponente, e a cadeira, muito alta; faziam-no se sentir poderoso e desejava desconcertar o visitante.

— Muito bem. Eu já disse que estou muito ocupado. Para que você veio? O que quer?

Ainhó não se apressou para se instalar numa cadeira em frente ao político. Depois cruzou tranquilamente as pernas e voltou a sorrir.

— Digamos que seja uma visita de cortesia. Vim dar os parabéns por tudo de bom que se passa e ver como você está. Como você está, Hericio? — perguntou, com o que parecia um interesse genuíno.

— Maravilhosamente... É... Se bem que... me parece que... estou ficando... rouco.

“E agora isto”, pensou o supremacista, levando a mão à garganta. Estava cada vez mais amofinado.

— Sei... Rouquidão... Estou vendo. Pois voltando ao assunto: você não se lembra que eu disse que iria torná-lo famoso? Que o transformaria no homem da moda?

— Eu... não...

— Você sim, Hericio, você sim. Na época, bem que você se interessava quando eu falava. Concordamos em montar uma operação... Uma campanha para potencializar a sua imagem e a presença social do seu partido. Você não quis saber em que consistiria a campanha e fez muito bem. De qualquer maneira, eu também não teria contado.

— Me...

— Espere, desculpe por interromper. Se não se importa, vou tirar isto.

Ainhó levantou um pouco a manga direita do casaco e, agarrando um pedacinho da pele do punho, puxou-o e arrancou-o da mão. Parecia estar se despelandando, mas na verdade se tratava de uma finíssima luva transparente de dermossilicone. Guardou com cuidado a película num saco hermético e fechou-o.

— Ufa, que alívio! No fim essas coisas acabam dando alergia, por mais que digam... Voltando a nós, quero que você saiba que faz parte de uma extensa operação. Você achava que tinha me contratado, acreditava estar pagando uma campanha de imagem com aquela ridícula quantia em dinheiro que me deu...

Pobre infeliz! Eu não tenho trabalhado para você, e sim você para mim. Você é obra minha, fui eu quem o criou. E você não passa de um peão dentro de um plano grandioso. Tão grandioso que jamais poderia caber nessa sua cabeça de minhoca. Você não vai dizer nada?

— ...

— Pois é. Eu gostaria de acreditar que você se cala por estar abobalhado com a sua própria estupidez, mas receio que seja coisa do bloqueador neuromuscular que passei para você ao cumprimentá-lo com a mão enluvada. Os venenos de contato são incrivelmente antigos... Eram utilizados na Roma imperial, na Idade Média, no Renascimento... Nestes tempos hipertecnológicos de pistolas de plasma e jatos perfuradores de nitrogênio, pareceu-me elegante recorrer a algo clássico... Com um toque de modernidade, claro: é tetrapancurônio, um curare sintético e reforçado. Uma toxina fulminante. Em segundos, como você pode comprovar, está paralisado. Não consegue se mexer. Não consegue falar. Mas pode ver, ouvir... e sentir. Aos vinte minutos, a toxina acaba paralisando os músculos respiratórios, e o sujeito morre de asfixia. Mas não se preocupe, porque não chegaremos a isso. Está tudo claro até agora? Alguma pergunta?

— ...

— Hahaha, me desculpe a brincadeira de mau gosto. E me desculpe também porque eu estava espiando... antes... quando você falava com Bruna. Bem, você acha que é Annie Heart, mas na verdade ela se chama Bruna Husky e é... uma replicante! É claro que, se você não estivesse paralisado, teria um arrepio... Não detesta tê-la recebido aqui, no seu próprio gabinete? Ter conversado amavelmente com ela? Tê-la desejado? Porque com certeza você a desejou... tão louira, tão sexy, tão voluptuosa... Pois essa rep e você disseram uma coisa muito interessante: que a causa precisa de um mártir. E é verdade. Vocês têm razão.

Ainhó se levantou com calma e tirou do bolso interno do casaco uma volumosa fronha de polipele. Dentro havia um enorme facão de açougueiro. Rodeou a escrivaninha com a faca na mão e se aproximou do paralisado Hericio.

— Não é nada pessoal. E também não sou dessas pessoas que se comprazem ao fazer essas coisas. Não. Mas é o que se deve fazer, e eu faço. Porque para mim é muito claro aonde é preciso chegar. E é muito claro o caminho. Você já entendeu, agora vou usar este facão. Outra vez uma arma tradicional. Muito menos elegante do que o veneno, isso é óbvio, mas ainda mais antiga, elemental. Veja, você teve a má sorte de cair no meio do estouro da história e por isso vai ser pisoteado. Sinto muito, mas você é o mártir mais idôneo. E além disso o seu

martírio precisa ser indignante. Espetacular. Por isso estou fazendo isto... e isto... Mmmm... Tento me apressar, mas não é tão fácil, acredite... E, para piorar, a ferida fede... Blerg. Resta pouco. Acho que vou cortar mais um pouco por aqui... Pronto. E agora com a ponta da faca tiro as tripas... Aí está. Bem... Ficou fantástico. Bem parecido com o holograma ameaçador recebido por Myriam Chi... Você se lembra do que dizia há pouco? Aquilo de que um mal menor é corrigido de sobra por um bem maior? Pois você foi meu mal menor de hoje, meu pobre Hericio. Mas espere, não pode ser, você está mexendo um olho? Ah, não. Não há com que se preocupar. É só uma lágrima.



DEVERIA ESTAR CONTENTE, PORQUE ERA A resposta que buscava quando mandou seu memorando, mas, na verdade, se sentia amedrontado e nervoso. Yiannis sempre tinha sido um amante da ordem, um tipo meticuloso e legalista, e o fato de ter cometido não uma, mas duas faltas administrativas gigantescas, era algo que o deixava profundamente angustiado, por mais que tivesse violado as normas de propósito. Além disso, a reação havia sido muito mais fulminante do que se esperava, e isso também aumentava sua inquietação. Nem uma hora se passara desde o envio de seu texto quando o secretário da supervisora já o convocava para uma reunião de urgência naquela mesma tarde. Não se tratava de um encontro holográfico, mas sim de uma reunião ao vivo, coisa verdadeiramente inconcebível. E ainda por cima num sábado! Lá estava Yiannis agora, na antessala do gabinete da supervisora, sentado num moderníssimo sofá flutuante e esperando ser recebido. Assim se mantinha de plantão há quase uma hora, apesar da pressa que lhe impusera o secretário. Claro que podia ser algo premeditado... Uma tática de desgaste para deixá-lo ainda mais nervoso. Se era isso o que pretendiam com tanto tempo de espera, era preciso reconhecer que estavam conseguindo. Yiannis se remexeu no assento, e o sofá oscilou suavemente no ar, como uma cunha. Esses malditos móveis de design.

— Yiannis Liberopoulos? A senhora Yuliá está à sua espera.

Finalmente. O arquivista acompanhou a mocinha que tinha ido buscá-lo. Ela usava uma linha de implantes capilares descendo como um pincel sobre o longo pescoço, no estilo dos balabis. O penteado alienígena tinha virado moda entre os jovens terrícolas, e agora todos pareciam cavalos com as crinas recortadas.

— Entre, entre, amigo Yiannis. Sente-se, por favor.

Amigo Yiannis? Era a primeira vez na vida que via aquela mulher. Titubeou por alguns instantes sem saber muito bem onde se instalar, porque o cômodo estava decorado à última moda minimalista, com moveis etéreos e quase invisíveis. Decidiu-se enfim por uma linha de luz azulada e sentou-se nela com temeroso cuidado. A linha se adaptou a seu corpo e formou um encosto. A

supervisora ocupava outro assento parecido diante de uma mesa semitransparente que se fundia com a enorme tela circular. A decoração deveria ter custado milhões.

O arquivo, uma das instituições mais poderosas dos EUT, era propriedade da gigantesca empresa privada PPK, embora o Estado Central Planetário tivesse voz e voto no conselho diretor. E era sem dúvida um negócio fabuloso, visto que todos os cidadãos da Terra tinham que pagar um cânone a cada vez que acessavam as informações.

— Eu li o seu memorando e, em primeiro lugar, quero agradecer o seu interesse e zelo profissional. Porque estou certa de que o fez movido pelas melhores intenções. Mas vejamos... Em todo o tempo que tenho no cargo, ninguém havia recorrido ao protocolo de emergência CC/1. Não sei se você sabe que, ao se ativar o protocolo, é enviada automaticamente uma cópia da mensagem à administração central do Estado. E isso, eu vou ser sincera, nos aborrece muito... Agora virão os funcionários, nos farão uma investigação...

— Mas isso é muito bom, isso é perfeito. Precisamos que os serviços de segurança investiguem com urgência as irregularidades.

A supervisora torceu a cabeça para um lado, como um pássaro, e cravou o olhar no homem. Era uma mulher magra e fibrosa, com uns olhinhos duros que quase não piscavam.

— Ai, Yiannis, Yiannis... Não estou me explicando ou você não está me entendendo. O seu memorando é um equívoco. Um erro. Um excesso de zelo, precisamente.

Falava com doçura, como se o arquivista lhe desse pena, mas em sua voz vibrava um fio cortante.

— Excesso de zelo? Mas... como? Você realmente leu o que escrevi? E os outros documentos? É inegável que alguém está manipulando as entradas...

— Eu li tudo, estudei tudo, e meus peritos também estudaram tudo. Não há nada. Você está vendo fantasmas. Não há nada além de alguns errinhos sem importância aqui e ali. Enganos corriqueiros.

— Mas...

— Enganos corriqueiros! Muito mais grave do que esses erros ínfimos é o seu comportamento. Você tirou um artigo da cadeia de edição, interrompendo o fluxo de informações, e, o que é ainda pior, fez uma cópia privada e ilegal de um texto ainda não autorizado. É uma conduta inadmissível.

Yiannis sentiu que enrubescia. Não pôde deixar de se sentir um malfeitor: a ele também parecia inadmissível. Em sua boca começaram a se acumular

frases automáticas de remorsos e desculpas.

— Segundo a Lei Geral de Arquivos, fazer uma cópia ilegal pode ser considerado um ato de espionagem. Você poderia ser preso por isso — continuou a dizer a mulher.

A ameaça era tão exagerada e tão óbvia que Yiannis engoliu de uma só vez as desculpas que estava prestes a formular. Bufou indignado.

— Duvido que alguém me considere um espião. Eu a informei imediatamente a respeito do que havia feito. Só queria chamar o quanto antes a sua atenção, dada a gravidade do problema...

— Mas de que problema você está falando? Você está velho, Yiannis. Está cansado. Está vendo fantasmas. Você não disse que o professor Ras não existe? Veja...

A mulher tocou o computador, e uma cascata de imagens inundou a grande tela. Lembre Ras em sua casa em Nova Délhi, Lembre Ras numa conferência holográfica interplanetária, Lembre Ras recebendo o Nobel... Tudo bem que aquele homenzinho de pele azeitonada fosse realmente o professor Ras, como afirmavam os registros documentais que via. Yiannis ficou perplexo: naquela mesma manhã, apenas poucas horas antes, não havia nada com aquele nome na Rede. Nada. Não existia. E agora as informações se sucediam torrencialmente. Ele teve um momento de vertigem: então, seria verdade que tinha se enganado?

— Está vendo? Não há problema algum, Yiannis. O problema é você.

Não. Não era um erro. Era uma conspiração. Alguém falsificara todas aquelas imagens e as introduzira no sistema em pouquíssimas horas. Sentiu que sua vertigem aumentava. Parecia-lhe estar flutuando sobre um abismo.

— Se você não levar a sério a minha denúncia, falarei com o comitê de gestão... — disse, debilmente.

— Você não vai falar com ninguém, Yiannis Liberopoulos. Você está despedido. E, é claro, já confiscamos sua tela central.

— O quê? Meu computador? Vocês entraram na minha casa? Mas como se atreveram? — balbuciou o homem.

— Pelo artigo 7C/7 da Lei de Arquivos... Recuperação de material roubado. Fomos com a polícia. Tudo perfeitamente legal. E não olhe para o seu celular, porque também não está aí a cópia que você fez hoje pela manhã. Nós a apagamos por controle remoto, desde a matriz. Portanto você não tem nada. E tampouco trabalho. E ainda pode dar graças, porque não vamos denunciá-lo. E agora, se não se importa...

Yiannis se levantou como um cordeiro e saiu do gabinete e depois do edifício com gestos automáticos, sem ao menos saber para onde ia. Estava despedido. O Arquivo era a sua vida, e ele estava despedido. E ainda por cima tinham entrado em sua casa e lhe tirado o computador. E ademais estava acontecendo algo terrível... um golpe de Estado na Região, ou talvez no planeta. Sua cabeça dava voltas, e ele estava empapado em suor frio. Ia tão aturdido que não percebeu o carro que se aproximava devagar pela rua ainda coberta de neve. Um veículo escuro de vidros tingidos. Na verdade, não o viu até que estava em cima dele. Até que o carro rugiu e se lançou sobre ele como uma nuvem negra. Yiannis gritou, deu um pulo para trás, torceu um tornozelo; o carro derrapou, patinou no gelo e passou roçando-o: salvava-se por alguns centímetros. O arquivista ficou sem ar, fulminado por uma suspeita aterradora. “Tentou me matar”, pensou. “Querem me assassinar.”

Nesse momento o veículo conseguiu endireitar a direção. A janela pintada do motorista baixou e saiu uma cabeça de homem que o olhou indignado.

— Imbeciiiiiiii! — gritou o sujeito, enquanto se afastava.

Yiannis ficou desconcertado. E depois deu uma olhada em volta. Estava no meio da rua. Fez um esforço e reconstruiu mentalmente seus últimos movimentos; estava tão fora de si que devia ter descido da calçada sem prestar atenção no trânsito. Não tentaram atropelá-lo: ele é que, sem olhar, se jogara debaixo das rodas. O velho coração bombeava com esforço em seu peito, e lhe doía o tornozelo que acabava de torcer. É, era realmente um imbecil.

**EM CASO DE NECESSIDADE, NOPAL PODIA** desaparecer em menos de uma hora. Dispunha de uma dúzia de apartamentos secretos disseminados pelo mundo e de um punhado de identidades falsas. Ou seja, Pablo Nopal nem sempre se chamava Pablo Nopal. De fato, a metade da existência do memorista permanecia submersa nas obscuras águas do não visível, como os icebergs artificiais do Pavilhão do Urso. Ano após ano, com perseverança e notável astúcia para o clandestino, o escritor foi construindo para si uma vida paralela. Empresas paralelas, testas de ferro que desconheciam para quem trabalhavam, documentos civis falsificados com tanta perfeição que eram impossíveis de detectar (na realidade, cédulas autênticas confeccionadas por funcionários corruptos). E uma rede clandestina de informantes, porque não há poder sem conhecimento. “Talvez seja verdade que dinheiro não traz felicidade”, pensava o memorista, “mas compra segurança, que é algo melhor e menos volátil”. A que mais poderia aspirar um homem sensato senão a estar razoavelmente protegido da dor? Embora para isso fosse preciso recorrer a métodos socialmente reprovados, a comportamentos proibidos.

Nopal não escolhera ser assim. Não escolhera por vontade própria o caminho da ilegalidade, da mesma maneira que o marginal social não escolhe a marginalidade, e sim se encontra desterrado para o outro lado da linha da normalidade. O destino fora injusto com o memorista, o destino o hostilizara, e ele precisara aprender a se defender e a responder à violência com violência. O verdadeiro sobrevivente é aquele que não hesita em fazer o que for necessário para sobreviver, e Nopal não hesitava. Com frequência se surpreendia consigo mesmo, se contemplava com uma curiosidade não isenta de admiração, porque não conseguia entender como era possível que, gostando tão pouco da vida, fora capaz de se aferrar a ela com tanta tenacidade, com tanta ferocidade. Talvez o fizesse por orgulho, pela firme decisão de não se deixar humilhar nunca mais. Ou talvez se tratasse de um automatismo das células, do empenho da carne em continuar a existir, dessas ânsias febris de viver que faziam com que alguns doentes terminais, apesar da dor e da deterioração, lutassem até seu último alento

para prolongar tão penosa existência. “É, a metáfora do doente não é ruim”, pensou o memorista: de alguma forma, Nopal sempre sentira que havia nele algo patológico, algo doentio. A vida era uma maldita enfermidade que acabava por nos matar.

**BRUNA ENTROU NO QUARTO DO HOTEL QUASE ÀS** cegas: as alterações visuais eram uma demolidora consequência da enxaqueca. Inclinou-se sobre a mochila e tirou uma subcutânea de paramorfina. Ainda lhe restavam três doses das oito que lhe haviam dado no hospital. Aplicou-a no braço com mãos trêmulas e se deixou cair esgotada sobre a cama, para esperar o efeito. Logo depois sentiu como a droga começava a percorrer seu corpo com passinhos de feltro, apagando as pulsações de dor, subindo com seu frescor de neve até a amígdala, varrendo o torvelinho de corpúsculos brilhantes que a impediam de ver. Ah! Que alívio indescritível.

Abriu os olhos com um pequeno sobressalto. Ora, havia adormecido. Olhou o relógio: perdera uma hora, mas se sentia extraordinariamente bem. Descansada e renovada. Estava no quarto que alugara como Bruna, embora ainda estivesse com seu disfarce de humana. Quando chegou, sentia-se tão mal que só conseguia pensar em pôr a mão na paramorfina e não respeitou suas próprias normas de trabalho. Esperava que ninguém a tivesse visto entrar no quarto, e que ninguém tivesse se dado conta nas gravações de segurança. Tinha sido um erro, mas de qualquer maneira deixaria o hotel logo depois. Levantou-se num pulo e começou a se livrar às pressas de Annie Heart. Quando Husky voltou a aparecer no espelho com a linha tatuada lhe sulcando o corpo (partindo-a, atando-a, como dizia o essencialista), sentiu-se estranhamente feliz. Foi como recuperar uma velha amiga.

Arrumou a bagagem e passou ao quarto de Annie para recolher ali também seus pertences. Estava prestes a acabar quando bateram à porta.

— Merda...

Olhou na tela e viu a imagem de um robô. Sorriu, subitamente animada: acabava de se lembrar da pistola de plasma. Talvez o cretino do Serra não tivesse anulado o trato. Quando abriu a porta, comprovou que se tratava de um mensageiro velho e abatido. Não devia ter reconhecimento visual, o que lhe convinha. Ao detectar a presença de Bruna, o artefato começou a escrever frases em sua faixa luminosa.

*Encomenda para Annie Heart*  
*Apenas entrega pessoal verificada*  
*Identificação por favor*

A detetive tirou a identidade civil falsa que lhe fora proporcionada por Mirari e aproximou-a do olho do robô. A coisa soltou um bip de confirmação.

*Identificação aceita*  
*Entrega requer pagamento prévio*  
*500 papelgaias*

Bruna saiu para o corredor, aproximou-se do caixa automático que havia em todos os andares junto aos elevadores, pagou os dois quartos, o de Annie e o seu, e a seguir sacou cinco lenços de sua conta. Voltou para perto do robô e enfiou o dinheiro na ranhura. A tampa da caixa blindada se abriu e apareceu um belo kit completo de massagem eletrônica tailandesa.

— Mas... que diabos...?

O robô já se afastava pelo corredor, apitando.

Bruna esteve a ponto de fazê-lo voltar e exigir a devolução de suas gaias, mas logo pensou melhor. Entrou no quarto, limpou a superfície da mesinha e abriu o embrulho. Dentro, havia um estranho objeto ovoide de silicone com rodas e ventosas, presumivelmente o kit de massagem tailandesa capaz de percorrer seu corpo de forma automática, esfregando, puxando e untando de óleos essenciais. O objeto se abria ao meio para que se pudesse inserir os diversos unguentos; quando Bruna o abriu, encontrou lá dentro a pistola de plasma. Um esconderijo engenhoso: o formato da arma se adaptava ao do aparelho de massagem. A pistola tinha um aspecto caseiro e horrendo: parecia confeccionada com peças recicladas e desiguais. Por isso era tão barata. Colocou a arma em carga mínima e em microimpacto, apontou para um lado da cama e disparou. Houve uma levíssima e silenciosa vibração de luz; então Bruna se abaixou e comprovou que na parte inferior do colchão se via um buraquinho ínfimo, algo assim como o furo deixado por um inseto. Parecia que aquela coisa feia funcionava. Melhor aquilo do que nada. As coisas estavam ficando perigosas demais para não andar armada.

Quando saiu do Majestic já era noite fechada, mas se percebia algum aquecimento do ar: a crise polar devia estar começando a ceder. Embora levasse o peso das bagagens, nem sequer tentou pegar um táxi: não havia dúvidas de que, àquela hora e com o medo reinante, ninguém pararia para uma rep como ela. As esteiras rolantes voltavam a funcionar, e Bruna apertou o passo para combater o frio e fugir do bombardeio das telas públicas, que continuavam a passar imagens



violentas dos tecno-humanos, declarações supremacistas, entrevistas com Chem Conés e Hericio, notícias sobre outros distúrbios semelhantes ocorridos em diversos pontos dos EUT. As telas ardiam de ódio especista. Bruna se perguntou se teriam sido assim os primeiros tempos da Guerra Rep. Teriam os androides se sentido igualmente perseguidos, igualmente empesteados no fatídico ano de 2060? E aqueles judeus do século XX, que acabaram sendo exterminados em fornos crematórios? Teriam percebido o começo do seu fim da mesma maneira que ela agora percebia a escalada política e legal contra os tecno-humanos? Quatro anos, três meses e 13 dias. Do jeito que estavam as coisas, que tragédias poderiam acontecer naqueles quatro anos que lhe restavam? Não sabia nem ao menos se chegaria a viver até seu TTT. O futuro era uma acachapante pedra negra, um estrépito de avalanche.

**Arquivo Central dos Estados Unidos da Terra**  
**Versão modificável**

ACESSO ALTAMENTE RESTRITO  
APENAS EDITORES AUTORIZADOS

Madri, 30 de janeiro de 2109, 10h30

ACESSO NEGADO  
YIANNIS LIBEROPOULOS NÃO É UM EDITOR  
AUTORIZADO  
SE NÃO POSSUI UM CÓDIGO VÁLIDO,  
PARE IMEDIATAMENTE DE LER ESTAS PÁGINAS

ACESSO ALTAMENTE RESTRITO  
APENAS EDITORES AUTORIZADOS

O ACESSO NÃO AUTORIZADO É CRIME E PODE SER  
PUNIDO COM ATÉ VINTE ANOS DE RECLUSÃO

**YIANNIS LIBEROPOULOS, VOCÊ ESTÁ INTIMADO A ABANDONAR  
IMEDIATAMENTE ESTAS PÁGINAS. A PERSISTÊNCIA NA TENTATIVA  
DE PENETRAR NO SISTEMA GERARÁ UM AVISO À POLÍCIA EM  
TRINTA SEGUNDOS.**

**CONTANDO ATÉ O AVISO POLICIAL**

**29**

**28**

**27**

**26**

**25**

24

23

22

21

**ABRIU OS OLHOS E DEU COM A CARA DE YIANNIS** a dois centímetros da sua, gritando e gesticulando com ansiedade.

— Céus! — exclamou Bruna, sentando-se de chofre.

Uma onda de desestabilidade agitou o mundo. O apartamento tremeu, a cabeça doeu, o estômago se retorceu. O corpo lembrou-a antes da memória que mais uma vez bebera demais na noite anterior.

A imagem do arquivista revolteava freneticamente pelo quarto como um pássaro engaiolado. Era uma maldita holochamada.

— Yiannis, agora chega. Vou anular agora mesmo sua autorização holográfica — grunhiu a rep, apertando a cabeça com as mãos.

— Fui despedido! É uma conspiração! E não posso entrar no Arquivo! Tentei te falar ontem à noite, mas ninguém atendia.

Certo. Teve uma clara imagem de si mesma recusando as chamadas. Chegara em casa cansada e deprimida e começara a beber. Outras vezes bebia porque estava contente e relaxada. E outras porque estava angustiada. Sempre encontrava alguma razão para se embriagar. Olhando para trás, sua curta vida era composta por uma sucessão de noites das quais mal se lembrava e por um sem-fim de manhãs cujos insípidos despertares lembrava bastante bem.

— Espere... Acalme-se e volte a me explicar. Devagar. Como se eu fosse um *bicho* e não entendesse bem o idioma...

Yiannis começou a contar atropeladamente sua conversa com a supervisora.

— Certo, certo, entendo. Olha, é melhor eu ir à sua casa. Em menos de uma hora estarei aí — disse Bruna.

E desligou, deixando o velho com as palavras na boca.

Quatro anos, três meses e 12 dias.

Respirou fundo e se pôs de pé.

Náuseas e enjoos.

Decidiu se aplicar outra subcutânea de paramorfina. Óbvio que não era a melhor maneira de acabar com uma ressaca; era como matar moscas com uma pistola de plasma ou como cortar a própria mão porque um dedo dói. Mas sabia

que com isso ia se sentir muito bem na mesma hora, e os tempos estavam tão obscuros que lhe parecia mais prudente ir para a rua em plena forma. “Além disso, as costelas ainda doem um pouco”, pensou, se desculpando enquanto se aplicava a dose. Era a penúltima que lhe restava. Uma pena.

Olhou-se no espelho. Mais uma vez tinha dormido de roupa e estava toda amassada e retorcida. No pescoço, tinha ainda o *netsuke* verdadeiro de sua falsa mãe. Resolveu deixá-lo: pareceu-lhe precisar da sua companhia. Ou da sua proteção.

O termômetro externo marcava 14°C: acabara-se a crise polar. Tomou uma rápida ducha de água, escolheu no armário um conjunto verde metalizado e se vestiu sentindo-se muito bem, descansada, alerta. E também faminta. Foi até a área da cozinha preparar alguma coisa e então viu: o quebra-cabeça estava feito! Terminado. Completo. Olhou-o perplexa e, entre os farrapos de trevas que borravam a noite anterior, pareceu ver a si mesma colocando peças. Devia ter estado trabalhando no quebra-cabeça até muito tarde... E com muita sorte ou afincos sobre-humano. A imagem do cosmos estava inteira; e no centro, na zona crítica que antes faltava e que tanto lhe custava encontrar durante meses, agora se via a nebulosa planetária Hélix, aquele espetacular objeto gasoso da constelação de Aquário que os astrônomos conheciam como “o Olho de Deus”.

“Hélix, é claro”, disse Bruna para si mesma quase decepcionada com a obviedade. Como não adivinhara? Era o acidente cósmico mais famoso e havia até mesmo algumas seitas de doidos que o acreditavam sagrado. A última peça do jogo ativava um pequeno efeito tridimensional, e a imagem parecia vibrar e pulsar na vastidão do espaço. Um olho bellissimo margeado por vaporosas pestanas avermelhadas e com a íris intensamente azul, um olho gigantesco que a contemplava. *O que faço é o que me ensina o que estou buscando.* Estava buscando a nebulosa Hélix, estava buscando algo evidente e não se havia dado conta. E precisara se embebedar e perder a consciência, precisara se deixar guiar pela pura intuição para completar o quebra-cabeça. O Olho de Deus. O belo, gelado e indiferente olho que nos observa.

Depois de comer às pressas uns hambúrgueres de proteínas com sabor de pato, enfiou a desastrada pistola de plasma na mochila, convencida de que o mundo exterior estaria um pouco mais desagradável do que no dia anterior, e saiu à rua. E, com efeito, o bom tempo parecia ter acrescentado combustível ao fogo do ódio. Grupos de manifestantes cercados por cordões policiais berravam frases que Bruna não conseguia entender, enquanto as telas públicas derramavam sobre a sua cabeça torrentes de violência. Havia carros capotados,

vitrines quebradas, recicladores em chamas. Ao passar pelo parque-pulmão, viu que muitas das delicadas árvores artificiais haviam sido quebradas e arrancadas. As esquinas estavam tomadas pelo Exército, e Bruna precisou apresentar sua identidade civil em dois controles. Temeu ser revistada e que encontrassem o plasma, mas por sorte isso não aconteceu. Chegou à casa de Yiannis com os nervos à flor da pele.

O apartamento do arquivista era tão antiquado quanto ele. Ficava num belo edifício de uns três séculos de antiguidade que sobrevivera às diversas guerras sem muitos danos, mas não havia sido reformado. O interior tinha corredores escuros, quartos inúteis e uma incompreensível quantidade de banheiros. Yiannis fazia toda a sua vida nos dois cômodos principais, um convertido em salão e outro em dormitório, mas utilizava o resto da casa como depósito para a infinidade de trastes que guardava, entre eles um assombroso número de antigos e valiosos livros de papel. Num desses quartos forrados de livros, Bruna tinha vivido por alguns meses depois da morte de Merlin. O humano Yiannis cuidara dela, da mesma maneira que a tecno Maitena cuidara de Lizard, mas agora as relações entre as espécies estavam apodrecendo.

Mal passou pela porta, Bruna percebeu algo novo: a mesinha da entrada, que de modo geral era uma bagunça, tinha sido arrumada e exibia como único objeto um jarrão azul com três tulipas amarelas. Flores naturais! A rep ficou pasma.

— Ora, você arrumou a mesa...

— É... — respondeu o velho, ambigualmente, fazendo um gesto vago com a mão.

Atravessaram o corredor e entraram na sala; e ali estava ela, sorrindo com polidez. A princípio foi difícil reconhecê-la sem estar embrulhada dentro dos painéis de mulher-anúncio.

— Olá, Bruna. Fico muito contente por vê-la — disse RoyRoy, com entusiasmo.

— Eu também... — respondeu a rep, em modo automático. — E ainda mais porque você me fez uma surpresa. Saiu do emprego na Texaco-Repsol?

A mulher olhou para Yiannis com uma expressão um pouco conturbada.

— Bem, eu a... eu a ajudei a se libertar daquele trabalho de escravos. Digamos que eu a alforriei! — respondeu por ela o arquivista. E depois riu nervosamente da própria piada. — É, bem, quero dizer que lhe emprestei dinheiro até que encontre algo melhor, e além disso... está morando aqui.

— Ah! Sei. Falou. Legal — disse Bruna.

— Yiannis é muito generoso. Bem, você já sabe disso — acrescentou Roy Roy.

Sim, a androide sabia. O arquivista não estava fazendo pela mulher-anúncio mais do que fizera por ela mesma. E também via Yiannis... entusiasmado com Roy Roy. E ela também parecia mudada. Mais jovem. Mais segura. Era motivo para estar contente pelo amigo. A rep se deixou cair na velha poltrona verde, e Yiannis se sentou no sofá, junto à mulher. Faziam um caszinho maravilhoso.

— Não, não, quem é generosa aqui é Roy Roy. Você não sabe o quanto ela me apoiou em tudo isto. Menos mal que ontem à noite ela estava aqui. Como você pode imaginar, voltei desesperado da entrevista com a supervisora.

— Sim, claro.

A mulher não podia estar há mais de dois ou três dias na casa de Yiannis, mas já se viam seus vestígios por todo lado. Os móveis estavam colocados de maneira diferente, e as estantes, bem-ordenadas. A tela emitia imagens sucessivas do filho de Yiannis e de um adolescente que a rep supôs ser o filho de Roy Roy. Ah, sim, um par perfeito e afetosamente unido pelo culto a seus mortos. Bruna mordeu os lábios e teve a impressão de que tinham gosto de veneno.

— Bem, então, me conte exatamente o que aquela mulher disse ontem — balbuciou.

Por que estava tão irritada? Por que não se alegrava com o fato de que o pobre homem tivesse se apaixonado? Não havia sentido que Yiannis a pressionava para que se aferrasse demais à dor da perda de Merlin? E não era melhor que ele tivesse encontrado outro luto mais próximo com o qual se identificar? O arquivista estava contando a sua história, mas Bruna não conseguia se concentrar no que ele dizia. Ela os via ali, sentados juntos, humanos, parecidos, muito mais velhos do que ela e ainda assim provavelmente mais longevos. Via os dois unidos enquanto ela estava sozinha, perdidamente estranha até entre os estranhos.

A tela se acendeu, automática, com um boletim informativo. Apareceu a imagem de Helen Six, a jornalista da moda, com uma expressão tão ostentadamente trágica que Yiannis se calou e os três se puseram a olhar o noticiário. E então souberam: Herício estava morto. Fora assassinado na tarde anterior. Não apenas assassinado, mas também torturado. Alguém havia lhe rasgado o ventre de cima a baixo e tirado seus intestinos enquanto ele ainda vivia. Tinha sido um crime espantoso.

“Como o holograma de Chi”, pensou Bruna no mesmo instante, apesar de ter sido dominada por uma espécie de estupor. Yiannis olhou para ela.

— Mas... você não me disse que ia se encontrar com ele ontem?

RoyRoy deu um pulo, abriu muito os olhos e tampou o rosto com as mãos.

— Bruna! O que você foi fazer? — gemeu.

— Eeeeeuuu?! — reagiu a rep, indignada.

Então aconteceu algo muito estranho: o arquivista ergueu a mão no ar como se fosse dizer algo, depois levou-a à garganta e desabou de lado, muito devagar.

— Yiannis! — gritou a mulher, inclinando-se para o homem e caindo também sobre ele.

Bruna saltou da poltrona e se aproximou dos dois corpos inanimados. Pequenas borbulhas amarelas saíam da boca de RoyRoy. Então percebeu o cheiro, um sutil aroma de perigo. Havia algo no ar, uma ameaça química. Prendeu a respiração, mas já era tarde. Notou que as pernas pesavam, o corpo deixava de sustentá-la. Caiu no chão, mas não se rendeu. Com desmedida força de vontade, e protegida pelo seu extraordinário vigor físico, arrastou-se penosamente de quatro até a janela. Tinha que chegar, tinha que abri-la. Concentrou toda a sua mente na distância que precisava cobrir. Um centímetro à frente, e mais um, e ainda mais um. Ainda lhe faltava a metade do caminho quando um movimento reflexo a fez tragar uma golfada de ar. Sentiu-o inundar deliciosamente seus pulmões, libertá-la da angustiante asfixia; e sentiu também como a envenenava. Foi como um rápido borrão sobre os olhos. E depois a escuridão e o nada.



**ABRIU AS PÁLPEBRAS. A CASA ZUMBIA E TREPIDAVA.** Pelo teto corriam sombras líquidas que pareciam perseguir umas às outras. Levou alguns instantes para compreender que o estrondo se devia ao trem aéreo que passava exatamente em frente à janela. À sua janela. Ai vinha outro. Novamente o ruído e a revoada de sombras. Bruna respirou fundo enquanto a angústia se abatia sobre ela. Sabia o que precisava fazer e era terrível.

Olhou o relógio: segunda-feira, 31 de fevereiro de 2109, nove e meia da manhã. Precisava se apressar. Quatro anos, três meses e 11 dias. O que significava isso? Por que aparecera de repente aquela contagem temporal em sua cabeça? Levantou-se da cama profundamente inquieta. Estava vestida. Melhor: menos perda de tempo. Estava enjoada, confusa. Uma pátina de irrealidade parecia cobrir tudo, como se a vida tivesse resvalado por cima da superfície das coisas. Não reconhecia sua casa, por exemplo. Sabia que era a sua casa, mas não conseguia se lembrar dela. Entretanto, tudo isso não tinha importância. O importante, o urgente, o espantoso era a missão que precisava realizar para poder salvar o pequeno Gummy de um destino atroz. Bruna estremeceu. Isso sim estava claro. Sua missão e a situação em que se encontrava o menino se destacavam com toda clareza por cima da irrealidade geral, como a imagem fixa e detalhada de um cavalo correndo sobre um fundo enevoadado. Isso era tudo o que precisava fazer. Isso era tudo o que precisava saber.

Sobre a mesa estava o cinturão, primorosamente estendido e colocado como se fosse uma joia. E, junto ao cinto, um pequeno holograma de Gummy. O menino rindo às gargalhadas, os olhinhos puxados e cintilantes, as bochechas tão reluzentes. Tinha dois anos e meio. Bruna se lembrou de beijar aquela pele nova, aquela carne macia e deliciosa, e lágrimas ardentes de terror e de dor começaram a cair por sua face. Destruíu-as com um tapa contra a própria cara, como quem mata um inseto e, fazendo um esforço de autocontrole, vestiu o cinturão. Sabia bem como funcionava: primeiro tinha que tirar a trava e depois apertar a membrana tátil durante pelo menos vinte segundos; quando voltasse a erguer o dedo, as diminutas ampolas se abririam, deixando escapar o gás letal. Pelo menos seria uma morte

rápida: menos de um minuto até a asfixia. Não como o que haviam prometido fazer com Gummy se ela não cumprisse o pacto. Uma interminável, sádica agonia. Bruna reprimiu uma náusea. “Calma”, implorou a si mesma. Precisava se concentrar. O estrondo ensurdecedor de um novo trem impulsionou-a à ação; deveria abrir as ampolas no entroncamento do terminal central de ferrovias para aproveitar a afluência de gente e o fato de ser um espaço fechado, e o lugar ficava a quatro quadras de distância. Apagou a bola holográfica, guardou-a no bolso e já ia sair quando se deu conta de que não estava com o celular no pulso. Que estranho! Deu uma olhada em volta e não o viu. Procurou com mais cuidado, entre os lençóis enrugados, no banheiro, no chão. Não estava.

— Tela, localize o celular.

Não obteve resposta. Olhou para a tela: era um modelo muito antigo. Tentou passar ao modo manual e teclar um número. O computador não admitiu a chamada. Que estranho! A sensação de irrealidade se acentuou, a irrealidade zumbia ao seu redor como uma varejeira. Então o rosto de Gummy voltou a se acender dentro de sua cabeça com uma nitidez gelada. O que importava se estivesse ou não com o celular? De qualquer maneira, morreria em poucos minutos.

E, mesmo assim...

Quatro anos, três meses e 11 dias. Outra vez aquela absurda ladainha lhe atravessando a mente. O elevador trazia uma tabuleta com a palavra *quebrado*, de modo que Bruna desceu a pé as sórdidas escadas sentindo que levava uma pedra no coração, um peso cada vez maior que entorpecia seus passos. O número que tentara digitar no computador era o de Paul Lizard. E quem era Paul Lizard? Um conhecido, talvez um amigo. O nome de Lizard emergia da confusão como um porto seguro num mar revolto. Um ponto de luz entre sombras glaciais. Uma possível ajuda? A cada andar que descia, Bruna se sentia mais dividida entre a obrigação de cumprir sua missão e o horror que a matança lhe provocava. Mas não podia evitar. Precisava fazer.

E, mesmo assim...

Chegou ao térreo e percebeu que o edifício parecia ser uma espécie de apart-hotel. Que estranho não se lembrar! No vestibulo imundo e escuro havia uma minúscula mesa de recepção e um painel eletrônico que indicava os preços. A luz estava acesa, mas não havia ninguém. De repente, os pés de Bruna a levaram até o cubículo. Olhou a pequena tela: estava aberta. Teclou o número de Lizard antes de se dar conta do que fazia, e em instantes apareceu o rosto do policial. Porque

era um policial. Bruna se sobressaltou ao perceber, e ao mesmo tempo, só de vê-los, os traços do homem lhe deram vontade chorar de alívio.

— Bruna! Onde diabos você está? — berrou Lizard.

— Eu... na minha casa — balbuciou.

— Você não está na sua casa, porque *eu* estou na sua casa! Bruna, o que está acontecendo? Você está desconectada, o que há com o seu celular? Estou sabendo de Yiannis e Roy Roy...

Yiannis e Roy Roy. Os nomes originaram ondas concêntricas em sua mente nublada, como pedras caindo em água pantanosa. Começou a escutar um surdo zumbido dentro dos ouvidos.

— Tenho que ir. Preciso fazer uma coisa horrível — gemeu.

— Espere, Bruna. O que você está dizendo? O que está acontecendo?

— Preciso matar. Preciso matar muita gente.

— Como?! Mas por quê?

— Se eu não fizer vão torturar Gummy — chorou.

— Gummy? Quem é Gummy?

— Meu filho! Meu filho!

Lizard a olhou abobalhado. Parecia alguém que acabava de levar uma pancada na cabeça.

— Você não tem filhos, Bruna... — sussurrou.

O zumbido já era atordoante.

— Tenho que ir.

— Não! Espere! Onde você está? Ouça o que eu digo: você não pode ter filhos, você é uma rep!

Quatro anos, três meses e 11 dias.

— O que significa “quatro anos, três meses e 11 dias”, Lizard? Você tem que saber.

O inspetor olhou-a desconcertado.

— Não faço a menor ideia... Por favor, me diga onde você está, Bruna. Vou buscá-la...

Ela negou com a cabeça.

— Desculpe. Se eu não fizer, vão torturar Gummy.

— Espere, por favor! E como você sabe... como sabe que não farão nada com ele? Talvez você mate essa gente que tem que matar e depois o machuquem mesmo assim...

Bruna ficou pensando por alguns instantes. Não. Não o machucariam. Sabia disso com totais clareza e certeza. Se ela fizesse a sua parte, o menino se salvaria.

— Você está na rua Montera! Já localizei. Não se mexa, só levo cinco minutos! — gritou o homem.

— Não posso. Já vou.

— Aonde? — perguntou Lizard, em desespero.

— Ao entroncamento do terminal de trens.

E, dando meia-volta, saiu para a rua, enjoada, com náuseas, ensurdecida. Caminhou depressa, encerrada na bolha de seu pesadelo, alheia às pregações dos apocalípticos, ao alvoroço das telas públicas, aos olhares de medo ou de repulsa que suscitava a cada passo. Caminhou como uma autômata, concentrada em seu dever. Mas, ao chegar à altura do gigantesco terminal em forma de estrela, seus pés se detiveram. De novo recrudescceu o zumbido dentro de seu crânio, um ruído que começava a ser doloroso. Visualizou a folha redonda de uma serra dentada cortando seu cérebro ao meio e estremeceu. Então lhe veio à lembrança, saída não sabia de onde, a figura de uma mulher com uma linha negra desenhada ao redor do corpo, uma mulher partida por sua tatuagem. Quatro anos, três meses e 11 dias. Por alguns instantes não conseguiu se mexer e mal conseguia respirar. Então o rosto de Gummy explodiu em sua cabeça e tudo voltou a se pôr em movimento. Comprovou que o cinturão estava preparado e decidiu atravessar a passarela aérea para entrar pela porta lateral do prédio. Nesse momento, um carro parou guinchando na calçada a seu lado e dele saiu um homem. Era Lizard. Bruna retrocedeu alguns passos e se pôs em guarda, disposta a lutar se ele tentasse detê-la, mas o sujeito ficou a uns metros de distância.

— Bruna... Calma...

— Não se aproxime.

— Não vou me aproximar. Só quero conversar. Me diga, quem você tem que matar? Como vai fazer?

— Me deixe passar. Você não pode impedir.

— Escute, Bruna... o seu cérebro foi manipulado. Acho que aplicaram um implante de comportamento induzido em você. Fizeram você acreditar que tem um filho, mas não é verdade. Precisamos tirar esse implante antes que ele acabe com você.

O zumbido cresceu. Talvez Lizard tivesse razão. Talvez fosse verdade essa história do implante. Mas seu filho continuava nas mãos daqueles monstros. Pequeno, apavorado e indefeso. O pavor que achou que o menino poderia estar sentindo quase a fez gritar. Tirou a trava do cinturão e aproximou a mão da membrana tátil.

— Me disseram as coisas que farão com Gummy se eu não obedecer — sua voz falhou. — Não posso resistir. Tenho que soltar o gás antes do meio-dia. Se não puder fazer isso no terminal, farei aqui mesmo.

— Espere, espere, por todas as malditas espécies, por favor! Não faça... Se é um gás, não fará aqui ao ar livre o mesmo efeito que no terminal, não é? Não vão querer que você o desperdice aqui...

— Talvez. Mas é um neurotóxico muito eficiente. Sei que mata num minuto e que é muito potente. Vai funcionar aqui também.

Paul olhou em volta. A poucos metros passava uma esteira rolante carregada de gente. E logo depois havia a passarela concorrida, os carros, os prédios.

— Merda, Bruna, estou implorando para que você espere um instante... Por favor, por favor!... Chamei um amigo seu... Ele deve estar chegando. Por favor, espere.

A rep entrou em pânico. Encostou dois dedos na membrana. Deixou-os ali, apertados contra o cinturão.

— Se você pediu reforços... se está pensando em atirar em mim... Já apertei o interruptor. Se eu tirar os dedos desta membrana as ampolas se abrirão e o gás sairá.

Lizard empalideceu.

— Não, por favor... Só avisei um amigo seu, de verdade... Me dê dez minutos... Não, vinte. E só o que peço. Ainda não é meio-dia. Só estou pedindo vinte minutos. Se às 11h30 você continuar querendo entrar no terminal, eu deixarei você ir... Eu imploro. Vinte minutos e em troca disso eu tomarei conta do menino. Depois que você morrer. Alguém terá que cuidar dele.

Bruna sentiu que um vertiginoso abismo se abria dentro dela: era verdade, não tinha pensado nisso. Alguém teria que cuidar de Gummy. Quatro anos, três meses e 11 dias. Ofegou, angustiada, e apertou um pouco mais os dedos na membrana.

— Está bem. Até 11h30. E você cuidará do menino. Mas não chame ninguém nem se mexa.

— Não farei nada, fique calma...

Foram os 12 minutos mais compridos da vida de Paul Lizard. Para a rep, passaram como um pesadelo, como um delírio febril. Como uma bruma lenta pontilhada por repentinas imagens atroztes que atravessavam sua cabeça como punhaladas.

E no 13º minuto chegou Pablo Nopal.

— Oi, Bruna.

A androide olhou-o com desconfiança. Ela o conhecia. E de alguma forma ele a deixava nervosa, embora não soubesse por quê.

— Que lindo é o seu colar. Que bonito é este *netsuke*. Era da sua mãe, você se lembra? Quando você era pequena e seus pais saíam para jantar, sua mãe entrava no seu quarto antes de sair. Você fingia que dormia, mas a via se inclinar sobre você, magra e farfalhante em sua roupa de festa, perfumada, envolta pela luz do corredor... e de seu pescoço pendia esse homenzinho. Então sua mãe punha uma das mãos sobre o *netsuke* e, enquanto o segurava, roçava com os lábios a sua face ou a sua testa. Com certeza segurava o colar para que não batesse em você ao se abaixar, mas a cena cristalizou em você com esses ingredientes para sempre: a noite promissora, o resplendor do corredor, o beijo de sua mãe enquanto agarrava o homenzinho como se fosse um talismã, como se fosse a chave secreta que a permitiria se transportar para aquela vida misteriosa e feliz que aguardava seus pais em algum lugar...

Nopal disse isso com sua voz grave e tranquila, e subitamente Bruna se viu lá, dentro daquele corpo sonolento e daquela cama, dentro da tépida cápsula dos lençóis e do perfume de sua mãe, que a envolvia como um anel protetor. A lembrança atravessou-a de forma nítida e ardente, deixando-a sem ar; e essa foi apenas a primeira de muitas outras. Nopal foi desfiando recordações do emaranhado novelo de sua cabeça, e pouco a pouco o nublado contorno das coisas começou a recuperar sua precisão. Meia hora depois, Bruna voltara a passar pelo seu baile de fantasmas, chorara mais uma vez a revelação da impostura, compreendera que era uma androide. E que não podia ter filhos. Mas Gummy continuava a gritar ensurdecedoramente dentro dela. Seu menino continuava a chamá-la e a precisar dela. A rep gemeu. As lágrimas queimavam em seus olhos. Com a mão esquerda, voltou a fechar a trava do cinturão e depois retirou da membrana os dedos intumescidos. Lizard fez menção de se aproximar dela, mas Bruna o deteve com um grito feroz.

— Quietos!

O inspetor parou no ato.

— Agora sou eu quem pede cinco minutos...

Ninguém falou.

A rep inclinou a cabeça e fechou os olhos. E se dispôs a matar Gummy. Rememorou o peso do menino em seus braços, seu cheiro quente de animalzinho, sua mãozinha engordurada lhe roçando o rosto e depois se disse: “Não é verdade, não existe. Não existe!”, repetiu, com um grito silencioso até conseguir que a imagem se fosse apagando pouco a pouco, como pixels de uma

gravação defeituosa. Então passou à lembrança seguinte do menino; e depois à seguinte. Seus primeiros passos cambaleantes. Aquela tarde azul e quieta de verão quando Gummy comeu uma formiga. A maneira como dizia “caramelo” em sua meia língua: *mamelo*, e as bolhazinhas que a saliva fazia nos cantos da boca. E como punha sua mão dentro da dela quando alguma coisa o assustava. Tudo aquilo não existia! Não existia! As lembranças iam desaparecendo, explodiam como bolhas de sabão, e a dor era cada vez mais insuportável, mais dilacerante: era como queimar-se e logo raspar a queimadura. Mas Bruna foi em frente, agonizante, suicida, escavando mais e mais na carne viva, até chegar à recordação final e destruí-la. E ali embaixo, no fundo, depois de completar a morte imaginária de Gummy, estava agachada à sua espera a morte verdadeira de Merlin. Bruna Husky estava de volta, por inteiro.

Abriu os olhos devagar, exausta e dolorida. Olhou para os expectantes Lizard e Nopal.

— Então, o implante vai me matar, como aos outros? Arrebrantar meu cérebro? Vou arrancar os olhos? — sussurrou, áspera.

E nesse instante levantou a cabeça e se viu. De repente sua imagem inundava as telas públicas: ela ao natural e como Annie Heart; ela entrando no Majestic; Annie entrando na sede do PSH. E os grandes flashes vermelhos tridimensionais das notícias de última hora: “Tecno Bruna Husky Culpada Tortura e Assassinato Hericio.” Era meio-dia em ponto.

**A IDEIA FOI DE BRUNA. PRECISAVA QUE LHE** retirassem o implante, mas se fosse a um hospital seria presa. Então pensou em Gandara.

— O legista? — estranhou Lizard.

— Ele sabe tirar *memas* artificiais... ainda que seja de cadáveres.

— Sei, mas... você confia nele? Parece um sujeito estranho. Não vai denunciá-la?

Bruna negou com um movimento de cabeça, e isso bastou para que o mundo começasse a oscilar. Estava cada vez mais nauseada.

— Não, ele vai se portar bem, é amigo... E se lhe dermos algum dinheiro será ainda mais amigável... — murmurou debilmente.

Tinha certeza de que ia morrer e só esperava que Lizard a impedisse de arrancar os olhos. O inspetor ligou para Gandara: o legista trabalhava à noite e não estava no instituto, mas Paul lhe deu uma desculpa vaga e conseguiu soar urgente e oficial o bastante para fazê-lo prometer que iria correndo.

— Eu me encarrego de fazer com que não abra a boca — grunhiu Nopal.

— O que quer dizer com isso? — perguntou o inspetor, um pouco inquieto.

— Estou falando de dinheiro... darei a ele alguns geses.

Iam os três no carro da polícia. Haviam ordenado ao veículo que escurecesse os vidros para ocultar a rep: as telas públicas repetiam imagens de Bruna de forma incessante, e por azar seu aspecto era muito fácil de identificar. Lizard e o memorista pareciam ter acertado uma trégua, uma aliança passageira que a androide teria achado muito estranha se pudesse ser capaz de pensar nisso. Mas se sentia tão mal que as ideias não pareciam circular pela sua cabeça. Aliás, também não havia reparado em algo ainda mais estranho: em vez de prendê-la, o inspetor a estava ajudando a escapar.

Ao chegar ao Instituto Médico-Legal, Bruna tinha taquicardia e suores frios. Lizard parou num canto discreto do estacionamento, deixou-a no carro com Nopal e foi verificar se o médico lá estava. Regressou com ele, depois de um tempo que a eles pareceu extremamente longo.



— Você está com um aspecto péssimo, Bruna. Parece um dos meus — disse o legista, à guisa de cumprimento.

Traziam com eles um carro-robô com uma cápsula.

— É preciso desnudá-la — disse Gandara.

Ajudaram-na a tirar a roupa e o colar do *netsuke*, deitaram-na dentro da cápsula e baixaram a tampa transparente.

Os hematomas visíveis tornavam mais crível o seu papel de cadáver. Entraram no edifício e passaram às pressas e quase sem trâmites pelo controle de segurança, sem dar margem a dúvidas graças à presença corrosiva e um pouco imponente do legista. Depois seguiram pelo corredor até chegar a uma das salas de dissecação.

— Avisei que se trata de um assunto secreto e oficial e dei ordens para que ninguém entre — informou Gandara.

Fez o carro-robô se posicionar no centro do quarto, debaixo do módulo dos instrumentos, e abrir a tampa. A sala estava gelada. Lizard olhou o corpo nu da rep, tão pálido e indefeso dentro daquela cápsula sinistra, e sentiu frio por ela. E também desolação, e medo, e uma espécie de angustiada debilidade que talvez se parecesse com ternura.

Gandara vestiu o jaleco e as luvas e acendeu sobre deles a potente luz antibacteriana.

— Muito bem... Como você está se sentindo, Bruna?

— Mal.

Gandara a olhou, preocupado.

— Sabe que dia é hoje?

— Segunda-feira... 31 de janeiro.

A voz soava pastosa.

O legista verificou suas funções vitais com um medidor corporal.

— Taquicardia, hipotermia leve... Bem. Não podemos perder tempo. Se você está com a *mema*, precisamos tirá-la já.

Com movimentos rápidos e precisos, o médico puxou para baixo um aparelho de aspecto apavorante que pendia sobre sua cabeça e o pôs para funcionar. A coisa começou a emitir um zumbido ameaçador.

— Você precisa ficar muito quieta. Entendeu? Imagine que é um presunto.

A rep abriu muito os olhos, numa concordância muda. O forense encaixou a ponta metálica do aparelho no nariz da androide e apertou um botão.

— Aí vai a sonda.

Bruna gemeu, e suas mãos se crisparam em desespero.

— Por todas as malditas espécies, Gandara! Não há como fazer isso de um jeito mais suportável?

— O que você quer, Lizard? Nós não temos anestésicos aqui... Não precisamos dele, não sei se você percebe... Muito quieta, Bruna!... Vai ser rápido. E além disso, também não é para tanto. Nunca ninguém se queixou, hahaha...

Na tela se via o avanço pelo cérebro da nanossonda, tão extremamente fina que emitia um brilho fluorescente para poder ser vista. O feixe de luz dava voltas e voltas pela matéria cinzenta como um cometa enlouquecido num universo fechado. Gandara franziu o cenho.

— Não pode ser!

Bruna ofegava terrivelmente. Apertava os punhos e tinha o corpo tão tenso que os dedos de seus pés estavam encolhidos como garras. O corpo belo e machucado, aquela carne maltratada que a luz bactericida banhava com um irreal tom violáceo.

— Merda! O que está acontecendo? Não ia ser rápido? — explodiu o inspetor.

O feixe luminoso percorreu mais uma vez a tela e então apagou. A sonda sibilou enquanto retrocedia.

Gandara tirou o aparelho do nariz de Bruna e voltou-se para Nopal e Lizard.

— Não há nada.

— Como?

— Não há implante. Nenhum. Nenhuma *mema* artificial, fora a memória techno-humana de série, que continua intacta e selada.

— Não pode ser. Sou memorista, falei com Bruna e sei que estava sendo vítima de um implante de falsas lembranças. Tenho certeza absoluta — disse Nopal.

— Pois não há nada, eu já disse. Nada! E eu também tenho certeza absoluta — disse o legista, com alguma irritação.

Mas depois olhou para a rep e se beliscou o lóbulo da orelha direita, como costumava fazer quando estava nervoso.

— Embora, talvez...

Levantou as mãos da rep, que continuavam crispadas.

— Mmmm... Bruna... você percebe se tem mais saliva do que o normal?

A detetive assentiu com a cabeça.

— Sei... Rigidez, salivação excessiva... Sinto muito, mas preciso botar de novo a sonda. E desta vez será muito rápido...

O aparelho chiou outra vez com um zumbido de broca escariadora, a tira fluorescente se acendeu na tela, a androide gemeu. Mas Gandara tinha dito a

verdade: em poucos segundos tudo estava terminado e a sonda do lado de fora. Ele apagou a máquina e empurrou-a para o teto. Parecia entusiasmado.

— Acho que já sei o que há... É fantástico! Eu já tinha ouvido falar disso, mas nunca tinha visto...

— O quê? O quê? — perguntaram em uníssono Pablo e Paul.

— São uns cristais de cloreto de sódio. Podem ser gravados como um chip, mas se dissolvem no organismo em poucas horas, sem deixar qualquer rastro. Ou seja, implantaram nela uma *mema* artificial de sal. Acontece que já se desfez. Mas ainda consegui encontrar rastros de uma salinidade um pouco acima do normal. Nada importante.

— Então... ela não vai morrer?

— Não, não. De maneira alguma. O sal provocou um pequeno desequilíbrio eletrolítico no cérebro e é responsável pelos enjoos, a rigidez e o resto. Por sorte tenho um estoque de ultra-hidratação que uso com os corpos que me chegam mumificados demais. Injetarei uma dessas cápsulas subcutâneas em Bruna e, com um pouco de repouso, em 24 horas ela estará nova em folha.

— Queria que não ficassem vestígios da manipulação da memória... Por isso o método de morte escolhido foi o gás... Desse modo o cadáver de Bruna teria chegado intacto às mãos de um legista e, ao fazerem a autópsia, não encontrariam nada... Assim pareceria que Husky havia cometido todos aqueles horrores consciente e livremente. Uma tecno perversa e vingativa contra a espécie humana... — refletiu Lizard.

— A inimiga perfeita... — murmurou debilmente a rep.

— Bem, esta pequena picada é para colocar a cápsula hídrica... Pronto. Dentro de algumas semanas, quando você quiser, passe por aqui para que eu tire o recipiente... Como é um produto criado para presuntos, não é reabsorvido. Embora seja totalmente inócuo: você pode ficar com ele pelo resto da vida, se não incomodar. Agora vocês precisam ir... O quanto antes. Tê-los aqui me compromete.

— Um comprometimento que valorizamos e queremos agradecer — disse Nopal.

E apertou a mão do forense, colocando-lhe na palma alguns lenços. Gandara sorriu e guardou o dinheiro com naturalidade.

— Eu teria feito de qualquer maneira, mas com isto me sinto muito mais querido e mais contente... Podem sair pela porta dos fundos, que é por onde os robôs recebem os corpos... Será melhor que você se vista...

Lizard tomou Bruna nos braços e tirou-a da cápsula.

A roupa áspera do homem roçava sua pele nua. A rep teria ficado para todo o sempre enroscada na pele do inspetor, teria adormecido naquele refúgio de carne até a chegada de seu TTT, mas se sentia um pouco melhor e sabia que não tinha outro remédio senão se mexer. Então se vestiu, e até andou com os próprios pés, instável e ajudada por Nopal, até o exterior.

A porta dos fundos dava para um depósito de carga atendido por robôs; algumas cápsulas vazias estavam empilhadas junto à parede. Lizard, que tinha ido buscar o carro, apareceu logo depois e os apanhou.

— Precisamos encontrar um lugar seguro para escondê-la. Até que você se recupere e até conseguirmos esclarecer tudo isso.

— Pode ficar na minha casa.

— Não. Na sua casa não — respondeu Lizard, taxativo.

O memorista olhou-o com um sorriso de ironia.

— E por que não, pode-se saber?

O inspetor se calou.

— Você tem medo de que eu esteja implicado na conspiração? Ou de que ela prefira ficar comigo?

“Estão brigando por mim”, pensou Bruna, “que coisa mais antiga”.

— Tenho você sob vigilância há mais de um ano. Se ela for para a sua casa, meus homens a descubrem na mesma hora — disse Lizard, irritado.

Ah! Afinal de contas Paul não estava brigando por ela. Tudo não passava de uma simples questão de estratégia. Bruna sentiu na boca alguma coisa salobra. Saliva demais e toda amarga.

Nopal ficou branco de raiva. Uma fúria controlada e reluzente.

— Ah, bom! Fico contente por você ter reconhecido que me vigia. Isso é assédio policial. Vou apresentar queixa.

— Faça o que bem entender.

— Pare aqui mesmo — ordenou o memorista.

Lizard parou o veículo, e o homem saltou.

— Nopal... — disse a rep.

O memorista levantou um dedo.

— Você fica calada. E, quanto a você, vou acabar com a sua raça. Pode acreditar.

Lizard olhou-o com indiferença, franzindo as pesadas pálpebras.

— Eu acredito. Quero dizer, acredito que você vai tentar. Por isso o tenho vigiado. Porque acho que você é capaz de fazer coisas desse tipo.

Nopal soltou uma gargalhada curta e sardônica.

— Vou acabar com você, mas será nos tribunais. Vou denunciá-lo, e será o fim da sua carreira. Desfrute do seu pequeno poder enquanto pode.

E, dando meia-volta, saiu andando rua acima.

Ficaram olhando-o se afastar, em silêncio.

— Você o chamou... — disse Bruna, por fim.

— Mmmmm.

— Mas você o odeia.

— Quando você falou de um filho, eu soube que seria muito difícil tirá-la do delírio que tinham implantado. Então me lembrei dele e achei que poderia ajudar.

— Como... é... Como você sabia que Nopal tinha sido o meu memorista?

— Não sabia.

— E como sabe que eu não matei Hericio?

— Não sei se foi você.

— Então, por que você está me ajudando?

— Também não sei.

Bruna se calou por alguns instantes enquanto tentava digerir a informação e por fim decidiu deixar para depois. Estava esgotada e muito confusa. Embora estivesse um pouco melhor, precisava dormir com urgência. Precisava de um lugar seguro onde pudesse descansar.

— Você sabe o que aconteceu com o meu celular?

— Encontrei-o na sua casa. Toma. Alterei os seus dados no computador central da Brigada para que não possam rastreá-la. Suponho que levarão alguns dias para descobrir.

A rep prendeu a tira flexível transparente no pulso e ligou para Yiannis. Lizard tinha lhe dito que tanto o arquivista quanto a mulher-anúncio estavam vivos, que o gás não passava de uma substância narcótica e que ambos tinham se recuperado sem problemas. Foram eles que avisaram a polícia do desaparecimento da detetive.

O agitado rosto de Yiannis encheu a tela.

— Ah, Bruna, por todos os sencientes, que prazer em vê-la! Onde você está, como está, o que aconteceu? Não param de mostrar fotos suas em todos os lugares, dizendo coisas espantosas a seu respeito... E depois essas imagens que fizeram de você entrando disfarçada no PSH... O resultado, infelizmente, é muito verossímil.

Husky lhe fez um breve e exausto resumo da situação e depois falou da necessidade de encontrar um lugar para se esconder. Evidentemente, a casa de

Yiannis também não era uma opção: já fora atacada lá uma vez. E não conseguia pensar em nenhum outro local. Sobretudo levando em conta que todo mundo acreditava que ela era a assassina.

O rosto do velho se iluminou.

— Espere... talvez... Aquele *bicho* que se afeiçãoou tanto a você, o omaá... você não me contou que o levou para o circo com a violinista? Você não poderia ficar lá por alguns dias?

— Mas eu mal conheço Maio e Mirari... Por que acreditariam em mim? Vão achar que eu matei...

E então se deu conta... Não, não achariam, porque Maio saberia que ela era inocente. Valia a pena arriscar.

— Boa ideia, Yiannis. Vou tentar.

E enquanto Lizard a levava até o circo, Bruna relaxou e se deixou cair num sonho atormentado.

**ESTAVA DEITADA DE COSTAS NA CAMA**, e a escuridão se apertava ao seu redor, pesada como uma manta úmida. Bruna tinha acabado de acordar e estava com medo. Mas o que a amedrontava não era que quisessem matá-la, nem que lhe tivessem aplicado uma *mema* de sal no cérebro, ou que alguém a tivesse escolhido para ser o bode expiatório de uma conspiração sinistra. Afinal de contas, aqueles eram perigos autênticos, ameaças concretas contra as quais podia tentar se defender. Em casos assim, o coração bombeava e o cérebro se inundava de adrenalina. Havia algo enormemente excitante em perigos reais. Uma exuberante reafirmação da vida.

Não. O medo que Bruna sentia agora era diferente. Era um terror obscuro e infantil. Uma desolação de morte. Era o mesmo medo que sentia à noite, quando era pequena e o horror das coisas se arrastava como um monstro viscoso aos pés de sua cama, entre as trevas. Por todas as malditas espécies, desesperou-se a rep: mas se nunca tinha sido pequena, se nunca nada daquilo havia existido! Não passava de uma recordação falsa, da memória de outra pessoa. De repente, uma ideia perturbadora e nua acendeu-se em sua cabeça: talvez Pablo Nopal tivesse vivido tudo aquilo de verdade. Por isso aquele *netsuke* tão extravagantemente caro: era o colar da mãe dele. Por isso a emoção e a autenticidade com que Nopal descreveu as cenas quando tirou a androide do delírio. Num vertiginoso instante, Bruna percebeu que o memorista estava dentro dela, convertido num menino assustado; e sentiu asco, e ao mesmo tempo uma indizível ternura. Nunca mais queria ver Pablo Nopal. Mentira, claro que queria, ainda mais, precisava vê-lo, precisava perguntar-lhe sobre a mãe, sobre o pai, sobre a infância, queria saber mais coisas, mais detalhes, tinha fome de mais vida. Que fascínio e que pesadelo!

Quatro anos, três meses e 11 dias. Na verdade, já dez, porque faltavam 19 minutos para uma hora. Madrugada de 10 de fevereiro.

A vida era uma história que sempre acabava mal.

Respirou bem devagar durante alguns minutos, tentando aliviar a pressão da angústia. Pensou em Merlin e se abrigou em sua lembrança, esta sim verdadeira,

esta sim preciosa e única, a recordação vivida e compartilhada de sua sabedoria e de sua coragem. “Para cada coisa há um momento debaixo dos céus: tempo para nascer, e tempo para morrer; tempo para chorar, e tempo para rir; tempo para dar abraços, e tempo para apartar-se”, disse seu amante poucos dias antes de falecer, já muito debilitado, mas com a voz clara e tranquila. Merlin sempre gostou desse fragmento do Eclesiastes. Palavras belas para ordenar as sombras e para serenar ao menos por um instante a furiosa tempestade da dor. Agora, ao reviver a cena, Bruna também sentia um pequeno conforto, como se o desgosto, obediente, se colocasse em seu posto.

A detetive estava no camarim de Mirari, no catre situado atrás do biombo. Maio dormia ali, com Bartolo, mas lhe haviam cedido o lugar. A porta estava fechada a chave e não havia janelas no quarto: a rep se sentia como no interior de uma caixa-forte. Tanto o omaá quanto a violinista haviam reagido extraordinariamente bem, oferecendo seu apoio sem perguntas. Claro que Maio não precisava lhe perguntar coisa alguma. Olhou mais uma vez a hora: 0h48. A última função deveria terminar em cerca de vinte minutos, e logo Maio e Mirari viriam ao camarim. Bruna se sentia melhor e tinha fome. Mas não queria acender a luz e acionar o dispositivo de comida. Não queria fazer tanto barulho e se delatar. Esperaria que regressassem.

O bipe de seu celular soou troyejante em meio ao silêncio da noite, e a rep se apressou a calá-lo. Era Habib.

— Pelo grande Morlay, Husky — suspirou o rep. — Ainda bem que encontrei você...

— Habib, eu não fiz nada disso que dizem.

— Claro, eu sempre soube que você não era culpada... mas pensei que poderiam ter injetado uma dessas *memas* assassinas, como fizeram com Chi. Implantaram alguma em você, Husky? Você está bem?

Bruna lhe explicou rapidamente a situação.

— Mas já estou melhor.

— Pois não está com um bom aspecto. Se bem que mal consigo vê-la... Você está num lugar muito escuro.

— Estou no...

Habib fez uma cara de susto e interrompeu-a.

— Não me diga! Não me diga! Não quero saber aonde você se esconde! É mais seguro para todos. Imagine se me pegam e me fazem o que fizeram a Hericio! Eu contaria tudo!

A rep olhou-o um pouco desconcertada. Habib parecia fora de si.



— Claro. Está bem. Você tem razão.

O androide fez um esforço para se acalmar.

— Desculpe. Tudo é tão terrível que... Estou com os nervos arrebitados. Amanhã tenho um encontro com Chem Conés e três horas depois com a delegada do Governo Terrestre. Vou explicar-lhes nosso ponto de vista das coisas. Direi por que pensamos que se trata de uma conspiração contra os reps, e pedirei que ponham um ponto final nesta loucura. Falarei de você também. Posso contar o que você me disse?

— Tudo menos a participação de Lizard, Nopal e Gandara.

— Claro. Com certeza. Bem, me deseje sorte. Telefonarei depois.

Desligou, e o pequeno brilho azulado da tela desapareceu como um fôlego entre as sombras. Imediatamente depois, Bruna ouviu algo. Um ruído quase imperceptível. Uma levíssima vibração do ar. Alarmada, sentou-se na cama. E de repente tudo pareceu parar: o tempo, a rotação da Terra, seu coração.

Pulou como uma mola e se atirou de cabeça no chão antes de saber por que o fazia, e enquanto rodava sobre o estrado viu como um silencioso e deslumbrante fio de luz arrebitava o catre. Plasma negro. Engatinhou, levada pela intuição, de um canto a outro do quarto, perseguida pelos disparos daquela morte calada, que ia abrindo buracos atrás dela. Seus olhos aperfeiçoados de rep puderam distinguir a silhueta do atacante apesar da escuridão: estava junto à porta, cuja fechadura sem dúvida havia forçado com extraordinário sigilo; era de estatura mediana e usava um capacete de localização térmica, que permitia ver seu objetivo no meio da noite e através de obstáculos materiais como o biombo. Tudo isso Bruna percebeu num instante, enquanto se arrastava e corria como uma barata no meio das trevas, absolutamente certa de que o agressor conseguiria matá-la com o próximo tiro ou no seguinte. Não havia como se aproximar dele sem se expor, e não havia outro lugar por onde sair além da porta que o atacante bloqueava.

De repente, viu alguém aparecer por trás dele, enorme, roçando o portal com a cabeça. Era Maio. O *bicho* levantou o braço colossal e descarregou o punho sobre o crânio do agressor, que caiu no chão. Mas o capacete deve tê-lo protegido, porque ele se revirou sobre o ombro como um animal, apontando a pistola para o alien. Bruna imaginou o largo peito translúcido e as vísceras coloridas explodindo em consequência do impacto: um tiro de plasma negro o mataria. Então se lançou sobre o atacante como um felino, toda intuição, codificação genética e treinamento. Pulou feroz e furiosa, eficiente e cruel, e, agarrando por trás a cabeça do sujeito, torceu-a com um puxão. Foi um

movimento seco que executou sem pensar e sem sentir, um perfeito golpe de carrasco. O pescoço estalou, e o homem se desconjuntou entre suas mãos. Estava morto.

— Bruna...

Maio acendeu a luz e falou com sua voz cálida.

— Bruna... Eu te senti, soube que estava em perigo e por isso vim...

A rep continuava enrodilhada no chão. Entre suas pernas, o corpo quebrado do malfeitor. Tirou o capacete: era um homem jovem, desconhecido. A cabeça ficara inclinada para o lado de um jeito grotesco, e o rosto tinha uma expressão relaxada e triste. Há menos de um minuto estava vivo e agora era um cadáver.

Uma torrente de imagens terríveis inundou a cabeça da androide. Punhais de sangue atravessavam sua memória, e desta vez se tratava da memória verdadeira, de seu passado autêntico: nada a ver com o medo imaginário da falsa infância. Não era o primeiro morto de Husky: os anos de milícia foram duros. Mas não era algo a que alguém pudesse se acostumar.

— Bruna, Bruna... Eu te senti antes e também te sinto agora — sussurrou Maio.

Aproximou-se dela e colocou suavemente uma de suas grandes mãos com dedos demais sobre a cabeça raspada da androide. Leveza, suavidade, consolo. O redemoinho de punhais afiados amainou um pouco. O corredor ficara cheio de gente. Mirari com o bubi no colo, outros artistas do circo, gente do público que estivava o pescoço para ver melhor. A saída de cena do omaá, correndo no meio do espetáculo, devia ter chamado bastante a atenção. Para não falar do alvoroço provocado pela luta: o camarim estava destruído. Agora todos aqueles humanos a contemplavam com olhos redondos e aterrorizados. Bruna se viu ajoelhada, com o corpo exangue de sua vítima apoiado no regaço. Era como uma imagem da *Pietà*. Era a Piedade dos ímpios. Não sentia pelo homem, que era um assassino; sentia por ela, pelo seu automatismo letal. Não teria sido preciso matá-lo, mas nem ao menos teve tempo para pensar antes de fazê-lo. Uma mulher abriu caminho por entre o povo e apontou para ela um plasma regulamentar.

— Polícia. Você está presa, Bruna Husky.

**A POLICIAL FEMININA QUE A TINHA DETIDO** estava tão excitada e tão contente quanto se tivesse ganhado a Loteria Planetária, mas logo chegou seu superior imediato e se encarregou de Bruna, também exultante e felicíssimo, e também para ele a alegria não durou muito, porque a custódia da rep lhe foi rapidamente arrebatada pelo próximo chefe. E assim, em questão de poucas horas, a androide foi passada de mão em mão, ascendendo de forma incessante pela hierarquia policial, como uma rica pilhagem disputada por piratas. Depois das forças da ordem chegou a vez dos políticos, que, num faminto frenesi de tubarões, também tentaram se apossar do bom bocado capturado, até que, às quatro da manhã, decidiram colocá-la num calabouço de segurança máxima que havia no Palácio da Justiça, à espera de que chegasse uma hora mais razoável e se pudesse fazer uma grande apresentação midiática do evento. Queriam extrair todas as vantagens possíveis daquela detenção. Bruna falou dois minutos com um defensor público, um humano apático a quem, é claro, disse que era inocente, além de lhe pedir que avisasse os advogados do Movimento Radical Replicante. Depois disso, ficou sozinha no moderníssimo calabouço, um lugar constantemente iluminado e monitorizado, e tentou controlar a angústia e descansar um pouco. Ainda se sentia bastante mal fisicamente.

Mas, para sua surpresa, às cinco e meia da manhã veio à sua procura a primeira policial, junto com outro companheiro. Agora, a mulher estava mal-humorada e taciturna, talvez por ter comprovado como duram pouco os êxitos pessoais quando se tem superiores demais. Ordenou com secura a Husky que se levantasse e trocou o programa de seus grilhões eletrônicos para que a tecno pudesse andar. Haviam prendido Bruna com todo tipo de aparelhos de contenção: grilhões para os pés, pulseiras paralisantes e até mesmo uma gargantilha nocauteadora, capaz de provocar uma parada cardíaca por controle remoto. Era evidente que os humanos tinham medo dela. Um medo enorme. E o fato de tê-la encontrado com um sujeito a quem acabava de quebrar o pescoço entre os braços não serviu exatamente para melhorar a situação.

A policial taciturna jogou uma enorme capa cinza-escuro por cima dos ombros da rep para cobrir toda a quinquilharia presidiária e enfiou-lhe um gorro de malha preta até as sobrancelhas. “Alta como sou, com a capa arrastando e o gorro apertado, devo ter um aspecto estranhíssimo”, pensou Bruna: se com aquilo pretendiam que passasse despercebida, a tentativa era sem dúvida um absoluto fracasso.

Assim ataviada, a androide foi conduzida pelo casal de policiais através dos silenciosos e vazios corredores do Palácio da Justiça. Quando chegaram à escada de serviço e desceram aos andares de estocagem e equipamentos, Bruna começou a se inquietar; amarrada, eletronicamente bloqueada e indefesa como estava, qualquer imbecil poderia fazer com ela o que bem entendesse. Perguntou aonde iam, mas nenhum dos dois guardas se dignou a responder. Ainda não amanhecera e aquela parte do edifício estava iluminada apenas pelas luzes de emergência. Era uma atmosfera irreal e angustiante.

Atravessaram uma inesperada sala de ginástica no segundo sótão, saíram para um estacionamento subterrâneo e entraram num automóvel do mesmo modelo e da mesma cor que o de Lizard: com certeza um veículo policial, embora não levasse os distintivos oficiais. A mulher escureceu os vidros e inseriu manualmente o endereço, de modo que Bruna continuou sem conhecer seu destino. Vinte minutos depois, detiveram-se diante de outra porta traseira de um enorme edifício. Mas agora a rep já sabia onde estavam: no Hospital Universitário Rainha Sofia. Tocaram, se identificaram, e a porta se abriu. Um guarda de segurança os conduziu por um labirinto de corredores até chegar a uma zona que pertencia ao serviço de psiquiatria. Ou assim estava escrito na parede com grandes letras. Então o homem abriu com chave a porta de um quarto e, com a cabeça, indicou à rep que entrasse. Assim fez Bruna, e a porta se fechou às suas costas. Olhou em volta: estava só. Era um quarto muito grande, mais uma sala, iluminada pela insípida e mortiça luz de tubos eletroecológicos. Num lado, havia uma escrivaninha com duas ou três poltronas à sua frente; do outro lado do aposento havia umas vinte cadeiras dispostas em duplo semicírculo. O melhor do lugar eram as grandes janelas que davam para o pátio inferior do Rainha Sofia, que era enorme e parecia um claustro medieval. Tratava-se de um edifício muito antigo: Bruna sabia que havia sido originalmente um hospital e que depois foi um importante museu de arte por mais de um século. As Guerras Robóticas o destruíram e, na reconstrução, foi recuperada sua utilização sanitária. A rep se aproximou das janelas para dar uma olhada no exterior escuro e

percebeu que os vidros eram percorridos por um quadriculado de linhas eletromagnéticas. Grades. Continuava a estar numa cela, embora maior.

— Olá, Husky.

Bruna se virou. Na porta estava Paul Lizard. Ele fez uma careta estranha, que poderia ser qualquer coisa, desde um sorriso a uma expressão de desprezo, entrou no quarto e se aproximou dela. Trazia nas mãos dois cafés.

— Você quer?

— Não.

— Tudo bem.

O homem bebeu com toda a calma um dos cafés e a seguir bebeu o outro. Depois ficou olhando para ela com ar de preocupação.

— Me custou muito conseguir que a trouxessem aqui. Afinal consegui convencer a delegada do Governo Terrestre. Eu lhe disse que, tal como estão as coisas, não poderíamos garantir a sua integridade se as pessoas soubessem onde você estava. E é verdade.

Bruna continuou calada.

— Ela me autorizou a transferência porque eu disse que encerraria você aqui: está obcecada pela ideia de que você não fuja. Este hospital tem uma ala de psiquiatria de segurança máxima. Estão procurando um quarto para você. Supõe-se que apenas meia dúzia de pessoas sabe onde você está. Logo veremos. Estou convencido de que a polícia está infiltrada.

— Sei... — suspirou a rep, desalentada.

— Como está se sentindo?

— Muito cansada.

— Pois tente dormir um pouco. Teremos dias muito duros pela frente.

A rep apreciou aquela primeira pessoa do plural: “teremos”... Fez com que se sentisse menos só. Olhou para Lizard: ele também tinha um aspecto lívido e exausto.

— Obrigada por tudo, Paul.

— Não me agradeça. É frustrante não ter conseguido resolver este caso. Estamos tentando identificar o sujeito que a atacou ontem... Como soube que você estava no circo? Cheguei até a pensar que poderiam ter implantado em você um chip intramuscular de localização, mas no rastreamento que fizeram ontem à noite, antes de entrar no calabouço, não encontraram nada.

Lizard se calou por alguns instantes e depois olhou de lado para a rep.

— Foi uma pena você ter matado aquele homem. Teria sido muito útil poder interrogá-lo.

A detetive ficou rígida.

— Ele ia atirar em Maio.

— Não a estou acusando, Bruna.

— Não estou me defendendo, Lizard.

Alguma coisa amarga e sutil tinha se instalado de repente entre eles. O inspetor grunhiu e esfregou o rosto com as mãos.

— Bem. Vou ver se há alguma novidade. Voltarei mais tarde.

Foi até a porta, bateu com os nós dos dedos, e abriram. Ia sair quando Bruna gritou do outro lado do quarto.

— Ei! Vocês me fizeram como sou.

— O quê?

— Sou uma tecno de combate. Foram vocês que me fizeram tão rápida e tão letal.

O homem a olhou com o cenho franzido.

— Não fui eu quem a fez assim... Além do mais, gosto de você do jeito que é.

**SEGUINDO O CONSELHO DE LIZARD, BRUNA TINHA** se acomodado num par de poltronas junto à janela e há uma hora tentava dar uma cochilada. Mas, a cada vez que o sono lhe soltava os músculos e sua consciência começava a nublar, era tomada por uma brusca e aterradora sensação de queda que voltava a despertá-la de um golpe. As pulseiras e a gargantilha de detenção eram pesadas e incômodas, e as grades eletromagnéticas zumbiam lentamente no silêncio, como mosquitos tenazes. Olhou para o pátio-claustro. Amanhecia. O ar tinha uma densa cor azulada que ia pouco a pouco clareando, como se desbotasse. Levantou-se e, depois de caminhar desajeitadamente com as pernas travadas até o interruptor de luz, apagou os tubos ecoelétricos. No mesmo instante o novo dia entrou pelas janelas num entusiasmado impulso. Quatro anos, três meses e dez dias. E essa nova jornada também prometia ser calamitosa.

Voltou cambaleando ao mesmo lugar junto à janela. Poderia ter escolhido qualquer um dos vinte lugares, mas humanos e tecnos eram criaturas de hábitos: imediatamente tentavam fazer um ninho de uma maldita cadeira de hospital. Eram 7h10. Dariam a ela algo de comer, se pedisse. Quatro anos, três meses e dez dias.

A porta se abriu timidamente e apareceu a cabeça de Habib. O dirigente rep entrou, fechou a porta às suas costas e sorriu, atordoado.

— Habib! — exclamou Bruna, com alívio.

Nunca imaginou que ver outro androide pudesse alegrá-la tanto.

— Foi o defensor público quem te avisou? Eu não sabia se faria isso, era um imbecil.

O homem chegou perto dela e lhe deu umas atrapalhadas e amistosas palmadinhas no ombro.

— Sinto muito — disse, com simpatia.

A seguir, ainda sorrindo, tirou com rápida habilidade uma pistola de plasma e encostou o cano na têmpora da detetive. Bruna o encarou, atônita.

— Lamento, Husky. Não me leve a mal. Mas se você soubesse tudo o que está em jogo... Foi uma proposta impossível de recusar.

A mão do homem tremeu de leve, um movimento ínfimo e involuntário que, a detetive sabia muito bem, antecedia em um décimo de segundo o disparo, e ela soube que era o fim. “Os heróis morrem jovens”, pensou absurdamente em seu último instante. Mas de repente o mundo caiu. Uma explosão tremenda, uma chuva de vidros quebrados, Habib desmoronando: tudo aconteceu ao mesmo tempo. Bruna se pôs de pé, e um monte de fragmentos de vidro se desprende dela e caíram tilintando sobre o chão. Inclinou-se sobre o corpo abatido. Estava morto. Tinha um buraco negro e redondo na da frente e uma abertura na parte posterior do crânio. Fitou a arma: aquela pistola desigual e malfeita que Habib tinha nas mãos era a que lhe havia vendido o lugar-tenente de Hericio.

— Pelo grande Morlay!

Sangue e pedaços de cérebro manchavam os brilhantes cacos de vidro que havia por todos os lados. A rep olhou para a janela: alguém disparara do lado de fora, e as vidraças se quebraram, embora a grade eletromagnética continuasse em funcionamento e zumbindo.

A porta bateu de encontro à parede ao se abrir com violência, e Lizard entrou como um aríete empunhando a arma.

— É Habib! Está morto! — balbuciou a androide.

O inspetor deu uma olhada no cadáver.

— Quem disparou?

— Não sei. Veio de fora...

Lizard se aproximou das janelas. O pátio começava a se encher de gente atraída pelo barulho.

— Paul... Habib vinha para me matar.

O inspetor se virou e encarou-a.

— Essa pistola... Está vendo o plasma que ele tem na mão? Essa pistola era minha. Me tiraram anteontem quando me sequestraram.

— Por todos os sencientes, Bruna! Quantas armas mais você tem escondida por aí para roubarem? Enfim... Suponham que também manipularam o cérebro de Habib para que fizesse isso.

Bruna negou lentamente com a cabeça. Estava certa de que o tecno tinha plena consciência do que faria.

— Que aspecto eu tinha sob os efeitos do cristal de sal? Como eu me comportava?

— Como se tivesse enlouquecido.

Igual a Cata Caim, a vizinha rep que se arrancou um olho. Aquela aparência tensa, febril e delirante.



— Habib agia com toda a normalidade. Disse-me que lamentava, mas que lhe tinham feito uma oferta irresistível. Tenho certeza de que estava implicado na conspiração. Mas por quê? E quem o matou?

Lizard teclou o celular.

— Estou pedindo reforços. Não me atrevo a deixar você sozinha.

Neste momento assomaram à porta a mulher policial e seu companheiro.

— Onde vocês tinham se metido? Vocês tinham a obrigação de vigiar esta sala em permanência — trovejou o inspetor.

Os guardas abriram e fecharam as bocas com ar confuso.

— Eu... fiquei enjoada e... nós fomos a... — gaguejou a mulher.

Lizard apontou para eles sua reluzente plasma regulamentar.

— Entreguem-me agora mesmo as armas. Vocês estão presos.

O casal obedeceu com consternada docilidade e as mãos trêmulas, e depois Lizard os obrigou a se algemarem mutuamente aos velhos tubos de calefação do corredor. O inspetor voltou a entrar na sala e fechou a porta às suas costas, desalentado.

— O que você acha, Bruna? São uns incapazes ou são corruptos? Não há meio de se poder confiar em alguém neste maldito caso...

O homem se aproximou de Habib tentando não pisar nos cacos espalhados por todo lado e esquadrinhou o cadáver.

— E você me diz que esta pistola é a sua?

— É. Ele a encostou na minha cabeça. Acho que queria que parecesse suicídio. Com certeza está usando uma luva de dermossilicone para não deixar digitais.

Lizard assentiu.

— É provável. E como soube onde você estava?

— Eu... Eu pedi ao defensor público para avisá-lo.

O inspetor bufou, mal-humorado.

— Sei. Bem, chamei uns companheiros de confiança para que venham protegê-la... Chegarão logo. Claro que também virão o juiz, a perícia, os encarregados de levar o casal de imbecis que deixei algemado, e com certeza também aparecerá alguém a mando da polícia ou algum político para protestar. Sem sombra de dúvida. De modo que este aposento vai ficar muito concorrido. Vou ver se encontro outro lugar para botar você.

Bruna olhou-o com o rosto transfigurado.

— Paul...

— O que é?

— Estou pensando que... Por que este empenho em me matar? Já conseguiram o que queriam de mim... Bem, eu não soltei o gás, mas fizeram com que eu parecesse culpada do assassinato de Hericio. De que lhes adianta agora me tirar de circulação?

— Para que você não possa provar a sua inocência.

— Sei, mas... por que esta urgência em acabar comigo? Do jeito que estão as coisas eu posso render muito na mídia e ser muito útil a eles. Aparecerei em todos os lugares como a rep assassina. Mas parece que estão desesperados para me liquidar. Ontem mandaram aquele fulano, e hoje veio o próprio Habib, que não acredito que fosse uma peça menor no conluio... Estão se arriscando demais para me matar. Por quê?

Lizard enrugou a testa carnuda.

— Por que você acha que é?

— Meu filho... A lembrança do meu filho. Era tão real! E todo aquele carinho e aquela dor...

Bruna estremeceu.

— Ainda me queimam por dentro... Escute: e se usaram memórias reais como modelo? Alguns memoristas fazem isso... Eu sei que o meu fez. Sem dúvida seria mais fácil do que inventar algo suficientemente intenso e crível. E se aquele menino existiu de verdade? E se receiam que eu ainda possa me lembrar de alguma coisa? Quero dizer, e se temem que eu possa me lembrar deles?

— E você poderia? — perguntou Lizard, com interesse. — O cristal de sal já se desfez...

— Mas ficaram restos... pitadas de sentido. Embora estejam se apagando depressa. Como se apaga a lembrança de um sonho à medida que o dia vai avançando.

— Pois então se dedique a isso agora mesmo... Tente... Do que precisa?

— Um pouco de silêncio... Concentração... Talvez a escuridão ajude...

Por sorte os janelões tinham persianas, e Lizard as baixou. O aposento ficou submerso numa penumbra fria. Instalaram-se na escrivaninha, o mais longe possível do cadáver. Sentada de costas para Habib, Bruna apoiou os cotovelos na mesa, enterrou o rosto entre as mãos e tentou recordar.

Era como descer a um sótão mergulhado em trevas.

A mão rechonchuda. Foi a primeira coisa que viu. A mão de um bebê, acolchoada e cheia de covinhas.

Uma dor súbita lhe apertou a garganta. Ah, aquela comovente, incomparavelmente bela mão de seu filho. Aquele filho pelo qual ela estava

disposta a morrer e a matar.

As lembranças iam chegando quebradas, fragmentadas, como despojos de um naufrágio que as ondas depositam nas margens. Um golpe de mar e apareceu a imagem do menino correndo atrás de uma bola, suado e feliz; uma borbulha de espuma e agora via Gummy no abrigo de sua caminha, acordando, com os lábios ainda inchados pelo sono.

Aquele menino pelo qual estava disposta a morrer e a matar.

Uma dor dava voltas pelo fundo de seu cérebro, como um tubarão.

Gummy cantando. Gummy choramingando sem vontade de chorar. Casas e escadas, alamedas salpicadas pela luz do sol, o ruído do vento. O menino sorria nos braços de alguém. Aquele menino sorridente estava muito quieto. E também estava quieta a pessoa que o trazia no colo. Tratava-se de uma foto. E quem segurava o menino era uma mulher. Matar e morrer. Bruna conhecia aquela mulher. Estava mais jovem e se vestia de outra maneira, mas não havia dúvidas de que a conhecia. A rep abriu os olhos.

— É Roy Roy.

**DESDE A MORTE DE HABIB AS REVELAÇÕES TINHAM** se sucedido num ritmo endiabrado. É como nesses trâmites finais da resolução de um *puzzle*”, pensou Bruna, quando as peças restantes começavam a encaixar vertiginosamente umas nas outras, como se se atraíssem, até fechar o buraco que faltava, a última terra incógnita do quebra-cabeça, mostrando afinal o desenho completo.

No escritório de Habib havia sido encontrado um segundo computador que, embora blindado por um sofisticado sistema de segurança, foi facilmente decodificado pelos peritos, e que proporcionou uma mina de dados essenciais, desde os materiais com que havia sido confeccionada a holografia ameaçadora recebida por Chi até uma lista codificada de contatos que estava sendo meticulosamente analisada. O programa de reconhecimento anatômico demonstrou que o olho refletido no punhal era o do próprio Habib. Aquele olho tão evidente quanto o da nebulosa Hélix, uma presença óbvia na qual, entretanto, Bruna jamais pensou. Sem dúvida foi Habib quem proporcionou a Chi os dados dos primeiros replicantes mortos, e quem deixou a bola ameaçadora em seu gabinete; foi Habib que sugeriu que se infiltrassem no PSH e quem mandou a lente a Nabokov para que enlouquecesse. Aquela lente de dados era o que devia estar procurando com tanta fúria quando revistaram a casa de Chi. Esteve sempre presente, o maldito Habib, mas a detetive não o viu.

Um dos primeiros nomes que puderam ser decifrados da lista de contatos foi o de um fanfarrão especista sem muita importância, que já tivera alguns problemas com a justiça por agressão e escândalo público. O homem foi preso em sua casa como um coelho em sua toca, e uma hora depois estava confessando tudo o que sabia, que era bastante pouco, fora o fato de que a República Democrática do Cosmos parecia estar de alguma forma relacionada com o assunto. Coisa que, por outro lado, a polícia já supunha, porque se os peritos haviam conseguido decodificar com tanta facilidade o computador de Habib era porque aquele sofisticado sistema de segurança era usado no Cosmos e já havia sido decodificado anteriormente pelos espíões terrícolas.

Quanto a RoyRoy, o próprio Lizard dirigiu a operação que fora buscá-la na casa de Yiannis, mas quando lá chegaram a mulher não estava. Havia desaparecido, deixando para trás todos os seus pertences, entre eles o aturdido e desolado arquivista. Talvez a mulher-anúncio tivesse combinado com Habib um aviso de código depois que ele cumprisse sua missão e, ao não recebê-lo, decidira fugir. O programa central de identificação passou horas analisando algumas imagens que Yiannis havia feito de RoyRoy e por fim descobriu que seu verdadeiro nome era Olga Ainhó, a famosa química e bióloga desaparecida 15 anos antes. Com a identidade civil de Ainhó havia sido alugado um apartamento no bairro de Salamanca, e no local foi encontrado um pequeno laboratório capaz de sintetizar substâncias neurotóxicas e um arquivo documental com diversas imagens, a maioria gravações de experiências científicas. Mas ali estava também a evisceração de Hericio gravada em primeiro plano, como um perturbador áudio da voz de Ainhó explicando à sua paralisada vítima por que fazia tudo aquilo.

A rep passara todo o dia anterior e a noite de terça-feira no calabouço, mas a avalanche de dados acabou por absolvê-la. O juiz de plantão a deixara em liberdade às dez horas de quarta. Agora eram 10h38, e ela tomava o café da manhã com Lizard num bar perto dos tribunais. O inspetor a esperava na porta quando saiu.

— Quando me lembro da fanfarronice de Habib me pedindo que eu não lhe dissesse onde estava... Bolas... Naquela hora ele já sabia que eu estava no circo. Foi Yiannis quem me sugeriu ir para lá, e Yiannis estava com RoyRoy. Que hipócrita mais maldita... — balbuciou Bruna, com a boca cheia de pãezinhos de mel.

— Ultimamente todas as comunicações do Movimento Radical Replicante vinham sendo gravadas. Medida de segurança. Imagino que, ao falar com você, Habib estava fabricando um álibi... — observou Paul.

— Não é só isso! Telefonou também para que seu capanga pudesse me localizar dentro do circo. O som e a luz do meu celular levaram o sujeito até onde eu estava... O que não consigo compreender é por que Habib se prestou a tudo aquilo.

— Dinheiro ou poder. O que vem a dar na mesma. Essas são sempre as razões de fundo.

— Você acha? Neste caso, não vejo tão claro. Um ativista rep colaborando numa conspiração supremacista contra os reps? E trabalhando para o Cosmos,

uma potência em cujo território os tecnos são proibidos? Não entendo sua participação num plano que supunha o seu próprio extermínio.

Desde que o novelo começara a se desenredar, Bruna tinha um furacão dentro da cabeça. Um enxame de dados dando voltas e se entrecrocando e unindo-se uns aos outros em busca de sentido. A rep precisava reinterpretar e esclarecer tudo o que acontecera. Agora se dava conta, por exemplo, de que se o inimigo sempre parecia conhecer seus movimentos era porque o arquivista contava tudo a Roy Roy. Ou seja, a Ainhó. Sentiu uma pontada de ressentimento contra seu linguarudo amigo, mas logo diluída pela compaixão. Pobre Yiannis. Devia estar destruído. Descobrir que a mulher por quem tinha se apaixonado era um monstro capaz de estripar friamente alguém devia ser algo apavorante. Além do mais, era sabido por todos que as efusões sentimentais alteravam fatalmente os neurônios. Por isso ela não queria se apaixonar outra vez. Deu uma discreta olhada em Lizard, e ele lhe pareceu mais robusto do que nunca. Uma muralha de ossos e carne. Um homem tão grande que lhe tapava a luz. O inspetor havia cortado sistematicamente toda a sua refeição em pequenos pedaços uniformes, a fatia inteira de presunto de soja e os ovos fritos, e agora comia os quadradinhos em ritmo regular e deixando as gemas dos ovos para o final. Era como um menino, um menino gigante. Uma suavidade úmida inundou o peito de Bruna. A pegajosa maciez do afeto.

— Muito obrigada por ter vindo me buscar hoje pela manhã. É um detalhe...

— Na verdade eu vim fazer uma proposta meio oficial — grunhiu Paul.

Bruna engasgou com o pãozinho. Recuou no assento, sentindo-se ridícula. Sempre que deixava escapar as emoções acabava machucada. Quatro anos, três meses e nove dias. Apressou-se em compor uma expressão séria, profissional e um pouco displicente.

— Ah, uma proposta. Muito bem. Fale.

— Acabamos de descobrir que Olga Ainhó pertence ao corpo diplomático da Embaixada do Cosmos. Inacreditável, não é? Nunca apareceu publicamente em nada relacionado à delegação, mas está credenciada. E acreditamos que foi lá que ela se refugiou. Tirei o embaixador da cama, e ele ficou bastante zangado. Nega que a mulher tenha cometido algum delito, fala de provas falsas e campanha orquestrada e diz que Ainhó tem total imunidade diplomática.

— Ou seja, admitiu que ela está lá...

— Na verdade, não. Oficialmente, os cósmicos se negam por completo a colaborar, e o assunto está se transformando numa espécie de incidente internacional. Enfim, o embaixador é um túmulo, mas parece que, por baixo dos

panos, estão tentando acalmar as coisas... Entraram em contato para nos dizer que o ministro conselheiro consente em nos receber. Um encontro informal, ressaltaram. Na casa dele. Ao meio-dia.

— Nos receber?

— Achei que você gostaria de ir — disse Lizard.

As bochechas carnudas se inflaram num sorriso irresistível, um gesto que lhe enchia o rosto de luz. Nada a ver com seu habitual rito sarcástico de lábios desdenhosos e apertados. O calor daquela expressão radiante abrandou de novo a rep.

— Você deveria sorrir com mais frequência — falou, e aquilo escapou num tom de voz inesperadamente rouco e íntimo.

Lizard se fechou como uma planta carnívora. Devorou seu último pedaço de ovo, engoliu depressa o café e se pôs de pé.

— Vamos?

E Bruna voltou a se sentir uma completa idiota.

Os integrantes da delegação diplomática do Cosmos viviam nos andares superiores da embaixada. O edifício era uma grande pirâmide cortada e colocada de cabeça para baixo, de modo que a parte mais larga ficava em cima. Além disso, os dez primeiros andares eram de vidro e totalmente transparentes, enquanto os quatro andares superiores eram revestidos por grandes blocos de pedra sem janelas. O resultado era perturbador: parecia que a pesada massa pétreia iria a qualquer momento pulverizar sua base de vidro. Se a sede dos labáricos era neogótica e arcaizante, esta era neofuturista e subvertia os valores tradicionais, talvez como símbolo da subversão social ambicionada pelos cósmicos. De qualquer maneira, ambos os edifícios pareciam desumanos e opressivos. A zona revestida de pedra era a destinada a abrigar as moradias da legação; quanto mais poderoso, mais alto na pirâmide. Como o ministro conselheiro era o segundo em mando, tinha seu domicílio no penúltimo andar, cuja superfície compartilhava com outros dois altos cargos. O amplo andar superior, o maior, o que estava acachapantemente empoleirado sobre os ombros dos demais, era a residência do embaixador. “Aquela implacável arquitetura hierárquica também deve ter muito a ver com a vida no Cosmos”, pensou Bruna.

Por dentro, a embaixada parecia um quartel. Hipermoderno e tecnológico, é claro, mas um quartel.

Austero, monocromático e cheio de diligentes que caminhavam como se tivessem uma barra de ferro no lugar da coluna vertebral. Uma oficial de uniforme impecável acompanhou-os até a porta da casa do ministro. Abriu-a um

robô, que os conduziu à sala, um amplo aposento sem janelas, mas com duas paredes totalmente cobertas por imagens tridimensionais da Terra Flutuante. Realmente parecia que estavam no espaço.

— Bonito, não? — disse o ministro, entrando na sala. — Sou Copa Square. Um café, um refresco, uma bebida energizante?

— Não, obrigado.

Square pediu ao robô um concentrado de ginseng e se sentou numa poltrona. Era um homem alto, de feições perfeitas. Tão perfeitas que só podiam ser um produto do bisturi, embora sem dúvida de um bom cirurgião. Nem um único traço de catálogo.

— Fica entendido que isto é absolutamente extraoficial... E, mesmo assim, uma amostra de nossa boa vontade. Apesar da campanha terrícola de calúnias e intrigas.

Sorria enquanto falava, mas soava gélido. Era uma daquelas pessoas que utilizavam a amabilidade como se fosse uma forma velada de ameaça. Algo bastante comum entre os diplomatas.

— Imaginei que isso de encontro extraoficial significasse que poderíamos prescindir dos tópicos habituais. Você sabe o que Ainhó fez — disse Lizard, com tranquilidade.

Copa Square acentuou seu sorriso. Sua frieza.

— Ainhó já deixou a Terra, protegida por sua condição de diplomata. Um veículo de nossa embaixada levou-a até o Elevador Orbital, e a esta hora deve estar chegando ao Cosmos. Dá na mesma o que fez ou não fez. Vocês nunca poderão julgá-la, e na RDC nunca saberão o que aconteceu aqui. De certa forma, é como se tudo o que aconteceu fosse algo... inexistente.

— Sim, já sei que no Cosmos vocês mantêm uma censura ferrenha... Mas nunca pensei que a alardeariam.

— E, no entanto, é algo do que se sentir orgulhoso... Em primeiro lugar, tecnologicamente. Conseguir uma tecnologia capaz de filtrar e de controlar o vigoroso e múltiplo fluxo informativo é uma façanha científica. Mas, além disso, e sobretudo, ética e politicamente. O povo não precisa saber daquilo que pode ser manipulado e mal-entendido. Nosso povo não acredita em deuses. E não acredita na riqueza: na RDC, como vocês sabem, não existem nem a propriedade privada, nem o dinheiro... O Estado provê, e os indivíduos recebem conforme suas necessidades. Mas o ser humano precisa acreditar em algo para viver... E nossos cidadãos acreditam na verdade última... Na felicidade e na justiça social. Estamos construindo o paraíso em nossa Terra Flutuante. Bem sei que a realidade é



complexa e contraditória e que é preciso gerenciá-la também nas trevas. Mas essa verdade última precisa permanecer limpa e pura, para que as pessoas não se decepcionem. Para proteger todas essas pessoas sensatas, que não imaginam que as trevas existam.

— Sei... É um curioso paraíso de crentes dirigido por cínicos — interveio Bruna, com sarcasmo.

— Se está falando de mim, está enganada. Não sabe até que ponto acredito nessa verdade que arde no fundo de tudo o que faço.

Square se calou por alguns segundos e observou Bruna inquisitivamente.

— Você é a techno-humana manipulada por Ainhó. Compreendo que esteja irritada. Mas, na verdade, tudo o que aconteceu com você é consequência da sua natureza. Vocês andróides são tão terrivelmente artificiais.

— Por isso são proibidos no Cosmos? — perguntou ela, tentando conter a ira.

— Por isso e porque vocês foram concebidos como escravos. São criaturas diferentes demais. Não se encaixam em nossa sociedade igualitária.

— Você diz que o que aconteceu é coisa da artificialidade dos reps, e suponho que se refira aos implantes de *memas* e outras coisas... — interveio Lizard depressa, antes que Bruna respondesse. — Mas sabemos que Ainhó esteve trabalhando, antes da Unificação, em um plano secreto da UE para desenvolver implantes de comportamento induzido para humanos... o que significa que nosso cérebro é tão manipulável quanto os deles.

Foi um tiro no escuro, mas acertou.

— Esse plano da UE a que você se refere é típico da hipocrisia terrícola... Grandes condenações públicas da censura, mas vocês estão cheios de segredos podres. Aquele projeto foi desmantelado da noite para o dia, e todo o trabalho de Ainhó foi confiscado. Quase vinte anos de pesquisas. E, como ela não quis aceitar a situação, sua carreira foi destruída. Uma grande façanha do mundo livre.

— No Cosmos, claro, não há carreiras profissionais individuais. Apenas uma única e grande carreira, a da hierarquia política — murmurou Bruna.

— E então vocês lhes ofereceram asilo... — disse Lizard, passando por cima do comentário da rep.

— Olga Ainhó é uma grande cientista, e na RDC precisamos de todo tipo de ajuda para levar adiante o nosso projeto.

— Mas ela não compartilha de sua paixão ideológica, não é mesmo? Não me pareceu uma entusiasta do paraíso — disse Bruna.

— Ainhó tem uma mente privilegiada, mas é uma mulher sofrida. Seu filho de 16 anos teve a ideia de entrar sub-repticiamente no laboratório fechado para

resgatar os arquivos da mãe e foi abatido pelos guardas da segurança. Que, é claro, eram tecnos. Androides de combate, como você.

“Daí aquele sadismo, aquele perverso detalhe de estripar ou arrancar os olhos”, pensou Bruna, com um calafrio. “Que mulher mais doente!”

— Ainhó nunca superou aquilo — continuou a dizer o cósmico. — Está patologicamente obcecada com a morte do filho. Só vive para a vingança, e isso às vezes leva uma pessoa a cometer erros graves. De fato, esta poderia ser uma boa explicação do que aconteceu. Uma explicação hipotética e totalmente extraoficial, naturalmente.

— Muito bem. Você quer dizer que a desequilibrada Ainhó concebeu um plano megalomaniaco de vingança contra a Terra em geral e contra os tecnos em particular — disse Lizard.

— Hipoteticamente, poderia ser assim.

— E que o Cosmos agora a repatriou e a amparou por pura generosidade... — acrescentou a rep.

— Temos muitos inimigos e precisamos de todo o apoio possível, como eu já disse. Embora desequilibrada, ela é um gênio. Não gostaríamos de ser obrigados a prescindir de uma cientista de seu teor. Hipoteticamente.

— Por que você se dá ao trabalho de nos receber e nos dar esta explicação absurda? Nós não passamos de uma pequena brigada de investigação regional, mas sem dúvida todos os serviços secretos da Terra sabem que vocês estão ataçando os conflitos sociais para desestabilizar os EUT — disse Lizard, com placidez.

Square fitou-os com fulminante e aristocrático desprezo.

— A República Democrática do Cosmos é um Estado neutro e absolutamente respeitoso da legalidade vigente.

— Vamos, Square... Você sabe que estamos numa guerra subterrânea. Na Segunda Guerra Fria. E às vezes as guerras frias ficam quentes demais. Vocês e os *únicos* têm a seu soldo todos os grupos terroristas existentes no planeta... Tudo com o objetivo de debilitar os Estados Unidos da Terra e aumentar o seu poder e a sua influência. Devo admitir que o detalhe das falsas tatuagens me pareceu refinadamente maquiavélico... Assim, de passagem, vocês prejudicavam também o Reino de Labari.

O diplomata franziu de leve suas belas sobrancelhas.

— Não tenho interesse algum em continuar a escutar seus velhos tópicos e suas velhas ofensas, portanto creio ser o momento de acabar com esta conversa.

— Só uma pergunta... Como convenceram Habib? — disse a rep.

O homem observou-a com uma estranha expressão de deleite maligno, qual uma serpente contemplando sua paralisada presa antes de devorá-la.

— Não convenci ninguém... Você continua a se enganar a meu respeito. Mas vou dizer uma coisa sobre Habib... Ele tinha 17 anos. O que acha? Você acha que todos os tecnos devem morrer aos dez anos, mas não é verdade. Nós dispomos dos conhecimentos científicos que tornam possível que vivam muito mais... Duas décadas ou até mesmo três... E, na verdade, esses conhecimentos estariam ao alcance dos terrícolas, se eles estivessem realmente interessados em desenvolvê-los. Como se sente agora, Bruna Husky, sabendo que há outros andróides que não morrem tão cedo? Não se espanta ainda mais com seu fim prematuro? Não parece ainda mais insuportável e mais horrível? Não sente asco por este famoso mundo livre que não se dá ao trabalho de pesquisar a respeito do TTT porque não é rentável? Você não estaria disposta a oferecer seus serviços ao Cosmos em troca de viver pelo menos mais um ano? Não seria capaz de fazer qualquer coisa?

Lizard tirou-a da embaixada quase arrastada. Levava-a firmemente agarrada pelo antebraço, e graças a isso a rep foi capaz de atravessar corredores, descer escadas e chegar à rua, porque de outra maneira teria ficado paralisada pelo peso de seus pensamentos e pelo pânico. Pelo medo da morte e de sua própria fúria, e da desesperada vontade de viver.

De modo que entraram no carro, e Lizard levou Bruna para sua casa, subindo com ela, porque ainda a via muito fora de si. Uma vez no apartamento, o inspetor, que parecia estar sempre com uma fome insaciável, sugeriu que fizessem algo de comer.

— Além do mais, comer anima muito. Por isso havia antes aquela tradição dos banquetes nos funerais.

E assim, diante da atonia de Bruna, o homem preparou um arroz ao qual acrescentou tudo o que havia no dispensador: ervilhas, camarões, cebolinhas, ovos, queijo. E depois se sentaram para comer e beber em silêncio. Quando tiravam a rolha da segunda garrafa de vinho branco, a detetive atreveu-se a colocar uma ponte de palavras sobre o abismo que se abria em sua cabeça.

— Não morrem, Paul. Há reps que não morrem.

— Morrem sim, como todos. Só que um pouco mais tarde. E esses anos a mais não serão suficientes, eu garanto. Nunca são. Por muito que se viva, nunca é o suficiente.

— É injusto.

Lizard assentiu.

— A vida é injusta, Bruna.

Era o que Nopal dizia: a vida dói. A rep se lembrou do memorista com uma surpreendente pontada de saudade. Com a intuição de que ele poderia entendê-la.

Nesse momento, bateram à porta. Era um robô mensageiro; quem o mandava era Mirari, e ele deixou no meio da sala uma caixa bastante grande e profusamente etiquetada com o aviso de frágil. Bruna, intrigada, abriu o pacote. Uma bola peluda saiu em disparada do recipiente e se agarrou ao colo da rep com um chiado.

— Bartolo!

— Bartolo bom, Bartolo bonito — gemeu o ubi.

“Pelo grande Morlay”, disse Bruna para si mesma, espantada com a ideia de tê-lo outra vez em casa. Mas o animal estava tão assustado que ela nada pôde fazer além de lhe acariciar o lombo para ver se o acalmava. Sentia bater de encontro ao seu ombro o agitado coração do glutão, ou seja lá o que fizesse as vezes de coração naqueles bichos. Foi com Bartolo ainda no colo até a tela e ligou para o circo. Apareceu a cara de Maio, mais canino do que nunca e com ar de preocupação.

— Então, o que há com o ubi? — perguntou a rep, com impaciência.

— Olá, Bruna. Você sabe que eu gosto de Bartolo, nos damos bem, mas eles comeu o traje de lantejoulas da trapezista. E ela nos disse: ou sai ele, ou saio eu.

— Bartolo bom — sussurrou o glutão no ouvido de Bruna, com uma voz ainda cheia de soluços.

“Que seja, que seja!”, resignou-se a androide. Ficaria com o ubi, por enquanto. Logo procuraria outro lugar que o acolhesse.

— Está bem, Maio. Não faz mal. E, é claro, obrigada por me salvar a vida. E por tudo.

O alien relaxou um pouco.

— Não foi nada. Você também salvou a minha.

— Mirari está por aí?

Maio girou e mostrou a violinista caída em cima de um sofá no fundo do quarto, às suas costas.

— Está dormindo. Vou acordá-la daqui a pouco, para a função.

— Eu queria saber quanto pode custar o concerto do camarim... O plasma negro deixou-o destruído.

— Não tem importância. O circo está asegurado, e o seguro paga tudo.

De repente o omaé esticou o pescoço e ficou tenso, levantando no ar uma das mãos como para pedir uma pausa. Uns segundos depois relaxou e voltou a se

dirigir à detetive.

— Mirari estava sonhando que lhe cortavam o braço. Ela tem muitos pesadelos com o braço. Às vezes eu a acordo. Mas já passou.

Maio e Bruna ficaram olhando um para o outro em silêncio durante algum tempo; e, naqueles instantes, a rep pode ver como o *bicho* ia escurecendo até adquirir um intenso tom pardo avermelhado.

— Bem, adeus — disse o alien, em plena apoteose cromática.

— Adeus, Maio. E obrigada.

A imagem desapareceu. Bruna percebeu que tinha um sorriso nos lábios. E alguma leveza de ânimo. Sentia-se um pouco melhor.

— Está rindo de quê? — perguntou Lizard.

— De nada.

Nada que pudesse contar a ele, claro.

Deram de comer ao bubí, e depois o animal, obviamente esgotado, enroscou-se no sofá e começou a roncar. Então Paul se levantou e se esticou. Seus punhos chegavam ao teto.

— Fico contente vendo você mais tranquila, Bruna. Acho que preciso ir.

A rep ficou em silêncio, sobressaltada. O aviso do inspetor a tinha pegado de surpresa. De repente tinha se visto preparando com ele a comida de Bartolo, ajeitando as coisas na casa, como se estivessem instalados num processo muito natural. Mas agora ele dizia que ia embora. Não esperava por aquilo. Era absurdo, mas não havia previsto que Lizard se fosse. Também não previra que fosse ficar. Queria simplesmente continuar assim, perto dele, naquela pequena paz, num tempo sem tempo e sem conflitos. Só desejava que aquela sobremesa durasse para todo o sempre. Quatro anos, três meses e nove dias. Mas não, aquela velha contagem já não valia. Havia reps que viviam vinte anos. De novo a vertigem, o abismo.

O homem pigarreou.

— Foi muito bom trabalhar com você. Talvez coincidamos em algum outro caso.

— Sim, claro.

“Não vá embora”, pensou Bruna. “Não vá.”

Mas o que estava acontecendo? A androide nunca tivera problemas para pedir a um potencial companheiro que ficasse. Nunca tivera muitas dúvidas sobre onde colocar as palavras, as mãos e a língua para conseguir que a outra pessoa reagisse como ela queria. Mas agora estava paralisada. Agora sentia coisas demais. Queria coisas demais e não sabia como pedi-las.

— Obrigado pela comida.

— De nada. Quero dizer, obrigada digo eu. Foi você quem fez tudo.

Lizard abriu a porta, e o estômago da androide se contraiu dolorosamente até chegar ao tamanho de uma bola de gude.

— Você não quer tomar um uísque? — disse, em desespero.

Paul fitou-a, surpreso.

— Estou indo...

— Para brindar pelo final feliz! Um minuto só.

— Bem...

O inspetor entrou de novo, mas ficou perto da porta. A androide encheu dois copos com gelo e foi buscar a garrafa. Tinha sido presente de um cliente e ainda não fora aberta. Depois de servir as doses, deu um copo a Lizard e ficou com o outro na mão. Detestava uísque e não provou.

— É verdade... — disse o inspetor.

— Sim?

Ouviu seu próprio tom ansioso demais.

— O que matou Habib foi uma bala metálica de 9mm procedente de uma antiga pistola de pólvora... Provavelmente de uma Browning High Power...

Não era o que Bruna esperava ouvir. Não era o que queria escutar, embora aquela fosse uma informação interessante. Obrigou-se a responder com sensatez.

— Ah... É o mesmo tipo de projétil que usaram para assassinar o tio de Nopal, certo?

— Mais do que isso. As duas balas foram disparadas exatamente pela mesma arma... Eu já disse que Pablo Nopal não era confiável.

— Pois se foi mesmo ele, desta vez ele me salvou a vida — respondeu Bruna, com excesso de segura.

Lizard ficou olhando-a pensativo, com a cabeça um pouco de lado. Depois depositou o copo na prateleira que havia perto da entrada. Um gesto final, definitivo.

— É verdade. Bem, adeus.

“Falou! Pois então que desapareça”, pensou Bruna, com ira contida. “Que desapareça o quanto antes.”

— Adeus.

O homem voltou a abrir a porta. E voltou a fechá-la. Apoiou nela as costas, segurou de novo o copo e, depois de esvaziá-lo, mastigou pensativo um dos cubos de gelo.

— Uma coisa, Bruna... Esta história acaba...

— Esta história?

— É, a investigação, nossa colaboração, a justificativa para que possamos continuar a nos telefonar... Quero dizer que é agora ou nunca... Ponto final. Ou passo esta noite com você ou não voltaremos a nos ver.

Talvez não fosse uma proposta muito romântica, mas foi suficiente. A rep caminhou devagar até ele, notando que um sorriso bobo lhe bailava nos lábios e sentindo aquela espécie de incredulidade maravilhada dos primeiros momentos de uma relação sexual amplamente esperada. “Está acontecendo”, se dizia a androide. Melhor ainda: vai acontecer. E assim, Bruna chegou perto de Lizard e apoiou as palmas das mãos em seu peito, sentindo o calor daquela carne dura e ao mesmo tempo macia; e, inclinando-se sobre ele, entrou em sua boca. Sua língua estava fria e tinha gosto de uísque. E a androide, que só gostava de vinho branco, de repente achou deliciosa aquela saliva perfumada. Aquela língua aromatizada e vigorosa.

O desejo disparou dentro da rep como um repentino ataque de loucura. Bruna queria devorar Lizard, queria se sentir devorada, queria se fundir com ele e explodir como uma supernova. Arrancou sua própria roupa aos puxões, arrebatando fechos, e tentou fazer o mesmo com a do inspetor, que resistiu. Rolaram pelo chão, ofegantes, mordendo-se as bocas, apertando e grunhindo, numa confusão de braços e pernas que mais parecia uma luta corpo a corpo do que uma união sexual, até que o homem conseguiu se sentar a cavalo em cima dela, dominar seus punhos e imobilizá-la.

— Calma... Calma! Minha linda fera... Um pouco mais devagar... — sussurrou roucamente.

E assim, mantendo-a presa sob seu peso, Lizard terminou de tirar a roupa com toda a calma, enquanto a rep tremia entre suas pernas e o via nu pela primeira vez, desfrutando desse delicioso momento de glória em que se descobre o corpo do amante. Então, já despidos os dois, com lentidão, enquanto os corpos se encaixavam e as peles se entendiam por si mesmas, Paul se inclinou sobre ela e lhe abriu os lábios com os lábios.

O sexo era uma coisa estranha e incompreensível. Quando se tratava de um amante ocasional, quando o companheiro apenas lhe aquecia o corpo, o sexo era fácil, agudo e estridente para Bruna. Mas quando o outro também lhe aquecia o coração, como acontecia com Lizard, então o sexo se convertia em algo cavernoso e complicado, e o simples fato de se beijarem era como começar a cair dentro do outro. Começar e se perder para sempre.

Separaram-se um instante para respirar, afastaram-se um pouco para se olhar, para confirmar o prodígio de estarem juntos. O corpo de Lizard era rijo, nada inchado, com a pele um pouco gasta pela idade. Como Bruna adorou aquela pele cansada, ela, que jamais chegaria a envelhecer. No centro do peito, e subindo desde o púbis até o baixo ventre, dois punhados de surpreendentes pelos, numa época em que todos os homens se depilavam.

A rep afundou o rosto nos pequenos cachos do sexo do homem, desfrutando do toque daquela suave aspereza, do cheiro de madeira de sua carne. Sentia a necessidade de possuir Paul por inteiro, conhecer cada centímetro de sua pele, beijar suas pequenas marcas e suas cicatrizes, percorrer com a língua as dobras secretas. Isso fazia a rep, cheirando, lambendo e explorando aquele cálido território de maravilhas, quando o homem a agarrou pelos braços e, colocando-se em cima dela, penetrou-a devagar. “Estamos fundindo nosso kuammil”, pensou Bruna sem pensar, sentindo-se redonda, enorme e plena, totalmente repleta de Lizard. E se apertou de encontro a ele até conseguir roçar-lhe o coração e até matar a morte.



QUANDO BRUNA CHEGOU AO PAVILHÃO DO URSO, Nopal já estava lá. Contemplava melancólico a parede de cristal do enorme tanque. Toneladas de água azul resplandecente se apertavam de encontro ao vidro, tranquilas e vazias. Melba não aparecia em parte alguma.

— Não dou sorte com essa maldita urso. Jamais consigo vê-la. Você tem certeza de que ela existe? — disse Pablo, à guisa de cumprimento.

— Absoluta.

Sentou-se no banco junto ao homem sem saber muito bem como se comportar. Nopal telefonara naquela manhã, por sorte depois que Lizard saíra.

Supostamente, queria lhe devolver o *netsuke*, que o memorista havia guardado quando precisaram despi-la no Instituto Médico-Legal. Bruna ainda estava na cama, protegida pelo cheiro de Paul, pela marca de seus dedos e pela lembrança da maciez de seu corpo, e, quando Nopal lhe propôs que se vissem, não pareceu à rep má ideia. Na verdade, mostrou-se tão receptiva que foi ela mesma quem dessa vez escolheu o pavilhão como ponto de encontro.

Entretanto, agora que via o memorista cara a cara, a rep se sentia confusa e desconfortável. “O que estou fazendo aqui?”, perguntou-se. E depois, com angústia, pensou que havia cometido um grande erro ao ir. Entre eles havia coisas demais não ditas, e todas aquelas palavras se acumulavam agora na boca da androide e a deixavam muda.

— Pegue. Seu colar.

Bruna segurou-o. O pequeno homenzinho com seu saco.

No mesmo instante, acendeu-se em sua cabeça a imagem da mãe, o cheiro de seu perfume, a roupa farfalhante, o beijo fugaz de despedida nas noites de festa. Sentiu um leve mal-estar.

— Era da sua mãe, claro. Tudo aquilo do beijo à noite... Era a sua mãe.

— Era.

O mal-estar aumentou. Não apenas sua lembrança era mentira, mas agora, ainda por cima, tinha certeza de que se tratava da verdade de outro. De Nopal. E saber que aquela recordação falsa era a realidade de alguém transformava a sua

impostura em algo muito mais pernicioso e mais grotesco, da mesma maneira que saber que alguns reps podiam viver mais anos redobrava a angústia de morrer.

— Fique com o seu maldito colar. Eu não o quero — disse Bruna, jogando o *netsuke* sobre o banco.

Nopal não o tocou.

— Eu dei a você o melhor que tinha, Bruna — disse, com tranquilidade.

— E também o pior. Toda essa dor, para quê? A morte do meu pai, por quê? O mal e o sofrimento. Nada disso faz sentido.

— Você possui três vezes mais cenas do que os outros tecnos. É muito mais complexa. Conhece a melancolia e a saudade. E a emoção de uma bela música, de uma palavra ou de um quadro. O que quero dizer é que também dei a você a beleza, Bruna. E a beleza é a única eternidade possível.

Por alguns minutos, contemplaram em silêncio o tanque de água. Aquele muro azul hipnotizante. “Então é verdade que sou diferente”, pensou a rep. O que sempre pressentiu se confirmava. E, de algum jeito, aquela certeza tranquilizou-a. Quatro anos, três meses e oito dias. Mordeu os lábios, irritada com seu automatismo numérico. Agora, a cada vez que disparava em sua cabeça a obcecante contagem regressiva, Bruna recordava, com súbita inquietação, as palavras de Copa Square: “Você não seria capaz de fazer qualquer coisa em troca de viver pelo menos mais um ano?” “Não”, disse consigo mesma a rep. “Qualquer coisa, não.” Ou assim esperava.

Tudo havia mudado demais nos últimos dias, tudo era tão confuso. Começando pelo fato insólito de estar sentada perto de seu memorista. Observou-o disfarçadamente, perplexa por não sentir um espanto maior. Bruna sempre acreditou que ficaria horrorizada se conhecesse seu escritor, que o odiaria por lhe ter proporcionado uma existência tão dolorosa. E, no entanto... A androide não sabia definir o que sentia por Nopal. Havia rancor, mas também fascínio. E algo parecido com amor. E gratidão. Mas gratidão por quê? Por lhe ter criado uma identidade? Por fazê-la diferente e orgulhosa? Por tê-la projetado parecida com ele? Mas, por outro lado, se Pablo Nopal a fizera à sua imagem e semelhança, então teria herdado também seus instintos assassinos? Todas as vezes que ela matara, não foram apenas uma consequência de seu condicionamento genético? Pensar em tudo aquilo deixou-a de cabelo em pé.

— Você matou Habib... Mas me salvou a vida. Imagino que deva lhe agradecer.

— A sua vida é muito importante para mim... porque eu a criei. Mas não matei ninguém.

— Mentira.

— Mas como eu poderia saber que você estava no Hospital Rainha Sofia? Ou que Habib iria atacá-la?

— É verdade, são perguntas muito boas. Como você soube?

Nopal sorriu.

— Deixe-me dizer uma coisa, Bruna: sou inocente. Inocente. E você também é.

Pegou o colar do banco e, pondo-se de pé, aproximou-se dela e colocou-o em seu pescoço. Foi um gesto tão natural que Bruna não se opôs. Simplesmente ficou ali sentada, como uma tonta, olhando para ele.

O memorista se inclinou e beijou-a no rosto.

— Comporte-se — disse.

E se foi.

Dois segundos depois apareceu a urso, nadando majestosa no intenso azul, os pelos esponjosos ondulando em torno de seu corpo como anêmonas. A última de sua espécie, aquela Melba tão solitária. Então Bruna fez o que há dias pensava em fazer e teclou um número em seu celular. O rosto lunar de Natvel encheu a tela. O tatuador olhou para a androide, impávido, e disse apenas:

— Agora você quer?

— Agora quero. Por favor.

— Um urso. Você é um urso, Bruna.

As palavras da especialista não a surpreenderam de modo algum; se a rep fora naquele dia ao pavilhão era porque intuía a resposta do tatuador. Não havia mágica alguma em tudo aquilo, disse Bruna para si mesma com um grunhido cético; não passava de uma consequência da nexina, a enzima experimental que fomentava a empatia. Sem dúvida captara os pensamentos de Natvel no decorrer de seu último encontro, repetiu consigo mesma. Mas, por mais que detestasse o esoterismo, a verdade é que a rep se sentiu estranhamente comovida. Levantou-se do banco e aproximou-se do vidro. Do outro lado, Melba a fitava com seus olhos negros como botões. Bruna apoiou a palma das mãos no cristal, intuindo o peso e o empuxo da água, a obscura potência daquela outra vida. E por um instante se viu junto à urso, flutuando as duas no azul do tempo, da mesma maneira como Bruna havia flutuado na noite e na chuva, quase dois anos antes, junto ao moribundo Merlin, em cima daquela cama que era uma tábua em meio

ao naufrágio. Tudo o que era muito doloroso mas também muito belo. E a beleza era a eternidade.

— Você é Husky! Uaaaau! Você é Bruna Husky!

Alguém a puxava pelo braço, arrancando-a do azul interminável.

Virou-se. Três adolescentes humanos, dois garotos e uma garota, pareciam excitadíssimos por vê-la.

— Você é Husky! Que sorte! Podemos fazer um videorrep com você?

Os três apontavam seus celulares para ela, gravando-a de todos os lados.

— Mas o que vocês estão fazendo? Parem! Me deixem em paz! — rosnou.

Bruna estava acostumada a produzir medo nos humanos até quando sorria, e a despertar pavor quando se zangava. Mas agora, apesar de seus rugidos, os meninos continuavam pulando em volta dela felizes da vida. Precisou sair literalmente fugindo para conseguir se libertar daquele entusiasmo; e, quando atravessou as portas exteriores do Pavilhão do Urso e alcançou a avenida, já viu numa tela pública a gravação que os adolescentes acabavam de fazer.

— Por todas as malditas espécies!

Começou a andar rua acima, observando as telas, e em muitas delas viu a si mesma. Algumas das imagens tinham sido emitidas dias atrás, quando a procuravam como assassina: ela como Annie Heart, ela como Bruna, entrando no Majestic ou no PSH. Mas havia muitas mais. Chegou a ver a reprodução gráfica de sua identidade civil. E agora não a acusavam de coisa alguma, muito pelo contrário, agora as telas públicas emitiam uma delirante história de heroísmo. Com grave risco de sua própria vida, a tecno-humana Bruna Husky conseguira desbaratar, sozinha, uma perigosíssima conspiração. Os tecno-humanos eram muito bons. Os supremacistas eram muito maus. E também eram péssimos os cósmicos e os labáricos, sempre conspirando nas alturas para tomar o poder na Terra. Perplexa, conectou seu celular com o noticiário, em geral um pouco mais confiável, só um pouco, do que as telas públicas. O complô se desmoronava como um castelo de cartas. Havia sido detidos diversos ocupantes de cargos policiais, uma horda de valentões extremistas, vários advogados, um juiz, dois responsáveis pelo Arquivo Central. O presidente interino da Região, Chem Conés, declarava enfaticamente que, com a inestimável ajuda dos tecno-humanos, leais companheiros de governo e de planeta, iria até o fim na investigação daquela repugnante trama supremacista.

Dava nojo ouvir todo aquele palavreado falso, aquele relato mentiroso de um mundo feliz, trombeteado com tanta desfaçatez por um dos mais ferozes especistas. Conés ia salvar o cargo e o pescoço, como tantos outros fanáticos. É

claro que o desbaratamento do complô não acabava com o supremacismo, com a tensão entre as espécies, com os tortuosos movimentos subterrâneos do Cosmos e de Labari, sempre ansiosos por desestabilizar os Estados Unidos da Terra e aumentar seu poder e influência sobre o planeta. Mas pelo menos, suspirou Bruna, era uma batalha ganha. Um alívio. Uma trégua.

As notícias eram tão excitantes que a rep teve o impulso de telefonar para Lizard e comentar com ele o que estava acontecendo, mas se conteve: ele também não havia feito contato com ela. Ao pensar no inspetor, uma pequena nuvem de angústia se instalou em seu peito. Lizard acordara muito tarde, precisou sair correndo, não combinaram nada, nem ao menos tinha a certeza de que voltariam a se ver. E, além disso, ela não era uma urso? O animal solitário, como disse o psicoguaia; aquele que não vivia nem em manada nem em par.

— Melhor assim — disse em voz alta. — Menos chance de se confundir e de fazer um papel ridículo.

Quatro anos, três meses e oito dias.

Ou talvez oito anos, três meses e quatro dias.

Bruna sabia que ia morrer, mas talvez já não soubesse a data exata.

Ligou mais uma vez para Yiannis. Continuava não atendendo. Havia tentado, várias vezes, fazer contato com ele, desde que saíra do calabouço. Nunca atendia. No começo, não insistiu demais; imaginava-o escondido, envergonhado, e ela mesma estava um pouco irritada com ele por ter sido tão ingênuo. Mas agora, a falta de notícias do arquivista começava a ser preocupante. Resolveu passar na casa dele.

Atravessou Madri com um crescente desconforto, porque todo mundo a olhava e apontava para ela. Tentou pegar um táxi, mas havia uma nova greve de trens, e todos os veículos estavam ocupados. O mundo voltava a ficar cheio de reps, pareciam ter saído todos de uma vez de baixo das pedras nas quais se tinham escondido, e muitos deles a cumprimentavam ao passar, como se fossem íntimos. Começou a se sentir realmente exasperada.

No prédio de Yiannis alguém se mudava. Uma atarefada equipe de robôs de mudança carregava um caminhão com caixas e móveis. Bruna subiu no elevador com um dos robôs, e pararam no mesmo andar. Ela teve uma intuição fatal. Saiu para o corredor com a sibilante caixa metálica rodando atrás dela e, de fato, encontrou a porta de Yiannis aberta e a casa meio desmantelada. Na entrada, havia uma humana loura usando um macacão de trabalho, que ia carregando os robôs à medida que chegavam. O que havia subido com a rep recebeu uma pequena torre de cadeiras empilhadas.

— O que... O que está acontecendo aqui?

A loura olhou-a como se fosse uma idiota.

— O que você acha? Uma empresa de mudanças, robôs de transporte... E a resposta à charada de hoje é... — disse sarcástica a mulher, empregando a frase de um concurso na moda.

— Quero dizer que conheço o inquilino. Yiannis Liberopoulos. Não sabia que estava se mudando... Onde está ele?

— Menor ideia.

— Para onde você vai levar os móveis?

— A lugar nenhum. Na verdade, não é uma mudança. É uma venda. Ele vendeu todo o conteúdo do apartamento. Estamos esvaziando.

— Como? Mas... não pode ser!

Sua consternação devia ser tão evidente que a loura se abrandou e foi consultar os dados da operação em seu celular. Quatro robôs se tinham amontoado diante dela e esperavam a carga em câmara lenta, com um leve ruído tilintante.

— Aqui está... É isso, Yiannis Liberopoulos. Como eu disse. Venda total do conteúdo. Que estranho... Não há qualquer endereço, nenhum dado dele... Há uma pessoa de referência. Uma tal de Bruna Husky. É a quem se deve dar o dinheiro dos móveis.

— O quê?

A rep agarrou a mão da mulher e, dando um puxão, examinou ela mesma a tela do celular.

— Calma aí — protestou a loura.

De fato, ali estava seu nome. A única beneficiária da venda. Bruna deu meia-volta e saiu em disparada. Pensava saber onde estava Yiannis.

— De nada, tia, de nada! — ouviu a loura protestar às suas costas.

“Pelo grande Morlay, que eu chegue a tempo, por favor, que eu chegue a tempo”, ia murmurando a rep enquanto corria. Resolveu não subir nas esteiras rolantes porque estavam tão cheias que atrasavam o passo, e cobriu o trajeto o mais depressa que pôde. Foi uma correria extenuante de quarenta minutos; quando entrou no edifício de Finis estava sem fôlego. Voou até a mesa de recepção situada no meio do vestibulo, mas antes de chegar localizou Yiannis. Estava sentado, pálido e pensativo, em uma das poltronas da zona de espera. Aproximou-se dele e se deixou cair na poltrona ao lado.

— O que você está fazendo aqui? — bufou.

O arquivista deu um pulo e fitou-a sobressaltado.

— Ah, Bruna... Bem... Sinto muito... Enfim... Você sabe.

E apontou vagamente em volta. O amplo e bonito vestibulo em suaves tons de verde, a luz íntima e indireta, a música tranquila. Espalhadas pela zona de espera havia mais uma dúzia de pessoas, algumas sozinhas, outras aos pares, mas, a não ser pela música de fundo, reinava o silêncio e um ambiente de recolhimento, como numa igreja. Finis era a maior empresa de eutanásia dos EUT e a única que funcionava em Madri.

— Sei, estou vendo. Mas a coisa é: que merda você faz aqui?

— Bem, é evidente. Não sirvo para nada. Não gosto da vida. E já estou muito velho.

— Pare de dizer bobagens. Você serve para mim. Eu preciso de você. Vamos, ande. Conversaremos com calma, mas lá fora. Este lugar me assombra.

— Não é verdade. Não sirvo para você, para nada. Quase a mataram por culpa minha. Sou um velho idiota. Deveria ter tomado essa decisão há muito tempo.

— Você sabe o que Merlin teria dado para poder continuar vivendo, merda?! — berrou, furiosa.

Seu grito reverberou no vestibulo, e todo mundo ficou olhando para ela. Dois guardas de segurança se aproximaram deles rapidamente.

— Você tem que sair agora mesmo. Está perturbando a paz deste lugar.

Eram dois sólidos reps de combate. Bruna se levantou com toda a calma, sentindo um bárbaro júbilo autodestrutivo.

— Isso vai ser divertido — murmurou, feroz.

— Não, não, fique quieta, calma, espere! — suplicou Yiannis, agarrando-se ao seu braço.

E depois, voltando-se para os guardas:

— Já vamos, já vamos.

E, de fato, se foram. Saíram de Finis e caminharam como zumbis, um ao lado do outro, agitados demais para conseguir falar. Uns cem metros adiante havia um diminuto jardim urbano, apenas uma rotunda. Dirigiram-se automaticamente até lá e se sentaram num banco debaixo de um jovem videeiro. A árvore estava cheia de brotos. Fazia uma manhã belíssima. Fevereiro era um dos melhores meses do ano; depois começava a fazer calor demais.

— Veja que dia mais lindo. Que mau gosto querer se matar num dia tão lindo — resmungou Bruna.

— Não tenho nada. Saí do meu apartamento. Vendi todos os móveis.

— Eu sei.

— Transferi para você todo o dinheiro que tinha.

— Eu devolverei, não se preocupe.

Ficaram calados por alguns instantes.

— Foi tudo tão rápido... A adolescência, a juventude... a morte do meu filho... o resto da minha vida. Um dia a gente acorda e está velho. E não consegue entender o que aconteceu. Como tudo se foi tão depressa.

— Se você não fizer bobagens como a de hoje, ainda viverá mais tempo do que eu. Não me irrite.

— *Non ignoravi me mortalem genuisse*. Sempre soube que sou mortal. Assim dizia Cícero.

— *Neque turpis mors forti viro potest accedere*. Para as almas fortes não há morte ignominiosa. Também de Cícero.

O arquivista a olhou, encantado.

— Você se lembra!

— Claro, Yiannis. Você me ensinou muita coisa. Já disse que você vale muito para mim.

Voltaram a ficar em silêncio, mas era um silêncio cheio de companhia. De repente Bruna visualizou o banco no qual estavam sentados, o jardim circular, o bairro, a cidade de Madri, a península ibérica, a bola verde-azul da Terra, o pequeno sistema solar, a galáxia desfeita, a vasta negrura cósmica pontilhada por suas constelações e suas anãs vermelhas, suas gigantes brancas... O universo inteiro. E, em meio àquela imensidão indescritível, ela quis acreditar por um instante na consoladora quimera de não estar sozinha. Pensou em Yiannis. Em Maio e Mirari. Em Oli. Até em Nopal. E, sobretudo, lembrou-se de Lizard, a quem dedicou um pensamento leve, como na ponta dos pés, prendendo a respiração. Havia um tempo para rir, um tempo para se abraçar. Embora os ursos só se unissem para acasalar, talvez ela fosse diferente também nesse ponto.

— Bem... — suspirou o homem. — Então terei que ver se posso voltar a alugar meu apartamento... E irei ao Arquivo ver se agora que tudo passou eles me readmitem... Se bem que, sabe... Não estou dizendo que quero me matar, não mais... Mas há algo de maravilhoso em se desprender de si mesmo... Essa suprema liberdade de deixar de ser quem você é. Voltar a entrar de novo na minha velha pele me parece bastante deprimente.

— Pois não entre. Procure outro apartamento. E trabalhe comigo. Proponho que você seja meu sócio.

— Está falando sério?



— Seríssimo. Você sabe muito de tudo e é muito bom para documentar, cotejar informações e analisar logicamente as coisas. Seremos uma equipe formidável.

Yiannis sorriu.

— Seria divertido.

— Será.

A tela pública mais próxima começou a emitir um anúncio informativo de urgência: “A Constituinte declara ilegal a cobrança do ar.” Yiannis deu um pequeno grito de júbilo.

— Está vendo? Eu disse. Não se pode perder a esperança! Não se pode deixar de provocar para que as coisas melhorem!

Até Bruna estava impressionada. A rep não tinha tanta certeza quanto o arquivista. É claro que os proprietários do ar inventariam algum subterfúgio, e era provável que as Zonas Zero continuassem a ser guetos miseráveis e contaminados dos quais os pobres teriam muita dificuldade para sair. Mas, mesmo assim, a resolução da Constituinte era muito importante. Afinal de contas, Bruna pudera ver, em sua curta vida de rep, uma mudança social fundamental. Com um pouco de sorte, talvez aquela menina deportada pela polícia fiscal também poderia vê-la.

— Parabéns, Yiannis... Viu como você sabe tudo? Vai me ser muito útil... Vamos testar as suas habilidades de dedução... Por que eu?

— Por que você?

— É... por que RoyRoy me escolheu?

— Pois não sei. Vejamos... Você é uma rep de combate, tem um aspecto bastante ameaçador com essa faixa que a divide ao meio, sua imagem fica muito bem na mídia para o que ela queria conseguir, trabalha como detetive e por isso era provável que tivesse armas... e além disso Habib teria uma desculpa para contratá-la... Na verdade, você se encaixava muito bem no perfil. Pode ser que tenham usado um programa de afinidade e tenha saído a sua ficha.

Ah, sim, os ubíquos programas eletrônicos de afinidade... As pessoas recorriam o tempo todo aos computadores para procurar empregados, carpinteiros, amantes, amigos. É, talvez Yiannis tivesse razão, talvez ela tivesse se visto metida naquele pesadelo por culpa de uma máquina cega e maldita. Sempre havia uma cota de banalidade em todas as tragédias.

— É uma boa hipótese. Viu? Você faz isso muito bem. Vamos ao bar da Oli para comemorar?

Ao se levantar, Bruna percebeu que havia alguma coisa no chão, perto do banco. Moveu-a com a ponta do pé: era um letreiro tridimensional sujo e solto.

“Arrepende-se – 3 de fevereiro – Fim do Mundo”, alardeavam as letras, quase sem energia. Era uma tabuleta dos apocalípticos.

— Hoje é dia 3, não é?

— É.

Bruna olhou em volta. A manhã esplêndida, o jardim tranquilo.

— Pois parece que não é hoje que o mundo acaba — disse a rep.

— Pode-se dizer que não.

— Muito bem. É um alívio.

## UMA PEQUENA OBSERVAÇÃO

Como sem dúvida mais de um leitor já terá adivinhado, a bela citação do início deste livro, “O que faço é o que me ensina o que estou buscando”, não pertence a Sulagnés, artista plástico do planeta Gnó, e sim ao pintor abstrato francês Pierre Soulages, autor, entre outras coisas, de uma fascinante série de quadros enormes e completamente negros.

PUBLISHER

*Kaike Nanne*

EDITORA EXECUTIVA

*Carolina Chagas*

EDITORA DE AQUISIÇÃO

*Renata Sturm*

PRODUÇÃO

*Adriana Torres*

*Thalita Ramalho*

PRODUÇÃO EDITORIAL

*Pedro Staite*

REVISÃO DE TRADUÇÃO

*Frederico Hartje*

REVISÃO

*Guilherme Bernardo*

*Mônica Surrage*

DIAGRAMAÇÃO

*Filigrana*